

ONEVOICE27

Igreja Adventista do Sétimo Dia®
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

LIVRO DE RECURSOS 2027

VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS:

TUDO COMEÇA NA FAMÍLIA

WILLIE E ELAINE OLIVER

Igreja Adventista do Sétimo Dia®

LIVRO DE RECURSOS 2027

VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS:

TUDO COMEÇA NA FAMÍLIA

WILLIE E ELAINE OLIVER

HEATHER G. BEESON, BRYAN CAFFERKY, CÉSAR E CAROLANN DE LEÓN, KOMLAN ADJÉDODA DJOSSOU, DAWN JACOBSON-VENN, ELIZABETH J. JAMES, EDYTA JANKIEWICZ, S. JOSEPH KIDDER, SHONDELL MISHAW, WILLIE E ELAINE OLIVER, ASHLEY PARK, MINDY SALYERS, KRISTEN WATKINS, KATELYN CAMPBELL WEAKLEY, MILDRED WEISS E MONIQUE WILLIS.

REVIEW AND HERALD® PUBLISHING ASSOCIATION
Since 1861 | www.reviewandherald.com

Igreja Adventista do Sétimo Dia®
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

Copyright © 2026 General Conference Corporation of Seventh-day Adventists®

Publicado pela Associação Publicadora Review and Herald®
Impresso nos Estados Unidos da América
Todos os direitos reservados

Editores: Willie e Elaine Oliver
Editora Responsável: Dawn Jacobson-Venn
Projeto gráfico e diagramação: Daniel Taipe
Ministério da Família da Divisão Sul-americana da IASD
Tradução e Diagramação: Techne Soluções On-Line (atendimento@techne-solucoes.com)

Os autores assumem plena responsabilidade pela precisão de todos os fatos e citações conforme mencionados neste livro.

Colaboradores:
Heather G. Beeson, Bryan Cafferky, César e Carolann De León, Komlan Adjédoda Djossou, Jacobson-Venn, Elizabeth J. James, Edyta Jankiewicz, S. Joseph Kidder, Shondell Mishaw, Willie e Elaine Oliver, Ashley Park, Mindy Salyers, Kristen Watkins, Katelyn Campbell Weakley, Mildred Weiss e Monique Willis.

Outros Livros de Recursos de Ministérios Familiares desta série:

Família, fé e foco no mundo digital
Eu irei com minha família: celebre a criação — casamento, família e sábado
Eu irei com minha família: compreendendo as diferentes configurações familiares
Eu irei com minha família: famílias e saúde mental
Eu irei com minha família: resiliência familiar
Eu irei com minha família: unidade em comunidade
Alcançando famílias para Jesus: fazendo discípulos
Alcançando famílias para Jesus: fortalecendo discípulos
Alcançando famílias para Jesus: discipulado e serviço
Alcançando famílias para Jesus: ajudando discípulos a crescer
Alcance o mundo: famílias saudáveis para a eternidade
Reavivamento e reforma: construindo memórias em família
Reavivamento e reforma: famílias que se aproximam de Deus
Reavivamento e reforma: famílias que alcançam o próximo
Reavivamento e reforma: famílias que constroem pontes

Disponível em: https://downloads.adventistas.org/pt/departamento/ministerio-da-familia/

Disponível em family.adventist.org/resources/resource-book/
Na edição original, salvo indicação em contrário, as citações bíblicas foram extraídas da New King James Version®.
Copyright © 1982 Thomas Nelson, Inc. Utilizada com permissão. Todos os direitos reservados.

Ministério Adventista da Família
Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904, EUA
family@gc.adventist.org
family.adventist.org

Todos os direitos reservados. Os materiais de apoio deste livro podem ser utilizados e reproduzidos em impressos da igreja local sem autorização da editora. Seu uso ou reprodução em outros livros ou publicações exige autorização prévia do titular dos direitos autorais. É expressamente proibida a reimpressão integral do conteúdo ou sua reimpressão para distribuição gratuita ou revenda.

ISBN 978-0-8280-2958-2

SETEMBRO DE 2026

SUMÁRIO

Prefácio 7
Veja Jesus, Revele Jesus, Compartilhe Jesus: tudo começa na família 9
Como usar este livro de recursos 14

SUGESTÕES DE SERMÕES 16

- **Veja Jesus, Revele Jesus, Compartilhe Jesus em seu casamento a cada dia**
  Willie e Elaine Oliver 17
- **Jesus está em casa:**
  A parábola do filho pródigo sob a perspectiva dos sistemas familiares
  César e Carolann De León 28
- **A família sob pressão:**
  O temor de Deus, os padrões geracionais e a comunicação que cura
  Komlan Adjédoda Djossou 41

HISTÓRIAS INFANTIS 53

- **De olho em Jesus**
  Mindy Salyers 54
- **Escolhendo a bondade**
  Dawn Jacobson-Venn 57
- **Onde está Jesus?**
  Mildred Weiss 60

SEMINÁRIOS 63

- **Casamentos resilientes: das feridas à plenitude**
  Willie e Elaine Oliver 64
- **Educar filhos na era digital: criando filhos com limites digitais saudáveis e valores orientados pela fé**
  Elizabeth J. James, Shondell Mishaw, Heather G. Beeson, Bryan Cafferky, Monique Willis, Kristen Watkins e Ashley Park 77
- **O lar fundamentado na graça: lidando com a fé, o estresse e a resiliência espiritual entre as gerações**
  César e Carolann De León 97
- **A formação espiritual das crianças**
  Edyta Jankiewicz 111

RECURSOS DE LIDERANÇA 142

- **Imitando a Cristo: trazendo nossos filhos de volta a Jesus**
  S. Joseph Kidder e Katelyn Campbell Weakley 143
- **A arte da resolução bíblica de conflitos**
  Willie e Elaine Oliver 150
- **Reflexão intencional**
  Willie e Elaine Oliver 153
- **Adoção por uma pessoa solteira**
  Willie e Elaine Oliver 157
- **A neurociência do perdão**
  Willie e Elaine Oliver 160
- **Quando a intimidade diminui**
  Willie e Elaine Oliver 163
- **Pais de filhos pródigos**
  Willie e Elaine Oliver 166

FERRAMENTAS PARA O MINISTÉRIO DA FAMÍLIA 169

- ***OneVoice27*: Compromisso do Altar da Família** 170
- **Família, fé e foco no mundo digital**
  Livro de Recursos 2026
  Willie e Elaine Oliver 171
- **Família ancorada em um mundo digital**
  Semana de Oração da Família 2026
  Willie e Elaine Oliver, editores · Maijo Roth, principal responsável pelo conteúdo 172

- **Preciosos dons de Deus**
  Semana de Oração da Família 2025 ·
  Willie e Elaine Oliver, Editores ; Karen Holford, principal responsável pelo conteúdo....173
- **Corações mais acolhedores: compreendendo famílias diversas**
  Semana de Oração da Família 2024
  Willie e Elaine Oliver, editores ; Karen Holford, principal responsável pelo conteúdo....174
- **Chaves para a saúde mental: famílias que florescem**
  Semana de Oração da Família 2023
  Willie e Elaine Oliver, editores ; Karen Holford, principal responsável pelo conteúdo....175
- **Reconstruindo o altar da família**
  Semana de Oração da Família 2022
  Willie e Elaine Oliver....176
- **Vivendo os frutos do amor**
  Semana de Oração da Família 2021
  Willie e Elaine Oliver....177
- **Conectado: leituras devocionais para um casamento íntimo**
  Willie e Elaine Oliver....178
- **Bíblia do Casal**....179
- **Programa de Certificação em Liderança 3.0**....180
- **Real Family Talk com Willie e Elaine Oliver** 181
- **Real Family Talk: coluna on-line da Adventist Review**
  Willie e Elaine Oliver....182
- **Esperança para as famílias de hoje**
  Willie e Elaine Oliver....183
- **Casamento: aspectos bíblicos e teológicos (v. 1)**
  Ekkehardt Mueller e Elias Brasil de Souza, editores 184
- **Sexualidade: questões contemporâneas na perspectiva bíblica (v. 2)**
  Ekkehardt Mueller e Elias Brasil de Souza, editores 185
- **Família: questões contemporâneas sobre casamento e criação de filhos**
  Ekkehardt Mueller e Elias Brasil de Souza, editores 186

APÊNDICE A — IMPLEMENTAÇÃO DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA....187

- **Regulamento e declaração de propósito do Ministério da Família** 188
- **O líder do Ministério da Família** 190
- **O que é uma família?**....192
- **Orientações sobre comissão e planejamento**....194
- **Quatro objetivos de uma boa apresentação** 196

- **Os dez mandamentos das apresentações** 197
- **Pesquisa sobre o perfil da vida familiar** 198
- **Perfil da vida familiar** 200
- **Pesquisa de interesse pelo Ministério da Família** 201
- **Pesquisa sobre educação para a vida familiar na comunidade** 202
- **Modelo de avaliação** 203

APÊNDICE B — DECLARAÇÕES VOTADAS 204

- **Afirmação do casamento** 205
- **Uma afirmação sobre o dom da sexualidade dado por Deus** 207
- **Crença fundamental sobre o casamento e a família** 210
- **Diretrizes para a Igreja Adventista do Sétimo Dia diante das mudanças nas atitudes culturais em relação à homossexualidade e a outras práticas sexuais alternativas** 211
- **Declaração sobre abuso sexual infantil** 219
- **Declaração sobre violência familiar** 222
- **Declaração sobre o lar e a família** 225
- **Declaração sobre homossexualidade** 226
- **Declaração sobre relações humanas** 227
- **Declaração sobre racismo** 228
- **Declaração sobre comportamento sexual** 230
- **Declaração sobre a visão bíblica da vida antes do nascimento e suas implicações para o aborto** 232
- **Declaração sobre o cuidado e a proteção das crianças** 237
- **Declaração sobre transgênero** 240

PREFÁCIO

Toda família já está contando uma história. Você pode ter pensado nisso ou não, mas a maneira como conversa à mesa do jantar, como enfrenta um dia difícil e como perdoa — ou deixa de perdoar — está dizendo algo aos seus filhos sobre quem é Deus. A questão não é se o seu lar é um palco. Ele já é. A questão é o que está sendo encenado nele.

Essa é a convicção que está por trás deste livro de recursos. Não escolhemos o título "Veja Jesus, revele Jesus, compartilhe Jesus" por acaso, nem acrescentamos "Tudo começa na família" como uma ideia de última hora. Temos visto muitos programas da igreja tentarem produzir formação espiritual em um intervalo de sessenta minutos no sábado de manhã, como se aquela hora pudesse ter mais peso do que as outras cento e sessenta e sete. Não pode. Não porque a igreja não seja importante — ela é extremamente importante —, mas porque a fé cria raízes nos ritmos da vida, e os ritmos da vida de uma criança são estabelecidos no lar muito antes de serem estabelecidos em qualquer outro lugar.

Por isso, convidamos as famílias a pensar em seus dias comuns como uma espécie de encenação — não uma apresentação para uma plateia, mas um roteiro vivido no qual Jesus é, de fato, o personagem principal. ***Vê-Lo*** significa desacelerar o suficiente, em meio à correria das manhãs de escola e dos prazos do trabalho, para perceber onde Ele está presente: em uma oração atendida, em uma conversa difícil que terminou com graça, em um momento de paciência inesperada. ***Revelá-Lo*** significa permitir que aquilo que você viu molde a maneira como trata as pessoas mais próximas, aquelas que veem você quando baixa a guarda. E ***compartilhá-Lo*** significa compreender que um lar que verdadeiramente viu e revelou Jesus não consegue conter essa experiência: ela transborda para o vizinho, para um parente, para o amigo do seu filho que é sempre bem-vindo à sua mesa.

Nada disso exige uma família perfeita. Na verdade, exige o contrário: uma família suficientemente honesta para reconhecer suas fragilidades e permitir que Deus atue por meio delas, em vez de contorná-las.

> As famílias que mais influenciam a formação da fé não são aquelas que desempenham tudo sem falhas — famílias assim não existem. São aquelas que permitem que seus filhos as vejam falhar e, depois, as vejam voltar à graça.

Os capítulos a seguir oferecem práticas cotidianas, reflexão sincera e ferramentas concretas para construir um lar no qual Jesus seja verdadeiramente visto, revelado e compartilhado, um dia comum de cada vez. Que seu lar se torne um lugar onde o amor dEle seja inconfundível, belo e palpável, sempre "Fundamentado na Bíblia e Focado na Missão".

Maranata!

Willie e Elaine Oliver, diretores
Departamento do Ministério da Família

Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia
Sede mundial
Silver Spring, Maryland
family.adventist.org

Igreja Adventista do Sétimo Dia®
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

TUDO COMEÇA COM A FAMÍLIA
JESUS
VEJA • REVELE • COMPARTILHE

ONEVOICE27

VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS: **TUDO COMEÇA NA FAMÍLIA**

VISÃO GERAL

O Ministério da Família contribui com uma plataforma desenvolvida por meio de duas iniciativas ao longo do ciclo de doze meses do OneVoice27, de 5 de setembro de 2026 a setembro de 2027.

O **MOVIMENTO MUNDIAL DO ALTAR DA FAMÍLIA** fortalece o lar (Veja Jesus) e torna seu testemunho visível (Revele Jesus); **LARES DE ESPERANÇA** abre as portas aos vizinhos para a colheita de setembro de 2027 (Compartilhe Jesus).

A premissa: a igreja não pode proclamar Jesus ao mundo em 2027 se os membros não O tiverem visto primeiro à própria mesa. O principal indicador do departamento é ter 450 mil lares inscritos no Compromisso do Altar da Família e mantendo o culto familiar até setembro de 2027.

O LUGAR DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA NA IDENTIDADE DA CAMPANHA

NÍVEL	NOME	USO
Mobilização interna	OneVoice27: Missão para Todos	Voltado à igreja: líderes, membros e departamentos.
Campanha pública	Tudo Novo: A Esperança Começa Aqui	Voltada à comunidade: vizinhos, pessoas em busca de respostas e meios de comunicação.
Expressão do departamento	Veja Jesus, Revele Jesus, Compartilhe Jesus. Tudo começa na família.	Terceiro nível; integra-se aos dois níveis acima e nunca os substitui.

PROPOSTA DE ASSINATURA DO DEPARTAMENTO (LOGOTIPO SECUNDÁRIO)

TUDO NOVO: A ESPERANÇA COMEÇA AQUI
Veja Jesus. Revele Jesus. Compartilhe Jesus.
Tudo começa na família.
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA · ONEVOICE27 · 1 JOÃO 1:3

Como denominá-la: assinatura do departamento, também chamada de composição visual com endosso institucional. O termo indica que ela identifica a expressão da campanha pelo Ministério da Família, em vez de funcionar como um logotipo separado.

Na campanha pública:

- Aparece ao lado do logotipo oficial OneVoice27 / Tudo Novo.
- A frase "Tudo Novo: A Esperança Começa Aqui" e a expressão "Tudo começa na família" farão parte da assinatura.

A PLATAFORMA

Texto-base: "O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco" (1 João 1:3, ARA). A plataforma substitui o lema descontinuado "Você viu Jesus em seu lar hoje?".

Progressão integrada: os três verbos se tornam três momentos da campanha, três disponibilizações de recursos e três conjuntos de indicadores, correspondentes à **Preparação, à Identidade em Cristo e ao Propósito.**

- **Tríades adequadas à realidade local:** As Divisões elaboram sua própria expressão em três movimentos, em vez de traduzir literalmente do inglês.
- **Três regras:** É sempre necessário explicitar a quem o pronome "O" se refere, ou usar o nome "Jesus"; a expressão "Tudo começa na família" deve sempre acompanhar a tríade; e a chamada à ação deve ficar separada, mas precisa ser incluída: **"Solicite um estudo bíblico para sua família",** acompanhada de um código QR ou link curto para uma igreja local com um ministério ativo de estudos bíblicos.
- **Níveis dos territórios:** O nível 1 (aberto) utiliza a composição visual completa com uma linha complementar que mencione Cristo, ou a variante aprovada "Veja Jesus. Revele Jesus. Compartilhe Jesus."; o nível 2 (sensível) utiliza a referência de 1 João 1:3; o nível 3 (territórios com restrições) não utiliza a composição visual. Cada território declara seu próprio nível.

O PERCURSO DE DOZE MESES

FASE	PERÍODO	FOCO	PRINCIPAL INDICADOR
Veja Jesus	5 de setembro de 2026 a fevereiro de 2027	As famílias encontram Cristo nos quatro Evangelhos e em O Desejado de Todas as Nações; o culto familiar é restabelecido.	Mobilização simultânea nas redes sociais: reels enviados e publicados; camisetas impressas. Lares inscritos no Compromisso do Altar da Família. Leitura de capítulos pelas famílias; participação no culto familiar.
Revele Jesus	Março a 31 de agosto de 2027	O lar se torna um testemunho visível: reels produzidos pelos membros, preparação para a hospitalidade e período de 40 dias de oração (23 de julho a 31 de agosto).	Reels enviados; participação na oração; lares capacitados.
Compartilhe Jesus	Setembro de 2027	Colheita voltada aos vizinhos, em lares, igrejas e salões; decisões; batismos.	Pedidos de estudos bíblicos; convidados; batismos.

AS DUAS INICIATIVAS

	Iniciativa 1: Movimento Mundial do Altar da Família	Iniciativa 2: Lares de Esperança
Verbos da plataforma	Veja Jesus. Revele Jesus.	Compartilhe Jesus.
Direção	Para dentro: o lar é fortalecido e, em seguida, seu testemunho se torna visível.	Para fora: o lar abre as portas aos vizinhos.
Elementos centrais	Compromisso do Altar da Família e cadastro; devocional 52 Semanas com Jesus; capacitação em serviço Reconstruindo o Altar da Família; lançamento mundial simultâneo nas redes sociais (5 de setembro de 2026), que dá início à Semana de Oração da Família (6 a 12 de setembro); Desafio de Reels do Altar; Hora do Altar da Família, mensal.	Lares de Portas Abertas recebem convidados em uma programação de duas semanas: primeiro, uma conversa sobre necessidades percebidas; depois, Tudo Novo e um convite para estudar a Bíblia. Capacitação dos anfitriões (janeiro de 2027); edição para contextos com restrições; vídeos de testemunhos; Sábado Mundial da Família (primeiro sábado de setembro de 2027).
Transição	Os lares que aderiram ao compromisso inscrevem-se como Lares de Portas Abertas.	Cada convidado é encaminhado para estudos bíblicos e batismo na igreja local.

METAS

Estas metas foram elaboradas para serem mensuráveis e acompanhadas, permitindo monitorar o progresso ao longo do tempo e ajudando os líderes a avaliar a eficácia de cada etapa da iniciativa.

- **Lares inscritos no compromisso.** Convidar as famílias a se comprometerem a fortalecer seu relacionamento com Jesus por meio do culto, das Escrituras, da oração e de uma vida espiritual intencional no lar.
- **Lares de Portas Abertas recebendo convidados.** Preparar as famílias participantes para acolher vizinhos e amigos em ambientes centrados em Cristo, propícios à hospitalidade, à conversa e ao desenvolvimento de vínculos.
- **Convidados recebidos / pedidos de estudos bíblicos.** Incentivar relacionamentos significativos que levem naturalmente os convidados a explorar as Escrituras e a se vincular a uma igreja local.
- **Batismos resultantes da iniciativa.** Apoiar os interessados por meio do estudo da Bíblia, do discipulado, do cuidado pastoral e da convivência com a comunidade da igreja, à medida que avançam para um relacionamento de salvação com Jesus e para o batismo.

MAIS DO QUE NÚMEROS: O ONEVOICE27 É SOBRE JESUS

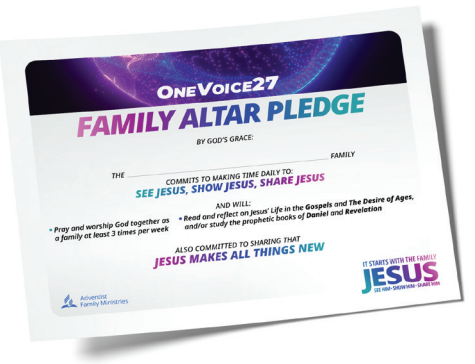
Embora seja necessário estabelecer metas e indicadores para avaliação, esta iniciativa é mais do que um projeto para gerar números ou batismos. Trata-se de levar as pessoas a saber que Jesus faz novas todas as coisas e traz esperança a todos. Trata-se de levar esperança e restauração a indivíduos, casais e famílias.

Pedimos a cada líder que ajude os membros a compreender que desejamos que suas famílias sejam íntegras, não perfeitas, mas cheias de graça, para que seus lares se tornem um testemunho vivo de Jesus e de Sua graça salvadora. Como escreve Ellen G. White:

> *"A maior prova do poder do cristianismo, que se pode apresentar ao mundo, é uma família bem ordenada, bem disciplinada. Isso recomendará a verdade como nenhuma outra coisa o poderá fazer, pois é um testemunho vivo de seu efetivo poder sobre o coração" (O Lar Adventista, p. 32).*
>
> O que as famílias farão? Irradiarão a luz e o amor de Jesus, atraindo outras pessoas para um relacionamento mais próximo e de salvação com Ele.

Para mais informações sobre esta iniciativa, acesse: www.onevoice27.org

ONDE ENCONTRAR O COMPROMISSO DO ALTAR DA FAMÍLIA?



O Compromisso do Altar da Família convida as famílias a assumir um compromisso significativo de, juntas, se aproximarem de Jesus. As famílias se comprometem a orar e realizar o culto familiar pelo menos três vezes por semana e a aprender sobre Cristo por meio dos Evangelhos, de O Desejado de Todas as Nações e dos livros de Daniel e Apocalipse. Os participantes recebem um Certificado do Compromisso do Altar da Família como um lembrete visível de seu compromisso.

O certificado está disponível em indonésio, chinês simplificado, inglês, francês, hindi, italiano, quiniaruanda, coreano, português, russo, espanhol, suaíli, tagalo, tâmil e ucraniano.

Veja Jesus, revele Jesus, compartilhe Jesus: tudo começa na família.

Assuma o compromisso em: **family.adventist.org/familyaltarpledge**

COMO USAR ESTE **LIVRO DE RECURSOS**

O Livro de Recursos do Ministério da Família é um material anual organizado pelo Ministério da Família da Associação Geral, com contribuições do campo mundial, para oferecer aos líderes desse ministério nas Divisões, Uniões, Associações e Igrejas locais de todo o mundo recursos para as semanas e os sábados especiais de ênfase na família.

Neste livro, você encontrará sugestões de sermões, seminários, histórias infantis, recursos para a liderança e outras ferramentas que ajudarão na realização dessas datas especiais e de outros programas que desejar desenvolver durante o ano. No Apêndice A, encontrará informações úteis para implementar o Ministério da Família na igreja local.

Este material também inclui apresentações dos seminários em *Microsoft PowerPoint*® e cópias dos materiais de apoio. Incentivamos os facilitadores dos seminários a personalizar as apresentações em *Microsoft PowerPoint*® com suas próprias histórias e imagens que reflitam a diversidade de suas comunidades. Para baixar uma apresentação, acesse: family.adventist.org/2027RB

Para encontrar outros temas sobre diferentes questões da vida familiar, baixe os livros de recursos de anos anteriores em: family.adventist.org/resource-book/

SEMANA DO LAR E CASAMENTO CRISTÃOS:
13 A 20 DE FEVEREIRO

A Semana do Lar e Casamento Cristãos acontece em fevereiro e abrange dois sábados: o Dia do Casamento Cristão, com ênfase no casamento, e o Dia do Lar Cristão, com ênfase na educação dos filhos. A semana começa no segundo sábado e termina no terceiro sábado de fevereiro.

DIA DO CASAMENTO CRISTÃO (ÊNFASE NO CASAMENTO):
SÁBADO, 13 DE FEVEREIRO

Utilize a sugestão de sermão sobre casamento no culto de sábado e o seminário sobre casamento em algum momento da programação dessa celebração.

DIA DO LAR CRISTÃO (ÊNFASE NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS):
SÁBADO, 20 DE FEVEREIRO

Utilize a **sugestão de sermão** sobre educação dos filhos no culto de sábado e o seminário sobre educação dos filhos em algum momento da programação dessa celebração.

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA:
5 A 11 DE SETEMBRO

A Semana de Oração da Família está programada para a primeira semana de setembro, começando no primeiro domingo e terminando no sábado seguinte, com o Dia de Oração da Família. A semana e o dia de oração destacam a celebração das famílias e da igreja como família.

Será disponibilizado um material complementar com leituras diárias e atividades em família para a Semana de Oração da Família. Para baixá-lo, acesse: family.adventist.org/familyworship

DIA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA (PELOS CASAMENTOS, PELAS FAMÍLIAS E PELOS RELACIONAMENTOS):
SÁBADO, 11 DE SETEMBRO

Utilize no culto de sábado a **sugestão de sermão** sobre a família apresentada neste livro de recursos.

SUGESTÕES DE **SERMÕES**

As *Sugestões de sermões* têm o propósito de servir de inspiração — um ponto de partida para o seu próprio sermão. Ore para ser guiado pelo Espírito Santo, para que seus pensamentos e suas palavras sejam uma expressão do amor de Deus por cada coração e por cada família.

- **VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS EM SEU CASAMENTO A CADA DIA.....17**

  Os casais são convidados a vê-Lo, reconhecendo Jesus como a fonte do amor; a revelá-Lo por meio de atos cotidianos de graça; e a compartilhá-Lo por meio de um casamento que torne o amor dEle visível a outras pessoas.

- **JESUS ESTÁ EM CASA: A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO SOB A PERSPECTIVA DOS SISTEMAS FAMILIARES.....28**

  As famílias são convidadas a reconhecer padrões de distanciamento, ressentimento e reatividade que mantêm os relacionamentos estagnados, e a aprender com o amor firme e cheio de graça do pai.

- **A FAMÍLIA SOB PRESSÃO: O TEMOR DE DEUS, OS PADRÕES GERACIONAIS E A COMUNICAÇÃO QUE CURA.....41**

  Três famílias bíblicas revelam como o lar se torna a primeira escola da fé — e como Cristo pode redimir falhas familiares profundamente enraizadas por meio do arrependimento, da graça e do perdão.

VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS **EM SEU CASAMENTO A CADA DIA**

WILLIE E ELAINE OLIVER

TEXTO BÍBLICO

1 João 4:7-12

INTRODUÇÃO

Imagine um apartamento pequeno. Não importa em que cidade você o situe — Manila, Nairóbi, São Paulo, Bucareste ou um apartamento de dois quartos em Toronto ou na cidade de Nova York. Os detalhes mudam; a cena, não. São 6h40 da manhã. A chaleira está apitando. Alguém procura um sapato que aparentemente desapareceu da face da Terra. Outra pessoa está diante do espelho, atrasada, fazendo uma espécie de oração para que o dia corra bem. E, em algum ponto desse caos cotidiano, um marido olha para a esposa, ou uma esposa olha para o marido, e naquele olhar de meio segundo algo é comunicado — ou não. Paciência ou irritação. Ternura ou indiferença. Cristo ou apenas a tentativa de dar conta da situação.

Aquele meio segundo não é pouca coisa. Aquele meio segundo é teologia. Porque

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

tudo o que se passa entre um marido e uma esposa na cozinha, às 6h40 da manhã, é um sermão, quer um deles tenha essa intenção ou não. Ele está sendo pregado a cada criança daquele lar, a cada vizinho que mais tarde ouvir falar daquele lar e — é o que queremos sugerir a vocês nesta manhã — aos principados e potestades nos lugares celestiais, porque o casamento, dentre todas as instituições humanas, foi concebido por Deus para ser a representação terrena mais próxima de Seu próprio amor.

Nosso sermão de hoje tem como título: "Veja Jesus, revele Jesus, compartilhe Jesus em seu casamento a cada dia". Vamos orar.

TEXTO BÍBLICO

Abra sua Bíblia em 1 João 4:7, 12.

> *"Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. [...] Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado" (1 João 4:7, 12, ARA).*

Observe o movimento dessa passagem. João não começa com uma ordem. Ele começa com uma fonte: "O amor procede de Deus". Antes de ser algo que fazemos, o amor é Alguém que conhecemos. E, depois que O conhecemos, João diz algo quase surpreendente: "*Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado*". Você percebeu? O Deus invisível Se torna visível — onde? Em um casamento. Em um lar. Na maneira como duas pessoas imperfeitas escolhem amar uma à outra, dia após dia, quando seria mais fácil não fazê-lo.

Isso nos apresenta os três movimentos desta mensagem: veja Jesus, revele Jesus, compartilhe Jesus. E queremos percorrer cada um deles, porque cremos que seu casamento — seja ele recente ou já marcado pelas dificuldades da vida — nunca deveria ser apenas um acordo particular entre duas pessoas. Ele foi concebido para ser uma janela.

I. VEJA JESUS

Antes de demonstrar amor a alguém, é preciso tê-lo visto em algum lugar. É assim que nós, seres humanos, funcionamos. Não produzimos amor do nada; refletimos aquilo que recebemos. João diz isso claramente: "Nós o amamos porque ele nos amou primeiro". Essa afirmação aparece alguns versículos adiante, no versículo 19, mas é a lógica que sustenta toda a nossa passagem. O amor nunca é gerado por nós mesmos. Ele é sempre, primeiro, recebido.

É nesse ponto que tantos casamentos vão definhando silenciosamente — não porque duas pessoas deixaram de amar uma à outra, mas porque deixaram de olhar para a fonte. Tentaram sustentar o casamento com o que restava dos sentimentos do dia das bodas, com força de vontade ou com a vaga esperança de que as coisas simplesmente dariam

certo. E, quando os sentimentos perderam a intensidade — como sempre acontece —, já não tinham de onde extrair forças.

Ellen White compreendeu claramente esse perigo. Ao escrever especificamente sobre o relacionamento conjugal, ela afirmou:

> *"Se Cristo verdadeiramente estiver formado no interior a esperança da glória, haverá união e amor no lar. Cristo habitando no coração da esposa estará em harmonia com Cristo habitando no coração do marido. Juntos lutarão para alcançar as mansões que Cristo foi preparar para os que O amam" (White, 2004, p. 120).*

Observe a ordem dessa afirmação. Cristo formado no interior vem primeiro. A união e o amor no lar vêm depois, como resultado, não como substitutos. Em essência, ela está dizendo o que João diz: um casamento que tenta gerar seu próprio amor, independentemente de sua Fonte, acabará se esgotando. Mas um casamento que continua voltando ao Calvário, que continua contemplando o que Cristo fez, continuará encontrando água no deserto.

Ellen White disse algo semelhante sobre o próprio amor, distinguindo-o da falsificação que tantas vezes chega ao altar em seu nome: "O amor verdadeiro não é uma paixão forte, ardente, impetuosa. Ao contrário, é calmo e profundo em sua natureza. Olha para além das coisas meramente exteriores, sendo atraído unicamente pelas qualidades. É sábio e apto a discriminar, e sua dedicação é real e permanente" (White, 2004, p. 51).

A paixão perde a intensidade. Os sentimentos oscilam. Mas um amor que viu sua Fonte, que olhou além das aparências para o caráter do próprio Cristo, tem em que se firmar quando o fogo da paixão inicial se reduz a brasas, como acontece em todo casamento na Terra.

Encontramos algo notavelmente semelhante nas pesquisas sobre o apego humano. A psicóloga Sue Johnson, que dedicou décadas ao estudo do que mantém os casamentos unidos, argumenta que os casais não brigam principalmente por causa da louça, do dinheiro ou dos sogros. Por trás de quase todo conflito há uma pergunta mais fundamental, que um dos cônjuges faz silenciosamente ao outro: "Você está aqui para mim? Eu sou importante para você? Posso contar com você quando precisar?". Em outras palavras, todo ser humano, casado ou não, procura um amor seguro e confiável no qual possa se ancorar. Fomos criados com essa necessidade. E o que João nos diz nessa passagem é onde essa âncora sempre deveria ser encontrada primeiro: em última instância, não em nosso cônjuge, que é humano, finito e irá nos decepcionar, mas em Deus, cujo amor por nós foi demonstrado de maneira suprema na cruz.

É também por isso que "vê-Lo" não pode ser um acontecimento anual, restrito a um retiro de casais ou à cerimônia da Santa Ceia. Precisa ser uma disciplina diária, assim como a visão física precisa de luz todos os dias, não apenas em ocasiões especiais. Cremos que essa é uma das razões pelas quais Ellen White dá tanta ênfase à prática do culto diário no lar. Ela escreveu:

> *"De todo lar cristão deveria resplandecer uma santa luz. O amor deveria revelar-se nas ações. Deve promanar de toda a relação doméstica, mostrando-se em uma bondade meditada, em uma cortesia gentil, abnegada. [...] Destes lares as orações matutinas e vespertinas sobem a Deus como incenso suave, e Suas misericórdias e bênçãos descem sobre os suplicantes como o orvalho da manhã" (White, 2004, p. 37).*

Um casal que se ajoelha junto antes do nascer do sol, ainda que por apenas dois minutos, sem pressa, está fazendo algo mais prático do que parece. Está voltando seus olhos para a luz antes que as interferências do dia tenham a chance de ofuscá-la.

Eis o aspecto libertador dessa verdade. Se seu casamento está passando por dificuldades neste momento — se o amor parece escasso, se o ressentimento se instalou, se vocês parecem mais colegas de casa do que pessoas que se amam —, o ponto de partida não é "esforce-se mais para amar seu cônjuge". O ponto de partida é voltar e ver Jesus novamente. Detenha-se mais uma vez diante da cruz. Deixe que a realidade de que "Deus [...] deu o seu Filho unigênito" penetre novamente no mais profundo do seu ser. Porque uma pessoa que verdadeiramente viu esse tipo de amor não consegue impedir que parte dele transborde.

Veja Jesus na manjedoura, onde o amor Se revestiu de carne.
Veja Jesus no Getsêmani, onde o amor suou gotas como de sangue.
Veja Jesus no caminho do Calvário, onde o amor carregou uma cruz que não merecia carregar.
Veja Jesus pregado naquele madeiro, onde o amor disse: "Pai, perdoa-lhes".
Veja Jesus ressurreto ao terceiro dia, quando o amor venceu o que nada mais poderia vencer.
Amados, vocês não podem demonstrar um amor que nunca viram.
Vocês não podem compartilhar um fogo cujo calor nunca sentiram.
Por isso, antes de ir para casa hoje, veja Jesus novamente.

II. REVELE JESUS

Agora observe o que João faz em seguida. Ele passa imediatamente do ver ao revelar: "Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (v. 11). A palavra "devemos", nessa passagem, não é uma sugestão. É uma obrigação que flui naturalmente da gratidão. Se Ele nos amou assim, como poderíamos deixar de amar dessa maneira também?

E observe onde João diz que esse amor se manifesta primeiro. Não ao mundo em geral, nem a desconhecidos, mas "uns aos outros". E não há em sua vida ninguém mais próximo do que a pessoa com quem você compartilha a cama, uma conta bancária, os vínculos com a família de cada um e as provações da vida. Se você não consegue demonstrar o amor de Cristo ao seu cônjuge, a pessoa que melhor o conhece, gostaríamos de perguntar,

com carinho, o que exatamente você acredita estar demonstrando ao mundo.

É aqui que "revelá-Lo" se torna algo concreto, e queremos ser muito práticos, porque um amor que permanece abstrato não é o amor que a Bíblia reconhece. A primeira carta de João é um dos livros mais concretos das Escrituras. Alguns versículos adiante, João diz: "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso" (v. 20). O amor precisa se manifestar no comportamento; caso contrário, ainda não é amor, mas apenas um sentimento que leva o nome de amor.

Vamos, então, conversar sobre como o amor de Cristo se manifesta em uma terça-feira.

Ele se manifesta naquilo que os pesquisadores chamam de "voltar-se para o outro", em vez de "afastar-se dele". O psicólogo John Gottman, depois de estudar milhares de casais ao longo de décadas, encontrou algo notavelmente simples no centro da diferença entre os casamentos que duraram e os que não duraram. Durante todo o dia, os cônjuges fazem pequenas tentativas de chamar a atenção um do outro: um comentário sobre o tempo, um suspiro, um "olhe isto" enquanto navegam no celular, uma mão que procura a outra no escuro. Os casais que se voltavam para essas pequenas tentativas — que levantavam os olhos, respondiam e diziam "conte-me mais" — construíam o que ele chamou de contas bancárias emocionais, com saldos tão elevados que, quando surgia um conflito, ele não ameaçava todo o relacionamento. Os casais que habitualmente se afastaram dessas tentativas — que continuavam no celular, que resmungavam sem levantar os olhos — estavam desfazendo, tijolo por tijolo, aquilo que haviam prometido proteger.

Gottman também identificou o padrão oposto: quatro hábitos específicos tão corrosivos para o casamento que ele os chamou de "os quatro cavaleiros do Apocalipse": a crítica que ataca o caráter em vez de tratar do comportamento; o desprezo que comunica aversão ou superioridade; a atitude defensiva que se recusa a assumir a própria responsabilidade; e o bloqueio da comunicação, que exclui completamente a outra pessoa. Dos quatro, ele constatou que o desprezo era o mais destrutivo, sendo um indicador do fim do casamento mais forte do que quase tudo o mais que os pesquisadores mediam. Não deveria nos surpreender que as Escrituras já tivessem identificado esse perigo muito antes de qualquer laboratório.

Em Efésios, Paulo disse a maridos e esposas: *"Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia" (Efésios 4:31, ARA).* Uma descrição precisa do desprezo, escrita dois mil anos antes de alguém receber financiamento para pesquisá-lo.

Amados, vocês percebem como essa pesquisa se harmoniza com as Escrituras? Ellen White, escrevendo mais de um século antes de Gottman realizar qualquer estudo, disse essencialmente a mesma coisa sobre o tom de um lar cristão: *"O caráter há de manifestar-se. Os olhares, o tom da voz, os atos — tudo tem sua influência para fazer ou pôr a perder*

a felicidade da vida familiar" (White, 2005, v. 7, p. 50). Ela compreendeu, por inspiração, não por pesquisa científica, que o amor no casamento não se comprova nos grandes gestos. Ele se comprova, ou se desmente, em dez mil pequenos olhares, tons de voz e atitudes de atenção, todos os dias.

Revelar Jesus também se manifesta na humildade, em vez do controle. Ellen White escreveu diretamente aos casais: *"Não intentem impor um ao outro os seus desejos. Não é possível fazer isso e ao mesmo tempo reter o amor mútuo. Sede bondosos, pacientes, longânimos, corteses e cheios de consideração mútua" (White, 2004, p. 118).* Quero que você observe a lógica dessa afirmação. Ela não diz apenas que controlar seu cônjuge é uma falta de bondade. Ela diz que isso nem sequer funciona: "Não é possível fazer isso e ao mesmo tempo reter o amor mútuo". Talvez seja possível impor obediência por algum tempo. Mas não se pode impor afeição. Um amor obtido por coerção não é amor; é obediência com uma aliança no dedo.

Revelar Jesus se manifesta em um perdão que não mantém um registro das ofensas. Ellen White enunciou esse princípio sem rodeios: *"É impossível estar em união com Cristo e ainda ser desconsiderados para com outros e negligentes de seus direitos" (White, 2004, p. 428).* Leia novamente, porque essa afirmação fecha uma porta que muitos de nós gostamos de deixar aberta. Dizemos a nós mesmos que podemos ser profundamente espirituais e continuar contabilizando as faltas do cônjuge, alimentando a lembrança da última vez que fomos magoados e deixando que o sarcasmo faça o trabalho que o perdão deveria ter feito. Ellen White diz que isso não é possível. A união com Cristo e um espírito que se recusa a perdoar a pessoa do outro lado da mesa não podem ocupar o mesmo coração ao mesmo tempo.

Todo casamento na Terra, sem exceção, acumulará feridas. A diferença entre um casamento que se torna amargo e um casamento que se torna belo quase nunca está na ausência de feridas. Está naquilo que cada cônjuge escolhe fazer com a lembrança delas. Os psicólogos que estudam casais com relacionamentos duradouros descrevem algo semelhante sob a expressão "tentativas de reparação": os pequenos gestos de um cônjuge para reduzir a intensidade de um conflito antes que ele saia do controle. Um toque no braço, uma brincadeira, um simples "Desculpe, não foi isso que eu quis dizer". As pesquisas sobre estabilidade conjugal têm constatado de forma consistente que não é a presença de conflitos que prediz o divórcio; até os casais mais felizes discutem. O que permite prever o desfecho é se as tentativas de reparação são oferecidas e acolhidas. Um casamento ancorado em Cristo tem uma tentativa de reparação incorporada ao seu próprio fundamento: a cruz, que é o ato supremo do próprio Deus de Se reconciliar com pessoas que O haviam ofendido.

E revelar Jesus se manifesta no companheirismo, em vez da competição. Ellen White retratou o casamento desta maneira:

> *"O marido deve amar sua esposa e mostrar desvelo por ela; e unindo-se nos votos matrimoniais como um só ser, sua crença em Cristo deve fazer que sejam um com Ele. Que pode agradar mais a Deus do que ver os que assumem a relação matrimonial buscarem juntos aprender de Jesus a tornarem-se mais e mais imbuídos do Seu Espírito?" (White, 2004, p. 114).*

Observe: o objetivo não é apenas um casamento feliz. O objetivo é que duas pessoas se tornem, juntas, mais semelhantes a Jesus do que cada uma se tornaria sozinha. Essa é uma visão extraordinariamente elevada para algo tão cotidiano quanto o café da manhã, as contas a pagar e a rotina de ir dormir.

Revele Jesus quando o despertador tocar e você preferir virar para o outro lado e dormir mais um pouco.

Revele Jesus quando você estiver errado e o orgulho quiser ter a última palavra.

Revele Jesus quando ela tiver tido um dia difícil e precisar mais de sua presença do que de suas soluções.

Revele Jesus quando ele estiver desanimado e precisar mais de seu respeito do que de seus conselhos.

Revele Jesus na pequena gentileza da qual ninguém mais jamais saberá.

Revele Jesus no pedido de perdão que lhe custa alguma coisa.

Revele Jesus na paciência que resiste por mais tempo do que a provocação.

Porque alguém está observando seu casamento para descobrir se Jesus é real.

E, na maioria dos dias, amados, esse alguém está morando na própria casa de vocês.

III. COMPARTILHE JESUS

Mas João não se detém no revelar. Veja novamente o versículo 12: "Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado". Essa palavra, "permanece", significa tornado visível. Tornado evidente. Colocado à vista. Em outras palavras, um casamento que verdadeiramente viu Cristo e revelou Cristo não consegue deixar de se tornar um lugar onde Cristo é compartilhado, onde as pessoas de fora daquele lar conseguem vê-Lo simplesmente ao observar como as duas pessoas que vivem ali tratam uma à outra.

Cremos que essa é uma das formas de evangelismo menos valorizadas de toda a Grande Comissão. Empregamos enorme energia em preparar pessoas para compartilhar a fé com desconhecidos em um avião ou em uma banca de mercado, o que é bom e necessário. Mas, às vezes, esquecemos que o sermão mais coerente, mais digno de crédito e mais observado que a maioria de nós jamais pregará é pregado sem uma única palavra, diante de uma plateia formada por uma criança, um vizinho ou um parente cético que vem observando silenciosamente nosso casamento há anos para ver se essa história de Jesus realmente muda alguma coisa.

Pessoas que passaram anos estudando como a fé é, ou não, transmitida de uma geração a outra continuam chegando à mesma conclusão por caminhos diferentes: as crianças não assimilam a fé principalmente por meio de um programa, de uma série de sermões ou mesmo de uma lição da Escola Sabatina. Elas a assimilam, ou deixam de assimilá-la, a partir do clima emocional do lar, observando se os adultos que as criaram pareciam acreditar naquilo que diziam crer, especialmente na maneira como tratavam um ao outro, especialmente nos dias difíceis. Um lar em que o pai e a mãe recitam as Escrituras, mas reviram os olhos um para o outro na cozinha, está ensinando à criança — quer alguém diga isso em voz alta ou não — que Jesus não muda, de fato, a maneira como as pessoas tratam quem está mais perto delas. Mas um lar em que o amor é imperfeito e, ainda assim, buscado de maneira visível e persistente, onde o perdão acontece e a bondade prevalece, prega um evangelho que nenhum sermão consegue superar.

Ellen White percebeu isso com impressionante clareza ao escrever:

> *"Embora possam surgir dificuldades, perplexidades e desânimo, nem o marido nem a esposa abrigue o pensamento de que sua união é um erro ou uma decepção. Resolva cada qual ser para o outro tudo que é possível. Continuai as primeiras atenções. De todos os modos, anime um ao outro nas lutas da vida. Procure, cada um, promover a felicidade do outro. Haja amor mútuo, mútua paciência. Então, o casamento, em vez de ser o fim do amor, será como o seu princípio. O calor da verdadeira amizade, o amor que liga coração a coração, é um antegozo das alegrias do Céu" (White, 2004, p. 106).*

Um antegozo do Céu, oferecido a uma criança à mesa do jantar, a uma vizinha do outro lado da cerca, a um colega de trabalho que simplesmente percebe que esse casal, ao contrário de tantos outros, parece estar a favor um do outro, em vez de um contra o outro.

Isso é compartilhar Jesus. Não um panfleto. Não uma campanha. Um casamento tão claramente ancorado em Cristo que as pessoas não conseguem deixar de perguntar o que há de diferente em vocês.

E observe algo importante: essa forma de compartilhar não exige nada a mais. Você não precisa de uma plataforma, de um título ou de um dom espiritual que não recebeu. Precisa apenas continuar fazendo, diante de outras pessoas, o que já tem aprendido a fazer em particular: ver Jesus e revelar Jesus. A vizinha não precisa que você lhe explique a doutrina da Trindade por cima da cerca. Ela precisa observar você falar com delicadeza ao seu marido depois de um longo dia e se perguntar, em silêncio, o que seria necessário para ter isso no próprio lar. O colega de trabalho não precisa de um folheto junto ao almoço. Ele precisa perceber que você é a mesma pessoa ao telefone com seu cônjuge e na reunião da equipe — paciente, espontânea e bondosa — e começar

a perguntar por quê. Compartilhar Jesus, no casamento, raramente é algo dramático. É quase sempre um processo cumulativo, como a água que molda a pedra. Não pela força, mas pela fidelidade repetida ao longo dos anos.

Compartilhe Jesus na maneira como você fala de seu cônjuge quando ele não está presente.

Compartilhe Jesus na maneira como você acolhe o vizinho em um lar que não encena a paz, mas a vive.

Compartilhe Jesus na maneira como seus filhos descreverão vocês, daqui a muitos anos, ao tentar explicar como era o amor durante a infância.

Compartilhe Jesus no casamento que sobreviveu às dificuldades e saiu delas mais terno, não mais endurecido.

Porque o mundo não está esperando mais um argumento em favor da existência de Deus. O mundo está esperando ver um lar em que o amor funcione da maneira como as Escrituras dizem que deve funcionar.

CONCLUSÃO

Vamos concluir com quatro imagens de quatro partes diferentes do mundo.

Em uma aldeia rural da África Oriental, algumas comunidades têm a tradição de plantar uma árvore no dia em que um casal se casa: duas mudas são plantadas perto uma da outra, para que, com o passar dos anos, suas raízes se aprofundem e se entrelacem antes que alguém possa ver o que acontece debaixo da terra. Quando a árvore está alta o suficiente para fazer sombra sobre todo o conjunto de casas, já não se consegue distinguir onde termina um sistema de raízes e começa o outro. É isso que Cristo deseja para um casamento edificado nEle: não duas pessoas encenando união para uma plateia, mas duas vidas cujas raízes silenciosamente se entrelaçam, estação após estação, sem nada de extraordinário, até que a sombra que oferecem abrigue toda a família.

No Japão, existe uma arte chamada kintsugi: reparar peças de cerâmica quebradas, não escondendo a rachadura, mas preenchendo-a com ouro, de modo que a fratura se torne a parte mais bela e mais valiosa da peça. Pensamos nos casamentos que temos acompanhado mais de perto ao longo dos anos — na África, na Ásia, nas Américas, na Europa e no Pacífico —, e os que mais brilham quase nunca são aqueles que nunca se romperam. São aqueles em que marido e mulher permitiram que Cristo derramasse ouro na fratura, em vez de fingir que ela nunca aconteceu. Suas cicatrizes se tornaram seu testemunho.

Na América Latina, nos muitos lares que visitamos, existe um ritmo diário simples: uma família reunida para o culto antes que o dia disperse cada um em uma direção, a mão do pai sobre o ombro da mãe enquanto oram, os filhos observando não as palavras que são ditas, mas a maneira como aquelas duas pessoas permanecem próximas uma da outra ao dizê-las. Mais do que qualquer sermão, é disso que aquelas crianças se lembrarão quando crescerem e alguém lhes perguntar o que creem a respeito de Deus.

Compartilharemos mais uma imagem, das ilhas do Pacífico Sul. Em várias culturas do

Pacífico, quando se constrói uma canoa para uma longa viagem, ela nunca é feita para viajar sozinha. Ela é amarrada, lado a lado, a um segundo casco — o que os navegadores chamam de canoa de casco duplo — porque um único casco, por melhor que seja construído, virará nas grandes ondulações do oceano aberto que dois cascos unidos conseguem enfrentar juntos. Os dois cascos não se fundem em um só; cada um conserva a própria forma e a própria força. Mas, unidos, podem atravessar águas que destruiriam qualquer um deles se viajasse sozinho. Muitas vezes temos pensado que essa é uma representação quase perfeita do que Paulo quis dizer ao afirmar que marido e mulher se tornam "uma só carne", e do que Ellen White quis dizer ao escrever sobre "duas pessoas que unem seus interesses para a vida" e que ainda conservam "características distintas e responsabilidades individuais" (White, 2004, p. 114). Você não deixa de ser quem é quando se casa. Apenas deixa de atravessar o oceano sozinho.

Uma árvore na África. Cerâmica quebrada no Japão. Um altar da família na América Latina. Uma canoa de casco duplo no Pacífico. Quatro imagens, uma verdade: o amor que verdadeiramente viu Cristo não consegue deixar de revelá-Lo, e o amor que verdadeiramente O revelou não consegue deixar de compartilhá-Lo — com os filhos àquela mesa, com o vizinho do outro lado daquela cerca, com um mundo que observa e que quase perdeu a esperança de que um amor assim ainda seja possível.

APELO:

Este é, portanto, nosso apelo a você hoje, onde quer que esteja sentado, seja qual for a fase de seu casamento. Talvez você tenha se casado há pouco e tudo isso lhe pareça lindamente idealista. Apegue-se a esse idealismo; não permita que ninguém o convença a abandoná-lo, mas apenas que lhe ensine a sustentá-lo. Talvez você esteja casado há quarenta anos e saiba exatamente como algumas daquelas dez mil manhãs podem ser difíceis, e quanto do amor acaba sendo simples perseverança revestida de ternura. Talvez seu casamento esteja vulnerável neste momento, recuperando-se de algo que o feriu: uma infidelidade, um período de frieza, uma ferida que nenhum dos dois viu chegar. Se esse é o seu caso, ouça isto com clareza: o mesmo evangelho que reconcilia pecadores com um Deus santo é mais do que suficiente para reconciliar duas pessoas imperfeitas uma com a outra. Não há fratura que Cristo não possa preencher com ouro.

E talvez você nem seja casado: é um jovem que observa o casamento dos pais, ou é solteiro e se pergunta se algo disso se aplica a você. Aplica-se, sim. Porque cada princípio desta mensagem — veja Jesus, revele Jesus, compartilhe Jesus — é simplesmente o que significa andar com Jesus em qualquer relacionamento que Ele lhe conceda. O casamento é o lugar em que esses princípios são postos à prova de modo mais implacável, porque ninguém vê seus momentos de guarda baixa como seu cônjuge. Mas o Deus que é amor está formando esse mesmo caráter em você agora, seja qual for sua situação conjugal, para que, quando e onde Ele o chamar a amar, você já conheça o caminho.

Onde quer que você esteja, volte para casa hoje e veja Jesus novamente. Detenha-se diante da cruz até que o amor de Deus volte a ser real para você, não apenas verdadeiro na teoria. Então, revele Jesus no tom de sua voz esta noite, na maneira como você se volta para a próxima pequena tentativa de chamar sua atenção, no pedido de perdão que seu orgulho tem impedido você de fazer. E confie que, ao agir assim, sem sequer tentar produzir isso artificialmente, você O compartilhará, porque um lar em que Cristo é verdadeiramente visto e revelado não consegue deixar de se tornar um lar em que Ele é manifestado de maneira inconfundível.

"Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado" — a partir desta noite, à sua mesa, em seu lar.

VAMOS ORAR:

"Querido Deus, nós Te convidamos novamente a entrar em nosso casamento hoje. Enche-nos com Teu Espírito para que possamos ver-Te, revelar-Te e compartilhar-Te em nosso casamento a cada dia, um com o outro, com nossos filhos e com o mundo. Em nome de Jesus, amém!"

REFERÊNCIAS

White, E. G. (2004). O Lar Adventista. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2005). Testemunhos para a Igreja (v. 7). Casa Publicadora Brasileira.

JESUS ESTÁ EM CASA: A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO SOB A PERSPECTIVA DOS SISTEMAS FAMILIARES

CÉSAR E CAROLANN DE LEÓN

TEXTO BÍBLICO:

Lucas 15:11–32

RESUMO

Este sermão apresenta a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11–32) sob a perspectiva da Teoria dos Sistemas Familiares de Murray Bowen. Cinco conceitos sistêmicos são entrelaçados ao longo da parábola: (1) corte emocional; (2) diferenciação do self; (3) presença não ansiosa; (4) triangulação; e (5) homeostase e ansiedade sistêmica. A análise sustenta que a figura do pai na parábola personifica um alto nível de diferenciação e uma presença não ansiosa, e que suas respostas a ambos os filhos exemplificam uma forma de amor diferenciado que mantém o sistema familiar unido, sem controle ou reatividade. O objetivo homilético é mostrar como um sistema familiar — e, por extensão, uma congregação — pode encontrar renovação, esperança e restauração quando o Pai está em casa.

César De León, PhD, LMFT, e **Carolann De León,** RN, MS em Terapia Conjugal e Familiar, MAPM, são diretores do Departamento do Ministério da Família da Divisão Norte-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia, em Columbia, Maryland, Estados Unidos.

Palavras-chave: Teoria dos Sistemas Familiares, Bowen, diferenciação, corte emocional, presença não ansiosa, filho pródigo, homilética.

O RETRATO DA FAMÍLIA: PREPARANDO O CENÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Em instantes, vamos ler uma das histórias mais conhecidas que Jesus já contou. Você a ouviu muitas vezes. O convite de hoje é ouvi-la como se fosse pela primeira vez: não apenas como uma história sobre salvação, mas como um retrato de família. Um estudo de caso sobre como os seres humanos amam uns aos outros, ferem uns aos outros e, às vezes, pela graça, encontram o caminho de volta para casa.

Murray Bowen, o psiquiatra que desenvolveu a Teoria dos Sistemas Familiares nas décadas de 1950 e 1960, nunca comentou essa parábola. Mas, se o tivesse feito, provavelmente a teria reconhecido como uma das descrições mais precisas de um sistema emocional familiar em toda a literatura (Bowen, 1978). Hoje, nós a lemos sob essa perspectiva e, depois, pelos olhos do Deus que ela revela.

2. O TEXTO BÍBLICO: LUCAS 15:11–32

"Continuou: Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada.

Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.

E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se.

Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.

Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.

Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado" (Lucas 15:11–32, ARA).

3. UM ESTUDO DE CASO SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR

Três personagens. Um lar. Vinte e dois versículos contendo mais compreensão psicológica e espiritual do que muitos livros didáticos conseguem apresentar em trezentas páginas. A Teoria dos Sistemas Familiares não pergunta: "Quem é o problema?". Ela pergunta: "Que papel cada pessoa está desempenhando no sistema?". Com essa pergunta em mente, considere cada personagem, um de cada vez.

4.O ELENCO DE PERSONAGENS

O pai. Voltaremos a ele repetidas vezes. Por enquanto, observe uma característica que o define: ele é o único personagem da parábola que age sem reatividade. Cada uma de suas ações é fruto de uma escolha, não de um impulso. Essa é a marca daquilo que Bowen (1978) chamou de alto nível de diferenciação. Ele é o ponto de quietude em torno do qual gira a tempestade da parábola. Jesus está em casa.

O filho mais novo. O baixo nível de diferenciação se expressa para fora. Ele não consegue encontrar a si mesmo dentro da família, por isso tenta se encontrar fora dela. Bowen diria que isso não é coragem: é uma fuga de um apego não resolvido. Você não consegue fugir de seu sistema familiar. Você o leva consigo.

O filho mais velho. O baixo nível de diferenciação se expressa para dentro. Ele permanece no lar, mas o vivencia como escravidão. Sua identidade se fundiu inteiramente com seu papel de filho responsável. Quando esse papel não recebe reconhecimento, o ressentimento que sempre esteve presente vem à tona no pior momento possível.

Toda família tem uma versão dessas três dinâmicas. À medida que avançamos, o

convite é perceber qual delas você reconhece em si mesmo.

O FILHO MAIS NOVO: CORTE EMOCIONAL E A TERRA DISTANTE

1. "PAI, DÁ-ME A MINHA PARTE": O PEDIDO

Versículo 12. O filho mais novo se aproxima do pai com um pedido que, na Palestina do primeiro século, equivalia a dizer: "Eu gostaria que você estivesse morto". Ele está pedindo sua herança enquanto o pai ainda vive. Os ouvintes de Jesus teriam ficado chocados; a resposta esperada seria a recusa, o castigo, talvez até o rompimento do vínculo de filiação.

Mas o pai divide seus bens entre eles. Sem sermão. Sem castigo. Sem lágrimas. Ele atende ao pedido e deixa o filho partir. A Teoria dos Sistemas Familiares pergunta: "O que esse pedido revela sobre toda a família, não apenas sobre o filho?". Revela que o senso de identidade do filho mais novo não está ancorado em seu interior. Ele precisa de coisas — dinheiro, distância, liberdade — para se sentir alguém. Bowen (1978) chamou esse padrão de corte emocional: lidar com um apego não resolvido buscando o máximo de distância.

2. O QUE O CORTE EMOCIONAL REALMENTE SIGNIFICA

Bowen (1978) definiu corte emocional como uma forma de lidar com o apego emocional não resolvido com a família de origem por meio da redução do contato, seja físico, emocional ou ambos. A expressão-chave é "não resolvido". O filho mais novo não está partindo porque elaborou seu relacionamento com o pai; está partindo porque o relacionamento tem uma carga emocional intensa demais para que ele permaneça.

Eis a percepção mais importante de Bowen sobre o corte emocional: ele não resolve o apego subjacente. A ansiedade que motivou a partida acompanha a pessoa.

A pessoa que precisa do máximo de distância física para lidar com a ansiedade relacionada à família de origem não é mais diferenciada — está em fusão à distância. O corte revela o apego do qual ela está tentando escapar (Bowen, 1978, p. 382).

A intensidade da partida nos diz tudo sobre a profundidade do vínculo não resolvido. O filho mais novo não se limita a sair de casa — ele transforma seus bens em dinheiro e deixa o país. Isso é uma fuga, não uma simples partida. E as fugas, por definição, nos dizem mais sobre aquilo de que estamos fugindo do que sobre o lugar para onde estamos indo.

3. A TERRA DISTANTE: O CORTE EMOCIONAL NÃO CURA

Versículo 13: Ele desperdiçou sua riqueza vivendo de modo desenfreado. A palavra grega é *asotia* — desperdício pródigo, dissipação. Ele gasta todo o dinheiro. E, quando o dinheiro acaba, os amigos desaparecem. Isso não é coincidência — é um sistema. Na terra distante, ele está reproduzindo a mesma dinâmica emocional da qual tentava escapar em casa: uma relação que consome até se esgotar, para então se ver sozinho.

Versículos 14–15: Sobrevém uma fome. Ele acaba cuidando de porcos — para um

jovem judeu, o máximo da contaminação ritual. Todos os mecanismos de enfrentamento se esgotam. Todas as defesas são removidas. Bowen (1978) chamou isso de crise manifesta — a circunstância externa que finalmente desfaz o que sustenta um padrão e força a pessoa a enxergá-lo com clareza. A fome não é castigo. É diagnóstico.

A realidade pastoral é esta: muitas pessoas em nossas congregações estão vivendo sua própria versão da terra distante. Fugiram para o mais longe que puderam. O dinheiro acabou. As amizades desmoronaram. As defesas desapareceram. E, finalmente, a dor é suficiente para que comecem a jornada de volta para casa. A fome é o acontecimento mais importante na vida do filho mais novo em toda a parábola. Não porque o sofrimento seja bom, mas porque, às vezes, o sistema precisa entrar em colapso por completo antes que possamos enxergá-lo com clareza.

4. "CAINDO EM SI": O PONTO DE VIRADA

O versículo 17 contém a frase mais importante da parábola. Em inglês: he came to his senses — ele recobrou o juízo. Em grego: eis heauton de elthon — literalmente, ele voltou a si. Ele havia estado exilado de si mesmo. Vivia em pura reatividade, inteiramente movido pelas circunstâncias externas e pela ansiedade interna.

E então ele voltou a si. Parou. Ouviu a própria voz. Pela primeira vez na história, exerce algo que Bowen (1978) reconheceria como uma diferenciação incipiente — afasta-se do turbilhão reativo e pensa a partir de seu próprio centro. Esse momento não acontece porque alguém interveio. Esse voltar a si acontece no silêncio, no chiqueiro, em meio aos destroços do corte emocional. O sistema precisou entrar em colapso para que a diferenciação começasse. A teologia cristã diria: o Espírito Santo estava presente no chiqueiro. Esse voltar a si não é apenas uma percepção psicológica — é o início da conversão. Mas isso acontece por meio da experiência no chiqueiro, sem contorná-la.

5. O DISCURSO ENSAIADO: UMA NOVA VOZ EMERGE

Versículos 18–19: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores."

Esse discurso é importante não apenas pelo que diz, mas pelo que revela sobre o sistema que o formou. Ele confessa com sinceridade. A fome e a vergonha romperam suas defesas. Ele assume o que fez. Esse é o início de uma voz diferenciada: falar a partir de seu próprio centro, em vez de representar um papel diante de uma plateia.

Mas então ele negocia um novo papel: trata-me como um trabalhador contratado. Ainda acredita que o amor se conquista pela utilidade. Sua teologia do pertencimento continua baseada em uma troca: o valor precisa ser conquistado, e o relacionamento é condicional. Essa é a premissa que orienta o baixo nível de diferenciação. Onde ele aprendeu isso? Não na terra distante. No sistema familiar que o formou. A experiência corretiva que está prestes a viver — aquilo que reescreverá essa premissa no nível do

sistema nervoso — é o que o pai está se preparando para proporcionar.

O PAI: A PRESENÇA NÃO ANSIOSA

1. "VINHA ELE AINDA LONGE..."

Versículo 20: "Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou." O pai o avistou — o que sugere que estava atento à sua chegada. Não andava de um lado para outro, ansioso, nem o vigiava compulsivamente, mas mantinha os olhos no horizonte. Conservou o filho no coração sem persegui-lo, sem manipulá-lo, sem sucumbir à dor de sua partida.

Ele correu. Na Palestina do primeiro século, um patriarca não corria. Para correr, era necessário erguer as vestes, expondo as pernas — algo indigno de um homem de sua posição. O pai não põe na balança sua dignidade e seu filho. Seu amor é mais rápido do que a vergonha do filho.

Ele o abraçou e beijou — antes do discurso ensaiado, antes de a confissão estar completa, antes de qualquer demonstração de reabilitação. A graça vem primeiro. Friedman (1985) chamou isso de presença não ansiosa: uma pessoa cujo estado interior é estável o suficiente para se aproximar de alguém em crise sem ser desestabilizada por essa crise. O pai não está aliviado por ver a crise resolvida. Ele está presente junto ao filho. **Jesus está em casa**.

2. A ROUPA, O ANEL E AS SANDÁLIAS

Versículo 22: "Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés". Cada item é intencional. Cada um desfaz uma mentira que o sistema havia produzido.

A roupa. Ele é coberto antes de terminar a confissão. A melhor roupa — a roupa de honra — comunica a todos da casa: esta pessoa pertence a este lugar. A identidade não é restaurada pelo desempenho; é concedida gratuitamente. Isso contradiz diretamente a premissa produzida pelo baixo nível de diferenciação: preciso conquistar meu direito de voltar.

O anel. No mundo antigo, um anel de sinete conferia autoridade e expressava uma relação de aliança. O pai restitui plenamente a posição do filho antes que ele tenha demonstrado seu valor. A graça precede a reabilitação. Isso não é ingenuidade — é teologicamente radical. Jesus está em casa.

As sandálias. Os escravos andavam descalços. Os filhos usavam sandálias. O primeiro ato de restauração prática do pai responde diretamente ao pedido do próprio filho — Torna-me um servo — com uma recusa clara: Não. Você é filho. A premissa de um relacionamento baseado em trocas está sendo desfeita por uma graça concreta, material.

A festa. A celebração é comunitária — todos da casa participam. O pai não está apenas restaurando um relacionamento particular; está realinhando publicamente a relação do sistema com esse filho. É assim que uma experiência emocional corretiva se apresenta na

prática: não uma percepção, não um conselho, mas um ato de graça concreto e palpável, que oferece uma nova experiência para reescrever a antiga premissa que orientava o funcionamento do sistema.

3. UM RETRATO DE ALTO NÍVEL DE DIFERENCIAÇÃO

Cada ação do pai constitui uma aula de amor diferenciado e não ansioso (Bowen, 1978; Friedman, 1985).

Ele atende ao pedido (v. 12). Deixa o filho partir sem romper o vínculo com ele. Isso é alto nível de diferenciação: a capacidade de deixar partir quem se ama sem perder o amor.

Ele observa sem perseguir (v. 20). Mantém aberta a possibilidade do retorno sem exigi-lo. Essa é a postura do apego seguro: atenta, paciente, sem tentar reter o outro.

Ele corre e, depois, restaura (v. 20–22). Responde com o corpo antes que a mente acompanhe — a compaixão é imediata. Mas a restauração é intencional e completa. Ele não reage por impulso; responde de modo consciente. O comportamento reativo é movido pelo estado da outra pessoa; a resposta consciente é escolhida a partir do próprio centro.

Ele vai ao encontro de ambos os filhos. Aproxima-se de ambos em sua condição de perdidos. Não exige que encontrem o caminho até ele. Ele vai. Jesus está em casa.

Ele fala a verdade sem castigar (v. 31). Ao filho mais velho: "Tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu". Confrontação sem condenação. Ele expressa a verdade que o filho mais velho não consegue enxergar, sem envergonhá-lo por sua cegueira.

O FILHO MAIS VELHO: FUSÃO OCULTA, TRIANGULAÇÃO E HOMEOSTASE

1. O FILHO MAIS VELHO VOLTA DO CAMPO

Versículo 25: O filho mais velho volta do campo — esteve trabalhando, como sempre — e ouve música e danças. Dizem-lhe: "Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado". Ele fica indignado e se recusa a entrar.

Quando o pai sai para suplicar que entre, ele diz: "Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado" (Lucas 15:29–30, ARA).

Cinco palavras revelam toda a vida interior do filho mais velho: todos esses anos fui escravo. Não serviu — foi escravo. *Douleuo*: a palavra que designa servidão compulsória. Ele esteve presente no lar o tempo todo, mas sua experiência interior era de obrigação, não de pertencimento. Isso é o que Bowen (1978) chamou de fusão por meio do desempenho. O filho mais velho não tem identidade fora de seu papel de filho responsável. Seu valor é inteiramente construído sobre seu histórico de obediência. Ele

não consegue simplesmente ser amado; só consegue ser recompensado.

A explosão na festa não é algo novo — é antigo. É ressentimento acumulado que o sistema havia mantido sob a superfície durante anos, possivelmente décadas. A festa não criou isso. Apenas criou as condições em que já não podia ser contido.

2. DUAS MANEIRAS DE ESTAR PERDIDO

Essa parábola não apresenta um filho mau que se perde e um filho bom que permanece fiel. Apresenta dois filhos perdidos: um perdido fora de casa, outro perdido dentro dela.

O filho mais novo está visivelmente perdido. Sabe que está perdido — é isso que o chiqueiro revela. Ele decide, dá meia-volta e caminha para casa. O filho mais velho está perdido de forma invisível. Não sabe que está perdido até que a festa traga isso à tona. Está presente no lar há anos sem jamais habitá-lo como filho. Tem sido um trabalhador em sua própria casa.

Qual dessas maneiras de estar perdido é mais perigosa? A condição visível pode, pelo menos, ser identificada. A condição invisível — a do filho mais velho — pode passar uma vida inteira sem ser enfrentada. Alguém pode ir à igreja todos os domingos, servir fielmente, nunca faltar a uma reunião e estar tão perdido quanto o filho mais novo na terra distante. Na verdade, ainda mais, porque isso não pode ser visto. É significativo que a parábola termine sem nos dizer se o filho mais velho entrou. A história fica em aberto porque Jesus está falando aos filhos mais velhos entre Seus ouvintes, e a pergunta permanece aberta: Você vai entrar?

3. A TRIANGULAÇÃO É RECUSADA

Versículo 30. O filho mais velho diz: “Vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado”. Observe a linguagem: esse teu filho — não meu irmão. Ele rompeu emocionalmente o vínculo de parentesco por meio da linguagem. Também está oferecendo ao pai um triângulo: fique do meu lado contra ele, escolha entre nós, valide meu ressentimento. Essa é a proposta clássica de triangulação — recrutar o pai para a queixa e estabilizar a ansiedade da relação entre duas pessoas, transformando-a em um conflito entre três (Friedman, 1985).

O pai recusa. Versículo 28: “Saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo”. Ele se aproxima do filho mais velho em sua ira, assim como correu ao encontro do mais novo em sua vergonha. E, no versículo 32, suas palavras finais são: “Esse teu irmão estava morto e reviveu”. Ele reformula a linguagem do filho mais velho. Não meu filho — teu irmão. Insiste no parentesco que o filho mais velho está tentando romper. Recusa-se a deixar que o corte emocional prevaleça. O pai não se deixa envolver na triangulação. Ama os dois filhos ao mesmo tempo. Mantém a família inteira no coração sem tomar partido. Ele é o ponto de quietude da parábola***. Jesus está em casa.***

4. HOMEOSTASE: A RESISTÊNCIA SISTÊMICA À GRAÇA

Bowen (1978) descreveu a homeostase como a tendência de um sistema a manter seu equilíbrio emocional preferido. Quando um membro do sistema muda, o sistema reage para restabelecer o equilíbrio conhecido. Não é malícia. É um mecanismo. Os sistemas resistem à mudança, mesmo à mudança redentora.

A festa é uma ruptura na dinâmica do sistema. Aquele que partiu em vergonha retorna em honra. O equilíbrio do sistema foi perturbado. A ira do filho mais velho é resistência homeostática — ele é a voz do sistema tentando retornar ao estado anterior. Sua reação não é apenas pessoal; é sistêmica. Ele fala em nome de todos os padrões estabelecidos que a graça do pai acaba de subverter.

Mas observe: a ira também traz informação. A explosão revela algo que sempre esteve presente no sistema — ressentimento, comparação, a profunda sensação de que o amor é um recurso escasso que precisa ser racionado. A festa não criou isso; apenas o expôs. Os momentos mais dolorosos na dinâmica de um sistema são, muitas vezes, os mais reveladores.

A aplicação pastoral é direta: quando a graça genuína chega a uma família ou congregação — quando o pródigo retorna, quando antigos padrões se rompem, quando surge nova vida —, espere uma resposta homeostática. Espere que os filhos mais velhos fiquem perturbados. Isso é normal. Não é evidência de que a graça esteja errada; é evidência de que o sistema está sendo desafiado (Friedman, 2007).

O PAI DIVINO E NOSSA RESPOSTA

1. DEUS, O PAI PERFEITO E DIFERENCIADO

Agora precisamos perguntar: o que essa parábola nos diz sobre Deus? Jesus a conta em resposta aos fariseus e escribas, que estão murmurando porque Ele come com pecadores (Lucas 15:2). Essa parábola é Sua resposta. O pai não é apenas um homem bondoso em uma história. É um retrato do amor divino.

Deus deixa partir. Como o pai, Deus concede liberdade — conhecendo o custo. A queda é, em termos sistêmicos, o corte emocional máximo em relação ao Pai. Deus não a impede. Ele concede a herança da criação e vê a humanidade partir.

Deus observa. "Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou." Deus está presente até mesmo na terra distante. O corte emocional nunca é total. O Salmo 139 pergunta: para onde posso fugir da Tua presença? A resposta é: para lugar nenhum. Ele está atento ao horizonte. Jesus está em casa.

Deus corre. Romanos 5:8 — "Ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Deus não espera que nossa confissão esteja completa para agir. A cruz é Deus correndo. Aleluia — Jesus está em casa!

Deus recusa o triângulo. Romanos 8:1 — "Agora, pois, já nenhuma condenação há

para os que estão em Cristo Jesus". Deus não toma o partido do acusador contra nós. Ele pronuncia as palavras do pai: teu irmão estava perdido e foi achado.

2. APLICAÇÃO PESSOAL: ONDE VOCÊ SE ENCONTRA?

A parábola foi concebida para alcançar de modo diferente ouvintes diferentes. Se você é o filho mais novo, sabe como é estar numa terra distante. Você fugiu, ou está fugindo, ou acabou de parar de fugir e está no chiqueiro. A fome é real. A vergonha é real. E o pai que observa também é real. Ele viu você quando ainda estava longe. O discurso não precisa estar concluído para que ele comece a correr.

Se você é o filho mais velho, é mais difícil ouvir isso, porque você é fiel. Permaneceu. Serviu. E, no entanto, em algum lugar sob a fidelidade, há um ressentimento que arde lentamente — uma sensação de injustiça, um registro de contas que ninguém sabe que você mantém. As palavras do pai ao filho mais velho são: "Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu". Você sempre esteve em casa. A questão é se aceitará isso — se permitirá ser amado como filho, em vez de recompensado como servo.

Essa parábola se dirige aos dois filhos. Nenhum deles está fora do alcance do pai. Porque Jesus está em casa.

3. CINCO PRÁTICAS QUE DECORREM DESTA PARÁBOLA

a. **Não confunda a terra distante com a solução.** Se você está lidando com um relacionamento doloroso buscando o máximo de distância — a ligação que não atende, o encontro ao qual não comparece, a conversa que adia continuamente —, essa distância não está trazendo cura. A ansiedade continua no comando. Apenas mudou de endereço.

b. **Procure o filho mais velho em sua família ou congregação.** Em toda igreja, há pessoas fiéis, presentes e dedicadas ao serviço que vivenciam a comunidade como escravidão, e não como uma experiência de filiação. Elas não expressarão isso até que a festa o force a vir à tona. Não espere a explosão. Vá ao encontro delas enquanto ainda estão no campo.

c. **Recuse-se a ser envolvido em uma triangulação.** Quando alguém lhe trouxer a história de outra pessoa e pedir que a julgue, acolha a dor, mas redirecione a conversa. Dê nome ao relacionamento que essa pessoa está tentando romper. Diga: seu irmão. Diga: sua irmã. Insista no parentesco que a ansiedade está tentando desfazer.

d. **Proporcione experiências emocionais corretivas.** A roupa antes de o discurso terminar. O anel antes de a reabilitação ser comprovada. A coisa mais poderosa que podemos fazer por uma pessoa formada por um amor baseado no desempenho é oferecer graça radical antes que ela a mereça. O ato concreto de acolhimento incondicional reescreve a premissa que orienta o funcionamento

do sistema — porque Jesus está em casa.

e. **Seja o pai que vai ao encontro.** O pai foi ao encontro dos dois filhos em sua condição de perdidos. O ministério não consiste em esperar que as pessoas encontrem o caminho até o altar; consiste em ir ao encontro delas no campo, no chiqueiro, no lugar de ira do lado de fora da festa. O amor do pai toma a iniciativa — sempre — quando Jesus está em casa.

CONCLUSÃO: "TEU IRMÃO ESTAVA MORTO E REVIVEU"

A parábola termina no meio de uma frase. Versículo 32: "Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado". A última palavra do pai não é um veredicto — é um convite. Você vai entrar? Vai acolher seu irmão? Vai receber a graça que já lhe pertence?

A história fica em aberto porque a pergunta continua aberta para nós. Um pai com alto nível de diferenciação mantém um sistema familiar unido não pelo controle, mas por um amor presente e não ansioso. Dois filhos com baixo nível de diferenciação — um que foge para fora, outro que se funde para dentro. Um sistema mantido unido não pela saúde de seus membros, mas pelo amor de quem o lidera. A ansiedade encontra compaixão, em vez de reatividade. Uma triangulação é proposta e recusada. Um corte emocional é curado por um pai que corre. A resistência homeostática encontra um pai que vai ao encontro. Um final deixado em aberto — o que significa que a história ainda não terminou.

E o anúncio do evangelho: o pai dessa parábola não é apenas um personagem literário. É o retrato do Deus que, em Cristo, correu ao nosso encontro quando ainda estávamos longe. Que deu a roupa antes de o discurso terminar. Que recusou toda triangulação. Que vai ao encontro tanto dos que se afastam em rebeldia quanto dos que obedecem com ressentimento. A última palavra é sempre um convite.

Filho, filha — você sempre está comigo, e tudo o que tenho é seu. Jesus está em casa.

Ao chegarmos ao fim desta mensagem, quero lhe fazer uma pergunta simples: Você permitirá que o Deus que tem ido ao seu encontro durante toda a sua vida cure hoje o seu coração?

Talvez você carregue feridas que ninguém mais consegue ver. Talvez haja relacionamentos rompidos, lembranças dolorosas, profundas decepções ou anos de ressentimento, medo, vergonha e solidão. Talvez seu lar tenha se tornado um lugar de distanciamento, em vez de alegria; de conflito, em vez de conexão; de silêncio, em vez de

amor.

A boa notícia do evangelho é esta: Jesus não veio apenas para perdoar nossos pecados; veio para restaurar nosso coração. Veio para curar o que o pecado despedaçou. Veio para reparar o que foi quebrado. Veio para substituir relacionamentos tóxicos por relacionamentos saudáveis, corações distantes por corações amorosos e lares cheios de dor por lares cheios de Sua paz — tudo para Sua glória.

Hoje, o Salvador convida você a permitir que Ele o ame, transforme e cure de dentro para fora. A serva de Deus descreve de maneira bela como esse milagre acontece:

> *"O amor difundido por Cristo por todo o ser é um poder vitalizante. Todo órgão vital — o cérebro, o coração, os nervos — esse amor toca, transmitindo cura. Por ele são despertadas para a atividade as mais altas energias do ser. Liberta a alma da culpa e da dor, da ansiedade e do cuidado que consomem as forças vitais. Vêm com ele serenidade e compostura. Implanta na alma uma alegria que coisa alguma terrestre pode destruir — a alegria no Espírito Santo — alegria que comunica saúde e vida" (White, 2013, p. 115).*

Que promessa!

Jesus não apenas melhora nossa vida — Ele nos faz novos. Seu amor cura a mente. Seu amor restaura o coração. Seu amor renova nossos relacionamentos. Seu amor nos dá uma alegria que nenhuma circunstância pode roubar e uma paz que nenhuma provação pode vencer.

Não há outro caminho para a verdadeira cura. Não há substituto para o amor transformador de Cristo.

O apóstolo Paulo declara: "Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Romanos 5:5, ARA).

Hoje, se seu coração anseia por essa cura... se você quer que Jesus restaure seu relacionamento com Ele, com seu cônjuge, seus filhos, seus pais ou outras pessoas... se quer que Seu amor substitua o medo pela esperança, a amargura pelo perdão e o que está despedaçado pela inteireza, convido você a responder ao Seu chamado.

Abra seu coração Àquele que nunca deixou de ir ao seu encontro.

Permita que Seu amor faça o que nenhum esforço humano jamais conseguirá realizar.

Deixe que Ele restaure você por inteiro.

Oremos.

REFERÊNCIAS

Bowen, M. (1978). *Terapia familiar na prática clínica.* Jason Aronson.

Friedman, E. H. (1985). *De geração em geração: dinâmicas familiares na igreja e na sinagoga.* Guilford Press.

Friedman, E. H. (2007). *Uma falha de coragem: liderança na era das soluções rápidas.* Seabury Books.

Sociedade Bíblica do Brasil. (1993). *Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada*. Sociedade Bíblica do Brasil.

White, E. G. (2013). *A Ciência do Bom Viver* [edição digital]. Ellen G. White Estate, Inc.

A FAMÍLIA SOB PRESSÃO: O TEMOR DE DEUS, OS PADRÕES GERACIONAIS E A COMUNICAÇÃO QUE CURA

POR KOMLAN ADJÉDODA DJOSSOU

TEXTO BÍBLICO

1 Samuel 2:12–17, 22–25

RESUMO

As Escrituras descrevem as forças que edificam e destroem os lares com um realismo que antecipa as modernas ciências humanas. Este estudo examina três famílias bíblicas sob pressão e desenvolve a análise de cada uma à luz dos escritos de Ellen G. White. Eli e seus filhos mostram como a ausência do temor de Deus desmantela a autoridade dos pais e corrompe o culto. A linhagem de Abraão, Isaque e Jacó mostra como padrões de engano não confessados se repetem ao longo das gerações e como o exemplo de piedade também é transmitido de uma geração a outra. José e seus irmãos mostram como o favoritismo e

Komlan Adjédoda Djossou, mestre em Religião, é secretário de campo da Divisão Centro-Oeste Africana, em Abidjan, Costa do Marfim, e presidente e diretor do Ministério da Família da União Missão do Sahel Oriental, em Lomé, Togo.

o silêncio dividem uma família e como o perdão e o diálogo a restauram. Disso decorrem três conclusões. O temor de Deus é o fundamento do bem-estar familiar. A tendência herdada cria vulnerabilidade, nunca inevitabilidade, porque a graça rompe o ciclo. E a comunicação que não deixa ninguém para trás é o instrumento que Deus usa para curar os lares. Como o lar é a primeira escola e a primeira igreja, sua restauração é o ponto de partida para a renovação da sociedade e da igreja.
Palavras-chave: Ministério da Família, temor de Deus, padrões geracionais, comunicação familiar, reconciliação, Ellen G. White.

A FAMÍLIA SOB PRESSÃO: O TEMOR DE DEUS, OS PADRÕES GERACIONAIS E A COMUNICAÇÃO QUE CURA

A família contemporânea está sob uma pressão que é, ao mesmo tempo, espiritual, moral, relacional e social. Muito antes de as modernas ciências humanas darem nome a essas forças, as Escrituras já as haviam exposto com impressionante realismo. Hoje examinaremos três famílias bíblicas: Eli e seus filhos, um caso de fracasso na liderança espiritual (1 Samuel 2:12–17, 22–25); a linhagem de Abraão, Isaque e Jacó, que ilustra a transmissão do pecado entre as gerações; e José e seus irmãos, um estudo sobre favoritismo, falhas na comunicação e restauração. Cada caso segue um mesmo método — exposição do Texto, desenvolvimento teológico a partir dos escritos de Ellen G. White, contribuições da literatura cristã sobre a família e aplicação pastoral.

O argumento se desdobra em três pontos. O temor de Deus é o fundamento do bem-estar familiar. Os padrões geracionais de pecado são reais, mas não definitivos, porque a graça pode rompê-los. E a comunicação restauradora — aquela que não deixa ninguém para trás — é o instrumento por meio do qual Deus cura os lares. A família é, portanto, nas palavras de Ellen G. White, o coração da sociedade, da igreja e da nação, e sua restauração é o ponto de partida para toda renovação social e eclesiástica (*White*, 2004, p. 15).

O TEMOR DE DEUS: ELI E SEUS FILHOS

O CASO BÍBLICO

Eli era sacerdote e líder espiritual em Israel, mas falhou em orientar seus próprios filhos. O Texto é inequívoco: “Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial e não se importavam com o SENHOR” (1 Samuel 2:12, ARA). Eli repreendeu verbalmente Hofni e Fineias (1 Samuel 2:23–25), mas nunca exerceu uma autoridade paterna firme. Seus filhos desonraram a Deus por meio da imoralidade e da corrupção do culto, e o juízo recaiu sobre toda a família (1 Samuel 3:11–14). O caso revela uma autoridade enfraquecida, a ausência de reverência e a falta de um exemplo de santidade — o exato oposto da pedagogia familiar bíblica: “O temor do SENHOR é o princípio do saber” (Provérbios 1:7), a ordem de transmitir diligentemente os ensinos divinos (Deuteronômio 6:5–9) e o compromisso de Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR” (Josué 24:15).

A reverência a Deus começa no lar, e uma família sem disciplina espiritual perde gradualmente sua direção moral.

O TEMOR DO SENHOR COMO FUNDAMENTO

Para Ellen White (2006), a afirmação "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" estabelece o fundamento sobre o qual os lares cristãos devem ser edificados (v. 8, p. 199). Os pais que colocam Deus em primeiro lugar "glorificam a Deus diante dos anjos e dos homens, oferecendo ao mundo o espetáculo de uma família bem-dirigida e bem-educada — uma família que ama e obedece a Deus e contra Ele não se rebela" (White, 2004, v. 5, p. 424). A lei de Deus é o instrumento central da educação no lar, e os pais têm a obrigação de obedecer a ela, "dando aos filhos um exemplo da mais estrita integridade" (White, 2006, v. 8, p. 199). Essa obediência não é uma conformidade exterior; brota de corações que "diligentemente dão ouvidos à voz do Senhor" (White, 2006, v. 8, p. 199). Aqueles que ocupam posições de responsabilidade também devem "guardar bem os seus caminhos e atos, conservando sempre diante de si o temor do Senhor" (White, 2007, p. 359) — uma exigência que Eli deixou, de maneira evidente, de cumprir.

Onde a reverência verdadeiramente reina, ela produz frutos visíveis, trazendo "a influência suavizadora e subjugadora dos anjos", de modo que "o coração dos pais e dos filhos se encherá de santa alegria" (White, 1981–1993, v. 19, p. 86). Não se trata de pavor opressivo, mas de reverente admiração. Nesses lares, escreve White (2004), "Cristo não será um estranho numa família assim; Seu nome lhe será familiar e O reverenciarão e glorificarão" (v. 5, p. 424). Essas famílias podem reivindicar a promessa: "Aos que me honram, honrarei" (1 Samuel 2:30) — pronunciada, com a mais profunda ironia, justamente no oráculo que repreende a casa de Eli.

O PAI COMO SACERDOTE DO LAR

O pai tem uma responsabilidade específica: ele "deve atuar como sacerdote em seu próprio lar", colocando-se à frente dele "não como um menino crescido e indisciplinado, mas como um homem de caráter varonil e com suas paixões sob controle" (*White*, 1981–1993, v. 10, p. 188). Essa liderança não se encerra à porta de casa. Quando esse pai sai para cumprir seus deveres cotidianos, vai "com espírito manso e submisso, adquirido pela sua comunhão com Deus. Será um cristão, não só de nome, mas em seu trabalho e em todas as suas transações comerciais" (White, 2004, v. 5, p. 424). A reverência cultivada no lar forma um caráter que se mantém íntegro em todas as esferas. Eli — sacerdote no santuário, mas faltoso em seu próprio lar — personifica a trágica separação entre a função pública e o sacerdócio doméstico.

FIRMEZA DE PRINCÍPIOS

Ellen White (1954) identifica a reverência como a primeira lição que os pais devem

ensinar e lamenta que muitos pais cristãos tenham deixado de ensinar aos filhos "a primeira lição do cristianismo: 'O temor do Senhor é o princípio da sabedoria'" (p. 87). Sem esse fundamento, os filhos permanecem cativos de suas inclinações, pois "a estultícia está ligada ao coração da criança" (Provérbios 22:15); no campo missionário do lar, os pais enfrentam "o amor à tolice, o desejo de fazer o mal, a aversão às coisas santas" (White, 1954, p. 87). Por isso, não deve haver "frouxidão nos princípios que regem a família" (*White*, 1954, p. 87), pois "os pais devem guardar o caminho do Senhor. Todos os outros caminhos são proibidos" (White, 1981–1993, v. 19, p. 86). Limites claros oferecem aos filhos uma base segura para a formação do caráter, uma vez que "sobre pais e mães repousa, em grande medida, a responsabilidade pela formação do caráter que seus filhos recebem" (*White*, 1954, p. 87).

O VEREDICTO SOBRE A CASA DE ELI

O diagnóstico de Ellen White (1890) é preciso: "Eli, porém, permitiu que seus filhos o governassem. O pai se tornou sujeito aos seus filhos" (p. 575). Essa inversão produziu filhos que, "desde a infância se haviam acostumado ao santuário e aos seus serviços; mas em vez de se tornarem mais reverentes perderam toda a intuição da santidade e significação do mesmo" (White, 1890, p. 575–576). A falha de Eli era que ele "amava mais a comodidade, a tranquilidade e a paz do que a pureza e a justiça"; suas repreensões não decorriam de incapacidade, mas de uma renúncia deliberada à responsabilidade, pois, se adquirir firmeza piedosa estivesse "além de seu poder de obtê-la pelo exercício [...] então a justiça retributiva de Deus não teria recaído tão pesadamente sobre ele" (White, 1880b, par. 8).

As consequências ultrapassaram em muito sua própria mesa. "Por causa da posição de Eli, sua influência era mais ampla do que se ele fosse um homem comum. Sua vida familiar era imitada em todo o Israel", e os resultados de "seus hábitos negligentes e de seu amor à comodidade eram vistos em milhares de lares moldados por seu exemplo" (White, 1893, p. 219). A mesma advertência reaparece em escala nacional. Quando a proteção divina foi retirada de Israel, "na família e na sociedade [...] havia suspeita, inveja, ódio, contenda, rebelião, assassínio", pois "o temor de Deus não mais os perturbava" (White, 1911, p. 28). Onde a reverência desaparece do lar, o caos e a crueldade substituem a ordem, o amor e a presença divina.

PADRÕES GERACIONAIS: ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ

O CASO BÍBLICO

O segundo caso acompanha uma linhagem, e não apenas uma família. Abraão mentiu a respeito de Sara, apresentando-a como sua irmã (Gênesis 12:10–20). Isaque

repetiu o mesmo engano com Rebeca (Gênesis 26:6–11). Jacó tornou-se conhecido pela manipulação, chegando a roubar a bênção de seu pai (Gênesis 27:1–36). O padrão envolve hábitos transmitidos, fraqueza moral herdada e o poder formador do exemplo dos pais. As Escrituras enunciam o princípio diretamente: Deus visita "a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que" O aborrecem, mas faz "misericórdia até mil gerações daqueles que" O amam (Êxodo 20:5–6), e "aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gálatas 6:7). Essa herança pode incluir comportamentos aprendidos, feridas emocionais, vícios, desonestidade e insegurança. Com igual força, as Escrituras ensinam que a graça pode romper o ciclo.

A TRANSMISSÃO DO CARÁTER E DOS HÁBITOS

Ellen White leva essa transmissão a sério: "Homens e mulheres transmitem seu caráter, para o bem ou para o mal, a seus filhos e aos filhos de seus filhos" (1981–1993, v. 10, p. 107). A transmissão ocorre tanto pela herança quanto pelo exemplo, de modo que "por herança e exemplo os filhos se tornam participantes do pecado do pai. Más tendências, apetites pervertidos e moral vil [...] são transmitidos como um legado de pai a filho, até a terceira e quarta geração" (White, 1890, p. 306). Ambos os pais transmitem aos filhos "suas disposições e apetites", chegando até à dependência, pois "alcoólicos e fumantes podem transmitir, a seus filhos seu insaciável desejo [...] e efetivamente o fazem" (White, 2005, p. 173–174).

Mais preocupante é o efeito cumulativo quando esses padrões não são enfrentados: "Como os filhos têm menos força para resistir à tentação do que o tiveram seus pais, a tendência é para que cada geração decaia mais e mais" (White, 2005, p. 174). As mesmas práticas, "continuadas pelos filhos, vão crescendo e perpetuando os maus resultados" (White, 2007, Conselhos para a Igreja, p. 106). A repetição do engano em Abraão, Isaque e Jacó ilustra exatamente essa dinâmica: o que a primeira geração tolera, a segunda pratica e a terceira sistematiza.

RESPONSABILIDADE PESSOAL APESAR DA TENDÊNCIA HERDADA

White afirma com igual clareza a existência da tendência herdada e da responsabilidade pessoal. Os filhos "não são castigados pela culpa" dos pais, "a não ser que participem de seus pecados" (1890, p. 306), embora "o exemplo dos pais seja imitado pelos filhos" (White, 1864, v. 3, p. 291). A distinção é teologicamente decisiva: a herança cria vulnerabilidade, nunca inevitabilidade. "Se os filhos de pais ímpios servissem a Deus e praticassem a justiça, Ele recompensaria seu proceder correto"; esses filhos são "verdadeiramente desafortunados" pelas desvantagens que enfrentam, mas não estão sem esperança se buscarem renovação pela graça (White, 1870, v. 1, p. 257). Cada pessoa se apresenta diante de Deus com o poder de escolher. José, bisneto de Abraão e filho do

enganador Jacó, oferece a prova mais clara disso.

A ESTRATÉGIA DE SATANÁS E O REMÉDIO DE DEUS

Ellen White (1898) revela a dimensão espiritual do conflito: "Satanás sabe disso muito bem, e é por meio dessa transmissão hereditária que ele perpetua sua obra". Pais entregues à intemperança "certamente imprimirão em seus descendentes os efeitos de suas práticas degradantes"; contudo, por meio da educação física, mental e moral, "todos podem tornar-se cooperadores de Cristo" para "restaurar no ser humano a imagem moral de Deus" (par. 3). O poder para romper ciclos destrutivos está na cooperação com a graça: "Se os pais pudessem seguir o resultado de seu procedimento, e ver como, por seu exemplo e ensinos, perpetuam e aumentam o poder do pecado ou o da justiça, certamente se operaria uma mudança" (White, 1905, p. 131). Os pais determinam, em grande medida, "se trarão ao mundo filhos que se revelarão uma bênção ou uma maldição" (White, 1897, p. 56); onde os filhos não são ensinados a guardar o caminho do Senhor, "o inimigo entra para ocupar os pensamentos. Deus é esquecido" (White, 1981–1993, v. 10, p. 107).

ABRAÃO COMO EXEMPLO DE CONTRASTE

Os padrões de justiça são transmitidos tão certamente quanto os pecaminosos. "Pais piedosos, que instruem seus filhos por preceito e exemplo nos caminhos da justiça, geralmente verão seus filhos seguindo suas pegadas [...] e, assim, a influência é vista de geração em geração" (White, 1864, v. 3, p. 291). É por isso que Ellen White (1886) coloca Abraão e Eli em contraste deliberado: "A história de Eli foi dada para que todos os pais evitassem seu erro. O exemplo de Abraão foi registrado para mostrar que Deus aprova o exercício de uma influência restritiva na família" (p. 286). Apesar de suas falhas, Abraão recebeu o testemunho do próprio Deus: "Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor" (Gênesis 18:19). A educação que deu a Isaque, que "o levou a amar uma vida de nobre obediência, está registrada para o benefício dos pais" (White, 1870, v. 1, p. 105). A linhagem patriarcal ensina, portanto, uma dupla verdade: falhas não confessadas se repetem, e a fidelidade também atravessa as gerações.

APLICAÇÃO ÀS FAMÍLIAS DE HOJE

A tarefa pastoral é identificar os padrões familiares destrutivos, buscar arrependimento e renovação, ensinar a veracidade aos filhos, substituir o discurso sobre "maldições hereditárias" pelo discipulado bíblico e orar intencionalmente pela cura da família. A literatura cristã sobre a família converge com esse diagnóstico: Cloud e Townsend (1992) mostram que os padrões disfuncionais persistem até serem conscientemente confrontados, e Friedman (1985) explica como a ansiedade e os sistemas emocionais prejudiciais à saúde passam de uma geração a outra. A teologia bíblica da

herança, portanto, não é determinista nem ingênua. Ela identifica o peso do passado precisamente para proclamar a graça que o rompe.

COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO: JOSÉ E SEUS IRMÃOS

O CASO BÍBLICO

O terceiro caso reúne os dois primeiros e acrescenta a dimensão da comunicação. Os irmãos de José sentiam-se rejeitados porque Jacó o favorecia abertamente (Gênesis 37:3–4). Falhas na comunicação, ciúme, exclusão emocional e conflitos não resolvidos produziram ódio e, depois, traição: José foi literalmente deixado para trás em uma cisterna e vendido como escravo (Gênesis 37:18–28). Contudo, a narrativa termina em restauração, pois, por meio do perdão, do diálogo e da compaixão, José reconstruiu o que havia sido desfeito (Gênesis 42–45). As epístolas apresentam os princípios da comunicação cristã: abandonar a falsidade e falar a verdade em amor (Efésios 4:25–32), revestir-se de compaixão, humildade e perdão mútuo (Colossenses 3:12–14) e, "se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Romanos 12:18). Famílias saudáveis se recusam a deixar alguém para trás. Cada filho importa, cada voz é ouvida, os vulneráveis são protegidos e a comunicação permanece aberta.

O FAVORITISMO É CONDENADO

Ellen White (1954) aconselha diretamente contra o favoritismo dos pais: "Não deve haver nenhuma concessão de favores ou especiais atenções a uns poucos, nenhuma preferência de um sobre outro. Isto desagrada a Deus" (p. 236). Ela reconhece como essa tendência é natural, especialmente quando os pais "sentem que eles próprios possuem capacidade superior"; mas, quando o favoritismo molda a disciplina, "um grande mal é feito aos nossos filhos quando permitimos que suas faltas fiquem sem correção" (White, 1954, p. 236). Foi precisamente isso que a casa de Jacó experimentou: falhas ignoradas em um filho favorecido, severidade desigual para com os demais e, em resposta, profundo ressentimento, pois a preferência do pai por José despertou ciúme e ódio em seus irmãos (White, 1890, p. 209–212). A alternativa é o amor paciente, pois "os membros da família não têm todos o mesmo feitio de caráter [...] mas, por meio do amor e da disciplina própria, todos podem ser unidos pelos mais estreitos laços", enquanto os pais "exemplificam o amor e a beneficência do Pai celestial" (White, 1893, p. 229). Como Deus não faz acepção de pessoas entre Seus filhos, os pais que demonstram favoritismo distorcem, aos olhos dos filhos, a própria imagem do amor de Deus.

A PALAVRA QUE EDIFICA

A comunicação familiar saudável repousa na presença de Cristo no lar: "Religião é amor, e o lar cristão é aquele onde o amor reina e encontra expressão em palavras e atos de solícita bondade e gentil cortesia" (White, 2004, v. 5, p. 335). Quem "é cristão

terá palavras bondosas para seus parentes e companheiros" (White, 1892, par. 7), pois "corações cheios do amor de Cristo nunca podem estar em desarmonia" (White, 2004, v. 5, p. 335). O conselho prático de Ellen White é notavelmente específico: "Não permitam que a língua fale de modo irrefletido no lar. Eduquem-se para dizer palavras agradáveis na família. [...] Cultivem um tom de voz suave e persuasivo, não áspero e autoritário" (1981–1993, v. 19, p. 70). Ela adverte que "uma única palavra áspera, irrefletida [...] poderá fechar de tal modo a porta de corações, que nunca mais sejam alcançados" (White, 2004, v. 5, p. 335).

Essa pedagogia da fala se estende aos filhos: "Dêem às crianças lições de educação da voz. Treinem seus hábitos de fala até que palavras grosseiras ou ásperas não saiam espontaneamente de seus lábios quando lhes sobrevier alguma provação" (White, 1981–1993, v. 19, p. 70). Os filhos são "herdeiros de Deus, membros da família celestial" e merecem que se fale com eles de acordo com essa condição (White, 1892, par. 7). Quanto às divergências, "cesse o espírito de controvérsia, tanto no lar quanto na igreja" (White, 2004, v. 5, p. 335). Uma vez que "os mesmos princípios que caracterizam a vida no lar devem ser transportados para a igreja" (White, 2004, v. 5, p. 335), a qualidade da fala na família tem consequências muito além do ambiente doméstico.

JOSÉ COMO AGENTE DE RESTAURAÇÃO

Em uma família disfuncional, José demonstra a permanência da instrução recebida nos primeiros anos. Ele "era mais obediente aos justos ensinamentos do pai do que qualquer de seus irmãos" (*White*, 2008, p. 100), e "as lições dadas a José em sua juventude por Jacó, ao expressar sua firme confiança em Deus [...] eram exatamente as lições de que ele necessitava em seu exílio entre um povo idólatra" (*White*, 1880a, par. 10). Na hora da intensa tentação, "as primeiras impressões feitas em sua mente protegeram seu coração", e ele respondeu: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?" (Gênesis 39:9). O irmão que a família excluiu tornou-se instrumento de Deus para a salvação de todos eles — prova viva de que uma família restaurada não deixa ninguém para trás.

CURA E RESTAURAÇÃO EM CRISTO

A restauração está no centro da missão de Cristo e, por isso, deve caracterizar o lar cristão: "A obra de Cristo era restaurar o homem a seu estado original, e curá-lo, mediante o poder divino, das feridas e lesões causadas pelo pecado" (White, 2007, p. 430). Esse propósito precedeu a própria queda, pois "antes que o pecado criasse a necessidade, Deus providenciara o remédio" (White, 2008, Educação, p. 113). Nenhuma situação familiar está fora do alcance da graça redentora. Contudo, a restauração exige cooperação: "A parte do homem é apoderar-se pela fé dos méritos de Cristo e cooperar com as forças divinas na formação de um caráter íntegro" (*White*, 2007, p. 430). Quem caiu

"pode compenetrar-se de seu erro, e encher-se de remorso; mas não pode restabelecer-se a si mesmo" — uma descrição exata da impotência em que vivem muitos membros feridos de uma família. O remédio vem pelo amor de Cristo que flui por intermédio de outras pessoas, pois "unicamente o amor que emana do coração de Cristo, pode curar" (White, 2008, Educação, p. 113–114).

O verdadeiro despertamento espiritual produz reconciliação entre as gerações. "O coração dos pais se convertia aos filhos, e o dos filhos aos pais. As barreiras do orgulho e reserva foram varridas. Fizeram-se confissões sinceras" (White, 2008, História da Redenção, p. 359). Onde Cristo habita, a evidência é inequívoca: "Manifesta-se a doçura de temperamento. Não há paixão irada, obstinação ou suspeitas malignas" (White, 1899b, par. 3). E o próprio evangelho, não a técnica humana, é o agente de cura, pois "quando o evangelho é recebido em sua pureza e poder, é uma cura para as doenças originadas pelo pecado", ao passo que a fama, o engenho e o talento permanecem "impotentes para alegrar um coração dolorido"; "a vida de Deus na alma, eis a única esperança do homem" (White, 2013, p. 115). A restauração duradoura exige, portanto, mais do que uma estratégia de resolução de conflitos. Exige o poder transformador do evangelho em cada coração.

SÍNTESE TEOLÓGICA: A FAMÍLIA COMO ESCOLA E IGREJA

Os três casos convergem para uma única doutrina da família. Primeiro, o lar é a primeira escola, e "seus primeiros instrutores devem ser seu pai e sua mãe". Ali o caráter é moldado, e "nesse ambiente o destino das almas é, muitas vezes, amplamente influenciado" pelas "lições de respeito, obediência, reverência e domínio próprio" (*White*, 1985b, p. 263) — precisamente o que Hofni e Finéias nunca aprenderam. A alternativa é preocupante: "Se ele não for devidamente instruído por seus pais, Satanás o instruirá no mal por meio dos agentes mais condenáveis" (*White*, 1981–1993, v. 8, p. 4).

Segundo, o lar é a primeira igreja. "O lar é tanto uma igreja familiar quanto uma escola familiar" (*White*, 1981–1993, v. 6, p. 350), onde "o pai é o sacerdote do lar, responsável perante Deus pela influência que exerce sobre cada membro de sua família" (*White*, 1985a, v. 1, p. 77). Sua atmosfera deve ser "tão espiritual que todos os membros da família, pais e filhos, sejam abençoados e fortalecidos pela convivência uns com os outros", pois aqueles que vivem nesse ambiente "estão sendo preparados para ingressar na escola do alto" (*White*, 1981–1993, v. 6, p. 350).

Terceiro, a paternidade e a maternidade são um encargo sagrado. "Ao tornarem-se pais, é-lhes confiado um santo legado" (*White*, 1905, p. 357), e "deles depende em grande medida o bem-estar dos filhos neste mundo, e sua felicidade no mundo por vir" (*White*, 2007, Conselhos para a Igreja, p. 115). Todo pai e toda mãe cristãos têm "a solene obrigação de dar aos filhos uma educação que os leve a alcançar o conhecimento

do Senhor" (White, 1981, p. 42); contudo, "mesmo os pais que se esforçam por fazer o melhor não têm a centésima parte da compreensão que deveriam ter do valor de uma alma humana" (White, 1981–1993, v. 8, p. 4).

Quarto, a influência do lar alcança igualmente a sociedade e a igreja. "Da qualidade do lar depende a condição da sociedade" (White, 1905, p. 357), e "os lares cristãos, estabelecidos e mantidos conforme o plano de Deus, contam-se entre os Seus meios mais eficazes para a formação do caráter cristão e para o avanço de Sua Obra" (White, 2004, v. 6, p. 430), destinados a ser "um símbolo da família do Céu" (White, 1899a, par. 9). Por isso, "a restauração e o reerguimento da humanidade começam no lar. A obra dos pais é a base de toda outra. [...] A felicidade da sociedade, o êxito da igreja, a prosperidade da nação, dependem das influências domésticas" (White, 1995, p. 119).

Por fim, os retratos bíblicos formam um currículo permanente: "Lede a história de Abraão, Jacó, José, Moisés, Davi e Eliseu" (White, 2004, Vida no Campo, p. 23). Deus honra a fidelidade dos jovens formados nesses lares: "Escolheu José em sua juventude para realizar uma obra especial em favor de Seu povo. Aceitou Samuel quando sua mãe o dedicou a Seu serviço e passou por alto o sacerdote idoso que havia negligenciado cumprir seu solene e sagrado encargo" (White, 1981–1993, v. 2, p. 278). Essa única frase reúne as três narrativas em um só contraste.

CONCLUSÃO

As Escrituras apresentam a família como a primeira escola de reverência, caráter, comunicação, inclusão e cura. Os três casos iluminam uns aos outros. A casa de Eli mostra que, sem o temor de Deus, a autoridade dos pais desmorona e o próprio santuário é profanado. A linhagem patriarcal mostra que falhas não confessadas se repetem ao longo das gerações e que o exemplo de piedade também é transmitido. A casa de Jacó mostra que o favoritismo e o silêncio destroem, enquanto o perdão e o diálogo restauram. White ensina de forma consistente que o lar é o coração da sociedade, da igreja e da nação (2004, O Lar Adventista, p. 15). Quando as famílias cultivam reverência, comunicação saudável, inclusão intencional e responsabilidade espiritual, tornam-se instrumentos de missão e cura. A família sob pressão, portanto, não está condenada a se fragmentar. Sob a graça, pode tornar-se, como a família de Jacó restaurada por meio de José, o próprio cenário da redenção.

TABELA 1

Resumo comparativo dos três estudos de caso

Tema	Família bíblica	Problema central	Lição central
Temor de Deus	Eli e seus filhos	Negligência espiritual	A reverência a Deus deve começar no lar
Padrões geracionais	Abraão, Isaque e Jacó	Engano repetido	Os padrões herdados são rompidos pela graça
Comunicação e inclusão	José e seus irmãos	Favoritismo e exclusão	A comunicação saudável restaura as famílias

Nota. Cada caso é extraído da narrativa bíblica e desenvolvido à luz dos escritos de Ellen G. White.

REFERÊNCIAS

Cloud, H., & Townsend, J. (1992). *Limites: quando dizer sim e como dizer não para assumir o controle da própria vida.* Zondervan.

Friedman, E. H. (1985). *De geração em geração: dinâmicas familiares na igreja e na sinagoga.* Guilford Press.

White, E. G. (1864). *Dons espirituais* (v. 3). Seventh-day Adventist Publishing Association.

White, E. G. (1870). *O espírito de profecia* (v. 1). Seventh-day Adventist Publishing Association.

White, E. G. (1880a, 1º de janeiro). *The Health Reformer*.

White, E. G. (1880b, 1º de março). *The Health Reformer*.

White, E. G. (1886). *Esboços históricos das missões estrangeiras dos adventistas do sétimo dia.* Imprimerie Polyglotte.

White, E. G. (s.d.). *Patriarcas e Profetas*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (1892, 1º de julho). *The Bible Echo.*

White, E. G. (2007). *Fundamentos da Educação Cristã*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (s.d.). *Medicina e Salvação*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (1898, 1º de maio). *The Gospel of Health*.

White, E. G. (1899a, 4 de setembro). *The Bible Echo*.

White, E. G. (1899b, 21 de setembro). *Mensagens aos Jovens*.

White, E. G. (2008). *Educação*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2013). *A Ciência do Bom Viver* [edição digital]. Ellen G. White Estate, Inc.

White, E. G. (1911). *O Grande Conflito*. Pacific Press.

White, E. G. (2007). *Conselhos sobre Saúde*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2004). *Vida no Campo*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2008). *História da Redenção*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2004). *Testemunhos para a Igreja* (v. 5–6). Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2006). *Testemunhos para a Igreja* (v. 8). Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2005). *Temperança*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2004). *O Lar Adventista*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (s.d.). *Orientação da Criança*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (1981). *Conselhos de Pedro aos pais*. Ellen G. White Estate.

White, E. G. (1981–1993). *Manuscritos divulgados* (v. 1–21). Ellen G. White Estate.

White, E. G. (1985a). *Folhetos de anotações da Biblioteca de Elmshaven* (v. 1). Leaves-of-Autumn Books.

White, E. G. (1985b). *Coleção Spalding e Magan de testemunhos manuscritos inéditos de Ellen G. White*. Leaves-of-Autumn Books.

White, E. G. (1990). *Os anos da aposentadoria*. Review and Herald.

White, E. G. (2007). *Conselhos para a Igreja*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (1995). *Ministério Pastoral*. General Conference Ministerial Association.

HISTÓRIAS **INFANTIS**

Histórias infantis podem ser usadas nos sábados especiais dedicados à família. Use objetos e materiais que estejam facilmente disponíveis e possam ajudar a ilustrar a história.

- **DE OLHO EM JESUS** **54**

  Uma divertida brincadeira de "*Estou vendo...*" torna-se um lembrete para procurar Jesus nos momentos do dia a dia, em lugares inesperados e até nas dificuldades.

- **ESCOLHENDO A BONDADE** **57**

  Uma família cansada das provocações e discussões aceita um "*Desafio da Bondade*" e descobre como pequenos atos de amor podem transformar seu lar.

- **ONDE ESTÁ JESUS?** **60**

  Mia procura Jesus e começa a reconhecê-Lo na natureza, nas atitudes amorosas de sua família e até na pessoa que vê no espelho.

DE OLHO **EM JESUS**

POR MINDY SALYERS

TEXTO:
Jeremias 29:13

Não me lembro de quando minha família começou a brincar de "Estou vendo...". Talvez tenha sido no consultório do pediatra, enquanto esperávamos por uma consulta, ou na fila do caixa do banco. Seja quando for que tenha começado, a brincadeira continua sendo uma das preferidas da família para passar o tempo.

E você também brinca, não é? Sabe aquela brincadeira em que uma pessoa escolhe um objeto e diz: "Estou vendo com meus olhinhos uma coisa roxa", ou: "Estou vendo com meus olhinhos uma coisa redonda!"? Então todos os outros participantes tentam descobrir depressa qual foi o objeto que a pessoa viu. Alguém pode gritar: "É o laço roxo daquela menina?". Outra pessoa pode perguntar: "É a bola daquele cachorro?". A cada tentativa, quem escolhe o objeto responde "sim" ou "não", até que alguém descubra o objeto certo.

E quando é mais fácil brincar de "Estou vendo..."? Provavelmente quando você está sentado em um lugar onde pouca coisa muda, como dentro de um avião ou em uma sala de concertos antes de um recital de piano.

Mas você também sabe quando é mais difícil brincar, não é? Pode ser um desafio quando tudo ao seu redor está mudando. É difícil avistar o carro verde que passa na direção contrária ou a pessoa segurando um guarda-chuva enquanto você está lá no alto de uma roda-gigante. Isso já aconteceu com você durante a brincadeira? Então provavelmente você disse: "Ah, as coisas estão passando depressa demais!", ou: "Já sumiu?". É difícil prestar atenção quando tudo ao nosso redor está mudando!

Mindy Salyers, LCMHC-A, MSC, BA, atua nos Estados Unidos como educadora do ensino fundamental e orientadora escolar. É também formadora certificada pelo programa OLWEUS.

Mas a brincadeira fica ainda mais difícil quando você nem sabe que ela está acontecendo, não é? Quando minha filha, Brynlie, tinha 3 anos, às vezes trazia objetos misteriosos de nossas caminhadas pela manhã. Sem me contar, ela os escondia pela casa. Certa vez, enquanto eu preparava o almoço, abri um armário e encontrei três pedras entre as latas de alimentos da despensa! Embora eu não tenha servido pedras em nossa refeição, aquilo me fez perceber que eu precisava estar sempre pronta para brincar de "Estou vendo...".

Em outra ocasião, abri a geladeira e tive a maior surpresa de todas. Ali, em cima dos potes com sobras de comida, entre a embalagem de ketchup e a jarra de limonada, estava um bonequinho de plástico. Poderia ter sido um ímã de geladeira em forma de letra, ou talvez uma tigelinha e uma colher de brinquedo. Essas coisas fariam sentido, com uma criança pequena brincando na cozinha enquanto a mamãe preparava a comida. Mas não era nada disso! Em vez disso, no lugar mais improvável, olhando para mim de dentro da geladeira, estava um bonequinho de Jesus! Fiquei espantada ao vê-Lo sentado ali, provavelmente gelado e tremendo com a temperatura de cerca de 2 °C. Mais tarde, quando perguntei a Brynlie por que eu tinha encontrado Jesus na geladeira, ela simplesmente respondeu: "Você viu Jesus ali porque Ele está em todo lugar".

E isso também é verdade em sua casa, não é? Você conhece e crê no que Jesus disse em Mateus 28:20: "E eis que estou convosco todos os dias". Lá no fundo, você sabe que Deus está ali com você. Sente Sua presença durante o culto familiar. Percebe Sua proteção quando anda de carro. Lembra-se dEle nos momentos de louvor do culto na escola. Nessas ocasiões, você provavelmente diz: "Sim, estou vendo Jesus em minha vida!".

Mas é mais difícil brincar de "Estou vendo Jesus" quando você não está atento à presença dEle. Muitas vezes, a vida das crianças fica tão ocupada que perceber Jesus acaba sendo deixado de lado. Como aconteceu com Ryan, no meio da semana de aulas, quando estava mais concentrado nas tarefas escolares e nos treinos esportivos do que em perceber Jesus. Ou quando Sophia saiu de férias e estava se divertindo tanto que não parava para procurá-Lo. Até Parker e Tyson perceberam que, nas festas, era fácil deixar de brincar de "Estou vendo Jesus com meus olhinhos", porque estavam envolvidos demais nas comemorações. Se não brincarmos de "Estou vendo Jesus" de propósito, mesmo nos momentos de correria ou estresse, Suas maravilhosas bênçãos podem passar inteiramente despercebidas!

É mais difícil perceber Jesus quando a vida muda. Chloe teve muita dificuldade para vê-Lo quando sua querida cachorrinha Dixie morreu. Mason quase não conseguia pensar em outra coisa durante o divórcio de seus pais. Kylie ficou tão magoada com a traição e as fofocas de sua amiga que quase nunca percebia a presença de Jesus. Quando sua família se mudou para outro estado, Bexley sofreu tanto que era difícil perceber Jesus em qualquer lugar. Nos momentos difíceis, pode parecer mais fácil concentrar-se no que está acontecendo e no quanto tudo está mudando, a ponto de não enxergar Jesus

de modo algum.

Mas Ele está ali! Nos momentos mais dolorosos e nos lugares mais inesperados, Ele Se faz presente! Se você estiver atento, poderá perceber Jesus na bondade de um desconhecido ou na consideração de um colega de classe. Poderá encontrar Jesus encorajando você por meio da música ou durante seu culto pessoal. Você poderá ver Jesus na natureza ou na maneira como Ele supre suas necessidades. Jesus está sempre presente! É possível percebê-Lo com facilidade, e Ele Se faz presente quando você mais precisa dEle.

Por isso, vá procurá-Lo! Busque maneiras e oportunidades de perceber como Ele abençoa você e sua família. Talvez você possa brincar de "Estou vendo Jesus" antes da oração de dormir. Quem sabe sua família comece um diário de gratidão chamado "Estou vendo Jesus", para registrar as maneiras como Ele Se faz presente. Seja qual for a maneira que você escolher para procurar Jesus, tenha certeza da verdade de Jeremias 29:13: "Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração" (NVI).

ESCOLHENDO A **BONDADE**

DAWN JACOBSON-VENN

TEXTO:

1 Tessalonicenses 5:11

MATERIAIS:

Uma cesta com tiras de papel com nomes escritos nelas, de preferência nomes de crianças que estejam ouvindo a história. Perto do final da história, sorteie um nome da cesta e diga: "Hum... de quem será o nome que eu tirei?". Os professores da Escola Sabatina também podem fazer essa atividade com seus alunos.

Bom dia, meninos e meninas! Feliz sábado!

Tenho uma pergunta para vocês. Levante a mão se alguém já disse alguma coisa bondosa que fez você sorrir e ficar feliz. (Pausa.) Agora levante a mão se alguém já magoou você com palavras maldosas. (Pausa.) As palavras são muito poderosas, não são? Elas podem nos deixar felizes — ou podem nos deixar tristes.

Hoje quero contar a vocês a história de um menino chamado Bobby e de suas duas irmãs, Linda e Sara.

Geralmente eles se davam muito bem e tinham aproveitado bastante as férias de verão, mas, quando as aulas começaram, alguma coisa mudou na casa deles. Talvez

Dawn Jacobson-Venn, MAT, é assistente editorial sênior do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

fosse o estresse de começar um novo ano letivo, de ter uma nova rotina ou de precisar acordar tão cedo e dividir o banheiro! Seja o que fosse, em vez de rirem juntos, eles estavam discutindo... MUITO! Bobby provocava Linda por causa do novo corte de cabelo. Linda provocava Sara porque ela estava com medo de começar o 1º ano. Sara escondeu o carrinho Hot Wheels preferido de Bobby porque ele tinha comido a última torrada com canela e passas, que ela queria.

Parecia que todo dia alguém ficava aborrecido. A mãe deles percebeu outra coisa também. O lar já não parecia acolhedor e feliz. Em vez de ouvir palavras bondosas, ela ouvia reclamações, provocações e discussões.

Certa noite, ela suspirou e pensou: Deve haver um jeito melhor. Quero que nosso lar seja um lugar onde Jesus Se sinta bem-vindo e que os anjos gostem de visitar. Então se sentou com o papai depois que as crianças foram dormir e, após uma longa conversa, os dois fizeram um plano. A mamãe escreveu o nome de cada pessoa em pequenos pedaços de papel e os colocou em uma cesta. No domingo seguinte à noite, quando todos estavam sentados à mesa do jantar, ela sorriu e disse: "Neste mês, vamos fazer uma nova brincadeira. Ela se chama **Desafio da Bondade**!".

As crianças olharam umas para as outras, curiosas para saber do que a mamãe estava falando. Ela explicou: "Tenho ficado triste ao ouvir tantas discussões e palavras que machucam. Deus quer que nosso lar seja cheio de amor e incentivo. Vamos pedir que Deus nos ajude a recomeçar, mudando nossas atitudes e ações, e a refletir Seu amor uns pelos outros. Por isso, todo domingo cada um de nós vai sortear o nome de uma pessoa desta cesta. Durante a semana, sua tarefa será procurar maneiras de encorajar essa pessoa. O papai e eu queremos incentivar vocês a primeiro orar por ela. Depois pensem em todas as maneiras de demonstrar bondade a essa pessoa. Talvez vocês façam isso dizendo palavras bondosas. Podem escolher fazer, em segredo, uma das tarefas dela ou simplesmente procurar maneiras de ajudar sem que ela peça, para deixar seu dia um pouco mais alegre". Depois do jantar, todos colocaram a mão na cesta e tiraram um nome. E o Desafio da Bondade começou!

Como vocês acham que foi? Não foi muito bem! A primeira semana não foi fácil! Bobby nem sempre tinha vontade de ser gentil e ficou aborrecido por ter tirado o nome de Sara. Ele não queria ser gentil com Sara! Linda às vezes se esquecia completamente de ser bondosa. Sara chegou a resmungar: "Por que eu tenho que ser boazinha? Não gosto dessa brincadeira!".

Você já se sentiu assim? Às vezes é difícil ser bondoso quando alguém não é bondoso com você. A mamãe e o papai entendiam isso, porque para eles também nem sempre era fácil agir com bondade. À noite, durante o culto familiar, lembravam a Bobby, Linda e Sara que é fácil ser bondoso com quem é bondoso conosco. Mas, quando as pessoas são maldosas e nos tratam mal, é importante pedir que Jesus nos ajude a escolher a bondade, mesmo quando é difícil. Eles liam histórias bíblicas sobre famílias que cuidavam umas

das outras, como Rute e Noemi, que demonstraram amor, lealdade e bondade mesmo nas dificuldades. Também liam sobre José e seus irmãos: apesar de todos os desafios que enfrentaram em seus relacionamentos, Deus ajudou José a perdoar os irmãos. Também oravam juntos: "Querido Jesus, por favor, viva em nosso lar. Ajuda-nos a escolher palavras bondosas e atitudes de amor todos os dias".

No final da segunda semana, uma coisa incrível começou a acontecer. Uma verdadeira transformação. Em vez de ouvirem: "Sai! Isso é meu!", começaram a ouvir: "Posso ajudar você?". Em vez de provocações... começaram a surgir elogios. Em vez de discussões... começaram a encorajar uns aos outros.

Certa manhã, Sara derrubou todos os seus gizes de cera no chão. Bobby já ia saindo, mas então se lembrou do Desafio da Bondade. Em vez de ir embora, ajoelhou-se e disse: "Eu ajudo você". Sara pareceu surpresa. "Obrigada, Bobby!"

O interessante era que, quanto mais bondosos eles eram, mais felizes todos ficavam. Logo, aquilo deixou de parecer um desafio — tornou-se um hábito! A mamãe e o papai perceberam uma coisa maravilhosa. O lar voltou a ser um lugar de paz. Havia mais risadas, mais sorrisos e mais amor. Ele realmente se tornou o tipo de lar onde Jesus — e Seus anjos — se sentiam bem-vindos.

Meninos e meninas, todos nós fazemos escolhas a cada dia. Podemos escolher palavras que machucam... ou palavras que curam. Podemos desanimar as pessoas... ou podemos fortalecê-las. A Bíblia nos diz exatamente o que Deus deseja que façamos em 1 Tessalonicenses 5:11:

"Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo" (ARA).

Nesta semana, desafio vocês a brincar de bondade em casa. Vocês podem escrever os nomes em pedacinhos de papel — incluindo os da mamãe e do papai —, sortear um papel e descobrir quem vai receber muitos gestos de bondade e atenção. Comecem orando por essa pessoa. Todos os dias, procurem dizer alguma coisa bondosa para encorajá-la. Ajudem sem que ela peça. Vocês podem se surpreender ao perceber como seu lar fica mais feliz quando todos escolhem a bondade. E lembrem-se: bondade não é apenas uma coisa que fazemos quando temos vontade. A bondade é uma escolha.

Vamos pedir que Jesus nos ajude a usar palavras que fortaleçam os outros todos os dias.

"*Querido Jesus, obrigado por nossas famílias. Ajuda-nos a escolher palavras de encorajamento e amor ao nos relacionarmos com nossos familiares, para que fiquemos mais perto de Ti e uns dos outros. Amém.*"

ONDE ESTÁ **JESUS?**

MILDRED WEISS

TEXTO BÍBLICO:

Mateus 28:20

MATERIAL:

Espelho

Era uma manhã ensolarada, e Mia acordou com uma pergunta na cabeça. Nesse instante, a vovó abriu a porta com seu sorriso alegre de sempre.

"Bom dia, Mia!"

Mia pulou da cama, abraçou a vovó e perguntou: "Vovó, onde está Jesus? Quero vê-Lo!".

Os olhos da vovó brilharam. "Ah, Mia, Jesus está mais perto do que você imagina. Acho que você O tem visto todos os dias."

"Mas eu não vi ninguém de roupa branca", disse Mia. "Nem em casa, nem lá fora, nem na escola."

A vovó deu uma risadinha carinhosa. "Venha comigo. Vou mostrar uma coisa maravilhosa para você."

Elas foram até a janela do quarto. O sol estava nascendo, pintando o céu de rosa, dourado e vermelho.

"Cada nascer do sol", disse a vovó suavemente, "é como uma carta de amor de Jesus."

Mia ficou olhando, maravilhada. Em seu coração, sussurrou: "Bom dia, Jesus".

Mildred Weiss, PGDipEd, bacharel em Ciências da Nutrição, é gerente de projetos autônoma em Lacombe, Alberta, Canadá.

"Venha", disse a vovó. "Há mais coisas para ver."

Na cozinha, a mamãe estava preparando o café da manhã preferido de Mia — mingau de aveia com passas, canela e um pouquinho de cacau. O aroma enchia o ambiente de aconchego, enquanto a mamãe cantarolava.

"Você está vendo Jesus?", perguntou a vovó.

"Quando alguém prepara comida com amor", continuou ela, "é Jesus dizendo: 'Você merece cuidado'."

A mamãe se virou, sorrindo, e abraçou Mia antes de pedir que ela ajudasse a pôr a mesa. Mia se sentiu segura e feliz.

Mais tarde, Mia foi brincar lá fora. De repente, caiu e ralou o joelho. Seus olhos se encheram de lágrimas. Seu irmão mais velho, Tomás, ouviu e veio correndo. Com cuidado, limpou o joelho dela e segurou sua mão até que ela se sentisse melhor.

Lá de dentro, a vovó perguntou: "Você viu Jesus?".

Mia pensou por um momento. "Tomás estava sendo como Jesus", disse devagar.

"Eu só estava ajudando", disse Tomás.

"É exatamente isso que Jesus faz", respondeu a vovó.

Naquela tarde, o papai chegou cansado do trabalho. Pouco depois, o vizinho deles, Fred, bateu à porta, parecendo preocupado. O papai o convidou para entrar.

Mia espiou a sala e viu os dois conversando baixinho. Depois de um tempo, eles ficaram em pé e oraram juntos.

A vovó sussurrou: "Você percebeu Jesus?".

Mia balançou a cabeça, concordando. "O papai estava cansado, mas mesmo assim ajudou e orou com Fred. Ele estava sendo como Jesus."

"Você está aprendendo", disse a vovó com um sorriso. "Agora tenho mais uma surpresa para você hoje à noite."

Antes de dormir, Mia estava escovando os dentes. Seu sorriso estava engraçado, com alguns dentinhos da frente faltando. A vovó apareceu à porta.

"Você está vendo Jesus?", perguntou ela.

Mia piscou. "Em mim? Mas eu sou só uma criança!"

"Olhe outra vez", disse a vovó carinhosamente.

Mia olhou no espelho. Os mesmos olhos. O mesmo sorriso tortinho, com as janelinhas entre os dentes.

"Você foi criada à imagem de Deus", disse a vovó. "Quando você é bondosa, paciente e amorosa, as pessoas podem ver Jesus em você. Ele não vive apenas no passado — Ele age por meio de pessoas que amam como Ele. Somos Suas mãos e Seu coração."

Mia olhou de novo e, dessa vez, viu uma coisa nova. Não apenas a si mesma, mas alguém que podia compartilhar amor.

Ela sorriu. O espelho sorriu de volta.

Naquela noite, Mia se ajoelhou ao lado da cama. O quarto estava silencioso, com a luz

suave das estrelas entrando pela janela.

"Jesus", orou ela, "hoje eu Te vi. No nascer do sol. Na comida da mamãe. Na bondade de Tomás. No papai ajudando nosso vizinho. E no espelho."

Ela fez uma pausa.

"Ajuda-me a ser alguém em quem as pessoas possam ver a Ti. Ajuda-me a ser bondosa e a perceber quando as pessoas precisam de ajuda."

Mia se deitou e puxou o cobertor para perto. No silêncio, sentiu um conforto suave e tranquilo ao seu redor.

Jesus estava ali.

Ele esteve ali o tempo todo.

VAMOS CONVERSAR

Perguntas para conversar em família

1. Onde você percebeu Jesus hoje — em uma pessoa, em um lugar ou em um momento?
2. Quando alguém ajudou você? Como você se sentiu?
3. Se a bondade revela Jesus aos outros, que atitude bondosa você pode ter amanhã?
4. Quando olha no espelho, o que você acha que Deus vê em você?
5. Em que lugar da sua casa você se sente mais perto de Deus? Por quê?

IDEIA PARA ILUSTRAR

Façam corações de papel para representar as maneiras como Mia encontrou Jesus: na natureza, nas mãos que ajudam, na disposição de ajudar os outros e nas palavras bondosas. Enquanto fazem os corações, conversem sobre como podem demonstrar amor de cada uma dessas maneiras. Vocês também podem cantar "**We Are His Hands**" (*Little Voices Praise Him*, nº 314), para lembrar uns aos outros de que Jesus age por nosso intermédio todos os dias.

SEMINÁRIOS

Os *seminários* foram preparados principalmente para uso durante a Semana do Lar e Casamento Cristãos. Leia o texto completo com antecedência para se familiarizar com o conteúdo e os termos principais. Para baixar uma apresentação em *PowerPoint*®, acesse: **family.adventist.org/2027RB**

- **CASAMENTOS RESILIENTES: DAS FERIDAS À PLENITUDE 64**

  Transforme as dificuldades conjugais em confiança mais profunda, compromisso mais forte e resiliência centrada em Cristo.

- **EDUCAR FILHOS NA ERA DIGITAL: CRIANDO FILHOS COM LIMITES DIGITAIS SAUDÁVEIS E VALORES ORIENTADOS PELA FÉ 77**

  Faça escolhas seguras sobre tecnologia que protejam os filhos, fortaleçam os vínculos e reflitam os valores cristãos.

- **O LAR FUNDAMENTADO NA GRAÇA: LIDANDO COM A FÉ, O ESTRESSE E A RESILIÊNCIA ESPIRITUAL ENTRE AS GERAÇÕES 97**

  Crie lares emocionalmente seguros, onde a graça ajude uma fé duradoura a criar raízes.

- **A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS 111**

  Prepare os pais para representar Jesus com autenticidade e cultivar um discipulado escolhido livremente e vivido por toda a vida.

CASAMENTOS RESILIENTES: DAS FERIDAS À PLENITUDE

WILLIE E ELAINE OLIVER

TEXTOS BÍBLICOS PRINCIPAIS

"Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações; assim, vocês saberão que a prova da sua fé produz perseverança. No entanto, a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam perfeitos e íntegros, sem que lhes falte coisa alguma." — Tiago 1:2–4 (NVI)

"Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra." — 1 Pedro 1:6–7 (ARA, trecho)

"O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura os próprios interesses, não se ira, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece." — 1 Coríntios 13:4–8 (NVI, trecho)

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

OBJETIVO

Casamentos resilientes: por que todo casal precisa disso (até o seu) oferece a casais que compartilham a fé uma estrutura fundamentada em pesquisas e ancorada na Bíblia para compreender e desenvolver a resiliência conjugal — a capacidade não apenas de sobreviver às dificuldades, mas de ser aperfeiçoados e fortalecidos por elas. Com base nos estudos sobre resiliência, na literatura sobre o casamento e no exemplo de Jesus Cristo, este seminário ajuda os casais a identificar os traumas que todo casamento inevitavelmente enfrenta, reconhecer o padrão de Cristo como seu modelo de ação e transformar esse modelo em práticas diárias concretas. Ele foi preparado para qualquer casal comprometido que deseje caminhar, junto, das feridas à plenitude.

ORIENTAÇÕES AO FACILITADOR

Este seminário condensado foi planejado para um único encontro de 90 minutos. É apropriado para um programa de sábado à tarde, um clube de enriquecimento conjugal, um pequeno grupo de casais ou um retiro. Cada uma das três partes inclui um momento de exposição seguido imediatamente de um exercício para o casal, de modo que os participantes passem do conceito à prática em cada etapa. O seminário foi intencionalmente delimitado para casamentos comprometidos que enfrentam os desafios habituais da vida; não foi elaborado para situações que envolvam abuso ou infidelidade. Os facilitadores devem encaminhar os casais nessas circunstâncias a um pastor ou a um profissional de aconselhamento habilitado. Os materiais completos para as três partes e um cartão de compromisso para impressão estão disponíveis no Guia do Facilitador que acompanha o material.

Distribuição do tempo: Parte 1 — 25 minutos de exposição + 10 minutos de exercício; Parte 2 — 25 minutos de exposição + 12 minutos de exercício; Parte 3 — 10 minutos de exposição + 8 minutos para o encerramento com compromisso. Total: 90 minutos.

Indicado para: programa de sábado à tarde; clube de enriquecimento conjugal; pequeno grupo de casais; retiro de fim de semana.

PARTE 1: IDENTIFICANDO AS TEMPESTADES

POR QUE TODO CASAMENTO PRECISA DISSO — ATÉ O SEU

Todo casamento, tenha poucas semanas ou muitas décadas, já sobreviveu a alguma coisa. Para alguns, foi o desgaste lento dos atritos diários — expectativas não atendidas, exaustão, o afastamento silencioso de duas pessoas que se distanciam dentro da mesma casa. Para outros, foi algo mais agudo: traição, perda, doença ou uma ferida que alterou o casamento de modo permanente. Seja qual for a situação do seu casamento nesse espectro, vocês não estão sozinhos nem são uma exceção. Todo casamento vivencia traumas. O que determina o futuro de um casamento não é a natureza ou a gravidade do que enfrentou. É o que o casal faz com aquilo que viveu.

O QUE RESILIÊNCIA REALMENTE SIGNIFICA

Para termos uma conversa significativa sobre resiliência conjugal, precisamos primeiro de uma definição de trabalho — e de corrigir um equívoco comum. Aceite este fato essencial: a resiliência pressupõe dificuldades. Ninguém se torna resiliente no vazio; a resiliência só existe em relação a algo que ameaça nos quebrar. Masten (2001) apresentou uma das definições mais influentes desse campo, descrevendo a resiliência como bons resultados apesar de sérias ameaças à adaptação ou ao desenvolvimento — não apenas ausência de disfunção, mas adaptação positiva diante de adversidades reais.

Quando se pede à maioria das pessoas que defina resiliência, elas logo respondem com uma expressão conhecida: "dar a volta por cima". Essa reação não é descabida, mas, se não for examinada, carrega uma suposição oculta que pode desorientar, de modo sutil, os casais que procuram se recuperar de uma dificuldade: a ideia de que o objetivo da resiliência é voltar ao ponto em que estavam antes da dor — como se o melhor resultado possível fosse um casamento semelhante ao que existia antes do trauma, intocado e inalterado. Não é isso que as pesquisas descrevem e, o que é ainda mais importante para este seminário, não é isso que as Escrituras prometem. Os pesquisadores deixaram de compreender a resiliência como um traço fixo para entendê-la como um processo dinâmico — algo construído, praticado e cultivado ao longo do tempo (Werner e Brendtro, 2012; Masten, 2001). Essa distinção tem enorme importância: a capacidade de se fortalecer está ao alcance de todo casal, independentemente da situação em que seu casamento se encontre hoje.

O modelo de resiliência familiar de Walsh (2016) identifica a construção compartilhada de significado como um dos fatores que mais contribuem para a resiliência nos relacionamentos — a capacidade de um casal de situar suas dificuldades em uma estrutura mais ampla e coerente de propósito. É precisamente nesse ponto que os casais de fé têm uma vantagem distinta: a própria narrativa bíblica oferece a estrutura transcendente de construção de significado que a pesquisa secular sobre resiliência consegue descrever, mas não pode fornecer.

A RESILIÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DAS ESCRITURAS

As Escrituras não prometem aos casais um casamento livre de dificuldades; prometem algo muito mais duradouro. Tiago 1:2–4 descreve as provações como produtivas — geradoras de uma perseverança e de uma maturidade que não existiam antes de a provação começar. Pedro compara a fé provada ao ouro refinado pelo fogo: a prova produz algo de valor maior do que o próprio ouro (1 Pedro 1:6–7). O ouro refinado não é ouro que voltou ao seu estado bruto. É ouro transformado — purificado em algo mais forte e mais valioso do que era antes do fogo. Esse é o cerne da resiliência bíblica: não o retorno a um passado que ainda não havia sido provado, mas o aperfeiçoamento em direção a um futuro amadurecido pela prova.

A resiliência bíblica também exige do amor mais do que a mera sobrevivência. A descrição de Paulo em 1 Coríntios 13:4–8 apresenta um amor paciente, que tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta — um amor cuja própria definição pressupõe atrito, decepção e dificuldade e que escolhe permanecer firme em meio a tudo isso. Não se trata do amor como um sentimento que aumenta ou diminui conforme as circunstâncias. Trata-se do amor como uma postura constante, ancorada em algo que vai além do conforto momentâneo do casal.

Vale repetir uma observação para quem está chegando agora: este seminário não foi elaborado para situações que envolvam abuso ou infidelidade. Essas circunstâncias exigem abordagens próprias — segurança, responsabilização e intervenção pastoral ou profissional. Aqui estamos falando de casamentos comprometidos que enfrentam os desafios habituais: duas pessoas fiéis que vivenciam atritos, decepções e dor simplesmente porque são pessoas imperfeitas compartilhando a vida.

A cultura contemporânea nos ensinou a esperar relacionamentos que não exijam esforço e a tratar as dificuldades como sinais de incompatibilidade. A pesquisa de Stanley (2005) sobre compromisso oferece uma distinção esclarecedora: casais sustentados pelo compromisso por dedicação — um investimento no futuro do relacionamento, livremente escolhido e voltado para o que está por vir — enfrentam as dificuldades de maneira muito diferente daqueles sustentados apenas por obrigações externas. Os casais dedicados mantêm uma visão de longo prazo, que motiva o investimento contínuo justamente quando o casamento está sob pressão. Nesse contexto, 1 Coríntios 13 descreve algo profundamente contrário à cultura predominante: um amor orientado não pela satisfação do próprio eu, mas pelo bem constante do outro. Embora os casamentos saudáveis equilibrem a realização pessoal e a realização no relacionamento, os casamentos resilientes são intencionais em voltar-se para o outro, em vez de se concentrarem no "eu" (Oliver e Oliver, 2015).

Grande parte dos traumas que os casais vivenciam tem menos relação com um único acontecimento dramático e mais com uma expectativa não expressa que cada cônjuge traz consigo — a de que o outro o completará e curará as feridas que levou para o casamento. Quando ambos entram na relação buscando ser completados, em vez de se entregar plenamente, o relacionamento se torna uma troca de necessidades não atendidas. O resultado geralmente não é uma única ruptura catastrófica, mas um lento acúmulo de decepções.

Um casamento resiliente não é o casamento que vocês tinham antes da tempestade. É o casamento que a tempestade ajudou a construir.

EXERCÍCIO: DANDO NOME ÀS ÁGUAS
10 MINUTOS

Objetivo: ajudar os casais a identificar — com honestidade e sem vergonha — as tempestades às quais seu casamento já sobreviveu e começar a reinterpretar essas experiências como evidências de resiliência, e não de fracasso.

Passo 1 — Reflexão individual (3 minutos): cada pessoa escreve, em particular, uma ou duas "tempestades" que seu casamento enfrentou. Não é necessário compartilhá-las. Pergunta orientadora: "Qual dificuldade — grande ou pequena — colocou vocês à prova como casal? Apenas dê um nome a ela para si mesmo."

Passo 2 — Diálogo do casal (5 minutos): juntos, escolham uma tempestade que ambos se sintam à vontade para mencionar em voz alta. Conversem: "O que a tornou difícil? E, olhando para trás, como nosso casamento sobreviveu a ela? O que nos manteve unidos?".

Passo 3 — Breve partilha (2 minutos): convide um ou dois casais a compartilhar uma única palavra que descreva como seu casamento sobreviveu. Conclua com: "Sobreviver não é o objetivo — mas é o começo".

Observação ao facilitador: se algum participante revelar abuso ou infidelidade, oriente-o com delicadeza e em particular a conversar com um pastor ou profissional de aconselhamento após o encontro.

PARTE 2: UM MODELO DE RESILIÊNCIA CONJUGAL CENTRADO EM CRISTO

Na Parte 1, redefinimos resiliência — não como o retorno ao que vocês eram, mas como o processo pelo qual a adversidade se torna um catalisador de crescimento, aperfeiçoamento e aprofundamento do compromisso com a aliança conjugal. Isso levanta uma pergunta importante: aperfeiçoados segundo qual padrão? Se a resiliência é um processo, e não apenas um traço de personalidade, ela exige um modelo — uma visão clara e convincente do tipo de pessoas e de casamento que estamos nos tornando. Para os casais cristãos, esse modelo não é um princípio abstrato. É uma pessoa: Jesus Cristo.

Embora Jesus nunca tenha se casado, as Escrituras O apresentam como o Noivo cujo relacionamento de aliança com Seu povo incorpora as próprias qualidades que sustentam relacionamentos resilientes. Sua vida oferece mais do que inspiração; fornece

um padrão prático para enfrentar o sofrimento, oferecer graça, restaurar o que foi quebrado e viver com propósito redentor. Esse padrão centrado em Cristo se desdobra em quatro movimentos interligados: sofrer com integridade, agir com graça sob pressão, restaurar após a ruptura e viver como testemunha da redenção.

SOFRER COM INTEGRIDADE

No jardim do Getsêmani, diante de todo o peso da cruz, Jesus orou com completa honestidade: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!", mas, por fim, entregou-Se ao propósito do Pai: "Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mateus 26:39, ARA). A integridade em meio ao sofrimento não exige reprimir a dor, minimizar a perda ou fingir que as dificuldades não ferem. Significa, antes, experimentar todo o peso do sofrimento sem comprometer o próprio caráter, abandonar os compromissos assumidos ou violar a sagrada aliança do casamento nesse processo. Como observou Ellen G. White: "Pela luta a vida espiritual é fortificada. Provações bem suportadas desenvolverão a resistência do caráter e preciosas graças espirituais. O perfeito fruto da fé, da mansidão e da caridade amadurece freqüentemente melhor debaixo de tempestades e trevas" (White, 1964, p. 61).

Muitos casamentos se rompem não no momento da ferida original, mas nos momentos que se seguem — quando a dor encontra retaliação, afastamento ou abandono dos compromissos antes compartilhados. Um casal que enfrenta uma traição financeira, por exemplo, terá sua trajetória moldada menos pela própria traição do que pela maneira como cada cônjuge responde a ela. Quando o cônjuge que errou está genuinamente arrependido e o cônjuge ferido expressa sua dor com honestidade, mas se recusa a usá-la como munição em todos os conflitos futuros, o casal está praticando o sofrimento com integridade. Por outro lado, quando a dor dá lugar ao desprezo ou ao afastamento emocional, o casamento corre o risco de acrescentar à ferida original uma segunda ferida, muitas vezes mais destrutiva.

É também nesse ponto que o perdão merece atenção sincera. Smedes (1984) argumenta que perdoar não é um ato único, mas um processo — que não pode ser apressado nem imposto — e que percorrer esse processo, ainda que gradualmente, promove a cura. O perdão não produz amnésia; lembrar-se da ofensa não significa que o perdão tenha falhado. Com o tempo, embora a lembrança da traição possa permanecer, seu poder de controlar as emoções e definir o relacionamento diminui gradualmente. Como escreve Paulo: "Perdoai-vos mutuamente [...] Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (Colossenses 3:13, ARA). O perdão não apaga o passado. Transforma a maneira como o passado é levado para o futuro.

GRAÇA SOB PRESSÃO

O segundo movimento aparece de forma mais vívida na resposta de Cristo àqueles que O crucificaram: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34, ARA). Paulo desenvolve essa postura em Efésios 4:32, exortando os crentes a perdoar

uns aos outros como Deus, em Cristo, os perdoou — não depois de a pessoa que ofendeu merecer o perdão, mas antes. Quando os casais enfrentam a tentação de falar com aspereza, White aconselha: "Ide a Cristo em busca de auxílio. Ele de boa vontade vos suprirá com Sua divina simpatia, Sua livre graça" (White, 2004, p. 343).

No casamento, esse movimento convida os casais a cultivar uma disciplina que muitos nunca praticaram intencionalmente: escolher a graça como resposta à dor, em vez de recorrer automaticamente à intensificação do conflito. Gottman (1994) identificou quatro padrões destrutivos de comunicação — crítica, desprezo, atitude defensiva e bloqueio da comunicação — que predizem de modo consistente a deterioração do relacionamento. Desses, o desprezo é o mais prejudicial: comunica não apenas frustração, mas superioridade e desdém e, nos estudos longitudinais de Gottman, mostrou-se o mais forte preditor da dissolução conjugal. Em muitos aspectos, o desprezo é o oposto da graça sob pressão — intensifica a ferida, em vez de absorvê-la. O antídoto proposto por Gottman foi o cultivo intencional de uma cultura de apreciação: a prática habitual de reconhecer e expressar o que há de admirável no cônjuge, para que a graça se torne a postura habitual do casamento, e não uma resposta de emergência acionada apenas depois de o dano estar feito. A graça, portanto, não é fraqueza nem ingenuidade. É a decisão corajosa de não permitir que a dor determine nossa resposta.

RESTAURAÇÃO APÓS A RUPTURA

O terceiro movimento talvez seja o mais transformador para o casamento. Após a ressurreição, a interação de Cristo com Pedro — que O havia negado três vezes — oferece um modelo notavelmente específico de restauração dos relacionamentos (João 21:15–17). Jesus não ignora a falha de Pedro nem permite que ela o defina permanentemente. Ele a trata diretamente, perguntando três vezes a Pedro: "Tu me amas?" — um paralelo deliberado com as três negações. Cada afirmação é seguida de uma incumbência: "Apascenta as minhas ovelhas". Como reflete White: "Seu pecado foi perdoado; contudo bem sabia que unicamente a graça de Cristo lhe podia valer naquela fraqueza de caráter que lhe ocasionou a queda. Em si mesmo nada achava de que se gloriar" (White, 1964, p. 160). O objetivo de Cristo não era apenas o perdão de Pedro, mas sua restauração.

O encontro de Cristo com Pedro revela três elementos essenciais da restauração dos relacionamentos: reconhecer com honestidade o que aconteceu, em vez de evitar o assunto; compreender a restauração como um processo, e não como um perdão instantâneo; e renovar o propósito compartilhado — Pedro não foi apenas perdoado, recebeu novamente uma missão. Gottman (1994) constatou que os casamentos com maior probabilidade de perdurar se distinguiam não pela ausência de conflitos, mas pela frequência e eficácia das tentativas de reparação — iniciativas, ainda que imperfeitas, para reduzir a tensão, restabelecer a conexão e restaurar o equilíbrio do relacionamento. Os casais que deixam de reconhecer honestamente o que aconteceu veem a dor não

resolvida reaparecer em cada conflito posterior. Os que deixam de renovar a missão para o futuro permanecem presos a uma repetição interminável das falhas do passado. Essa progressão também encontra eco na pesquisa sobre crescimento pós-traumático (Tedeschi e Calhoun, 2004): o sofrimento torna-se um catalisador de maior sabedoria, relacionamentos mais fortes e propósito renovado. A restauração não apaga a ruptura — permite que ela se torne o próprio lugar onde a graça realiza sua obra mais profunda.

VIVER COMO TESTEMUNHA DA REDENÇÃO

O quarto movimento leva esse padrão para além da cura, em direção ao propósito. Cristo nunca restaurou as pessoas apenas para que voltassem à vida como ela era antes. Pedro foi restaurado e recebeu a missão de pastorear o povo de Deus (João 21:15–17). Cada ato de restauração nos evangelhos trazia consigo um chamado renovado. O casamento segue o mesmo padrão redentor. O apóstolo Paulo expressa essa visão ao descrever o casamento como um profundo mistério que, em última instância, aponta para além de si mesmo — para o relacionamento entre Cristo e Sua igreja (Efésios 5:31–32). Paulo não está apenas dizendo que o casamento se parece com o relacionamento entre Cristo e a igreja como uma metáfora distante. Ele faz uma afirmação mais forte: a aliança entre marido e mulher foi concebida para representar algo real — o amor abnegado, firme e redentor de Cristo por Sua noiva. O casamento não é apenas uma aliança particular entre duas pessoas. É um testemunho público — vivido dia após dia, em meio a conflitos e reparações, dificuldades e perseverança — de que duas pessoas imperfeitas fizeram uma aliança para toda a vida diante de Deus, confiando que Sua graça as sustentará muito depois de a música terminar e de os convidados voltarem para casa. Um casamento que persevera, que oferece graça sob pressão e escolhe a restauração após a ruptura não é apenas mais saudável — é uma testemunha mais fiel do evangelho que foi chamado a refletir.

EXERCÍCIO: DE QUAL MOVIMENTO PRECISAMOS? 12 MINUTOS

Objetivo: ajudar os casais a identificar qual dos quatro movimentos de Cristo seu casamento mais precisa praticar neste momento e iniciar uma conversa honesta sobre suas reações habituais sob pressão.

Passo 1 — Breve revisão (2 minutos): recapitule os quatro movimentos: (1) Sofrer com integridade; (2) Graça sob pressão; (3) Restauração após a ruptura; (4) Viver como testemunha da redenção.

Passo 2 — Reflexão individual (3 minutos): “Desses quatro movimentos, qual nosso casamento mais precisa praticar agora? O que você tende a fazer em seu lugar quando está sob pressão?”.

Passo 3 — Diálogo do casal (5 minutos): cada cônjuge compartilha o movimento que identificou e qual costuma ser sua reação habitual em vez dele — afastamento, retaliação, fuga do assunto ou silêncio. Ouça sem atitude defensiva — esta é uma conversa para compreender a situação, não um debate.

Passo 4 — Breve partilha (2 minutos): pergunte: "Você e seu cônjuge identificaram o mesmo movimento ou movimentos diferentes?". Reconheça ambas as respostas como válidas. Percepções diferentes são informações úteis, não um problema.

Conclua com: "Conhecer o modelo é o começo. Na Parte 3, vamos transformá-lo em prática".

PARTE 3: CONSTRUINDO RESILIÊNCIA JUNTOS

Um modelo só se torna significativo quando se transforma em hábito. Casamentos saudáveis não são construídos por um grande gesto. São construídos por pequenas escolhas intencionais, repetidas dia após dia. As três práticas a seguir correspondem diretamente aos três movimentos fundamentais de Cristo e oferecem aos casais um ponto de partida concreto.

PRÁTICA 1: CONSTRUAM UMA ÂNCORA ESPIRITUAL COMPARTILHADA

Quando Jesus enfrentou a maior provação de Sua vida na Terra, foi ao jardim do Getsêmani — orou com honestidade, abriu o coração ao Pai e entregou-Se à vontade de Deus. Todo casamento precisa desse mesmo tipo de âncora. Ellen White estabelece essa relação de modo direto: "Faça de Cristo em tudo o primeiro, o último e o melhor. Contemple-O constantemente, e, à medida que se for submetendo à prova, seu amor a Ele se tornará dia a dia mais profundo e mais forte. E ao ampliar seu amor a Ele, também sua experiência de amor mútuo há de crescer, aprofundar-se e fortalecer-se" (White, 2005, v. 7, p. 46). Ela não diz que a vida fica mais fácil. Diz que o amor fica mais forte porque Cristo permanece no centro. Uma prática espiritual compartilhada — uma breve oração juntos, uma leitura bíblica pela manhã, mencionar em voz alta uma dificuldade diante de Deus — não é apenas devocional. Ela constrói o fator de proteção compartilhado que orienta ambos os cônjuges para um propósito maior justamente nos momentos em que o sofrimento tenta levar cada um à autoproteção ou ao isolamento. Desenvolvam esse hábito antes de a crise chegar, para que, quando vier a dificuldade, vocês já saibam a quem recorrer.

PRÁTICA 2: ESCOLHAM A GRAÇA ANTES DE O CONFLITO COMEÇAR

O conflito é inevitável. A questão não é se haverá divergências, mas como vocês responderão quando elas acontecerem. Uma das ferramentas mais simples que os casais podem desenvolver é um sinal combinado que diga: "Estamos começando a aumentar a tensão e precisamos fazer uma pausa". Para alguns casais, esse sinal pode ser a palavra "pausa"; para outros, uma frase, um toque suave ou uma mão levantada. O objetivo não é evitar a conversa, mas impedir que sejam ditas palavras cujas feridas levarão muito mais tempo para cicatrizar do que o próprio desentendimento. Provérbios 15:1 nos lembra: "A resposta branda desvia o furor". Esta citação expressa bem a ideia: "Alimentando o espírito de represália, prejudicamo-nos a nós mesmos. Destruímos nossa confiança em Deus e entristecemos o Espírito Santo" (White, 1964, p. 172). Gottman (1994) constatou que casais que respondem de modo consistente às iniciativas de conexão um do outro nos momentos comuns constroem uma reserva de boa vontade, que funciona como proteção quando o conflito surge. Graça sob pressão significa não permitir que o momento se torne mais importante do que o casamento.

PRÁTICA 3: FAÇAM DA REPARAÇÃO UM HÁBITO REGULAR

Todo casamento saudável vivencia momentos de decepção e dor. A diferença não é que os casais resilientes tenham menos rupturas — é que se tornam hábeis em repará-las. Estabeleçam uma Conversa Semanal do Coração: de quinze a vinte minutos por semana com um único propósito — cuidar do relacionamento. Façam perguntas um ao outro, como: "O que trouxe alegria a você nesta semana? Fiz alguma coisa que magoou você? Como posso amar você melhor?". Ellen White compara o amor a uma árvore viva que precisa ser continuamente nutrida: "A brandura, a gentileza, a paciência e a longanimidade, o não se ofender facilmente, o sofrer tudo, esperar tudo, tudo suportar — estes são os frutos dados pela preciosa árvore do amor, árvore de origem celeste. Esta árvore, se nutrida, demonstrar-se-á daquelas que estão sempre verdes. Seus ramos não secarão, não lhe murcharão as folhas" (White, 2006, p. 31–32). Muitos casais evitam pequenas conversas para "manter a paz". Ironicamente, evitar pequenas mágoas gera conflitos muito maiores depois. Um ritmo semanal de reparação é manutenção preventiva — cuidar do relacionamento antes que a negligência comece a enfraquecê-lo.

UMA PALAVRA PASTORAL

Essas práticas foram elaboradas para lidar com os desafios normais que todo casamento enfrenta. Se seu casamento está enfrentando abuso, dependência, infidelidade repetida ou trauma emocional grave, por favor, não tentem carregar esses fardos sozinhos. Buscar ajuda de um pastor de confiança ou de um profissional cristão qualificado de aconselhamento não é sinal de fracasso — muitas vezes é uma das decisões mais corajosas e cheias de esperança

que um casal pode tomar. Deus frequentemente traz cura por meio do apoio e da sabedoria de outras pessoas.

ENCERRAMENTO

Todo casamento enfrentará tempestades — algumas breves, outras muito mais longas do que vocês imaginaram. A questão não é se seu casamento será provado. A questão é quem vocês se tornarão por meio da prova: "Alcançar a devida compreensão da relação matrimonial é obra da vida inteira. Os que se casam ingressam numa escola onde nunca, nesta vida, se diplomarão" (White, 2005, v. 7, p. 45). Casamentos resilientes não são construídos por momentos extraordinários. São construídos por escolhas comuns, feitas fielmente ao longo do tempo — cada oração feita juntos, cada palavra áspera que deixou de ser pronunciada, cada pedido sincero de desculpas, cada ato de perdão, cada conversa que restabelece a conexão. Ao saírem daqui esta noite, não tentem mudar tudo. Escolham uma prática. Comecem por ela. A resiliência não se constrói em um único seminário. Ela é construída uma conversa, uma escolha e um ato de graça de cada vez. Que seu casamento reflita cada vez mais o amor do Noivo — Cristo —, cuja graça nunca falha e cuja aliança nunca termina.

EXERCÍCIO: NOSSO PLANO DE RESILIÊNCIA 8 MINUTOS + ENCERRAMENTO COM COMPROMISSO

Objetivo: levar cada casal da reflexão a um compromisso específico, por escrito, para os próximos 30 dias — escolher uma prática de cada categoria — e concluir com uma oração em conjunto.

Passo 1 — Distribuir os cartões de compromisso (1 minuto): entregue a cada casal um Cartão de Compromisso dos Participantes impresso.

Passo 2 — Preenchimento pelo casal (5 minutos): juntos, escolham uma prática específica para cada uma das três categorias. Sejam específicos: não "orar mais", mas "orar juntos antes de dormir nas noites dos dias úteis". Assinem o cartão juntos.

Passo 3 — Encerrar com oração (2 minutos): convide os casais a segurar o cartão preenchido e orar brevemente juntos — em voz alta ou em silêncio — pelo que escreveram. Sugestão de oração final do facilitador:

"Senhor, trazemos estes casamentos diante de Ti — as tempestades que identificamos, os padrões que reconhecemos e os compromissos que acabamos de assumir. Dá a cada casal a coragem de praticar aquilo com que

se comprometeu, a graça para oferecer o que não consegue produzir por si mesmo e a esperança que vem de saber que Tu ainda não terminaste Tua obra em seu casamento. Amém."

Incentive os casais a manter o cartão em um lugar visível e a revisitá-lo juntos em 30 dias. Lembre-os: o objetivo é ter direção, não perfeição.

REFERÊNCIAS

Bíblia na versão *English Standard Version* (ESV). (2001). ESV Online. https://esv.org

Gottman, J. M. (1994). *O que prediz o divórcio? A relação entre as dinâmicas conjugais e os desfechos do casamento.* Lawrence Erlbaum Associates.

Gottman, J. M., & Silver, N. (1999). *Os sete princípios para fazer o casamento dar certo.* Crown Publishers.

Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). *O construto da resiliência: avaliação crítica e orientações para pesquisas futuras*. Child Development, 71(3), 543–562. https://doi.org/10.1111/1467-8624.00164

Masten, A. S. (2001). *A magia do cotidiano: processos de resiliência no desenvolvimento*. American Psychologist, 56(3), 227–238. https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227

Masten, A. S., Lucke, C. M., Nelson, K. M., & Stallworthy, I. C. (2021). *Resiliência no desenvolvimento e na psicopatologia: perspectivas multissistêmicas.* Annual Review of Clinical Psychology, 17, 521–549. https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-081219-120307

Oliver, E. P. (2025). *Participação religiosa, felicidade subjetiva e propósito de vida como preditores da resiliência psicológica entre estudantes universitários de uma instituição confessional nos Estados Unidos [Tese de doutorado, Andrews University]*. Andrews University Digital Repository.

Oliver, W. H., & Oliver, E. P. (2015). *A beleza do casamento*. In E. Mueller & E. B. de Souza (Orgs.), Casamento: aspectos bíblicos e teológicos (v. 1, p. 1–10). Biblical Research Institute, Review and Herald Publishing Association.

Olson, D. H. (1993). *Modelo circumplexo dos sistemas conjugais e familiares: avaliação do funcionamento familiar*. In F. Walsh (Org.), Processos familiares normais (2ª ed., p. 104–137). Guilford Press.

Olson, D. H., & Olson, A. K. (2000). *Fortalecendo os casais: como desenvolver a relação a partir de seus pontos fortes*. Life Innovations.

Smedes, L. B. (1984). *Perdoar e esquecer: curando as feridas que não merecemos.* HarperCollins.

Smedes, L. B. (1996). *A arte de perdoar: quando você precisa perdoar e não sabe como.* Ballantine Books.

Stanley, S. M. (2005). *O poder do compromisso: um guia para cultivar o amor ao longo de toda a vida.* Jossey-Bass.

Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). *Comunicação, conflito e compromisso: o que uma pesquisa nacional revela sobre os fundamentos dos relacionamentos bem-sucedidos.* Family Process, 41(4), 659–675. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.00659.x

Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (2004). *Crescimento pós-traumático: fundamentos conceituais e evidências empíricas*. Psychological Inquiry, 15(1), 1–18. https://doi.org/10.1207/s15327965pli1501_01

Walsh, F. (2016). *Fortalecendo a resiliência familiar* (3ª ed.). Guilford Press.

Werner, E. E., & Brendtro, L. K. (2012). *Resiliência e recuperação: resultados do estudo longitudinal de Kauai*. Reclaiming Children and Youth, 21(1), 18–22.

White, E. G. (1909, 18 de agosto). *O valor da provação*. Signs of the Times, par. 4, 6. https://m.egwwritings.org/en/book/820.20754

White, E. G. (1964). *Parábolas de Jesus*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2004). *O Lar Adventista*. Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2005). *Testemunhos para a Igrej*a (v. 7). Casa Publicadora Brasileira.

White, E. G. (2006). *Cartas a Jovens Namorados*. Casa Publicadora Brasileira.

Worthington, E. L., Jr. (2006). *Perdão e reconciliação: teoria e aplicação*. Routledge.

Sociedade Bíblica do Brasil. (1993). *Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada*. Sociedade Bíblica do Brasil.

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional [texto eletrônico consultado]. YouVersion. https://www.bible.com/pt/bible/129/JAS.1.2-4.NVI

EDUCAR FILHOS NA ERA DIGITAL: CRIANDO FILHOS COM LIMITES DIGITAIS SAUDÁVEIS E VALORES ORIENTADOS PELA FÉ

POR ELIZABETH J. JAMES, SHONDELL MISHAW, HEATHER G. BEESON, BRYAN CAFFERKY, MONIQUE WILLIS, KRISTEN WATKINS E ASHLEY PARK

Elizabeth J. James, DMFT, MA, LMFT, LPCC, é professora assistente e coordenadora do programa on-line de mestrado em Terapia Conjugal e Familiar do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Shondell Mishaw, DMFT, MEd, LMFT, é professora assistente do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Heather G. Beeson, DMFT, MA, LMFT, é professora assistente e vice-chefe do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família e diretora do programa de Doutorado em Terapia Conjugal e Familiar da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Bryan Cafferky, PhD, MDiv, LMFT, CFLE, é professor associado do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Monique Willis, PhD, LMFT, é professora assistente do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família e diretora do programa de PhD em Sistemas, Famílias e Casais da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Kristen Watkins, DMFT, LMFT, RPT-S, é professora assistente e diretora de programa na Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

Ashley Park, DMFT, LMFT, é professora assistente do Departamento de Aconselhamento e Ciências da Família da Escola de Saúde Comportamental da Universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos.

OBJETIVO:

Educar filhos na era digital exige uma compreensão aprofundada de informações e ferramentas práticas que apoiem as famílias diante dos desafios que surgem quando a tecnologia digital é introduzida no lar e quando elas têm a oportunidade de ajustar seu uso atual de telas. Administrar limites saudáveis para a tecnologia digital pode parecer especialmente complexo, considerando tanto seus benefícios quanto as preocupações com segurança, tempo de tela e desenvolvimento saudável. Além disso, lidar com o uso da tecnologia digital no lar enquanto se preservam os valores cristãos acrescenta outra camada de complexidade. O objetivo desta oficina é proporcionar aos pais uma compreensão das mídias digitais e de seu impacto nos relacionamentos familiares, no desenvolvimento e no bem-estar emocional, à luz das evidências disponíveis, incentivando uma aplicação cuidadosa dessas informações no contexto dos valores cristãos.

Fundamentada em pesquisas e na perspectiva da educação dos filhos, esta oficina capacitará as famílias com conhecimento e confiança para tomar decisões bem fundamentadas sobre o uso da tecnologia. Os pais terão a oportunidade de avaliar cuidadosamente as necessidades específicas de sua família e considerar como as mídias digitais podem ser utilizadas de maneira mais eficaz em seu lar. O facilitador apresentará uma atividade com uma ficha na qual os pais desenvolverão um plano de gestão da tecnologia. Essa ferramenta prática estará alinhada à compreensão adquirida sobre a influência do tempo de tela no desenvolvimento infantil, os benefícios e riscos das mídias digitais e a educação dos filhos com segurança digital. De modo geral, os pais aprenderão a fortalecer o bem-estar dos filhos e os relacionamentos familiares, estabelecendo e mantendo limites saudáveis que favoreçam um uso seguro, intencional e orientado por valores da tecnologia digital.

RESULTADOS ESPERADOS DA OFICINA:

- Os participantes compreenderão os riscos mais comuns à segurança digital e o importante papel dos pais em promover experiências seguras na internet.
- Os participantes adquirirão conhecimentos práticos para estabelecer limites digitais saudáveis que apoiem o desenvolvimento e o bem-estar dos filhos e os relacionamentos familiares.
- Os participantes compreenderão como o tempo de tela influencia o desenvolvimento infantil e por que crianças neurodivergentes podem vivenciar tanto riscos quanto benefícios específicos.
- Os participantes adquirirão conhecimentos práticos para reconhecer como a tecnologia pode ser usada intencionalmente em favor da aprendizagem, da comunicação, dos vínculos sociais e do bem-estar emocional.
- Os participantes refletirão sobre como os valores cristãos — incluindo sabedoria,

discernimento e amor ao próximo — podem orientar um uso cuidadoso e intencional da tecnologia na família.

RECURSOS NECESSÁRIOS

- Um facilitador para cada cinco a oito famílias.
- Cópias digitais ou impressas das fichas e dos materiais de apoio (Apêndice A, Apêndice B e Apêndice C).

ROTEIRO DA OFICINA

Duração total: duas horas. Os tempos indicados abaixo podem ser ajustados pelo facilitador, conforme a necessidade.

1. Introdução (10 minutos).
2. Educar filhos com segurança digital (10 minutos).
3. Educar filhos com limites digitais (10 minutos).
4. Tempo de tela digital e desenvolvimento infantil (15 minutos).
   - Considerações sobre a neurodivergência: atenção, concentração e distraibilidade.
   - Gestão do tempo de tela pelos pais.
5. Benefícios da tecnologia digital (10 minutos).
6. Conclusão (5 minutos).
7. Apresentação dos apêndices (15 minutos).
   - Apêndice A: Ficha do Plano de Gestão da Tecnologia Digital.
   - Apêndice B: Os Cinco Cs.
   - Apêndice C: Desenvolvimento Infantil e Tempo de Tela.
8. Discussão e realização da atividade (30 minutos).
   - O facilitador solicita aos participantes que preencham o Apêndice A: Ficha do Plano de Gestão da Tecnologia Digital. Os participantes podem trabalhar individualmente ou em pequenos grupos. O facilitador pode convidar os participantes ou os pequenos grupos a conversar com o grupo maior sobre os resultados de suas fichas e sobre o conhecimento adquirido com a discussão e a realização da atividade.
9. Encerramento (15 minutos).

INFORMAÇÕES PARA A CAPACITAÇÃO: PONTO PRINCIPAL

Esta oficina tem como objetivo capacitar os participantes com estratégias práticas, orientadas pelas evidências disponíveis, para lidar com a tecnologia digital e seu uso nas famílias. A ênfase está em compreender a segurança digital, estabelecer limites digitais e adaptar o tempo de tela às diferenças de desenvolvimento e de contexto, aproveitando os benefícios e reduzindo os riscos da tecnologia digital. Ao longo da oficina, os valores

cristãos são considerados como apoio a um uso intencional que promova relacionamentos familiares saudáveis e uma participação responsável no ambiente digital.

EDUCAR FILHOS COM SEGURANÇA DIGITAL

Os pais cristãos enfrentam desafios e se sentem sobrecarregados ao criar crianças e adolescentes em uma época em que o acesso a informações na internet e o uso de plataformas se disseminam amplamente. Pensar em mudar o acesso aos recursos digitais exige conhecer as influências do tempo de tela e compreender como implementar um plano de segurança digital no lar, preservando os valores cristãos. Consideremos o significado da expressão "segurança digital". Ela pode ter diversos sentidos para os pais ou responsáveis e despertar neles um forte senso de responsabilidade, de dever de prestar contas ou até de incerteza.

Os pais podem sentir que estão sozinhos diante dos riscos associados ao acesso ao mundo virtual. As pesquisas indicam que crianças e adolescentes estão expostos a diversos riscos na internet, como cyberbullying, violações de privacidade, exposição a conteúdo inadequado e conversas indesejadas ou exploratórias. Estudos demonstram que esses riscos afetam a regulação emocional, os relacionamentos com os colegas e a saúde mental dos jovens, o que ressalta a importância de abordar a segurança digital em contextos relacionais e sistêmicos mais amplos (Livingstone e Smith, 2014; Odgers e Jensen, 2020).

Ao considerar os relacionamentos familiares e as influências ambientais mais amplas, ou contextos sistêmicos, os pais podem sentir que não têm conhecimento ou informações suficientes sobre segurança digital e sobre os cuidados disponíveis para proteger seus filhos, crianças e adolescentes. As pesquisas sugerem que o uso seguro e responsável da tecnologia é mais eficaz quando os responsáveis vão além da simples restrição e enfatizam a orientação, o exemplo e a comunicação aberta, em consonância com as necessidades do desenvolvimento e os valores familiares (Academia Americana de Pediatras, 2016; Boyd, 2014). Outras pesquisas alertam que o monitoramento excessivamente oculto pode comprometer a confiança, enquanto o diálogo contínuo e a tomada de decisões em conjunto favorecem o desenvolvimento, nos jovens, de discernimento e responsabilidade interiorizados (Academia Americana de Pediatras, 2022; Subrahmanyam e Smahel, 2011). Diante disso, pais e responsáveis implementam métodos que acreditam controlar e monitorar o acesso de seus filhos a dispositivos e aplicativos, mas podem não se sentir plenamente confiantes quanto à eficácia desses métodos, em razão de resultados imprevistos ou de prazo mais longo que podem surgir com o tempo.

Como mostra a Figura 1, a Academia Americana de Pediatria (2026) indica que os pais desempenham um papel central na formação das experiências digitais de seus filhos, ao mesmo tempo que lidam com as influências do design das tecnologias, dos recursos

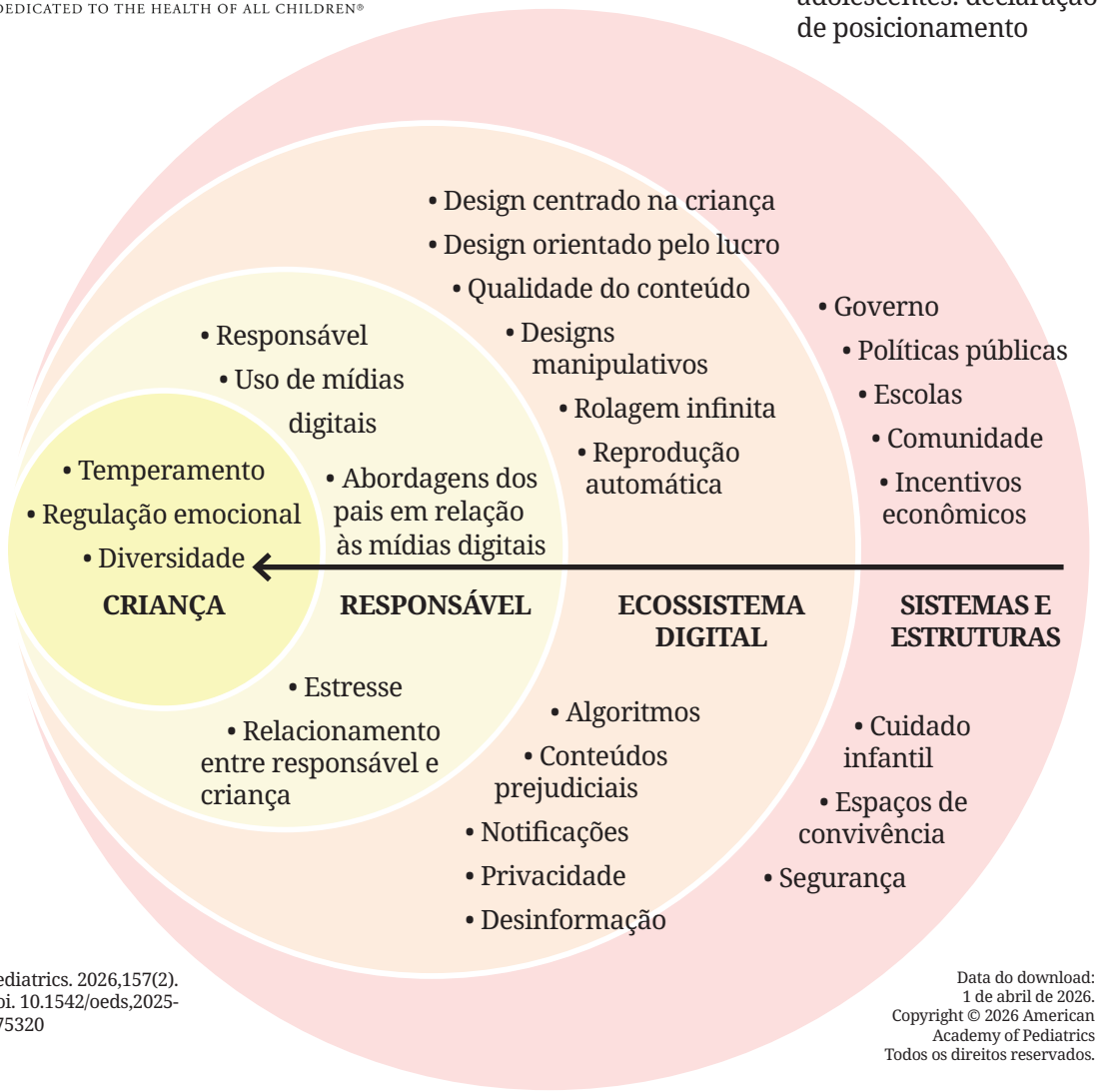
comunitários, dos sistemas educacionais e das políticas sociais mais amplas.

Figura 1

Modelo socioecológico do ecossistema digital das crianças. Relacionamentos das crianças com as mídias digitais e impacto no bem-estar.

American Academy of Pediatrics
DEDICATED TO THE HEALTH OF ALL CHILDREN®

Fonte: Ecossistemas digitais, crianças e adolescentes: declaração de posicionamento



Pediatrics. 2026,157(2). doi. 10.1542/oeds,2025-075320

Data do download: 1 de abril de 2026.
Copyright © 2026 American Academy of Pediatrics
Todos os direitos reservados.

O modelo socioecológico de Bronfenbrenner (1979) também sugere que os relacionamentos das crianças com as mídias digitais são moldados por múltiplas influências interligadas, incluindo suas características individuais (por exemplo, temperamento,

regulação emocional e neurodiversidade), os relacionamentos com os responsáveis e o ambiente digital mais amplo. Essas influências são, por sua vez, afetadas por sistemas e estruturas mais abrangentes — como escolas, comunidades, políticas, sistemas de saúde e regulamentações governamentais — que moldam tanto as experiências familiares quanto o design das tecnologias digitais. Considerando essas influências sistêmicas, as informações a seguir ajudarão as famílias a compreender melhor a introdução da tecnologia em seus lares e a desenvolver limites digitais saudáveis que fortaleçam os vínculos familiares, incentivando decisões cuidadosas, orientadas tanto pelas evidências atuais quanto pelos valores cristãos.

EDUCAR FILHOS COM LIMITES DIGITAIS

O tempo de tela tornou-se tema de discussão para muitas famílias: algumas seguem uma abstinência rigorosa das telas, enquanto outras acolhem seu uso (Mascheroni e Zaffaroni, 2023). McArthur, Volkova, Tomopoulos e Madigan (2022) realizaram uma metanálise que revelou que a maioria das famílias não segue as orientações para o uso de telas por crianças menores de cinco anos. Segundo seus resultados, aproximadamente um quarto das crianças menores de dois anos e um terço das crianças de dois a cinco anos usam telas de acordo com as orientações pediátricas. Além disso, os autores inferiram que crianças menores de dois anos têm maior probabilidade de assistir à televisão ou a filmes, enquanto as de dois a cinco anos têm maior probabilidade de participar de diversas atividades com telas, incluindo videogames e jogos de computador, além de filmes e televisão (McArthur et al., 2022). Assim, ao orientar famílias e responsáveis sobre hábitos saudáveis de uso de telas, como o tempo de tela, é importante esclarecer as formas pelas quais as crianças costumam ultrapassar as recomendações de tempo: televisão e filmes entre as menores, e videogames entre as maiores.

Ao examinar o conhecimento dos pais sobre as recomendações da Academia Americana de Pediatria para o tempo de tela — pouco ou nenhum tempo de tela para menores de dois anos e tempo mínimo para crianças de dois a cinco anos —, a proporção dos que afirmam conhecer as orientações varia de aproximadamente um terço a cerca de dois terços dos pais (Lammers et al., 2022). Entretanto, quando solicitados a descrever as recomendações, apenas 38,4% dos participantes conseguiram enunciá-las corretamente (Lammers et al., 2022). Isso evidencia a importância de compreender as recomendações e a necessidade de oferecer aos pais informações e orientações claras sobre as melhores práticas para acompanhar o uso de telas, incluindo frequência, qualidade e duração. Oferecer orientações claras sobre o tempo de tela na fase de bebê, nos primeiros anos de vida, na infância e na adolescência é um passo importante para garantir que os responsáveis tenham os recursos necessários para tomar decisões bem fundamentadas sobre esse uso. As famílias cristãs também podem considerar como seus valores orientam essas decisões, equilibrando as recomendações baseadas em evidências e o compromisso de cultivar vínculos.

Ao examinar as razões pelas quais os responsáveis permitem mais tempo de tela do que o recomendado, constatou-se que eles mencionaram a necessidade de manter as crianças ocupadas enquanto cumpriam outras obrigações (Lammers et al., 2022; Hartshorne et al., 2021; Mascheroni e Zaffaroni, 2023). Os efeitos negativos do tempo de tela também são debatidos, e alguns pesquisadores questionam a magnitude dos danos atribuídos ao uso excessivo. Alguns defendem, em vez disso, que se examinem os fatores contextuais mais amplos que contribuem para a dependência das telas como forma de ocupar as crianças (Hartshorne et al., 2021). Diante da pressão crescente sobre os responsáveis, que conciliam trabalho e cuidado dos filhos com menos recursos, não surpreende que o tempo de tela tenha aumentado e as interações entre pais e filhos tenham diminuído. McArthur et al. (2022) incentivam os pediatras a comunicarem a importância de atividades positivas, como atividades físicas, atividades mentalmente estimulantes e convivência social. Assim, as pessoas que trabalham com os responsáveis devem apoiá-los na identificação de diversas atividades que possam realizar com os filhos e promover atividades independentes que vão além das telas. Essas experiências compartilhadas também podem proporcionar oportunidades de participação significativa e fortalecer o tempo vivido em conjunto, preservando os valores cristãos no lar.

DESENVOLVIMENTO INFANTIL E TEMPO DE TELA DIGITAL

Muitos pais e outros adultos que cuidam de crianças e adolescentes se preocupam com os efeitos do tempo de tela sobre a saúde mental deles. Uma revisão de 35 estudos mostra que passar muito tempo diante de telas pode agravar a depressão ou a ansiedade em crianças e adolescentes que já apresentam esses sintomas. Há também uma pequena associação entre um tempo de tela elevado e o surgimento de novos sintomas de depressão ou ansiedade em crianças e adolescentes (Tang et al., 2021). As revisões também constataram que a associação mais forte com o aumento da depressão e da ansiedade ocorreu quando crianças e adolescentes passavam muito tempo usando celulares ou computadores. Crianças que jogam videogames no computador ou no celular apresentam mais sintomas de ansiedade, enquanto o uso noturno de dispositivos digitais e a dependência do celular têm sido associados a mais sintomas depressivos (Muppalla et al., 2023). Essa associação não foi constatada entre crianças e adolescentes que passavam mais tempo assistindo à televisão ou jogando videogames conectados à TV (Tang et al., 2021).

A Organização Mundial da Saúde oferece orientações sobre quanto tempo de tela as crianças devem ter por dia. Para bebês com menos de um a dois anos de idade, a orientação é não ter nenhum tempo de tela (Organização Mundial da Saúde, 2018). Em vez de usar aplicativos ou dispositivos, os pais devem conversar, cantar e ler para seus bebês. Para crianças de dois anos, o tempo de tela não deve ultrapassar uma hora por dia, e menos tempo é ainda melhor (World Health Organization, 2018). Essa mesma regra — menos de uma hora por dia — também é recomendada para crianças de três a cinco

anos, e as crianças pequenas devem passar a maior parte do dia brincando e sendo ativas (Organização Mundial da Saúde, 2018). Para crianças maiores e adolescentes, o tempo de tela deve ficar abaixo de duas horas por dia. Ele deve fazer parte de uma rotina saudável e equilibrada, que inclua movimentar o corpo, conviver com amigos e familiares e realizar as atividades escolares.

Pesquisas mais recentes sugerem que a maneira como crianças e adolescentes usam as redes sociais importa ainda mais do que o tempo que passam nos dispositivos. Embora esse uso possa favorecer vínculos, criatividade e apoio social, também pode intensificar a comparação social, a busca de validação e a vulnerabilidade a danos causados pelos colegas (Odgers e Jensen, 2020; Pew Research Center, 2022). Existe uma associação entre determinados tipos de uso das redes sociais e taxas mais elevadas de automutilação e pensamentos suicidas (Wijedasa et al., 2025). O risco aumenta quando crianças e adolescentes não apenas veem imagens de automutilação ou suicídio na internet, mas também as compartilham ou interagem de outras maneiras com esse tipo de conteúdo (Wijedasa et al., 2025). Compreender o que crianças e adolescentes veem na internet e como interagem com esse conteúdo é importante para reduzir os efeitos negativos do tempo de tela. Crianças e adolescentes com acesso não supervisionado às telas relataram mais sintomas físicos do que aqueles cujo acesso era supervisionado pelos pais em casa e na escola (Kakon et al., 2025; Tang et al., 2021). Em um estudo com 5.844 crianças de várias partes do mundo, as que usavam telas por mais tempo sem supervisão apresentaram mais relatos de dores de cabeça, obesidade, distúrbios do sono e miopia (Kakon et al., 2025). Observa-se também que o maior fator preditivo de taxas elevadas de tempo de tela entre crianças e adolescentes é o tempo de tela de seus pais e responsáveis. Quando os adultos passam menos tempo diante das telas, as crianças e os adolescentes também o fazem (Kakon et al., 2025). Esses resultados ressaltam que o uso das mídias digitais nas famílias pode ser moldado por fatores que vão além do acesso às telas ou das regras. Aspectos diagnósticos, diferenças individuais e processos de regulação também podem desempenhar um papel importante.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NEURODIVERGÊNCIA: ATENÇÃO, CONCENTRAÇÃO E DISTRAIBILIDADE

Incentivamos os pais de crianças neurodivergentes a exercitar o pensamento dialético, ou uma perspectiva de “tanto uma coisa quanto a outra”, percorrendo um caminho intermediário (Zalewski et al., 2020). Isso envolve sustentar duas verdades ao mesmo tempo: embora o uso excessivo de mídias digitais e o tempo excessivo de tela possam representar riscos sociais e ao desenvolvimento, as mídias digitais também podem oferecer benefícios significativos a algumas crianças. Vários estudos indicam que o uso de telas pode aumentar a distraibilidade em todas as faixas etárias (Wijedasa et al., 2025). Para crianças de três anos ou menos, o tempo excessivo de tela pode aumentar

a probabilidade de desenvolver transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) mais tarde (Wijedasa et al., 2025). Pesquisas constataram que o uso elevado de telas na primeira infância está associado a um aumento de seis vezes nos problemas de atenção e de sete vezes na presença de múltiplos sintomas relacionados ao TDAH (Wijedasa et al., 2025).

Crianças e adolescentes que já têm TDAH também apresentam maior risco de uso problemático da internet (UPI), que pode incluir uso excessivo de jogos, redes sociais, visualização de pornografia, cyberbullying, jogos de azar e compras on-line (Werling et al., 2022). O uso de mídias digitais pode agravar a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade, além de contribuir para problemas comportamentais, ansiedade, depressão e dificuldades de planejamento e organização (Wijedasa et al., 2025). Há também preocupações mais imediatas, como a interrupção e a interferência no funcionamento cotidiano dos filhos, incluindo possíveis dificuldades para cumprir responsabilidades — por exemplo, tarefas escolares ou domésticas —, sono insuficiente, redução dos relacionamentos interpessoais, diminuição das atividades físicas e comprometimento da higiene pessoal (Institute of Digital Media and Child Development, 2024). Embora o TDAH não cause o UPI, jovens com TDAH parecem ser mais vulneráveis a desenvolvê-lo (Werling et al., 2022).

Da mesma forma, uma maior exposição às telas na primeira infância — dos zero aos cinco anos — tem sido significativamente associada a sintomas posteriores de transtorno do espectro autista (TEA) (Yuan et al., 2024). Um estudo longitudinal sobre a relação entre TEA/TDAH e os resultados do desenvolvimento constatou que maior exposição às telas durante o período crítico de desenvolvimento dos zero aos três anos estava associada a mais comportamentos relacionados ao TEA e ao TDAH entre os três e os cinco anos (Hill et al., 2024). É relevante observar que essas associações foram identificadas mesmo entre crianças que não preenchiam os critérios diagnósticos para TEA ou TDAH, sugerindo que a exposição precoce às telas pode influenciar o funcionamento posterior do neurodesenvolvimento (Hill et al., 2024). As pesquisas também sugerem que pessoas autistas passam significativamente mais tempo diante das telas do que seus pares não autistas (Slobodin et al., 2019; Tateno et al., 2019) e podem apresentar maior risco de dependência de telas (Yuan et al., 2024). Além disso, pessoas autistas frequentemente passam mais tempo interagindo com mídias em telas do que participando de atividades pró-sociais fora da internet, o que pode contribuir ainda mais para o isolamento social (Tateno et al., 2019). Consequentemente, pode haver maior probabilidade de recorrer às telas para a regulação emocional em períodos de sofrimento (Institute of Digital Media and Child Development, 2024).

GESTÃO DO TEMPO DE TELA PELOS PAIS

É importante que os pais deem o exemplo e administrem seu próprio tempo de tela e

uso de redes sociais. Nagata et al. (2024) realizaram um estudo que mediu as associações entre as práticas dos pais em relação às mídias e o uso de telas no início da adolescência. Por meio de um questionário de autorrelato, fizeram aos pais 14 perguntas que abrangiam categorias como o exemplo dado no uso de telas, o monitoramento do tempo de tela pelos pais e a limitação desse tempo pelos pais. Nagata et al. (2024) constataram que 85,3% dos pais tentam limitar seu próprio uso de telas diante dos filhos adolescentes, mas 72,9% usam telas na presença deles. Também foi relatado que 67,4% dos pais monitoram o tempo de tela dos filhos adolescentes ao longo da semana e 76,2% limitam esse tempo durante a semana. Esse estudo mostra que o uso de telas pelos pais está correlacionado a um maior uso de telas entre os adolescentes.

É importante que os pais compreendam seu papel fundamental na gestão do tempo de tela. Para isso, podem estabelecer orientações em seus lares. Uma ferramenta de gestão pelos pais pode ser utilizada como abordagem eficaz para administrar esse tempo (ver Apêndice A: Ficha do Plano de Gestão da Tecnologia Digital). Essa ficha foi elaborada para ajudar os pais a considerar cuidadosamente as questões principais (coluna 1), identificar a resposta de sua família (coluna 2) e desenvolver ações práticas (coluna 3). Juntas, essas etapas favorecem decisões adequadas à realidade de cada família e promovem a coerência na implementação de limites digitais saudáveis no lar. Muppalla et al. (2023) discutem como a restrição, pelos pais, do tempo de tela — incluindo o uso de celular, televisão e jogos — pode estar associada a menos tempo diante das telas por parte das crianças, indicando, assim, a importância dos limites e das medidas adequadas de proteção. Em essência, uma redução significativa do tempo de tela pode ser atribuída à gestão de limites saudáveis pelos pais e à melhoria dos vínculos no lar.

BENEFÍCIOS DA TECNOLOGIA DIGITAL

A preparação e a implementação são importantes para garantir que os pais utilizem a tecnologia de maneiras significativas, que beneficiem seus filhos como um todo. Para compreender mais profundamente os impactos da tecnologia sobre sua família, os pais são incentivados a preencher a Ficha do Plano de Gestão da Tecnologia Digital (Apêndice A); um exemplo é apresentado na Tabela 1. Pais que consideram como integrar a tecnologia ao lar podem se beneficiar de orientações sobre sua integração à vida familiar para apoiar os filhos ao longo de toda a vida. As pesquisas indicam que a tecnologia pode ser útil quando os pais a utilizam de modo consciente e moderado, de maneiras que reflitam decisões intencionais e orientadas por valores no sistema familiar, incluindo como ela pode favorecer os vínculos com outras pessoas e o crescimento pessoal ou espiritual. Utilizando os Cinco Cs (ver Apêndice B), atentando para a idade e o desenvolvimento da criança e considerando a adequação do conteúdo digital, os pais podem explorar e compreender que a tecnologia pode ser útil para além de uma ferramenta de regulação. Atividades alternativas, mais significativas e adequadas à idade podem complementar

a comunicação contínua no sistema familiar, aprimorando um letramento tecnológico saudável e equilibrado. A consideração cuidadosa da idade e do desenvolvimento da criança garante uma compreensão bem fundamentada dos possíveis benefícios, ao mesmo tempo que se avaliam os possíveis riscos da tecnologia (ver Apêndice C), apoiando decisões cuidadosas e orientadas pela mordomia cristã no lar.

Os pais também devem reconhecer que o uso seguro e supervisionado de mídias digitais e telas pode beneficiar crianças neurodivergentes. Em um mundo neurotípico de agitação e confusão humanas, as telas oferecem padrões familiares, previsíveis e confiáveis de estimulação visual. O uso de telas pode favorecer a regulação emocional, pois os usuários experimentam uma sensação de segurança por meio do controle sobre seu ambiente digital (Ljungberg e Westergren, 2025). Os dispositivos com telas também oferecem uma oportunidade acessível de satisfazer a curiosidade sobre interesses específicos e atender à necessidade de busca de estímulos sensoriais (Lane e Radesky, 2019). Crianças neurodivergentes que têm dificuldade nas interações presenciais podem considerar os dispositivos com telas uma forma mais fácil e tranquila — e menos desgastante emocionalmente — de se conectar com colegas e familiares (Lane e Radesky, 2019). A participação nas redes sociais permite que adolescentes autistas se comuniquem com mais confiança nas amizades já estabelecidas e pratiquem a socialização em novos grupos de amigos (Gillespie-Smith et al., 2021). Além disso, a resolução de problemas necessária para utilizar a tecnologia pode ser entendida como o desenvolvimento de habilidades para um futuro emprego. Os pais podem considerar não estabelecer regras unilaterais para seus filhos neurotípicos e neurodivergentes (Martinelli, 2024; *Institute of Digital Media and Child Development,* 2024). Pais de crianças neurodivergentes, por exemplo, devem primeiro procurar compreender a relação de seu filho com os dispositivos, observando sua interação com eles e abordando o uso da tecnologia com curiosidade, discernimento e atenção aos relacionamentos.

Os pais são incentivados a usar telas em conjunto com os filhos para demonstrar o uso adequado: uma ferramenta mais bem utilizada de forma ativa — e não passiva — para a curiosidade, os vínculos e a criatividade (Ljungberg e Westergren, 2025; Martinelli, 2024), em vez de fuga e isolamento. Quando usado intencionalmente, o tempo de tela pode proporcionar oportunidades que favoreçam os vínculos e o contato com conteúdos significativos ou espiritualmente enriquecedores. Se os pais interagirem socialmente com os filhos durante o tempo reservado às telas, alternando entre o mundo digital e a participação no mundo real, as crianças poderão aprender que as mídias digitais são uma ferramenta útil, mas não a única, para os relacionamentos. Além disso, é importante que os pais deem o exemplo e não recorram imediatamente às telas quando estiverem entediados ou emocionalmente desregulados. Os pais de todas as crianças, em qualquer faixa etária e nível de funcionamento, têm importância vital e podem influenciar profundamente a relação de seus filhos com a tecnologia, dando exemplo de presença

intencional, vínculos e uso das mídias digitais coerente com seus valores no lar.

CONCLUSÃO

Os pais desempenham um papel fundamental ao dar exemplo de uso saudável da tecnologia, sendo a principal influência sobre os hábitos digitais dos filhos. Assim, o objetivo não é necessariamente eliminar a tecnologia da vida da criança, mas utilizá-la intencionalmente no lar. Como observa Muppalla (2023), conhecer os possíveis riscos das mídias digitais é essencial para tomar decisões bem fundamentadas sobre o uso da tecnologia e implementar um plano eficaz de gestão. Ao compreender tanto os benefícios quanto os riscos das mídias digitais, os pais podem tomar decisões adequadas à realidade de cada família, que estabeleçam limites apropriados e orientem os filhos para uma participação segura, com propósito e compatível com seu desenvolvimento no ambiente digital (Kumas et al., 2026). Para isso, os pais são incentivados a permanecer presentes, curiosos e flexíveis em uma era digital em transformação, entendendo a educação dos filhos e a segurança no ambiente digital como um processo contínuo de aprendizagem, adaptação e fortalecimento de vínculos que reflitam seus valores, incluindo a fé, a mordomia cristã e o cuidado intencional no sistema familiar. Esse processo também cria oportunidades para servir e se conectar com outras pessoas, bem como para adquirir compreensão espiritual por meio de uma participação intencional nas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

American Academy of Pediatrics. (2016). *As mídias e a mente na primeira infância*. Pediatrics, 138(5), e20162591.

American Academy of Pediatrics. (2022). *Plano familiar de uso de mídias*. https://www.healthychildren.org

Boyd, D. (2014). *É complicado: a vida social dos adolescentes conectados*. Yale University Press.

Bronfenbrenner, U. (1979). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Gillespie-Smith, K., Hendry, G., Anduuru, N., Laird, T., & Ballantyne, C. (2021). *Usar as redes sociais para "socializar": percepções de jovens autistas e de pais sobre os benefícios e os riscos das redes sociais*. Research in Developmental Disabilities, 118, 104081.

Hartshorne, J. K., Huang, Y. T., Lucio Paredes, P. M., Oppenheimer, K., Robbins, P. T., & Velasco, M. D. (2021). *Tempo de tela como indicador de sofrimento familiar*. Current Research in Behavioral Sciences, 2, 100023. https://doi.org/10.1016/j.crbeha.2021.100023

Hill, M. M., Gangi, D. N., & Miller, M. (2024). *Tempo de tela em crianças pequenas: associações longitudinais com sintomas de autismo e TDAH e com desfechos do desenvolvimento*. Child Psychiatry & Human Development, 1–12.

Institute of Digital Media and Child Development. (2024). *Jovens neurodivergentes e mídias digitais*. Children and Screens. https://www.childrenandscreens.org/learn-explore/research/neurodivergent-youth-and-digital-media/

Kakon, S., Soron, T., Hossain, M., Haque, R., & Tofail, F. (2025). *Tempo de tela com e sem supervisão e sua associação com a saúde física, mental e social de crianças que frequentam a escola em Daca*, Bangladesh: estudo transversal. JMIR Pediatrics and Parenting, 8, e62943–e62943. https://doi.org/10.2196/62943

Kumas, O. A., Yildririm, A. E. S., & Dada, S. D. (2026). *Parentalidade digital na primeira infância: uso de tecnologias digitais e experiências de pais de crianças com necessidades especiais*. Early Childhood Education Journal, 54, 2075–2089. https://doi.org/10.1007/s10643-025-02002-w

Lammers, S. M., Woods, R. J., Brotherson, S. E., Deal, J. E., & Platt, C. A. (2022). *Como o conhecimento dos cuidadores e a motivação dos pais ajudam a explicar a adesão às recomendações da American Academy of Pediatrics sobre tempo de tela: estudo de métodos mistos*. JMIR Pediatrics and Parenting, 5(2). https://doi.org/10.2196/29102

Lane, R., & Radesky, J. (2019). *Mídias digitais e transtornos do espectro autista: revisão das evidências, questões teóricas e oportunidades de intervenção*. Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics, 40(5), 364–368.

Lee, L., Liang, W.-J., & Sun, F.-C. (2021). *Impacto da integração de tecnologias de música e imagem no nível de envolvimento de crianças pré-escolares na aprendizagem*. Education Sciences, 11(12), 1–12. https://doi.org/10.3390/educsci11120788

Livingstone, S., & Smith, P. K. (2014). *Revisão anual de pesquisas: danos vivenciados por crianças que usam tecnologias on-line e móveis*. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 55(6), 635–654.

Ljungberg, B., & Westergren, A. (2025). *Perspectivas: como equilibrar os benefícios e os riscos do uso de mídias digitais por crianças autistas, sob a ótica da enfermagem*. Journal of Research in Nursing, 30(4), 406–410.

Martinelli, K. (2024, 18 de outubro). *Crianças neurodivergentes e tempo de tela*. Child Mind Institute. https://childmind.org/article/screens-and-neurodivergent-kids/

Mascheroni, G., & Zaffaroni, L. G. (2023). *Do "tempo de tela" aos "tempos de tela": como medir quando e por quanto tempo as mídias são usadas no cotidiano familiar*. Communications, 50(1), 63–84. https://doi.org/10.1515/commun-2022-0097

McArthur, B. A., Volkova, V., Tomopoulos, S., & Madigan, S. (2022). *Prevalência mundial de adesão às recomendações sobre tempo de tela entre crianças de até 5 anos*. JAMA Pediatrics, 176(4), 373. https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.6386

Munzer, T., Milkovich, L. M., Madigan, S., Tomopoulos, S., Parga-Belinkie, J., Ajumobi, T., Cross, C., & Gerwin, R. (2026). *Ecossistemas digitais, crianças e adolescentes: relatório técnico*. Council on Communications and Media: American Academy of Pediatrics, 157(2), e2025075321. https://doi.org/10.1542/peds.2025-075321

Muppalla, S., Vuppalapati, S., Reddy Pulliahgaru, A., & Sreenivasulu, H. (2023). *Efeitos do tempo excessivo de tela no desenvolvimento infantil: revisão atualizada e estratégias de manejo*. Cureus. https://doi.org/10.7759/cureus.40608

Nagata, J. M., Paul, A., Yen, F., Smith-Russack, Z., Shao, I., Al-shoaibi, A., Ganson, K. T., Testa, A., Kiss, O., He, J., & Baker, F. C. (2024). *Associações entre as práticas parentais relacionadas às mídias e o uso de telas no início da adolescência*. Pediatric Research, 97, 403–410. https://doi.org/10.1038/s41390-024-03243-y

Odgers, C. L., & Jensen, M. R. (2020). *Revisão anual de pesquisas: saúde mental dos adolescentes na era digital*. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 61(3), 336–348.

Pew Research Center. (2022). *Adolescentes, redes sociais e tecnologia*. https://www.pewresearch.org

Radesky, J. S., Kaciroti, N., Weeks, H. M., Schaller, A., & Miller, A. L. (2023). *Associações longitudinais entre o uso de dispositivos móveis para acalmar crianças de 3 a 5 anos e a reatividade emocional e o funcionamento executivo dessas crianças*. JAMA Pediatrics, 177(1), 62. https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2022.4793

Slobodin, O., Heffler, K. F., & Davidovitch, M. (2019). *Mídias de tela e transtorno do espectro autista: revisão sistemática da literatura*. Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics, 40(4), 303–311.

Subrahmanyam, K., & Smahel, D. (2011). *Juventude digital: o papel das mídias no desenvolvimento*. Springer.

Tang, S., Werner-Seidler, A., Torok, M., Mackinnon, A. J., & Christensen, H. (2021). *A relação entre tempo de tela e saúde mental em jovens: revisão sistemática de estudos longitudinais*. Clinical Psychology Review, 86, 102021. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2021.102021

Tateno, M., Teo, A. R., Ukai, W., Kanazawa, J., Katsuki, R., Kubo, H., & Kato, T. A. (2019). *Dependência de internet, dependência de smartphone e traços de hikikomori em jovens adultos japoneses: isolamento social e rede de relações sociais*. Frontiers in Psychiatry, 10, 455.

Werling, A., Kuzhippallil, S., Emery, S., Walitza, S., & Drechsler, R. (2022). Uso problemático de mídias digitais em crianças e adolescentes com diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em comparação com grupos de controle: metanálise. Journal of Behavioral Addictions, 11(2), 305–325. https://doi.org/10.1556/2006.2022.00007

Wijedasa, D., Yoon, Y., Schmits, F., Harding, S., & Hahn, R. (2025). Saúde mental em contexto: um estudo dos fatores individuais, contextuais e relacionais associados à saúde mental de crianças e jovens que crescem sob os cuidados do Estado. Children and Youth Services Review, 170, 108108. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2024.108108

World Health Organization. (2018). Diretrizes da OMS sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças menores de 5 anos.

Yuan, G., Zhu, Z., Guo, H., Yang, H., Zhang, J., Zhang, K., ... & Zhang, Z. (2024). *Tempo de tela e transtorno do espectro autista: revisão sistemática abrangente sobre risco, uso e dependência*. Journal of Autism and Developmental Disorders, 1–15.

Zalewski, M., Maliken, A. C., Lengua, L. J., Martin, C. G., Roos, L. E., & Everett, Y. (2023). *Integração da terapia comportamental dialética com intervenções de treinamento para crianças e pais: revisão narrativa e teórica*. Clinical Psychology: Science and Practice, 30(4), 365.

APÊNDICE A
FICHA DO PLANO DE GESTÃO DA TECNOLOGIA DIGITAL

Questões a considerar	Exemplos de respostas e ações	Respostas de sua família	Ações
Quais são nossos espaços sem telas?	**Resposta:** À mesa de jantar. **Ação:** Definir uma "cesta de celulares" para guardar os aparelhos durante as refeições.		
Quais são nossos momentos sem telas?	**Resposta:** Durante as conversas presenciais. **Ação:** Criar uma frase ou um sinal da família que indique a hora de conversar sem dispositivos.		
Como podemos praticar o hábito de usar "um dispositivo de cada vez"?	**Resposta*:*** Deixar os celulares de lado enquanto assistimos à televisão. **Ação*:*** Criar o hábito de desligar os dispositivos que não estão sendo usados ao ligar um novo dispositivo		
Quais mídias podemos utilizar juntos, em família?	***Resposta:*** Considerar filmes ou programas de televisão aos quais possamos assistir juntos. ***Ação:*** Planejar uma noite de cinema em família.		
Quais são nossos indicadores de sucesso no uso das mídias em família?	***Resposta:*** Observar mais interações positivas do que negativas com as mídias. ***Ação:*** Elaborar uma lista de comportamentos que demonstrem um bom uso das mídias.		
Quais metas queremos estabelecer, como família, para o uso da tecnologia e das mídias?	***Resposta:*** Limitar a uma hora por dia o uso individual de mídias ou tecnologia. ***Ação:*** Escolher horários ou atividades para o uso individual da tecnologia.		
Como podemos usar as mídias de maneiras que promovam amor, presença e vínculos significativos no lar?	***Resposta:*** Podemos usar as mídias como ponto de partida para conversas em família. **Ação*:*** Escolher um conteúdo de mídia para conversarmos juntos, em família.		

Questões a considerar	Exemplos de respostas e ações	Respostas de sua família	Ações
Que papel queremos que as mídias e a tecnologia desempenhem em nosso ecossistema familiar?	***Resposta:*** As mídias podem apoiar nossos interesses. ***Ação:*** Mapear o ambiente de sua família e identificar maneiras pelas quais as mídias ou a tecnologia possam apoiar o ambiente que vocês definiram.		
O que faremos quando discordarmos sobre tecnologia e mídias?	***Resposta:*** Praticaremos o apoio mútuo e a gestão de nossas próprias reações emocionais. ***Ação:*** Criar uma frase ou uma forma de conversar sobre as mídias que indique que há discordância, mas também disposição para ouvir o ponto de vista uns dos outros.		
Qual é a coisa mais importante para nossa família fazer em conjunto? Que papel as mídias ou a tecnologia desempenham nessa atividade?	***Resposta:*** Gostamos muito de estar ao ar livre, em contato com a natureza, e podemos usar os celulares para tirar fotos, baixar mapas para caminhadas e compartilhar nossas caminhadas nas redes sociais. ***Ação:*** Planejar uma caminhada em família com a intenção de tirar fotos juntos para compartilhar com os amigos e a família ampliada.		
Como vemos as mídias e a tecnologia no futuro de nossa família?	***Resposta:*** Queremos aprender mais sobre os avanços tecnológicos e estar preparados para as mudanças. ***Ação:*** Trabalharemos juntos para aprender sobre as mudanças na tecnologia e nos preparar para a maneira como elas afetarão nossa família.		
Como nosso uso das mídias se alinha aos valores cristãos e ao tipo de lar que queremos construir?	***Resposta:*** Preservamos nossa fé e nossa mordomia cristã ao evitar distrações que nos impedem de estar presentes uns para os outros. ***Ação:*** Limitar o tempo de tela, priorizar os vínculos e estar atentos ao que permitimos entrar no lar.		
Nossa frase, regra ou lembrete sobre tecnologia e mídias:	*A tecnologia e as mídias podem coexistir com as normas de nossa família, e podemos trabalhar juntos para construir uma relação significativa com as mídias.* ***Ação:*** Escrever essa declaração em um lugar onde a família possa vê-la e consultá-la facilmente.		

APÊNDICE B
OS CINCO C'S
(AAP, 2016; MUNZER ET AL., 2026)

Bebês: do nascimento aos 18 meses
Crianças pequenas: de dois a quatro anos
Crianças em idade escolar: de cinco a dez anos
Adolescentes mais novos: de dez a 14 anos
Adolescentes: de 14 a 18 anos

1. **CRIANÇA:** todas as crianças são únicas; pense nas necessidades específicas de seu filho
   a. Bebês: considere o impacto emocional sobre seu bebê e como a exposição às mídias afeta o estado emocional dele.
   b. Crianças pequenas e pré-escolares: conheça a personalidade e a disposição de seu filho em relação ao uso das mídias. Ele consegue interromper esse uso com facilidade ou precisa de mais ajuda para estabelecer limites?
   c. Crianças em idade escolar: conheça os interesses de seu filho. Como você pode incentivar as atividades pelas quais ele começa a se interessar?
   d. Adolescentes mais novos: considere a identidade de seu filho, que está começando a se formar, e sua reação particular àquilo que consome nas mídias.
   e. Adolescentes mais velhos: ouça atentamente seu filho ao compartilhar suas experiências sociais e como elas são moldadas pelo uso das mídias. Aproveite esses momentos como oportunidades para fortalecer vínculos e aprender.

2. **CONTEÚDO:** certifique-se de que o conteúdo exerça uma boa influência sobre a criança
   a. Bebês: nessa idade, os bebês aprendem pouco com as telas; concentre-se, em vez disso, em videochamadas com pessoas queridas.
   b. Crianças pequenas e pré-escolares: considere apresentar programas infantis positivos e educativos, como os da Public Broadcasting Service (PBS), e evite programas excessivamente estimulantes.
   c. Crianças em idade escolar: proteja as crianças da exposição a conteúdos prejudiciais, supervisione o uso e utilize os controles parentais.
   d. Adolescentes mais novos: comece a envolver seu filho no processo de seleção de conteúdo e oriente-o a fazer escolhas positivas sobre o que consome.
   e. Adolescentes mais velhos: este é um momento especialmente propício para

apoiar os adolescentes no desenvolvimento de habilidades de letramento digital. Isso os ajudará a recusar tendências e práticas prejudiciais e a buscar, em seu lugar, uma participação pró-social nas mídias.

3. **CALMA:** evite usar as mídias como fonte de regulação emocional e ensine estratégias de enfrentamento
   a. Bebês: aprender a se acalmar é uma habilidade importante, e as mídias podem interromper esse processo.
   b. Crianças pequenas e pré-escolares: esta é uma idade especialmente importante para aprender a regular as emoções. Manter as telas fora do desenvolvimento dessa habilidade fundamental pode ajudar as crianças a aprender maneiras internas de se acalmar, em vez de depender de uma tela para se distrair de emoções intensas.
   c. Crianças em idade escolar: as crianças podem começar a usar as mídias para relaxar, mas certifique-se de limitar o uso da tecnologia antes da hora de dormir, para favorecer hábitos saudáveis de sono.
   d. Adolescentes mais novos: incentive-os a começar a desenvolver estratégias saudáveis de enfrentamento e a evitar o uso de mídias ou tecnologia como forma de se entorpecer emocionalmente ou de se desligar do processamento e do enfrentamento das emoções.
   e. Adolescentes mais velhos: lembre-se de continuar apoiando estratégias saudáveis de enfrentamento, para que os jogos e as mídias não tomem o lugar de um processamento emocional significativo.
4. **CONCORRÊNCIA COM OUTRAS ATIVIDADES:** considere quais atividades e experiências podem estar sendo prejudicadas pelo uso da tecnologia
   a. Bebês: considere seu próprio uso de telas. Ele está prejudicando interações significativas com seu bebê?
   b. Crianças pequenas e pré-escolares: esta é uma idade de exploração, intensa atividade corporal e curiosidade. Incentivar o movimento e atividades interativas positivas favorece o desenvolvimento.
   c. Crianças em idade escolar: este é um ótimo momento para aprender a moderação no uso. Dê exemplo de uso adequado, mostrando quando é hora de guardar os dispositivos e fortalecer os vínculos, como nas refeições ou durante atividades compartilhadas. Apoie as crianças para que priorizem a escola, os esportes, os passatempos e as atividades de convivência.
   d. Adolescentes mais novos: continue atento à importância de apoiá-los na identificação de períodos sem tecnologia e no estabelecimento de limites para seu próprio uso, garantindo pausas no mundo digital para participar de outras

atividades e interações sociais e evitar o uso compulsivo.

e. Adolescentes mais velhos: continue explorando com eles as atividades e interações sociais significativas fora da tecnologia ou das mídias. Lembre-lhes que o tempo sem tecnologia é importante e ajuda a criar equilíbrio em sua vida. Consolidar esses limites pode ajudá-los a desenvolver habilidades saudáveis de uso das mídias e da tecnologia para toda a vida.

5. **COMUNICAÇÃO:** mantenha a comunicação aberta para desenvolver o letramento digital e o diálogo
   a. Bebês: comece a pensar em como deseja conversar sobre as mídias e desenvolva suas próprias habilidades de letramento digital enquanto seu bebê ainda é pequeno.
   b. Crianças pequenas e pré-escolares: comece a conversar sobre o que seu filho vê na tela. Os personagens demonstram atitudes pró-sociais?
   c. Crianças em idade escolar: este é um momento especialmente propício para iniciar o diálogo sobre o que elas veem nas mídias e ensinar segurança e pensamento crítico. Ajude as crianças a discernir o que é seguro e adequado e a fazer boas escolhas no uso da tecnologia.
   d. Adolescentes mais novos: converse abertamente sobre os desafios relacionados às mídias e convide-os ao diálogo. Evite constranger seu filho ou criticar suas experiências; compartilhe, em vez disso, alguns de seus próprios desafios com as mídias.
   e. Adolescentes mais velhos: lembre-se de dar exemplo de uso adequado da tecnologia e de deixar seu dispositivo de lado ao conversar com seus filhos. Apoie-os a falar abertamente sobre suas experiências e lembre-se de dar exemplo de um relacionamento saudável com as mídias.

APÊNDICE C
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E TEMPO DE TELA (AAP, 2016; AAP, 2022)

Faixa etária	Possíveis benefícios	Possíveis riscos
 Primeira infância Do nascimento aos cinco anos	A qualidade do conteúdo importa! Materiais educativos usados como parte da interação com o responsável podem ser benéficos.	O tempo de tela individual e não educativo está mais associado a resultados negativos e deve ser reduzido ao mínimo.
 Idade escolar De seis a 12 anos	A tecnologia voltada a objetivos positivos de educação e aprendizagem pode ser benéfica quando usada com moderação.	O tempo excessivo de tela associado ao comportamento sedentário pode ter efeitos negativos sobre a saúde.
 Adolescentes De 13 a 18 anos	Com a participação e o apoio do responsável, o uso das mídias pode favorecer a formação da identidade e a identificação com grupos positivos de colegas, criando um espaço de expressão pró-social.	O *cyberbullying* e as comparações na internet podem aumentar, nessa faixa etária, os riscos de efeitos negativos sobre a saúde mental.

Nota: Os benefícios são maximizados quando o uso de telas é adequado à idade, tem propósito e é equilibrado com atividades fora da internet e hábitos saudáveis. Os riscos aumentam com o tempo de tela excessivo, sem supervisão ou não educativo.

O LAR FUNDAMENTADO NA GRAÇA: LIDANDO COM A FÉ, O ESTRESSE E A RESILIÊNCIA ESPIRITUAL ENTRE AS GERAÇÕES

CÉSAR E CAROLANN DE LEÓN

TEXTOS BÍBLICOS

Deuteronômio 6:6–7 *"Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te" (ARA).*

Colossenses 3:21: *"Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados" (ARA).*

César De León, PhD, LMFT, e **Carolann De León,** RN, MS em Terapia Conjugal e Familiar, MAPM, são diretores do Departamento do Ministério da Família da Divisão Norte-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia, em Columbia, Maryland, Estados Unidos.

> **Tiago 1:19–20:** *"Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (ARA).*

OBJETIVO

O objetivo deste seminário é examinar o delicado ecossistema do lar, explorando como as famílias moldam a jornada de fé de crianças e jovens e identificando e avaliando o sabotador oculto que frequentemente prejudica esse crescimento e desenvolvimento espiritual tão vital.

Ao integrar resultados empíricos da sociologia, da psicologia e da endocrinologia a uma estrutura narrativa prática, este seminário foi preparado como uma ferramenta de ação para capacitar pais e responsáveis, líderes do Ministério da Família, pastores e educadores a apoiar o crescimento e o desenvolvimento contínuos de lares fundamentados na Bíblia, dirigidos pelo Espírito Santo, emocionalmente seguros e permeados pela graça, nos quais pais imperfeitos demonstram aos filhos, como um estilo de vida sustentável, o amor extraordinário, a graça, a misericórdia, a compaixão e o perdão de Cristo.

À medida que crianças e adolescentes se desenvolvem e amadurecem nesse ambiente familiar fundamentado na graça, podem ver e experimentar de maneira mais natural o amor de Cristo manifestado nos relacionamentos familiares. Podem aprender que Jesus não é uma religião, mas um relacionamento transformador que dá vida e alimenta a alegria, que não apenas aprenderão a valorizar e estimar, mas que se sentirão impelidos a compartilhar com outras pessoas.

COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS

- **Para pais e responsáveis:** Aprender a passar de uma educação dos filhos reativa, movida pelo estresse, para uma formação da fé proativa, marcada por acolhimento e sintonia nos relacionamentos.
- **Para pastores e líderes do Ministério da Família:** Aprender a criar e apoiar ambientes comunitários espirituais com baixo nível de estresse, que amparem as famílias nas diferentes fases da vida, e a produzir recursos relevantes e de fácil acesso sem gerar esgotamento pelo excesso de programas.
- **Para educadores cristãos:** Compreender os impactos biológicos ocultos do estresse no lar sobre a atenção e o comportamento dos alunos e como esses fatores afetam sua receptividade educacional, emocional e espiritual em sala de aula.

PARTE I: BOAS-VINDAS E INTRODUÇÃO

Bem-vindos a este seminário sobre família, preparado para pais e responsáveis, equipes do Ministério da Família, pastores, educadores cristãos e todos os que desejam contribuir para o crescimento e o desenvolvimento religioso e espiritual das crianças e

dos jovens que estão em seu círculo de influência.

Muitos pais cristãos carregam hoje uma culpa silenciosa e pesada e, às vezes, até vergonha quando não conseguem corresponder às próprias expectativas na educação dos filhos. Frequentemente se preocupam com a possibilidade de que suas imperfeições pessoais, explosões de temperamento, cultos familiares não realizados ou agendas caóticas e estressantes acabem desestimulando os filhos a amar a Deus. Quando observamos a deterioração dos relacionamentos familiares, o fascínio da tecnologia em constante desenvolvimento, os desafios de saúde mental em todas as idades e o crescente desinteresse cultural pela religião e pela frequência à igreja, percebemos como é fácil os pais entrarem em pânico.

Entretanto, temos para os pais de hoje uma notícia incrivelmente libertadora e cheia de esperança, sustentada tanto pela antiga sabedoria das Escrituras inspiradas quanto por dados sociológicos recentes: os filhos não precisam de uma educação perfeita para desenvolver uma fé profunda e duradoura.

Os filhos podem desenvolver uma fé duradoura ao conviver com pais imperfeitos, emocionalmente conectados a eles, que amam a Deus e buscam Sua graça e Seu poder para demonstrar o que significa errar, arrepender-se e pedir desculpas quando falham. Pais que, então, procuram reparar as feridas nos relacionamentos com rapidez e humildade, para manter vínculos calorosos e afetuosos com seus filhos, da infância e adolescência até a vida adulta.

O CENÁRIO ATUAL DA TRANSMISSÃO DA FÉ

Hoje veremos como pais imperfeitos podem passar adiante a tocha da fé com êxito, para que a próxima geração não apenas a receba, mas a leve para a vida adulta e a compartilhe com alegria.

Durante décadas, muitas organizações religiosas partiram do pressuposto de que o principal fator para a permanência dos jovens na fé era a qualidade dos grupos de jovens, da Escola Sabatina e dos demais programas da igreja, ou do currículo e do ensino das escolas cristãs.

Até mesmo pais cristãos bem-intencionados adotaram, sem perceber, a mentalidade profundamente equivocada de simplesmente “deixar os filhos aos cuidados de outros”. Muitos pensaram que bastaria levar os filhos à Escola Sabatina, deixá-los na Escola Cristã de Férias ou em um grupo dinâmico de jovens e matriculá-los em nossas excelentes escolas adventistas para que os profissionais da religião transmitissem, por nós, a fé e a esperança em Cristo.

Contudo, em um relatório de pesquisa muito recente, dados longitudinais mostram que, embora os programas externos — incluindo uma excelente educação cristã e ótimos programas da igreja para crianças e jovens — sejam muito importantes, eles desempenham um papel secundário na transmissão da fé aos filhos.

Na pesquisa recentemente publicada intitulada *Passing the Torch: How Faith Moves Across Generations* [Passando a tocha: como a fé é transmitida entre as gerações], o *Institute for Family Studies* [Instituto para Estudos da Família] e a Communio analisaram dados de mais de 60 mil adultos norte-americanos criados em lares cristãos, a fim de identificar os comportamentos parentais mais fortemente associados a uma fé religiosa duradoura. A pesquisa cruzou dados de quatro grandes estudos nacionais que, em conjunto, representam dezenas de milhares de norte-americanos criados em lares cristãos. A conclusão foi clara: o lar continua sendo o fator isolado mais decisivo para determinar se uma criança conservará sua fé até a vida adulta.

Nossos inestimáveis e essenciais ministérios de apoio, que exercem um papel secundário, nunca tiveram a finalidade de substituir o papel principal da família como catalisadora fundamental do desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes (Smith e Lankes Smith, 2026).

O PODER DO EXEMPLO DOS PAIS

O fator mais forte para prever a crença e o compromisso religioso de um jovem no início da vida adulta é a vida religiosa explicitamente vivida e exemplificada pelos pais.

Em um estudo anterior que se tornou referência sobre a juventude norte-americana, os pesquisadores Christian Smith e Melissa L. Denton (2005) analisaram as tendências profundas que orientam o desenvolvimento espiritual dos adolescentes. Na época, seus resultados mudaram radicalmente os modelos contemporâneos de ministério jovem, afastando-os da dependência institucional e ajudando a devolver ao lar a responsabilidade espiritual principal. “A influência social mais importante na formação da vida religiosa dos jovens é a vida religiosa que seus pais lhes ensinam e exemplificam” (Smith e Denton, 2005, p. 56).

A pesquisa apresentada em seu primeiro livro, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* [Pesquisa da alma: A vida Espiritual e Religiosa de Adolescentes Americanos], destacou algo que surpreendeu tanto pais quanto pesquisadores. As mensagens equivocadas difundidas pela cultura — de que os pais deixam de influenciar os filhos depois de certa idade, de que eles só se importam com as mídias e seus grupos de amigos ou de que a tarefa dos pais termina quando os filhos chegam à adolescência — mostraram-se inequivocamente falsas.

A boa notícia é que, depois de décadas de pesquisa social, os relatórios mais recentes continuam confirmando que, mesmo depois de os filhos saírem de casa, a formação da fé que receberam por influência dos pais conserva um impacto poderoso e duradouro.

Entretanto, quando os pais compartimentalizam sua fé em eventos isolados de fim de semana e permanecem espiritualmente passivos em casa, os filhos rapidamente percebem a incoerência. Essa discrepância cria um ambiente no qual a religião é vista como uma representação social sem sentido, em vez de uma realidade interior transformadora que afeta todas as áreas da vida e dos relacionamentos.

COMO SE FORMA UM SIGNIFICADO ESPIRITUAL COMPARTILHADO E INTEGRADO À VIDA

As crianças não absorvem estruturas doutrinárias abstratas no vazio. Em vez disso, interiorizam uma fé profundamente entrelaçada aos hábitos cotidianos.

Quando as práticas religiosas se integram aos ritmos comuns da vida — como orar antes das refeições, abençoar os filhos antes de dormir e conversar naturalmente sobre conceitos espirituais —, a fé deixa de ser um conjunto abstrato de regras e se torna uma maneira natural de viver.

Por outro lado, quando as conversas sobre a fé só aparecem durante uma crise de comportamento ou como instrumento de punição, os jovens aprendem a associar os conceitos religiosos à vergonha, à vigilância e à crítica.

PARTE II: A ANATOMIA DE UM AMBIENTE FAMILIAR SAUDÁVEL

Para compreender como a fé é transmitida com êxito, recorremos ao importante Estudo *Longitudinal de Gerações* (LSOG, na sigla em inglês). Ao longo de mais de 35 anos, acompanhando mais de 3.500 participantes de três e quatro gerações, esse amplo projeto empírico examinou por que algumas famílias conseguem transmitir sua visão de mundo, enquanto outras vivenciam uma ruptura de vinculação religiosa.

SOLIDARIEDADE ENTRE AS GERAÇÕES E ACOLHIMENTO FAMILIAR

O principal pesquisador do LSOG, Vern L. Bengtson (2013), revelou que o principal indicador de êxito na transmissão da fé não é a rigidez na imposição das doutrinas. É, antes, a qualidade emocional do vínculo entre pais e filhos. “A maior transmissão entre gerações ocorre em famílias com elevado grau de acolhimento — especialmente quando o pai é percebido como afetuoso e próximo” (Bengtson, 2013, citado por Frykholm, 2013).

Famílias caracterizadas por intenso acolhimento emocional criam um ambiente receptivo, no qual os filhos se sentem suficientemente seguros para explorar, interiorizar e, por fim, assumir como suas as tradições de fé da família.

O PAPEL FUNDAMENTAL DO PAI

A pesquisa de Bengtson destacou uma importante dinâmica de gênero na transmissão da fé:

- Embora as mães exerçam profunda influência no estabelecimento de hábitos emocionais cotidianos e de rituais na primeira infância, a proximidade emocional do pai funciona como um importante ponto de inflexão estatístico para a permanência dos adolescentes na fé em longo prazo.

- Quando o pai é percebido como distante, excessivamente crítico ou extremamente autoritário, suas crenças religiosas são frequentemente rejeitadas pelos filhos ao entrarem na vida adulta.
- Por outro lado, um pai emocionalmente disponível e afetuoso dá credibilidade à visão religiosa de mundo que pratica. Isso aumenta significativamente a probabilidade de os filhos escolherem para si o mesmo caminho de fé.

SEGURANÇA NOS RELACIONAMENTOS E LIBERDADE PARA QUESTIONAR

A adolescência é uma etapa voltada à consolidação da identidade. Os adolescentes precisam passar de uma identidade herdada, recebida de outros, para uma identidade interiorizada, vivenciada pessoalmente. Essa transição do desenvolvimento exige questionamentos, dúvidas e exame intelectual.

Um ambiente familiar saudável trata a dúvida como um marco normal do crescimento saudável, em vez de um fracasso espiritual ou ato de rebeldia. Lares que oferecem um espaço seguro para essas conversas apresentam níveis muito mais elevados de compromisso maduro na vida adulta do que lares que reprimem ou punem perguntas difíceis.

Categoria de Estilo Parental	Ambiente nos relacionamentos	Permanência na fé em longo prazo
Muito acolhimento / Muita clareza	Aberto, apoiador, com limites claros e emocionalmente seguro.	Muito elevada (espaço seguro para elaborar dúvidas).
Pouco acolhimento / Muito controle	Punitivo, autoritário, fortemente baseado em trocas e recompensas.	Baixa (alto risco de rebeldia ou afastamento).
Muito acolhimento / Pouca clareza	Permissivo, evita conflitos e carece de estrutura.	Moderada a baixa (apatia em relação à tradição).

PARTE III: O SABOTADOR MODERNO — O ESTRESSE FAMILIAR CRÔNICO

Até mesmo pais bem-intencionados e espiritualmente dedicados podem ver seus esforços prejudicados pelas realidades fisiológicas e emocionais do estresse crônico. No século 21, as famílias enfrentam pressões sistêmicas, incluindo instabilidade econômica, excesso de estímulos digitais, agendas sobrecarregadas e traumas sistêmicos.

Quando o estresse se torna uma presença persistente e não administrada no pano de fundo da vida, ele altera profundamente a química biológica e relacional do lar.

IMPACTO BIOLÓGICO: A ELEVAÇÃO DO CORTISOL

Quando uma pessoa percebe uma ameaça ou enfrenta pressão prolongada, o eixo hipotálamo–hipófise–adrenal (HHA) é ativado, inundando a corrente sanguínea de glucocorticoides — principalmente **cortisol**.

Fator de estresse sistêmico (trabalho/finanças)

↓

Ativação do eixo HHA

↓

Produção prolongada de cortisol

↓

Hiperatividade da amígdala → Hipervigilância e irritabilidade
Atrofia do córtex pré-fronta → Perda de empatia e de regulação emocional

Embora os picos agudos de cortisol sejam adaptativos para a sobrevivência, sua elevação crônica provoca alterações estruturais no cérebro:

- **Hiperatividade da amígdala:** O centro cerebral de detecção de ameaças torna-se hipersensível, mantendo os membros da família em um estado basal de irritabilidade, hipervigilância e reatividade defensiva.
- **Disfunção executiva do córtex pré-frontal:** A exposição prolongada a níveis elevados de cortisol prejudica o córtex pré-frontal. Essa região controla a regulação emocional, o planejamento de longo prazo, a empatia e a comunicação sensível às nuances.

CONSEQUÊNCIAS PARA OS RELACIONAMENTOS: PAIS ESGOTADOS

Quando os pais convivem com níveis de cortisol cronicamente elevados, sua capacidade de "sintonia emocional" — reconhecer, interpretar e responder de maneira adequada aos sinais emocionais dos filhos — fica *significativamente comprometida.*

- **O ciclo da irritabilidade:** Pais estressados agem de maneira altamente reativa e com o pavio curto. Conflitos rotineiros entre irmãos ou manifestações de autonomia dos adolescentes são facilmente interpretados, de forma equivocada, como ameaças diretas à autoridade dos pais, desencadeando explosões emocionais e verbais ou

reações excessivas e rígidas.

- **Afastamento emocional e espiritual:** Outra possibilidade é que os pais se fechem em um estado defensivo de entorpecimento e afastamento emocional. Quando estão emocionalmente exaustos, simplesmente não dispõem da energia psicológica necessária para organizar rituais familiares significativos, conduzir conversas no lar ou oferecer atenção concentrada a um adolescente ansioso. As práticas de fé rapidamente ficam em segundo plano ou se tornam mais uma tarefa a cumprir.

PARTE IV: A INTERAÇÃO — COMO O ESTRESSE PREJUDICA O DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Os pais precisam saber que o estresse familiar eleva os níveis de cortisol entre as gerações. O estresse familiar crônico muda fundamentalmente a maneira como as crianças entram em contato com as ideias espirituais e as interpretam. Essa é uma realidade de importância vital que os pais de hoje precisam compreender.

A NEUROBIOLOGIA DOS VÍNCULOS

Conceitos espirituais como paz transcendente, graça, confiança e amor abnegado são abstratos e muito complexos. Para processá-los e se conectar emocionalmente a eles, o cérebro infantil precisa de uma sensação de segurança, regulada por um sistema nervoso parassimpático tranquilo. Quando uma criança cresce em um lar imprevisível e muito estressante, seu cérebro funciona predominantemente em modo de sobrevivência.

Um cérebro preso a uma resposta de luta ou fuga prioriza a segurança física e emocional imediata, em detrimento da exploração espiritual abstrata.

Se o ambiente do lar parece instável, os ensinos religiosos sobre um Criador amoroso, confiável e constante podem parecer *profundamente contraditórios* em relação à experiência diária da criança.

A ATRIBUIÇÃO EQUIVOCADA DA RIGIDEZ

Em ambientes de elevado estresse, os pais frequentemente procuram obter controle impondo as regras da família com severidade rígida e inflexível. Quando essa estratégia de sobrevivência é aplicada às práticas religiosas, a fé passa a ser usada como arma.

Lar com elevado nível de estresse → Busca de controle pelos pais → Imposição religiosa rígida → Afastamento dos jovens das tradições de fé

Um fenômeno amplamente documentado na psicologia do desenvolvimento, na sociologia da religião e nos estudos sobre traumas familiares mostra como o estresse dos pais transforma uma educação religiosa protetora em controle autoritário, levando, por

fim, a uma ruptura na transmissão da fé (Kelley, Galbraith e Korth, 2021).

Se faltar a um culto ou deixar de memorizar um texto sagrado provoca uma reação severa de ira dos pais, o jovem interioriza uma associação psicológica clara: fé equivale a ansiedade, controle e perigo emocional.

Assim, quando esses adolescentes chegam à vida adulta e conquistam autonomia para escolher, frequentemente se afastam por completo das comunidades de fé. Muitas vezes, esse afastamento é uma tentativa de escapar do estresse emocional não resolvido do lar de sua infância.

PARTE V: MODELOS EMPÍRICOS DE RESILIÊNCIA — A SANTIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Apesar dessas pressões sistêmicas, muitas famílias enfrentam dificuldades severas — como pobreza, doença ou deslocamento — e, ainda assim, conseguem manter um profundo acolhimento emocional e uma transmissão viva da fé. Como fazem isso? A resposta está em um poderoso mecanismo psicológico e espiritual conhecido como santificação da educação dos filhos.

Na sociologia e na psicologia da família, a santificação da educação dos filhos se refere à tendência de os pais atribuírem a seu papel de cuidadores um valor transcendente, um significado espiritual e um propósito divino.

A conceituação fundamental da santificação da educação dos filhos como uma "responsabilidade sagrada" tem origem no trabalho de referência de Annette Mahoney e colaboradores (1999–2003), apresentado inicialmente em anais de congressos e ampliado na literatura posterior de psicologia da família. Em sua estrutura fundamental para examinar como uma perspectiva espiritual sobre os papéis familiares afeta a adaptação psicológica e as respostas ao estresse, Mahoney e seus colaboradores descrevem como a atribuição de significado sagrado transforma deveres comuns: "propuseram a 'santificação da educação dos filhos', pela qual pais religiosos tratam o cuidado dos filhos como uma responsabilidade sagrada". Isso significa, simplesmente, que, quando os pais reinterpretam as tarefas cotidianas de cuidado como uma responsabilidade sagrada, e não apenas como uma obrigação doméstica, sua resposta psicológica ao estresse muda fundamentalmente.

O EFEITO PROTETOR SOBRE O CORTISOL DOS PAIS

Ao olhar para a educação dos filhos como algo sagrado, os responsáveis criam uma proteção psicológica interna contra o estresse crônico destrutivo e o esgotamento.

- Quando um filho apresenta um comportamento difícil ou surge uma crise financeira, essa perspectiva de santificação ajuda os pais a fazer uma pausa, respirar e escolher uma resposta regulada e compassiva em vez de uma explosão impulsiva, movida

pelo estresse.
- Essa pausa consciente atenua diretamente a resposta do eixo HHA, reduzindo a produção sistêmica de cortisol.
- Por fim, essa regulação preserva a segurança emocional do lar, mantendo um ambiente seguro para o desenvolvimento contínuo da fé.

AS MELHORES PRÁTICAS DAS FAMÍLIAS ORIENTADAS PELA TRANSCENDÊNCIA

Em seu amplo trabalho qualitativo sobre como famílias muito religiosas lidam com a adversidade, David C. Dollahite e Loren D. Marks (2009) acompanharam os caminhos específicos pelos quais as famílias transformam crenças abstratas em hábitos protetores no lar. “Pesquisas, inclusive as nossas, mostram que o ensino, o exemplo e o diálogo dos pais sobre assuntos religiosos são importantes fatores preditivos de os filhos virem a abraçar a fé dos pais, um importante objetivo sagrado para a maioria dos pais muito religiosos” (Dollahite e Marks, 2009, p. 537).

Dollahite e Marks identificaram práticas distintas que ajudam famílias resilientes a transformar possíveis crises em oportunidades de aprofundar os vínculos espirituais:

- **Recorrer a Deus em busca de apoio:** Em vez de permitir que o estresse leve ao isolamento, essas famílias enfrentam as provações em conjunto, recorrendo à oração e às comunidades espirituais para encontrar força coletiva.
- **Santificar o lar:** Tratam conscientemente o espaço físico da casa como um santuário de paz diante das pressões do mundo exterior.
- **Resolver os conflitos por meio dos relacionamentos:** Reparam ativamente as rupturas nos relacionamentos por meio de práticas estruturadas de arrependimento, confissão e perdão explícito.

Ellen White escreveu em Testemunhos para a Igreja, vol 7, sobre reparar ativamente, no dia a dia, as rupturas nos relacionamentos, muito antes de os pesquisadores modernos descobrirem os benefícios do arrependimento, da confissão e do perdão explícito para a restauração dos vínculos:

“Quão adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!” (Testemunhos para a Igreja, v. 7, p. 43).

“Que as faltas do dia sejam confessadas e perdoadas. Se alguém foi ofendido ou ferido, que a ofensa seja apagada da memória e o perdão seja pleno e livre. Se houver pessoas infelizes, que as nuvens escuras sejam dissipadas. Que a mente se encha de pensamentos sobre Jesus e que a paz de Cristo reine no coração.”

Não é difícil imaginar como esse ritmo diário de reparação dos relacionamentos

familiares pode resultar em vínculos emocionalmente conectados entre os membros da família, favorecendo a transmissão da fé entre as gerações.

PARTE VI: UM PLANO PRÁTICO PARA CONSTRUIR UM SANTUÁRIO CHEIO DE FÉ E COM BAIXO NÍVEL DE ESTRESSE

Para encerrar este seminário, transformaremos essas percepções sociológicas e estruturas biológicas em cinco mudanças práticas que os pais podem, pela graça de Deus, implementar no lar a partir de hoje.

1. Passar da imposição de regras baseada em troca e recompensa para a sintonia nos relacionamentos
   - **Objetivo:** Deixar de depender excessivamente da modificação do comportamento e da imposição rígida de regras. Concentrar-se, em vez disso, na construção de um vínculo emocional seguro e acolhedor com os filhos.
   - **Ação:** Reservar diariamente 15 minutos de interação individual, sem interrupções, com cada filho. Nesse período, afastar-se das telas e evitar concentrar a conversa na correção do comportamento, nas notas escolares ou no desempenho. Em vez disso, demonstrar interesse pelo mundo do filho, ouvi-lo, acolher seus sentimentos e demonstrar afeto e carinho incondicionais.
2. Estabelecer ritmos familiares constantes e com baixo nível de estresse, em lugar de rituais complexos
   - **Objetivo:** Evitar sobrecarregar a agenda familiar com práticas religiosas complexas que aumentem o estresse e a exaustão de todos.
   - **Ação:** Criar, em vez disso, pontos de apoio breves e previsíveis na rotina diária e semanal. Todos os dias, pela manhã e à noite, realizar momentos curtos e interessantes de culto familiar, nos quais os pais possam abençoar os filhos e interceder por eles no início e no fim do dia. Planejar e realizar uma "Noite de Diversão em Família" a cada semana. As possibilidades são inúmeras: jogos e brincadeiras dentro ou fora de casa, uma refeição especial, assistir a um filme inspirador e conversar sobre ele, saber como cada um está emocional e espiritualmente, brincar descontraidamente e realizar qualquer atividade que crie lembranças familiares divertidas. Manter esses momentos simples, alegres e inteiramente livres da pressão por desempenho. Considerar convidar uma ou duas outras famílias para participar das atividades dessa noite.
3. Tornar naturais a humildade, a vulnerabilidade e a reparação profunda dos conflitos
   - **Objetivo:** Desfazer o mito prejudicial de que os pais devem ser perfeitos e livres de estresse. Esse padrão irrealista gera mais estresse, isolamento dos pais e vergonha

oculta, que acaba sendo transmitida involuntariamente aos filhos.

- **Ação:** Quando você inevitavelmente cometer um erro por causa do estresse, dê exemplo do comportamento saudável que deseja que seus filhos aprendam. Vá diretamente até seu filho, olhe-o nos olhos e peça perdão com clareza: "Eu estava exausto e estressado com o trabalho e não deveria ter levantado a voz com você. Você me perdoa?" Essa interação poderosa ensina às crianças e aos jovens que a fé não consiste em alcançar a perfeição. Consiste, antes, em aprender a restaurar os relacionamentos com autenticidade, humildade e graça quando surgem rupturas — e elas surgirão, pois somos discípulos de Cristo que vivem em um mundo marcado pela Queda.

4. Corregular o estresse para criar uma sensação compartilhada de segurança
   - **Objetivo:** Reduzir ativamente os níveis elevados de cortisol em toda a família.
   - **Ação:** Quando seu filho, criança ou adolescente, estiver vivendo uma crise emocional, evite responder à sua raiva elevando a voz na mesma intensidade ou apresentando argumentos defensivos. Concentre-se, em vez disso, na corregulação. Abaixe intencionalmente o tom de voz, desacelere o ritmo da respiração e ofereça uma presença tranquilizadora. Ao manter seu próprio sistema nervoso regulado, você oferece uma âncora que ajuda seu filho a sair da resposta de sobrevivência de luta ou fuga.
5. Cultivar um ambiente seguro para um diálogo aberto à curiosidade
   - **Objetivo:** Incentivar os filhos a passar de uma identidade familiar herdada para uma visão de mundo pessoal e interiorizada.
   - **Ação:** Criar oportunidades regulares para que a família faça perguntas difíceis sem medo de julgamento ou constrangimento. Quando seu adolescente expressar uma dúvida profunda ou questionar uma crença fundamental, resista ao impulso de dar um sermão ou reagir defensivamente. Em vez disso, faça perguntas abertas: "Essa é uma pergunta que mostra bastante reflexão. O que levou você a essa conclusão? Vamos explorar isso juntos."

CONCLUSÃO E APELO DIRETO AOS PAIS

Convidamos pais e responsáveis a identificar com mais intencionalidade como o estresse crônico pode estar afetando o ambiente familiar. Convidamos vocês a abandonar o peso esmagador de tentar parecer perfeitos aos olhos dos filhos ou do mundo. Lembrem-se: nossos filhos não precisam de pais sem falhas, mas de pais em sintonia com eles.

Sejam intencionais em proteger e nutrir o relacionamento conjugal — ele é o relacionamento principal que dá o tom aos demais vínculos da família.

Ofereçam diariamente à família o presente de testemunhar os ritmos naturais da graça e do perdão de Deus diante das imperfeições de cada um. À medida que Deus

os capacitar a dar exemplo de ritmos familiares mais tranquilos e alegres e a proteger os espaços físicos do lar da exaustão digital, seu lar-santuário será um lugar no qual será seguro tropeçar, errar e questionar. Um refúgio onde Cristo Se refletirá em olhares, palavras e atitudes que atrairão a família a Jesus — como um relacionamento vital e fundamental, sem o qual ninguém pode viver.

AOS EDUCADORES E MENTORES

Quando uma criança estiver tirando você do sério em sala de aula ou no corredor da igreja, olhe para além do comportamento e considere seu sistema nervoso. Peça a Deus que o use como uma âncora estável, capaz de reconstruir a capacidade dessa criança de confiar. É bem possível que você seja o único ambiente tranquilo que ela encontra durante toda a semana.

À IGREJA COMO CORPO

Precisamos deixar de tratar a igreja como um espaço de entretenimento para as crianças e uma sobrecarga na agenda dos pais. Estamos aqui para envolver o ecossistema familiar em uma rede de apoio. Sejamos uma comunidade que valorize a presença mais do que a perfeição, a segurança mais do que o julgamento e a graça mais do que o desempenho, enquanto manifestamos a paz, o amor e a alegria de Cristo em todos os nossos relacionamentos.

SUGESTÃO DE ORAÇÃO FINAL

Senhor, perdoe-nos por permitir que a correria frenética deste mundo determine a atmosfera de nossos lares. Perdoa-nos por tratar nossos filhos a partir de nossa exaustão, em vez de Tua graça. Reorganiza hoje nossa mente e nosso coração desgastados pelo estresse. Ajuda-nos a parar, baixar nossas defesas e falar com mais calma. Que nossos lares sejam verdadeiros santuários, onde Tua paz seja sentida, Tua verdade inspire confiança e Teu amor se torne real para a próxima geração. Em nome de Jesus, amém.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- Em quais áreas específicas de sua rotina semanal o estresse externo mais frequentemente invade o lar, levando você a recorrer ao controle rígido em vez do acolhimento emocional?
- Que ritual simples e sem estresse você pode introduzir em seu lar nesta semana para estabelecer um ritmo constante de vínculos compartilhados e de crescimento, maturidade e significado espiritual?
- Que atividade semanal você pode eliminar para tornar a rotina de sua família menos

estressante?

- Como sua família pode implementar momentos de culto familiar mais curtos e significativos, que envolvam e abençoem os filhos?
- Como você pode promover conversas mais naturais e envolventes sobre sua jornada pessoal de fé com seus filhos e netos?

REFERÊNCIAS

Bengtson, V. L. (2013). *Famílias e fé: como a religião é transmitida de geração em geração.* Oxford University Press.

Dollahite, D. C., & Marks, L. D. (2009). *Transições transformadoras: como famílias muito religiosas lidam com mudanças na vid*a. Family Relations, 58(5), 530–541.

Frykholm, A. (2013). *O afeto na família favorece a transmissão da religião: uma entrevista com Vern Bengtson*. The Christian Century, 130(26), 28–31.

Kelley, H. H., Galbraith, Q., & Korth, B. B. (2021). *Como, e o que se transmite em matéria de religião hoje e quais são as implicações para as famílias*. Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43), 35(4), 423–432. https://doi.org/10.1037/fam0000673

Mahoney, A., Pargament, K. I., Jewell, T., Swank, A. B., Scott, E., & Epperson, E. L. (1999–2003). *Uma responsabilidade sagrada: a criação dos filhos e a dimensão espiritual* [Trabalho apresentado na reunião anual da American Psychological Association, Washington, DC].

Smith, C., & Denton, M. L. (2005). *Em busca de sentido: a vida religiosa e espiritual dos adolescentes dos Estados Unidos*. Oxford University Press.

Smith, J., & Lankes Smith, J. (2026, junho). *Passando a tocha: como a fé passa de uma geração para outra*. Institute for Family Studies; Communio. https://ifstudies.org/report-brief/passing-the-torch-how-faith-moves-across-generations

White, E. G. (2005). *Testemunhos para a Igreja* (v. 7). Casa Publicadora Brasileira. (Obra original publicada em 1902.)

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS

EDYTA JANKIEWICZ

OBJETIVO

Este seminário tem como objetivo:

- Ajudar os pais a compreender e valorizar seu papel em ajudar os filhos a conhecer e amar Jesus.
- Capacitar os pais com habilidades práticas para compartilhar Jesus com os filhos.

Público-alvo: Pais de crianças e adolescentes de zero a 18 anos.

Formato: Quatro sessões interativas, que podem ser realizadas ao longo de um fim de semana ou com uma semana de intervalo entre elas.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS: SESSÃO #1

Texto bíblico: Salmo 127:3-5

Oração: *Querido Pai celestial, ao começarmos, queremos reconhecer que estás aqui conosco. Obrigado por nossos filhos e pela oportunidade de aprender ao longo da jornada de educá-los. Pedimos Tua presença neste lugar e que nos guies enquanto aprendemos, refletimos e compartilhamos juntos. Amém.*

Edyta Jankiewicz, PhD, é diretora do Ministério da Família da Divisão do Sul do Pacífico, em Wahroonga, Nova Gales do Sul, Austrália.

INTRODUÇÃO:

esteja começando ou já tenha experiência, quer seus filhos sejam pequenos ou adolescentes, esperamos que este seminário ofereça a cada um de vocês um espaço para desacelerar, refletir e crescer em conjunto.

OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

1. Ajudar você a compreender e valorizar seu papel em ajudar os filhos a conhecer e amar Jesus.
2. Capacitar você com algumas habilidades práticas para compartilhar Jesus com seus filhos.

COMO ESTE SEMINÁRIO ESTÁ ORGANIZADO

1. Haverá tempo para reflexão e conversa. Isso porque nós, adultos, aprendemos melhor quando podemos conversar sobre aquilo que estamos aprendendo. Assim, vocês terão tempo para conversar uns com os outros e fazer perguntas ao longo do encontro.
2. Talvez abordemos assuntos delicados. Fiquem tranquilos: não pediremos que compartilhem informações sensíveis com o grupo. Se você veio acompanhado de seu cônjuge ou parceiro, converse principalmente com essa pessoa. Se você veio sozinho(a), encorajamos você a olhar ao redor, identificar alguém com quem se sinta à vontade para conversar e sentar-se ao lado dessa pessoa. Se não se sentir confortável em fazer isso, encorajamos você a refletir sobre nossas perguntas, escrever suas respostas e conversar sobre elas com alguém mais tarde. Mais uma observação sobre a natureza delicada dos assuntos que exploraremos: como aprendemos inicialmente sobre a educação dos filhos no contexto das famílias em que crescemos — o que chamamos de família de origem —, dedicaremos algum tempo a refletir sobre isso. Esteja ciente de que essa reflexão pode trazer lembranças dolorosas para alguns de vocês.
3. Abordaremos esta oficina a partir de uma perspectiva bíblica, recorrendo ao que a Bíblia nos ensina sobre a formação espiritual das crianças. Também recorreremos ao que podemos aprender com as ciências sociais, pois cremos que toda verdade vem de Deus, incluindo muito do que conhecemos por meio das pesquisas sobre o desenvolvimento infantil.

DISCUSSÃO EM GRUPO

- Em nosso texto bíblico, Salmo 127:3–5, aprendemos que os filhos são uma bênção, um presente de Deus, e trazem alegria ao lar.

- Quais bênçãos e alegrias os filhos trouxeram à sua vida?

(Peça respostas e registre-as no quadro.)

Embora ter filhos seja uma bênção e um privilégio, quem é pai, mãe ou responsável também sabe que criá-los envolve responsabilidades que talvez você não tivesse previsto! Atender às necessidades físicas e emocionais dos filhos exige muita energia, paciência e sabedoria. É uma tarefa de 24 horas por dia, sete dias por semana, que exige deixar de lado nossas próprias necessidades e vontades para atender às deles. Quer você cuide de um bebê, de um adolescente ou de uma criança em qualquer idade entre essas fases, sabe que educar filhos é uma das tarefas mais desafiadoras que já realizou ou realizará.

Todos esperamos criar filhos felizes e saudáveis até a vida adulta. Como pais cristãos, também esperamos que eles conheçam e amem Jesus. Essa não é uma tarefa fácil, pois vivemos em um mundo ferido e pecaminoso. Às vezes, pais cristãos amorosos criam filhos que não adotam sua fé ou seus valores. Em outros casos, crianças que crescem em famílias marcadas por brigas e turbulência constantes podem, ao crescer, abraçar uma fé muito real, à medida que "se apegam a Deus e aprendem a confiar nEle" (May et al., 2005, p. 159).

A maneira como educamos nossos filhos não determina, em última instância, as escolhas espirituais deles. Você compreendeu isso? É importante entender e aceitar essa realidade.

A maneira como educamos nossos filhos não determina, em última instância, as escolhas espirituais deles.

Nem mesmo Deus determina as escolhas espirituais de Seus filhos. Isso acontece porque vivemos em um mundo criado por Deus de acordo com os princípios de quem Ele é; portanto, cada um de nós foi criado com a capacidade de escolher como viver. Deus valoriza a escolha humana e nunca nos força a escolhê-Lo.

Ellen White escreve:

"O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor" (O Desejado de Todas as Nações, p. 22).

O que ela está dizendo? Que, em nosso relacionamento com Deus, Ele nunca usa a força. A coerção contraria tudo o que Deus é e faz. Em vez disso, Ele deseja que escolhamos amá-Lo e segui-Lo. Da mesma forma, como pais, não podemos obrigar nossos filhos a fazer as escolhas que desejamos — incluindo a escolha de amar e seguir

a Deus.

Entretanto, embora nem Deus nem nós determinemos as escolhas que nossos filhos farão em última instância, a maneira como os educamos oferece uma base para essas escolhas. De fato, pesquisas realizadas ao longo de muitas décadas têm demonstrado de modo consistente que, embora a igreja e a escola desempenhem um papel, a família é o fator isolado mais importante para que os filhos conservem a fé dos pais até a vida adulta (Gemar, 2023; Myers, 1996).

Quando os pais dão exemplo constante de uma fé cristã fundamentada na graça e livre do legalismo, os filhos têm maior probabilidade de abraçar a fé e os valores deles (Chapell, 2025, p. 35–37). Esses estudos nos lembram, de maneira encorajadora, de instruir nossos filhos com constância e fidelidade no caminho em que devem andar (Pv 22:6). Ao assumir a responsabilidade dessa tarefa, queremos que você se lembre de que não está sozinho. Deus também atua na vida de nossos filhos — antes mesmo de eles nascerem. Como sabemos disso?

A Jeremias, Deus disse: "*Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci*" (Jr 1:5, ARA, trecho). Isaías nos diz algo semelhante: "*Desde o ventre de minha mãe fez menção do meu nome*" (Is 49:1, ARA, trecho).

Esperamos que, ao compreender que Deus está com você na jornada de educar os filhos, você descanse em Sua presença em sua vida e em sua família; que essa certeza o ajude a acolher a extraordinária bênção que os filhos representam e a realizar a tarefa de educá-los espiritualmente com alegria e paz.

CONVERSEM EM DUPLA

- Leia os versículos bíblicos a seguir, reflita e compartilhe com a pessoa de sua dupla o que pensa sobre as perguntas propostas.
- 1 João 4:8: "Deus é amor" (ARA, trecho). 1 João 4:19: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (ARA).
- Como esses versículos ajudam você a compreender a tarefa de educar os filhos? Como podem orientar sua maneira de pensar sobre o ensino a respeito de Deus aos filhos?

(Reserve tempo para a conversa em duplas e, depois, para o compartilhamento com o grupo. Registre as respostas no quadro.)

A partir desses versículos, podemos compreender o seguinte: se "Deus é amor" e queremos que nossos filhos conheçam a Deus, precisamos ensiná-los sobre o amor. Se queremos que aprendam a amar, precisam experimentar o amor. Assim como amamos porque Deus nos amou primeiro, nossos filhos aprendem a amar quando nós

os amamos. Ao aprenderem sobre o amor, estão aprendendo sobre Deus.

Ellen White nos diz que os pais devem procurar "unir o coração dos pequenos a eles pelos sedosos laços do amor" (Orientação da Criança, p. 86). Por quê? Ela mesma explica:

O amor [dos pais] representa para a criança o amor de Cristo" (O Desejado de Todas as Nações, p. 515, adaptação indicada no original).

O amor humano representa o amor de Deus para as crianças. É o amor de Deus vivido de forma concreta. Quando as crianças crescem em um lar no qual os pais amam um ao outro e amam os filhos, desenvolvem um sentimento de amor e segurança que serve de base para uma imagem de Deus como amoroso e bom. Esse é um chamado elevado. Infelizmente, como pais, nunca faremos isso de modo perfeito. Por quê?

A primeira razão é que vivemos em um mundo marcado pela realidade de Gênesis 3.

Enquanto Gênesis 1 e 2 nos dizem que Deus criou um mundo perfeito e uma família perfeita, Gênesis 3 nos conta que, quando o pecado entrou no mundo, esse mundo e essa família ideais foram desfigurados por ele.

Hoje vivemos e amamos em um mundo marcado pelo pecado. Nosso casamento e a educação de nossos filhos não acontecem em um jardim perfeito. Somos pecadores vivendo em um mundo pecaminoso. Nossas famílias nos criaram nesse contexto, e criamos nossos filhos no mesmo contexto. Por isso, nunca conseguiremos refletir perfeitamente para eles o amor de Deus.

Há, porém, outra razão para nossa dificuldade de amar bem:

Cada um de nós traz uma combinação única de recursos para a tarefa de educar os filhos, e todos temos limitações nos recursos de que dispomos. Considere os seguintes recursos necessários para amar bem nossos filhos:

1. **Recursos humanos:** Incluem o temperamento com o qual nascemos; as experiências em nossa família de origem, que, por sua vez, contribuem para moldar nosso caráter e nossa personalidade; nosso nível de escolaridade; nossa saúde física e mental; nossas dependências, entre outros aspectos.
2. **Recursos financeiros:** Representam o apoio financeiro que recebemos de nossa família ampliada, bem como nossa própria capacidade de ganhar a vida. Nossos recursos financeiros contribuem para a estabilidade da família e influenciam o tempo de que dispomos para os filhos.
3. **Recursos relacionais:** São as redes de apoio com as quais podemos contar. Incluem

a qualidade do casamento e o apoio de outras pessoas, como familiares, amigos e a comunidade da igreja. Educar filhos sem apoio é muito diferente de educá-los no contexto de um bom casamento e com o apoio da família ampliada e dos amigos.

4. **Recursos espirituais:** Não se trata apenas de religião, mas de nossa capacidade de viver a fé no dia a dia, incluindo apoiar-nos em Deus e confiar nEle nos momentos de aflição. Incluem também nossa própria formação espiritual, isto é, nossa disposição de convidar Deus a atuar em nossa vida e de pedir que desenvolva em nós o fruto do Espírito. Muitas vezes é na família que a ausência do fruto do Espírito mais se evidencia — a falta de paciência, bondade, mansidão, domínio próprio...

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

- Pense em sua família de origem, o lar em que você cresceu. Reflita sobre sua experiência. Compare seus recursos atuais com aqueles de que seus pais dispunham ao educar os filhos. Em geral, há diferenças significativas entre as gerações.
- **LEIA AS PERGUNTAS A SEGUIR E COMPARTILHE EM DUPLA (SLIDE):**
  1. De que combinação de recursos seus pais dispunham ao educar os filhos?
  2. Em que essa combinação se assemelha àquela de que você dispõe ao educar seus filhos, e em que difere dela?
  3. O que você poderia fazer para melhorar os recursos que utiliza na educação de seus filhos?

  (Reserve tempo para a conversa em duplas e, depois, para o compartilhamento com o grupo, se for adequado).

O objetivo dessa reflexão é ajudar você a compreender algumas coisas:

1. Provavelmente, seus pais fizeram o melhor que puderam com os recursos de que dispunham.
2. É provável que você também tenha limitações nos recursos disponíveis para educar seus filhos.
3. Talvez haja algo que você possa fazer intencionalmente para melhorar esses recursos. Pode não ser possível mudar sua situação financeira, mas talvez você possa melhorar os recursos relacionais, por exemplo, cuidando do casamento, mudando-se para mais perto da família ou orando por amigos que ofereçam apoio. Ou talvez você possa crescer espiritualmente ao dedicar tempo a Deus com mais intencionalidade.

A combinação de recursos de que dispomos influencia nossa maneira de lidar com

os desafios da educação dos filhos e da vida familiar. Tudo isso afeta a maneira como nossos filhos experimentam o amor na família. Entretanto, a perfeição não é o objetivo. Como seres humanos falíveis, nunca refletiremos perfeitamente para nossos filhos o amor de Deus. Quanto mais cedo interiorizamos essa realidade, mais poderemos relaxar e desfrutar a experiência de educá-los. Isso significa que não devemos procurar fazer o melhor possível? De modo algum!

Na década de 1950, o psicólogo britânico Donald Winnicott propôs a ideia de que os pais precisavam apenas ser "suficientemente bons" (Prange-Morgan, 2022).

O que significa ser "suficientemente bom"? É difícil definir. Há limites que nunca devem ser ultrapassados: abuso sexual, abuso físico, abuso emocional e negligência física e emocional. São experiências das quais as crianças têm muita dificuldade para se recuperar. O conceito de "suficientemente bom", porém, reconhece a realidade de que todos os pais cometem erros. O importante é como reparamos esses erros. Nós os reconhecemos e assumimos? Pedimos desculpas por eles? Aprendemos com eles?

Em algumas famílias, a ideia de os pais pedirem desculpas a um filho é impensável. Se você não cresceu com pais que davam exemplo ao pedir desculpas aos filhos ou mesmo um ao outro, talvez tenha dificuldade para aceitar esse conceito. Ainda assim, reconhecer que erramos, assumir o erro, pedir desculpas e fazer a reparação, restabelecendo o vínculo com o filho de maneira amorosa, é uma parte importante da educação dos filhos. Também é importante para ajudá-los a compreender o amor de Deus, que nos é oferecido mesmo quando falhamos, e Sua graça, que recebemos quando a pedimos.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

- Identifique duas coisas importantes que aprendeu hoje e compartilhe-as em dupla.

(Peça ao grupo que compartilhe os aprendizados mais importantes e registre-os no quadro.)

- Que nova atitude você deseja assumir o compromisso de praticar?

CONCLUSÃO:

Quando as crianças crescem em um lar no qual os pais amam um ao outro e aos filhos e dão exemplo de graça e reparação das feridas de maneira "suficientemente boa", elas desenvolvem um sentimento de amor e segurança. Isso, por sua vez, estabelece a base de sua imagem de Deus como amoroso e bom.

Oração: *Querido Pai celestial, obrigado por Teu amor por nós, pelo amor*

representado em cada família e pelo privilégio de compartilhar Teu amor com nossos filhos. Guia cada família enquanto reflete sobre o que aprendeu e sobre os compromissos que deseja assumir para a próxima semana. Amém.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS: SESSÃO #2

Leitura bíblica: Salmo 113:1, 2 & 9

Oração: *Querido Pai celestial, obrigado por nossos filhos e pela oportunidade de aprender ao longo da jornada de educá-los. Pedimos Tua presença nesta sala. Guia-nos enquanto aprendemos, refletimos e compartilhamos juntos. Amém.*

Na sessão anterior, exploramos a importância do amor na família como base para ajudar nossos filhos a conhecer e amar a Deus. Os versículos sobre os quais refletimos nos lembraram de que Deus é amor e de que amamos porque Deus nos amou. Também refletimos sobre esta breve declaração de Ellen White:

"O amor [dos pais] representa para a criança o amor de Cristo" (O Desejado de Todas as Nações, p. 515, adaptação indicada no original).

Essas palavras têm um contexto mais amplo. Ela diz: *"Quando a mãe ensina os filhos a lhe obedecerem porque a amam, está ensinando as primeiras lições na vida cristã. O amor da mãe representa para a criança o amor de Cristo, e os pequenos que confiam em sua mãe e lhe obedecem, estão aprendendo a confiar no Salvador e obedecer-Lhe"* (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 515).

Essa declaração simples apresenta as lições espirituais mais importantes que os pais ensinam aos filhos. Além do amor, há dois outros conceitos. Quais são eles?

(Peça respostas. Resposta: confiança e obediência.).

ILUSTRAÇÃO: AMOR, CONFIANÇA E OBEDIÊNCIA

(Mostre três folhas de papel ou de cartolina, cada uma com um desenho: um coração, a letra "c" minúscula e um símbolo dos Dez Mandamentos.)

Para que a vida familiar funcione bem, é necessário haver equilíbrio entre amor, confiança e obediência.

(Mostre as três imagens lado a lado.)

Imagine uma família na qual há muito amor e confiança, mas nenhuma expectativa de obediência.

(Mostre apenas o coração e a letra "c".)

Como seria essa família? Seria caótica, não é mesmo? As crianças não conseguem se desenvolver bem em um ambiente sem estrutura nem expectativas para seu

comportamento.

Agora, imagine uma família na qual há muitas expectativas para o comportamento dos filhos, mas muito pouco amor e confiança.

(Mostre apenas os mandamentos.)

Como seria essa família? Seria severa, não é mesmo? Os filhos obedeceriam por medo de punição, e não pelo desejo de fazer o que é certo.

Além de não se desenvolverem bem nesse ambiente, as crianças acabam não aprendendo a administrar o próprio comportamento. Ellen White escreveu:

"O objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. [...] Enquanto sob a autoridade, as crianças podem assemelhar-se a soldados bem-disciplinados; faltando, porém, esse governo, notar-se-á a falta de força e firmeza no caráter" (Educação, p. 287–288).

Como o amor, a confiança e a obediência se manifestam na vida familiar? A autora adventista Donna Habenicht sugere o seguinte:

Princípios para o amor (Habenicht, 1994, p. 15)

Responda às necessidades da criança: ela está cansada ou com fome?

Ouça seu filho.

Interrompa o que estiver fazendo.

Faça contato visual e sorria.

Faça comentários apropriados.

Seja generoso com abraços e beijos, respeitando os sinais que a criança dá.

Ofereça reconhecimento e incentivo sinceros.

Perdoe e esqueça; não retome questões antigas.

Leia histórias sobre o amor de Deus que sejam adequadas à idade.

Relacione seu amor com o amor de Deus.

Princípios para a confiança (Habenicht, 1994, p. 20)

Diga sempre a verdade a seu filho. Nunca minta.

Cumpra suas promessas, mesmo quando isso for inconveniente.

Faça o que disse que faria, inclusive quanto às consequências.

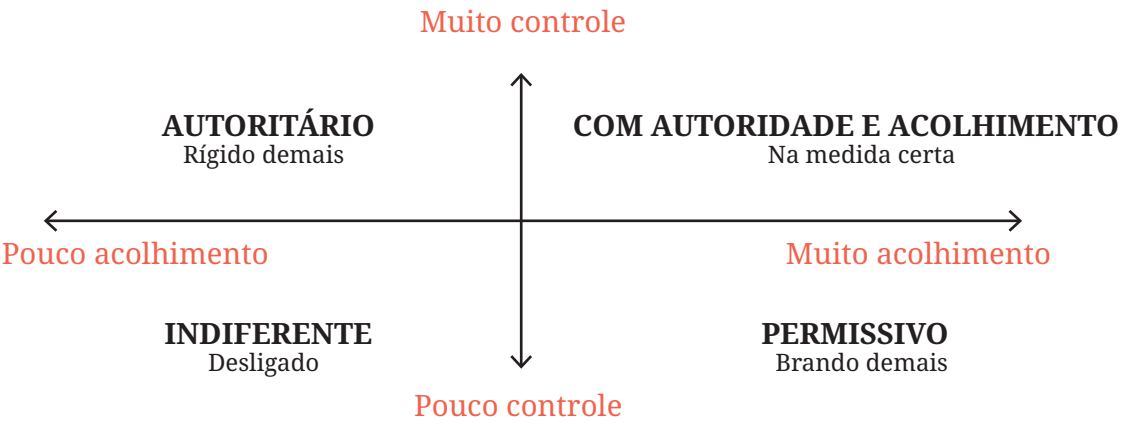
Demonstre elevado apoio a seu filho; esteja disponível.

Comunique que confia em seu filho.

Ensine seu filho a reconhecer quando não deve confiar em alguém.

Princípios para a obediência (Habenicht, 1994, p. 33)

Estabeleça expectativas claras para o comportamento.
Aplique consequências ao mau comportamento.
Seja razoável.
Respeite a individualidade de cada filho:
personalidades diferentes exigem abordagens diferentes.
Espere um comportamento maduro e
incentive a responsabilidade e a independência.
Comunique-se com frequência.
Respeite os sentimentos e o ponto de vista de seu filho.



Esse equilíbrio entre amor, confiança e obediência, sobre o qual Ellen White escreveu muitos anos antes, está refletido em um modelo de estilos parentais desenvolvido pela psicóloga norte-americana Diana Baumrind.

Quatro estilos parentais (Divecha, 2015)

Ao observar o eixo horizontal da figura, você verá que em uma extremidade há pouco acolhimento e, na outra, muito acolhimento. Esse termo, "acolhimento", se refere à confiança, ao afeto, à compreensão e à empatia — todos componentes do amor.

Já o eixo vertical representa o controle, com pouco controle na parte inferior e muito controle na parte superior. O controle inclui limites e expectativas de obediência adequados à idade.

Esses dois conceitos, acolhimento e controle — ou amor e obediência, como Ellen White os chamaria —, se cruzam de pelo menos quatro maneiras, cada qual resultando em comportamentos parentais diferentes. É importante observar que cada estilo também produz resultados diferentes para os filhos.

OS QUATRO ESTILOS PARENTAIS:

Pais autoritários exercem controle excessivo e oferecem acolhimento insuficiente. Para eles, é "do meu jeito ou nada feito". Um pai autoritário pode obrigar uma criança em idade pré-escolar a usar roupas desconfortáveis "porque eu mandei" ou puni-la por resistir.

Esses pais querem que os filhos obedeçam, sem permitir que expressem sentimentos sobre o comportamento esperado. Valorizam regras, obediência e conformidade e tendem a ser punitivos, inflexíveis e controladores. Restringem a independência crescente dos filhos, aumentando os conflitos à medida que eles crescem.

Os pais autoritários não se interessam muito pelo ponto de vista dos filhos, pois têm certeza de que sabem o que é melhor. Em casos extremos, esse estilo de educação pode resultar em abuso.

Crianças criadas por pais autoritários tendem a se tornar mais dependentes e passivas do que aquelas criadas por pais com autoridade e acolhimento. Têm menos habilidades sociais, menos segurança e menos iniciativa e curiosidade em relação ao mundo.

Pais permissivos são o oposto: oferecem muito acolhimento, mas exercem pouco controle. São centrados nos filhos a ponto de ceder excessivamente, oferecendo muita liberdade, mas poucas expectativas ou limites.

Pais permissivos frequentemente se preocupam em excesso com a felicidade do filho ou podem considerar qualquer controle ou exigência sobre o comportamento uma violação de sua individualidade.

Às vezes, pais permissivos podem se tornar "pais helicóptero": em vez de ajudar o filho a desenvolver suas próprias habilidades, tendem a assumir tarefas em excesso, por exemplo, fazendo a lição de casa por ele ou levando à escola o lanche que esqueceu. Crianças criadas por pais permissivos tendem a ser imaturas, com pouca autonomia ou autoconfiança, e assumem menos responsabilidade pessoal do que aquelas criadas com autoridade e acolhimento. Como não dispõem de uma orientação interna firme, também são mais vulneráveis à pressão dos colegas.

Pais indiferentes oferecem pouco acolhimento e exercem pouco controle. São negligentes ou "desligados". Estão centrados em si mesmos e demonstram pouco interesse pelos filhos. Crianças criadas por pais indiferentes apresentam algumas das maiores dificuldades de ajustamento psicológico. Com pouco envolvimento dos pais, tendem a experimentar precocemente sexo, drogas e álcool e têm maior probabilidade de se envolver em comportamentos de delinquência.

Pais com autoridade e acolhimento alcançam um bom equilíbrio entre acolhimento e controle. Um nível elevado de acolhimento favorece o relacionamento entre pais e filhos e, quando os filhos têm um vínculo forte com os pais, desejam naturalmente obedecer.

Esses pais também têm expectativas e limites claros para o comportamento dos filhos, mas sua maneira de exercer controle inclui conversar e explicar essas expectativas em um nível adequado à idade. Essa abordagem respeita o ponto de vista dos filhos e os ajuda a compreender as razões das expectativas. Dessa forma, eles desenvolvem uma orientação interna que os guia quando os pais não estão por perto.

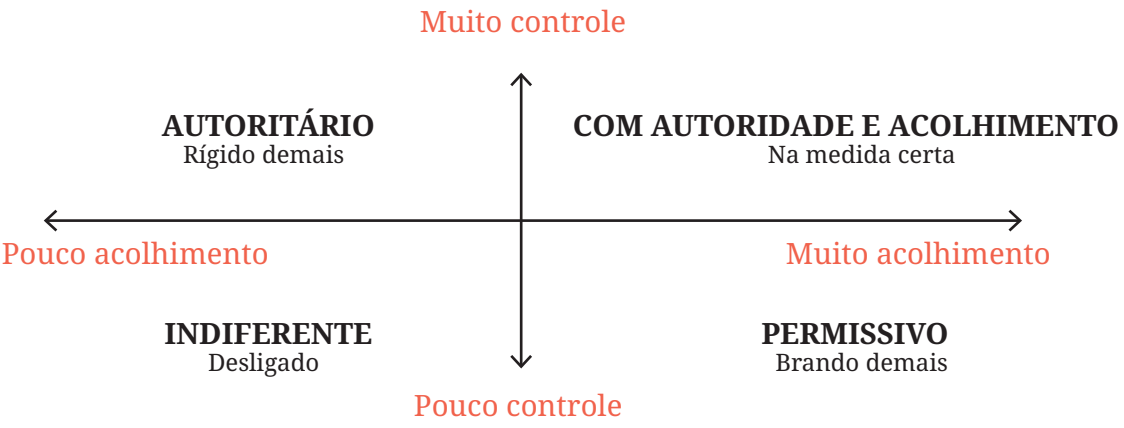
Acima de tudo, os estudos mostram que crianças criadas por pais com autoridade e acolhimento apresentam o melhor ajustamento psicológico. São criativas e intelectualmente curiosas e têm motivação interna para alcançar seus objetivos. Dispõem de boas habilidades sociais e mantêm os vínculos com pais e amigos. Também sabem administrar bem a si mesmas: são autônomas e autoconfiantes, têm iniciativa e bom domínio próprio.

CONVERSE E COMPARTILHE EM DUPLA

Que estilo de educação você vivenciou em sua família de origem? Qual desses estilos mais se assemelha à sua própria maneira de educar os filhos?

(Reserve tempo para a conversa em duplas e, depois, para o compartilhamento com o grupo e/ou perguntas.)

Como pais, tendemos a repetir o que vivenciamos em nossa família de origem. Alguns de vocês tiveram uma infância maravilhosa e talvez desejem criar os filhos de maneira semelhante. Outros podem ter tido uma criação mais difícil e prometido a si mesmos que fariam tudo de modo diferente de seus pais. Ainda assim, nos momentos de estresse, talvez se percebam agindo como eles. Isso acontece porque aprendemos inicialmente as habilidades de relacionamento em nossas famílias de origem, e muitas de nossas reações ao estresse são automáticas, baseadas nos exemplos que recebemos ali. Se você cresceu em um lar menos que ideal, talvez tema repetir os erros de seus pais.



A boa notícia é que não estamos condenados a repetir o que recebemos das gerações anteriores. Com a ajuda de Deus, podemos aprender novas maneiras de agir e de nos relacionar. Se você deseja aprender a educar com mais autoridade e acolhimento, comece pedindo ajuda a Deus. Lembre-se: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4:13, ARA). Deus quer nos ajudar. Só precisamos pedir.

Você se lembra dos dois eixos do modelo dos **quatro estilos parentais** (Divecha, 2015)?

O objetivo é equilibrar muito acolhimento e muito controle. Se sua tendência natural é ser mais autoritário ou permissivo, comece a manter intencionalmente os dois aspectos em conjunto. Sua tarefa como pai ou mãe é preservar o vínculo enquanto orienta o comportamento dos filhos.

Se você reconhece que esse é um grande desafio, recomendamos dedicar tempo a aprender mais sobre a educação dos filhos. Você pode começar lendo um livro ou fazendo um curso. Talvez precise de ajuda profissional de um terapeuta familiar. É importante buscar um bom equilíbrio entre acolhimento e controle, pois isso é essencial para a formação espiritual dos filhos.

Por quê? Porque nossos estilos parentais moldam a imagem que nossos filhos têm de Deus. A Bíblia nos diz que Deus é um equilíbrio perfeito entre misericórdia e justiça (veja, por exemplo, Salmo 101:1). Poderíamos chamar isso de um equilíbrio perfeito entre amor e obediência ou entre acolhimento e controle.

DISCUSSÃO EM GRUPO

Se nossa primeira imagem de Deus é formada no contexto de nossos primeiros relacionamentos, **que imagens de Deus podem desenvolver as crianças educadas dessas quatro maneiras diferentes?** *(Reserve tempo para a conversa em duplas e, depois, peça respostas ao grupo.)*

Respostas (Habenicht, 1994, p. 25-33):

- Crianças criadas em lares autoritários tendem a ver Deus como severo e julgador, muitas vezes obedecendo-Lhe por medo de punição, e não por amor.
- Crianças criadas em lares permissivos tendem a ver Deus como amoroso, mas desinteressado em suas ações e escolhas.
- Crianças criadas em lares indiferentes tendem a ver Deus como ausente — nem amoroso nem justo.
- Crianças criadas em lares com autoridade e acolhimento tendem a ver Deus como amoroso e justo.

Em um estudo recente realizado por Harvard e pela Visão Mundial, que ouviu

4.600 crianças de oito países (World Vision, 2026), os pesquisadores concluíram que as crianças passam a compreender o amor de Deus "por meio de experiências vividas de confiança, proteção, perdão, encorajamento e pertencimento" (Benjamin, 2026).

Em síntese, o relacionamento entre pais e filhos estabelece a base da imagem que eles têm de Deus e de seu desenvolvimento espiritual.

CONVERSE E COMPARTILHE EM DUPLA

Ao encerrarmos o encontro de hoje, identifique duas coisas importantes que aprendeu.*(Peça ao grupo que compartilhe os aprendizados mais importantes e registre-os no quadro.)*

Que nova atitude você deseja assumir o compromisso de praticar em sua família?

CONCLUSÃO

Se desejamos criar filhos que se sintam amados por Deus, precisamos garantir que se sintam seguros de nosso próprio amor. À medida que crescerem, começarão gradualmente a relacionar nosso amor com o amor de Deus.

MOMENTO DE ORAÇÃO FINAL EM DUPLA

Incentive cada participante a orar com a pessoa de sua dupla — por si mesmos, um pelo outro e por seus filhos. Depois, encerre com uma oração de bênção sobre o grupo.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS: SESSÃO #3

Leitura bíblica: Salmo 78: 2b-4 (NLT)

Oração: *Querido Pai celestial, obrigado por nossos filhos e pela oportunidade de aprender ao longo da jornada de educá-los. Pedimos Tua presença nesta sala. Guia-nos enquanto aprendemos, refletimos e compartilhamos juntos. Amém.*

INTRODUÇÃO

Na última sessão, falamos sobre a importância do relacionamento entre pais e filhos, que serve de base para a imagem que as crianças formam de Deus e para seu desenvolvimento espiritual.

Quando as crianças se sentem amadas pelos pais, crescem compreendendo o que é o amor incondicional e, aos poucos, passam a relacioná-lo com o amor de Deus.

Isso também vale para cada um de nós. Todos crescemos em uma família que nos deu algum exemplo de amor, positivo ou negativo. Cada um de nós formou sua imagem de Deus a partir da maneira como o amor era vivido em casa.

Também aprendemos sobre Deus em outros contextos. Talvez tenhamos aprendido com um avô, uma avó ou outro familiar que nos contava histórias bíblicas. Se frequentamos uma escola cristã, talvez nossos professores tenham nos ensinado sobre Deus. E, se frequentamos uma igreja, muito provavelmente aprendemos sobre Ele ali também.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Lembre-se de quando você era criança, talvez com sete ou oito anos. Que imagem você tinha de Deus na infância? Faça um desenho ou escreva um parágrafo que descreva essa imagem.

Quanto dessa imagem de Deus foi moldada por seus relacionamentos? Quanto veio do ensino que você recebeu de maneira intencional?

Como sua imagem de Deus mudou ao longo da vida? Que experiências contribuíram para essa mudança?

(Depois da conversa em duplas, conversem sobre a atividade com o grupo, se for adequado.)

O que aprendemos sobre Deus na infância vem de várias fontes. Considere, por exemplo, a seguinte história da infância do escritor e pastor norte-americano Walter Wangerin, contada por ele mesmo (1993, p. 20–29).

HISTÓRIA 1

Wally era um menino medroso e sensível. Quando ele se assustava, seus pais tentavam encorajá-lo dizendo: “Vamos, Wally, você é pequeno ou grande? É fraco ou forte?” E ele sempre sussurrava: “Forte”, embora não se sentisse grande nem forte.

No primeiro dia de aula, ele disse à mãe: “Não estou me sentindo muito bem.” Ela respondeu: “Ora, vamos, Wally, você é pequeno ou grande? É fraco ou forte? O que seus irmãos vão pensar de você?”

A mãe o levou à sala de aula e o apresentou à professora Augustine. Enquanto ela se distraía conversando com a professora, Wally saiu de mansinho e se escondeu no carro.

Quando a mãe o encontrou, abriu a porta, pôs as mãos na cintura e perguntou em

tom de cobrança: “O que deu em você, Wally? Você é pequeno ou grande? É fraco ou forte?” Ele suspirou e sussurrou: “Forte.” Ela respondeu: “Isso mesmo. Vamos!”

Wally sentou no fundo da sala. Ficou calado e imóvel. A professora Augustine falava, mas Wally só conseguia pensar que sua mãe havia ido embora de carro e o deixado ali. Então aconteceu: ele caiu no choro! Abaixou a cabeça sobre a carteira e tentou soluçar baixinho, mas a professora percebeu. Ela anunciou o recreio, e todas as outras crianças saíram correndo. Wally ficou onde estava, agora soluçando alto.

Quando a sala ficou quieta, Wally de repente ouviu a professora Augustine cantarolar. Espiou e a viu sentada ao seu lado. “Você se importa se eu me sentar aqui?”, ela perguntou. Wally fez que não com a cabeça.

Então ela disse: “Wally, você se importa se eu cantar?” Ele fez que não outra vez, e ela continuou: “Às vezes gosto de cantar enquanto trabalho.” Logo, a melodia deu lugar a uma canção com palavras: “Jesus me ama, eu bem sei...”

No meio da canção, a professora parou e perguntou: “Wally, você conhece esta canção?” Quando ele disse que sim, ela perguntou: “Quer cantá-la comigo?” Mas Wally disse que não.

A professora Augustine então perguntou: “Bem, você gostaria de cantar a plenos pulmões comigo?” As crianças no pátio ouviram duas vozes cantando bem alto:

Jesus me ama, eu bem sei, pois a Bíblia me diz assim. Os pequeninos pertencem a Ele. Eles são fracos, mas Ele é forte!

Naquele dia, Wally aprendeu que não precisava ser forte. Tudo bem ser pequeno e fraco, pois Jesus era forte. Já adulto, escritor e professor de inglês, Walter Wangerin ainda cantava “Jesus me ama” a plenos pulmões quando ficava triste ou com medo.

Agora considere esta história contada pelo escritor e pastor adventista Stuart Tyner (2006, p. 31–32).

HISTÓRIA 2

Stuart estava em uma reunião campal quando cursava o sétimo ano escolar. Ali aprendeu uma canção que mais tarde cantou na igreja. Era assim:

O tema da Bíblia é Jesus e como Ele morreu para salvar a humanidade.

O plano da salvação nos assegura que Ele voltará.

Você está preparado para a volta de Jesus? É fiel em tudo o que faz?

Você combateu o bom combate? Defendeu o que é certo?

Outros viram Jesus em você? Está pronto para tomar seu lugar?

Está pronto para olhar em Seu rosto? Pode erguer os olhos e dizer: “Este é o meu Senhor”?

Você está preparado para a volta de Jesus?

Stuart escreve:

"Quanto mais eu cantava a canção para os outros, pior me sentia. Eu me esforçava ao máximo para ser um bom menino cristão. Mas, se 'o tema da Bíblia' e 'o plano da salvação' diziam respeito a eu estar preparado ou não, eu tinha quase certeza de que não estava! E tanto o tema quanto o plano eram profundamente desanimadores. Para mim, não eram boas-novas."

À medida que crescem, nossos filhos aprendem sobre Deus de várias fontes e de várias maneiras. Essas duas histórias mostram que, enquanto eles formam sua imagem de Deus, o que aprendem fora de casa às vezes pode ser de grande valor e, em outras ocasiões, pode causar danos.

Pesquisas indicam que aquilo que as **crianças aprendem na primeira década de vida forma a base de sua visão de mundo (Barna, 2003, p. 47–49)**. Elas continuam aprendendo ao longo da vida, mas é menos provável que as novas ideias se tornem a base de sua visão de mundo.

Por isso, precisamos cuidar intencionalmente da formação espiritual dos filhos desde os primeiros anos. Enquanto eles são pequenos, temos a oportunidade de ajudá-los a formar uma imagem de Deus como bom e belo. Como podemos fazer isso? A passagem bíblica por excelência sobre a formação espiritual das crianças nos ensina que a base da fé de nossos filhos se forma no convívio familiar.

Leia Deuteronômio 6:4–9.

Quais são alguns dos temas centrais dessa passagem?

(Resposta: conversar sobre a fé repetidamente, ao sentar-se em casa, ao andar pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se.)

Essa passagem nos ensina que a base da fé de nossos filhos se forma na vida familiar cotidiana. Considere também Efésios 5:15–16: "Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade" (NVI, trecho).

Que temas centrais dessa passagem podem se aplicar à educação dos filhos?

(Resposta: usar o tempo com sabedoria e aproveitar ao máximo cada oportunidade.)

Tanto Deuteronômio 6 quanto essa passagem de Efésios nos lembram de que o tempo que temos com nossos filhos é limitado. Na correria diária de educá-los, às vezes parece que essa fase vai durar para sempre. Mas eles crescem, e nossa oportunidade de influenciar sua visão de mundo chega ao fim. Por isso, o tempo que temos com eles é precioso e deve ser usado com sabedoria.

Pense nisto. Quando investimos pequenas quantias ao longo de um período

prolongado, o efeito se acumula com o tempo. O mesmo acontece quando deixamos de investir essas pequenas quantias. Raramente há consequências imediatas por deixar de fazer um aporte. Mas sabemos que, se continuarmos deixando de investir essas pequenas quantias, nosso investimento total acabará sendo zero.

O mesmo vale para o tempo que investimos em ensinar nossos filhos. Talvez só vejamos as consequências de nossa negligência muitos anos depois. Ainda assim, elas são reais. Quando permitimos que as urgências da vida interfiram no que é importante, o tempo que investimos na formação espiritual dos filhos pode acabar somando pouco mais que zero.

Para as crianças, AMOR se escreve T-E-M-P-O.

São as interações cotidianas, que acontecem aos poucos na família, que formam tanto nossos filhos quanto nós mesmos.

Isso acontece porque aprendemos mais observando o que os adultos fazem do que ouvindo o que dizem. Quando as crianças crescem com pais que falam com elas respeitosamente, aprendem a ser respeitosas. Quando veem os pais apreciarem bons livros, é provável que também desenvolvam amor pela leitura.

Quando, porém, os filhos crescem percebendo uma diferença entre aquilo que os pais ensinam ou exigem e a maneira como eles próprios agem, essa incoerência os incomoda e eles perdem o respeito pelos pais. As crianças interiorizam os valores que veem ser vividos ao seu redor. Se queremos que sejam honestas, precisamos dar exemplo constante de honestidade. Se queremos que sejam bondosas, precisamos dar exemplo constante de bondade.

As crianças também interiorizam o que veem em nós quando enfrentamos imprevistos. Quando acontece algo especial, agradecemos a Deus? Quando enfrentamos dificuldades e crises, recorremos a Ele em busca de orientação e força? É no cotidiano que a fé de nossos filhos se forma e se fortalece, e eles observam cada detalhe do que fazemos.

Por isso, educar filhos é uma oportunidade tão importante para nossa própria formação espiritual e de caráter. Só podemos ensinar aos nossos filhos aquilo que conhecemos e vivemos. A fé se aprende mais pelo exemplo do que pelo ensino.

Pesquisas indicam que os filhos que crescem em famílias nas quais os pais dão exemplo constante da fé cristã nas interações cotidianas “têm o dobro da probabilidade de conservar a fé dos pais em comparação com aqueles que recebem exemplos contraditórios ou insinceros” (Chapell, 2025, p. 35).

Observe que, na passagem de Deuteronômio 6 sobre ensinar os filhos, Deus diz: “Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração” (Dt 6:6, NVI). Só podemos dar exemplo da fé cristã com constância e sinceridade se os mandamentos de Deus, isto é, Seus caminhos, estiverem em nosso coração. O que isso significa? Deus

quer que nossa obediência brote do amor por Ele, e não do medo.

Queremos que nossos filhos nos obedeçam por amor, e não por medo. De fato, se desejamos que adotem nossos valores, nosso relacionamento com eles é a única base de que dispomos para tudo o que esperamos ensinar-lhes.

Da mesma forma, se esperamos que nossos filhos aprendam a amar a Deus e escolham segui-Lo, é importante ensinar-lhes com diligência e conversar com eles sobre o amor de Deus. Seu maior desejo para nós, expresso em Seus maiores mandamentos, é que amemos a Deus e ao próximo.

Agora quero fazer uma pergunta: é possível amar alguém de quem você tem medo? Alguém de quem você não gosta? Talvez. Mas essa não é uma forma saudável de amor. Se queremos que nossos filhos amem a Deus, precisamos ensiná-los a conhecer um Deus a quem possam amar.

Como fazer isso? O ideal é que nós mesmos conheçamos e amemos a Deus. Quando os filhos percebem nosso amor por Ele, também se sentem atraídos por uma vida de fé. Mesmo que sua formação espiritual na infância não tenha ajudado você a interiorizar profundamente o amor e a graça de Deus, educar seus filhos pode lhe dar a oportunidade de desaprender algumas ideias equivocadas que aprendeu a respeito dEle. Ao ensinar seus filhos, você tem a oportunidade de formar uma nova imagem de Deus.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Ao refletir sobre a imagem que você tinha de Deus na infância, há algo que precisa desaprender? Como você poderia cultivar mais intencionalmente seu amor por Deus?

A Bíblia nos diz que a imagem que temos de Deus é como vê-Lo “por espelho, em enigma” e que só O conheceremos de verdade quando O virmos “face a face” (1Co 13:12, ARC, trechos). Mesmo assim, podemos aprender a conhecê-Lo mais plenamente.

Ao refletir sobre a vida de Jesus e a maneira como Ele Se relacionava com as pessoas, podemos conhecer melhor a Deus. Ao ensinar nossos filhos sobre o amor e a graça de Deus, também aprendemos, com o tempo, a interiorizar mais profundamente esse amor e essa graça. Assim, nossa imagem de Deus pode se aproximar cada vez mais do amor e da bondade que vemos na vida de Jesus.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Para encerrar nosso encontro, identifique duas coisas importantes que aprendeu hoje. Quais foram os aprendizados mais importantes?
(Registre as respostas no quadro branco.)

Que nova atitude você deseja assumir o compromisso de praticar em sua família?

CONCLUSÃO

As crianças formam sua imagem de Deus ao longo da infância. Como pais, temos o privilégio de ajudá-las a desenvolver uma imagem de Deus como bom e belo. Ao longo do caminho, também podemos aprender mais sobre Ele. Não deixe passar essa oportunidade!

ORAÇÃO:

Querido Pai celestial, obrigado por Teu amor por nós, pelo amor representado em cada família e pelo privilégio de compartilhar Teu amor com nossos filhos. Guia cada família enquanto reflete sobre o que aprendeu e sobre os compromissos que deseja assumir para a próxima semana. Amém.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS: SESSÃO #4

Leitura bíblica: Deuteronômio 6:4-9

Oração: *Querido Pai celestial, obrigado por nossos filhos e pela oportunidade de aprender ao longo da jornada de educá-los. Pedimos Tua presença nesta sala. Guia-nos enquanto aprendemos, refletimos e compartilhamos juntos. Amém.*

INTRODUÇÃO

Nas três últimas sessões, falamos sobre a importância do amor dos pais e do exemplo da fé cristã no cotidiano. Ambos são fundamentais para ajudar nossos filhos a crescer na fé.

Deuteronômio 6 também nos orienta a ensinar com diligência os caminhos de Deus aos filhos e a conversar sobre eles. Além de dar exemplo do amor de Deus e de uma vida de fé, somos chamados a ensinar intencionalmente nossos filhos sobre Ele.

Nesta seção, vamos explorar maneiras práticas de ensinar intencionalmente nossos filhos a viver a fé. Antes disso, vamos reservar um tempo para refletir sobre sua própria formação na infância.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

O que seus pais fizeram bem ao ensinar você sobre Deus e a vida cristã? O que você gostaria de fazer de maneira semelhante? O que gostaria de fazer de outro modo?

Se você não cresceu em um lar cristão, pense na pessoa que o discipulou. O que ela fez bem? O que você faria de outro modo?

(Incentive a conversa em duplas e depois o compartilhamento com o grupo. Registre as respostas no quadro branco, se for adequado.)

Talvez essa reflexão tenha ajudado você a perceber que seus pais deram um bom exemplo de fé cristã e a ensinaram bem. Ou talvez tenham ensinado sem dar exemplo, ou dado exemplo sem ensinar. Deuteronômio 6 nos diz que precisamos tanto dar exemplo quanto ensinar intencionalmente. Com base no trabalho de Barna (2003), Habenicht (1994) e Hess e Garlett (2004), o que podemos fazer na prática para ensinar intencionalmente nossos filhos sobre Deus?

Primeiro, procure ter conversas em família que integrem a fé à vida cotidiana. Veja alguns exemplos.

1. Quando uma criança tem medo de ir mal em uma prova na escola, os pais podem lembrá-la de que Deus está sempre com ela e propor que orem juntos.
2. Quando uma criança enfrenta uma decepção, reconheça que nem sempre entendemos por que coisas ruins acontecem e lembre-a de que Deus está conosco em nossas decepções.
3. Quando uma criança estiver com raiva de um irmão ou de uma irmã, comece ouvindo-a e reconhecendo sua frustração. Depois, incentive pequenos passos em direção ao perdão.
4. Quando uma adolescente sentir que os outros têm um desempenho melhor que o dela, lembre-a de que pode deixar de se comparar. Deus a formou “por modo assombrosamente maravilhoso” (Sl 139:14, ARA, trecho). Seu valor vem de ser uma filha de Deus, única em sua individualidade, independentemente de seu desempenho.
5. Na hora de dormir, ao conversar sobre o dia, incentive a criança a pensar em que momentos Deus pode ter estado presente. Isso cria o hábito de perceber Deus nas experiências comuns.

Essas conversas exigem tempo tranquilo em família. É difícil criá-las à força quando o tempo juntos é curto.

Segundo, c**ultive práticas de fé em família** que mostrem como a fé se integra à vida. Entre elas estão:

1. Orar diariamente nas refeições, na hora de dormir e nas ocasiões em família.
2. Realizar regularmente o culto familiar.
3. Participar juntos e com regularidade dos cultos da igreja.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Reflita sobre sua própria vida familiar

Como você poderia desenvolver mais intencionalmente sua capacidade de conversar com os filhos sobre a fé? Que práticas de fé em família vocês já realizam bem? Quais poderiam melhorar?

Vamos agora falar sobre o culto familiar. Muitos de nós temos experiências e sentimentos complexos em relação a ele. Alguns têm a ver com o passado, outros com o presente.

Comecemos pelo passado. Alguns de vocês cresceram em famílias nas quais o culto familiar era um momento bonito de amor e conexão. Talvez esperem proporcionar experiências semelhantes aos próprios filhos. Outros cresceram em famílias que não faziam culto familiar e têm dúvidas sobre como realizá-lo. Alguns cresceram em lares nos quais o culto familiar era imposto com severidade ou era monótono, e por isso guardam sentimentos negativos a respeito dele.

Há também o presente. Cada família vive circunstâncias diferentes. Em algumas, os dois responsáveis se dedicam à formação espiritual dos filhos. Em outras, apenas um se dedica a essa tarefa. Algumas famílias têm um só responsável em casa, ou dois que trabalham em turnos diferentes, ou um que faz muitas horas extras e raramente está em casa. Algumas famílias têm uma rotina mais estruturada, outras menos. Essas circunstâncias afetam nossa possibilidade de fazer o culto familiar.

Há ainda aquelas imagens da década de 1970, com o pai dirigindo o culto e a família reunida ao redor de uma grande Bíblia aberta. Elas pouco refletem a realidade de muitos lares. Se você guarda sentimentos negativos sobre o culto familiar ou sente vergonha por nunca realizá-lo, temos uma boa notícia. O culto familiar pode assumir muitas formas e variar de uma família para outra. Pode ser breve, espontâneo e interessante. Deve sempre ser voluntário.

Acima de tudo, o culto familiar deve ser breve e agradável.[1]

Se sua família gosta de cantar, vocês podem cantar uma música infantil, se quiserem. Podem ler uma história bíblica simples, uma história devocional adequada à idade ou a lição da Escola Sabatina da faixa etária de seus filhos. Podem orar juntos. Se houver tempo, incentive os filhos a responder à história com um desenho, uma criação com

massa de modelar ou um bilhete de agradecimento a Deus.

Se isso parece difícil de realizar em sua família, o culto familiar pode acontecer enquanto vocês cantam músicas cristãs a caminho da escola. Textos bíblicos musicados ajudam especialmente na memorização das Escrituras. O culto familiar também pode consistir em ouvir a gravação de uma história cristã que as crianças fiquem ansiosas para escutar quando entrarem no carro.

O culto familiar também pode ser um momento de quietude e reflexão. Vivemos em um mundo cheio de ruído e atividade, e todos temos dificuldade para reservar tempo para a quietude. Ainda assim, a quietude abre espaço para pensar e imaginar, capacidades importantes para aprender sobre Deus (Hess e Garlett, 2004).

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Quando você era criança, havia algum lugar tranquilo aonde ia para pensar sobre Deus? Você tem um lugar assim hoje?

(Converse com o grupo e registre as respostas no quadro branco, se for adequado.)

Passar tempo na natureza pode ser uma maneira especialmente bonita de criar momentos de quietude.

O livro Caminho a Cristo, de Ellen White, começa assim: “A Natureza e a Revelação, ambas dão testemunho do amor de Deus” (p. 9).

No livro Educação, Ellen White escreve: “Para a criancinha, [...] a Natureza apresenta uma fonte infalível de instrução e deleite. O coração que ainda não se acha endurecido pelo contato com o mal, está pronto a reconhecer aquela Presença que penetra todas as coisas criadas” (p. 100).

Quando passamos tempo na natureza com as crianças, elas têm a oportunidade de experimentar a presença de Deus, e nós também podemos aprender a ver o mundo e a Deus de novas maneiras.

Depois de uma caminhada tranquila na natureza, em que as crianças sejam incentivadas a ouvir em silêncio, conversem sobre o que todos viram. Relacione essas observações com Deus como Criador. Outra possibilidade é incentivar as crianças a desenhar o que viram e então relacionar seus desenhos com o amor de Deus.

À medida que as crianças crescem, incentive-as a memorizar passagens bíblicas. Um ponto de partida simples é o verso para memorizar da lição semanal da Escola Sabatina. É comum ensinar a memorização bíblica com métodos escolares, como recompensas ou questionários, mas isso pode levar as crianças a pensar nas Escrituras como mais uma matéria da escola. Incentive-as a pensar no versículo e em como ele se aplica à vida delas.

Crianças mais velhas também podem ser apresentadas à leitura contemplativa da Bíblia, que consiste em ler lentamente uma narrativa bíblica e imaginar diferentes

partes da história.

A imaginação é importante nas brincadeiras das crianças pequenas, mas muitas vezes é sufocada pelo ensino tradicional. Às vezes, temos receio de usar a imaginação ao ler as Escrituras, por achar que isso pode ser subjetivo demais. No entanto, o Espírito Santo pode usar a imaginação para ajudar crianças e adultos a interiorizar mais profundamente as verdades das histórias bíblicas.

Ao falar sobre a meditação na vida de Jesus, Ellen White diz: "Deveríamos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena [...]" (O Desejado de Todas as Nações, p. 83). Também podemos incentivar as crianças a desenhar ou escrever sobre o que imaginaram.

No fim da infância e no início da adolescência, por volta dos 12 ou 13 anos, os filhos começam a pensar de maneira diferente sobre Deus e a fé. Durante a adolescência, sua principal tarefa nessa fase do desenvolvimento é encontrar Deus por si mesmos. Muitas vezes, precisam deixar de lado, pelo menos por um tempo, o que os pais lhes ensinaram.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Recorde sua própria adolescência. O que seus pais fizeram para cultivar sua fé? O que eles faziam que irritava você? O que fizeram que despertou em você a vontade de se rebelar contra a fé deles?

(Depois da conversa em duplas, conversem sobre a atividade com o grupo, se for adequado.)

Muitos jovens criados em lares religiosos se afastam da fé dos pais. Isso não significa necessariamente que estejam se afastando de Deus ou da vida espiritual. Eles estão tentando encontrar Deus por si mesmos.

Com o tempo, talvez retornem. Nesse percurso, precisam de espaço para encontrar Deus por si mesmos. Quando entendem isso, os pais podem caminhar ao lado dos adolescentes e acolher suas perguntas.

É especialmente importante lembrar que, quando os pais usam suas crenças religiosas para controlar o comportamento dos adolescentes, eles rejeitam a fé. Quando os pais recorrem à religião para tentar controlá-los, os adolescentes recorrem à religião para se rebelar. Eles sempre rejeitarão um Deus imposto por regras e apresentado

como mais interessado no comportamento do que no relacionamento.

Se você guardar apenas uma ideia sobre como cultivar a fé dos adolescentes, lembre-se desta:

Regras sem relacionamento = rebeldia.

A fé verdadeira é relacional, pois Deus é amor. Os adolescentes precisam sentir que Deus Se interessa mais por eles do que pelo cumprimento das regras. Ao examinar o que aprenderam em casa, na escola e na igreja durante a infância e procurar uma fé própria, precisam de duas coisas.

Primeiro, precisam ver autenticidade. Precisam perceber que nossa fé é sincera e faz uma diferença real em nossa vida.

Segundo, uma tarefa importante da adolescência é encontrar sentido para a vida. Ao desenvolver a própria visão de mundo e a própria fé, os adolescentes precisam de respostas para as grandes perguntas sobre o sentido da vida. Nossa tarefa é ajudá-los a encontrar esse sentido no contexto da fé cristã.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Em qual desses aspectos você já está indo bem: demonstrar autenticidade ou ajudar seus filhos a encontrar sentido para a vida? Em qual poderia melhorar? Como faria isso?

(Depois da conversa em duplas, conversem sobre a atividade com o grupo, se for adequado.)

Aqui estão algumas sugestões práticas para cultivar a fé dos adolescentes mais novos.

Reservem intencionalmente momentos tranquilos juntos. Os pais muitas vezes superestimam a importância dos colegas na vida dos filhos e subestimam a importância da própria presença. Pré-adolescentes e adolescentes mais novos desejam especialmente passar tempo a sós com os pais. Caminhar no início da manhã ou à noite, contemplar o amanhecer ou as estrelas, escutar os sons ao redor e conversar com tranquilidade são experiências que criam lembranças boas e duradouras. Refletir sobre Deus ou compartilhar algo de sua própria vida devocional é uma maneira simples de integrar intencionalmente a fé às conversas cotidianas.

Leiam ou ouçam juntos narrativas bíblicas. Isso pode incluir trechos curtos das

Escrituras, livros como Messiah, adaptação contemporânea de O Desejado de Todas as Nações, de Ellen White, feita por Jerry Thomas, ou obras de ficção cristã. Vocês também podem assistir a filmes cristãos ou ouvir música cristã juntos. Depois, incentive os adolescentes a conversar sobre o que aprenderam e a aplicar esse aprendizado à vida.

Participe do mundo deles. Reserve tempo para observar o que é importante para seus adolescentes e o que gostam de fazer. Depois, participe dessas atividades com eles.

Demonstre respeito ao ouvir. Evite dar sermões e corrigir a todo momento. Tenha humildade para reconhecer que pode aprender com seu filho, uma pessoa única e um filho de Deus, criado à Sua imagem.

Evite julgar pela aparência. A cor do cabelo, os piercings ou as tatuagens muitas vezes são apenas tentativas de explorar uma identidade própria, distinta da identidade dos pais. A ligação deles com Deus pode surpreender você, independentemente da aparência.

Converse sobre assuntos difíceis, inclusive os que deixam você desconfortável. Entre eles estão os temas presentes nas músicas e nos filmes atuais, os relacionamentos, a sexualidade e a pornografia. Quando os pais evitam falar sobre temas difíceis, os filhos aprendem que os pais não têm o que dizer sobre essas questões e que Deus também não tem. Assim, absorvem aquilo que aprendem com os colegas.

Seja sincero sobre suas próprias dificuldades. À medida que crescem, os adolescentes percebem cada vez mais que os pais são imperfeitos e que também têm questões a resolver. Quando fingimos ser perfeitos, nossos filhos percebem a máscara e passam a nos ver como hipócritas. De maneira adequada à idade, compartilhe um pouco de suas dificuldades, como o desafio de toda uma vida de colocar Deus em primeiro lugar ou de se tornar mais semelhante a Cristo.

Compartilhe sua própria fé. A adolescência é marcada por perguntas sobre Deus, a fé, a igreja e o mundo. Como pais, nem sempre temos as respostas, e podemos admitir isso com tranquilidade. Nossos filhos precisam aprender que muitas de suas perguntas só terão resposta no Reino de Deus. Podemos ajudá-los a lidar com isso de uma maneira que fortaleça a fé, respondendo a perguntas difíceis com estas palavras: "Eu não sei, mas esta é a minha experiência…" Para fazer isso bem, nossa experiência de fé, aquilo que vivemos, "o que temos ouvido, o que temos visto [...]" (1Jo 1:1, ARA, trecho), precisa ser viva e real.

Descubra o que eles querem aprender e quais são suas perguntas. Planeje o culto familiar em torno dessas questões.

Incentive seus filhos a dirigir o culto familiar se estiverem à vontade para isso. Preserve a liberdade deles de escolher se querem dirigir, orar ou ler em voz alta. Lembre-se de que, quando os pais usam a religião para controlar os filhos, eles usarão a religião para se rebelar.

Há mais um aspecto importante na adolescência: **conviver regularmente com uma**

comunidade de fé que ofereça apoio. Pesquisas indicam que, quando cinco adultos cristãos de fora da família imediata demonstram amor e cuidado constantes por um adolescente de 15 a 18 anos, é provável que ele abrace a fé cristã na vida adulta. Mesmo quando apenas um adulto cristão de fora da família demonstra amor e cuidado por um adolescente, aumenta a probabilidade de ele abraçar a fé na vida adulta (Chapell, 2025, p. 39). Isso significa que os adolescentes precisam conviver regularmente com outros cristãos de todas as idades, muito provavelmente por meio da participação regular na igreja.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Quais dessas sugestões você já coloca em prática com bons resultados? Em quais duas gostaria de agir com mais intencionalidade

(Depois da conversa em duplas, conversem sobre a atividade com o grupo, se for adequado.)

A formação da fé na família é uma via de mão dupla. **Cultivar a fé de nossos filhos é uma disciplina espiritual** tão importante quanto outras, como a leitura da Bíblia, a oração ou a participação na igreja. Isso acontece porque, ao educar os filhos, também formamos nossa própria fé. Quando lemos para eles, respondemos a suas perguntas e oramos com eles e por eles, nossa fé se fortalece.

Na convivência com nossos filhos, aprendemos mais sobre Deus e Sua graça. Quando experimentamos o amor incondicional de nossos filhos, cresce nossa compreensão do amor incondicional de Deus por nós. Quando deixamos de exemplificar o fruto do Espírito na própria vida, reconhecemos com mais clareza nossa condição pecaminosa e nossa necessidade da graça. Quando pedimos desculpas por nossas falhas e recebemos o perdão dos filhos, compreendemos mais profundamente o perdão de Deus. Ao considerar a importância da tarefa de educar os filhos que Deus lhe confiou, tenha em mente estas reflexões finais.

Primeiro, se você percebeu que suas primeiras experiências de vida distorceram sua imagem de Deus, lembre-se de que pode desaprender essas mensagens. Ao se aprofundar na vida de Jesus, conforme registrada nos Evangelhos, você poderá reconhecer a imagem boa e bela de Deus que Jesus revelou por meio de Sua vida.

Segundo, ore por seus filhos. Lembre-se de que Deus os ama ainda mais do que você e Se dedica à vida deles mais do que você pode se dedicar. Você conta com Sua companhia. O Espírito Santo atua na vida deles enquanto viverem. Quando sentir

ansiedade em relação aos filhos, entregue-os a Jesus. Quando falhar com eles, peça a Deus que supra suas limitações, para que conheçam Seu amor apesar de seus erros. Quando se sentir sobrecarregado com a tarefa de cultivar a fé deles, peça a Deus que coloque em sua vida pessoas que apoiem você e outras que apoiem a fé de seus filhos.

Terceiro, construa relacionamentos abertos e sinceros com outros pais cristãos. Educar os filhos é difícil. De fato, provavelmente será uma das tarefas mais difíceis de sua vida. Reunir-se para aprender em uma oficina como esta pode ajudar, mas também pode causar desânimo. Às vezes, aprender habilidades e receber informações dá a impressão de que, se aplicarmos o que aprendemos, educar os filhos se tornará fácil e teremos um bom resultado garantido.

Na prática, educar os filhos é uma tarefa que exige muito de nós e se parece um pouco com tentar acertar um alvo em movimento. As crianças crescem e mudam continuamente. Quando você pensa que aprendeu a lidar com determinada fase do desenvolvimento, elas mudam e suas necessidades também.

Quando compartilhamos nossas experiências com outros pais, muitas vezes descobrimos que eles enfrentam desafios semelhantes. Isso nos ajuda a reconhecer que educar os filhos é de fato desafiador e pode diminuir a sobrecarga e o desânimo que sentimos diante de nossas falhas.

Quarto, desfrute da companhia de seus filhos. Sua tarefa como pai ou mãe é ajudá-los a crescer e a viver de maneira independente, de modo que um dia já não precisem de você nesse papel. Se tudo correr bem, eles crescerão e sairão de casa, e você talvez sinta saudade desses dias corridos de criação dos filhos. Aproveite a oportunidade de estar presente. Evite se desgastar com tantas coisas que provavelmente jamais acontecerão. Peça a Deus alegria, paz e esperança para a jornada de educar seus filhos.

REFLITA E COMPARTILHE EM DUPLA

Escreva **duas coisas importantes que aprendeu hoje.**

(Peça ao grupo que compartilhe os aprendizados mais importantes e registre-os no quadro branco.)

Que nova atitude você deseja assumir o compromisso de praticar?

MOMENTO DE ORAÇÃO FINAL EM DUPLA

Incentive os participantes a orar em duplas, cada um por si, pela outra pessoa e pelos filhos. Depois, encerre com uma oração de bênção sobre o grupo, usando Números 6:24–26.

NOTAS

[1] Donna Habenicht, Como ajudar seu filho a amar Jesus de verdade.

REFERÊNCIAS

Barna, G. (2003). *Transformando crianças em campeãs espirituais.* Regal Books.

Benjamin, C. (2026, 9 de junho). *Estudo: como as crianças sentem o amor de Deus.* Christianity Today. [Artigo da Christianity Today]

Chapell, B. (2025). *A crise da igreja multigeracional: por que não nos entendemos e como nos unir na missão*. Baker Books.

Chapman, G. (1992). *As cinco linguagens do amor: como expressar ao cônjuge um compromisso de coração.* Northfield.

Cloud, H., & Townsend, J. (1992). *Limites: quando dizer sim e como dizer não para assumir o controle da própria vida*. Zondervan.

Divecha, D. (2015, 28 de junho). *O único modelo de criação de filhos de que você precisa.* Developmental Science. https://www.developmentalscience.com/blog/2015/6/28/the-only-parenting-model-you-need

Dobson, J. (1970). *Ouse disciplinar*. Tyndale House.

Friedman, E. H. (1985). *De geração em geração: dinâmicas familiares na igreja e na sinagoga.* Guilford Press.

Gemar, A. (2023). *Influência dos pais e transmissão intergeracional de crenças, atitudes e práticas religiosas: evidências recentes dos Estados Unidos*. Religions, 14.

Habenicht, D. (1994). *Como ajudar seu filho a amar Jesus de verdade: sugestões práticas para incutir valores espirituais*. Review and Herald Publishing Association.

Hess, V., & Garlett, M. W. (2004). *Hábitos do coração de uma criança: como educar seus filhos com as disciplinas espirituais.* NavPress.

May, S., Posterski, B., Stonehouse, C., & Cannell, L. (2005). A*s crianças importam: celebrando seu lugar na igreja, na família e na comunidade.* Eerdmans.

Myers, S. (1996). *Um modelo interativo de transmissão da religiosidade: a importância do contexto familiar.* American Sociological Review, 61, 858–866.

Prange-Morgan, C. (2022, 1º de agosto). *Por que ser um pai ou uma mãe "suficientemente bom" é melhor do que buscar a perfeição*. Psychology Today. https://www.psychologytoday.com/au/blog/full-catastrophe-parenting/202208/why-good-enough-parenting-is-better-perfection

Satir, V. (1972). *Formando pessoas*. Science and Behavior Books.

Tripp, P. D. (2016). *Criação de filhos: 14 princípios do evangelho que podem transformar radicalmente sua família*. Crossway.

Tyner, S. (2006). *Em busca do Deus da graça.* Pacific Press.

Wangerin, W., Jr. (1993). *Cordeirinho, quem te criou? Histórias, inspiração e lembranças de infância*. Zondervan.

White, E. G. (1864). *Dons espirituais* (v. 3). Seventh-day Adventist Publishing Association.

White, E. G. (1870). *O espírito de profecia* (v. 1). Seventh-day Adventist Publishing Association.

White, E. G. (1880, 1º de janeiro). *The Health Reformer.*

White, E. G. (1880, 1º de março). *The Health Reformer.*

White, E. G. (1886). *Esboços históricos das missões estrangeiras dos adventistas do sétimo dia.* Imprimerie Polyglotte.

White, E. G. (1890). *Patriarcas e Profetas.* Pacific Press.

White, E. G. (1892, 1º de julho). *The Bible Echo.*

White, E. G. (1893). *Educação cristã*. International Tract Society.

White, E. G. (1897). *Vida saudável.* Medical Missionary and Benevolent Association.

White, E. G. (1897). *Testemunhos especiais sobre educação*.

White, E. G. (1898, 1º de maio). *The Gospel of Health.*

White, E. G. (1899, 4 de setembro). *The Bible Echo.*

White, E. G. (1899, 21 de setembro). *The Youth's Instructor.*

White, E. G. (1903). *Educação*. Pacific Press.

White, E. G. (1905). *A Ciência do Bom Viver.* Pacific Press.

White, E. G. (1911). *O Grande Conflito.* Pacific Press.

White, E. G. (1923). *Conselhos sobre Saúde.* Pacific Press.

White, E. G. (1946). *Vida no Campo*. Review and Herald.

White, E. G. (1947). *História da Redenção*. Review and Herald.

White, E. G. (1948). *Testemunhos para a Igreja* (v. 1–9). Pacific Press.

White, E. G. (1949). *Temperança*. Pacific Press.

White, E. G. (1952). *O Lar Adventista.* Southern Publishing Association.

White, E. G. (1954). *Orientação da Criança.* Southern Publishing Association.

White, E. G. (1981). *Conselhos de Pedro aos pais.* Ellen G. White Estate.

White, E. G. (1981–1993). *Manuscritos divulgados* (v. 1–21). Ellen G. White Estate.

White, E. G. (1985). *Folhetos de anotações da Biblioteca de Elmshaven* (v. 1). Leaves-of-Autumn Books.

White, E. G. (1985). *Coleção Spalding e Magan de testemunhos manuscritos inéditos de Ellen G. White.* Leaves-of-Autumn Books.

White, E. G. (1990). *Os anos da aposentadoria.* Review and Herald.

White, E. G. (1991). *Conselhos para a Igreja.* Pacific Press.

White, E. G. (1995). *Ministério Pastoral.* General Conference Ministerial Association.

World Vision. (2026). *Das vozes à visão: integrando as experiências das crianças à teologia cristã do desenvolvimento.* World Vision Evidence.

RECURSOS DE LIDERANÇA

Os *Recursos de Liderança* reúnem artigos selecionados para ajudar você a abordar questões atuais e relevantes para as famílias.

- **IMITANDO A CRISTO: TRAZENDO NOSSOS FILHOS DE VOLTA A JESUS.....142**
- **A ARTE DA RESOLUÇÃO BÍBLICA DE CONFLITOS 149**
- **REFLEXÃO INTENCIONAL 152**
- **ADOÇÃO POR UMA PESSOA SOLTEIRA.....156**
- **A NEUROCIÊNCIA DO PERDÃO.....159**
- **QUANDO A INTIMIDADE DIMINUI.....162**
- **PAIS DE FILHOS PRÓDIGOS 165**

IMITANDO A CRISTO: **TRAZENDO NOSSOS FILHOS DE VOLTA A JESUS**

POR S. JOSEPH KIDDER E KATELYN CAMPBELL WEAKLEY

Depois de gastar todo o dinheiro que havia levado de casa, o filho pródigo se viu de joelhos diante do cocho, com o estômago roncando. Ele havia chegado ao fundo do poço, de quatro ao lado dos porcos. Como deve ter ficado angustiado! Jesus explicou: "Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!" (Lc 15:17, ARA). Ao se lembrar da bondade do pai e de como ele provia o necessário, o filho tomou o caminho de casa, pensando em como recuperar o favor paterno.

Segundo a lei, um filho rebelde como ele merecia a morte. "Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, [...] então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra" (Dt 21:18, 21, ARA, trechos). Assim que voltasse para casa, o filho estaria à mercê do pai, que tinha o direito de vê-lo condenado à morte pela desonra que causara. Mas o caráter e a bondade do pai atraíram o filho de volta para casa. Ele tinha a certeza de que não sofreria dano e, de fato, seria amparado como um trabalhador. "E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou" (Lc 15:20, ARA).

O pai poupou a vida do filho e o recebeu de volta com uma grande festa.

S. Joseph Kidder, DMin, é professor de Teologia Prática e Aplicada e Discipulado no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, Estados Unidos.

Katelyn Campbell Weakley, MDiv, MSW, é pastora da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Mount Tabor, em Portland, Oregon, Estados Unidos.

Muitos de nós já estivemos no lugar desse pai, sofrendo pelo distanciamento em nosso relacionamento com os filhos. Oramos para que nossos filhos e filhas, criados na fé, voltem para o Senhor. Quando pensam em nós, eles pensam em compaixão? Quando chegam ao fundo do poço, sentem-se seguros para voltar para casa? Quando se rebelam, ainda se sentem acolhidos? Na parábola do filho pródigo, ele decidiu voltar para casa porque tinha certeza de que o pai o amava e o receberia de volta. Nessa parábola, Jesus nos mostra o caráter do Pai celestial e nos chama a imitá-lo.

IMITE A CRISTO

As Escrituras nos orientam em diversas ocasiões a prestar atenção em quem estamos imitando. Colossenses 3:2 nos diz: "Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (ARA). Nosso coração e nossa mente devem buscar as coisas celestiais. Somos chamados a andar como Cristo andou. "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave" (Ef 5:1–2, ARA). Ellen White fez a mesma recomendação em Testemunhos para a Igreja: "Aponto-lhes a vida de Jesus como modelo perfeito. Sua vida foi caracterizada pela benevolência desinteressada" (v. 4, p. 218, referência do original).

Essa benevolência desinteressada é um amor que nada busca para si. Ama pelo bem da outra pessoa. Foi assim que o pai amou o filho pródigo.

De nossa fidelidade a Deus devem brotar a mesma compaixão e o mesmo acolhimento que procedem do coração de Jesus. Primeiro João 2:6 diz: "Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou" (ARA). Se levamos a sério a decisão de seguir Jesus, precisamos andar como Ele andou. Se nos preocupa que nossos filhos e filhas permaneçam na fé, ou se eles já se afastaram dela, uma das coisas mais importantes que podemos fazer por eles é permanecer fiéis ao Salvador. No Sermão do Monte, Jesus disse a Seus seguidores: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5:16, ARA). Quando imitamos Jesus e o amor do Pai celestial diante de nossos filhos, damos a eles a oportunidade de ver melhor o verdadeiro caráter de Deus, para que Ele seja glorificado.

Há maneiras simples e significativas de crescer na imitação de Jesus e do Pai. O primeiro passo é amar Jesus cada dia mais. Como escreveu Davi: "Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança" (Sl 17:15, ARA). O desejo do coração de Davi era encontrar satisfação em Deus e ser semelhante ao Criador. Em 2 Coríntios, Paulo contrastou a experiência de Moisés com a nossa. Moisés não pôde ver a plenitude de Deus, mas nós vemos essa plenitude em Jesus. Assim, "com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo

Senhor, o Espírito" (2Co 3:18, ARA, trecho).

Há duas maneiras principais de contemplar a face de Jesus. Primeiro, precisamos encher a mente com a Palavra de Deus, pois as Escrituras dão testemunho de Jesus (Jo 5:39). Quanto mais tempo passamos com as Escrituras, mais nos vemos renovados nEle (Cl 3:10). Segundo, precisamos reservar tempo para orar ao Criador (Ef 6:18), para que a paz encha nosso coração e a ansiedade não governe nossa convivência com as pessoas que amamos (Fp 4:6–7). A Bíblia e a oração são os melhores meios de conhecer por nós mesmos o caráter de Jesus.

À medida que o Espírito Santo nos guia e fortalece, torna-se cada vez mais natural imitar nosso Salvador no dia a dia. O Espírito Santo atua em nosso coração quando estudamos as Escrituras e oramos. Ele traz "sabedoria e entendimento" (Is 11:2, ARA, trecho), ensinando-nos e lembrando-nos de como Jesus nos chamou a viver (Jo. 14:26). Por isso, precisamos pedir continuamente a Deus que nos encha do Espírito Santo, para que nos tornemos mais semelhantes a Jesus (Ef 5:18). À medida que crescemos na imitação de Jesus, é provável que as pessoas ao nosso redor comecem a perceber.

OS JOVENS QUEREM SABER MAIS SOBRE JESUS

Segundo uma pesquisa recente do Barna Group, 77% dos adolescentes nos Estados Unidos estão motivados a aprender sobre Jesus. Esse percentual inclui adolescentes cristãos comprometidos e outros que não se consideram cristãos. O estudo mostrou também que 53% dos adolescentes que não se consideram cristãos ainda assim estão motivados a saber mais sobre Jesus (Barna Group, 2023). Mesmo que nem sempre demonstrem, nossos jovens procuram conhecer Jesus.

A quais fontes eles recorrem para aprender sobre Ele? A mesma pesquisa mostrou que os adolescentes cristãos comprometidos consideram a Bíblia a fonte mais confiável (95% a consideraram confiável) e também veem a família como uma fonte importante para aprender sobre Jesus (86%). Entre os adolescentes não cristãos, a família foi considerada a fonte mais confiável (58%). Os adolescentes que se consideram cristãos nominais indicaram a família e a Bíblia como as fontes igualmente mais confiáveis para aprender sobre Jesus (71%) (Barna Group, 2023).

Outro estudo, publicado em 2024, mostrou que 71% dos protestantes evangélicos dos Estados Unidos chegaram à fé, pelo menos em parte, pela influência de familiares. Para 28% dos participantes, os pais foram a influência mais forte na decisão de seguir a Cristo, e 50% disseram que os pais exerceram pelo menos alguma influência (Infinity Concepts e Grey Matter Research, 2024).

Se nossos filhos nos procuram para entender quem é Jesus, precisamos considerar o que lhes estamos mostrando.

COMO É MINHA VIDA QUANDO IMITO A CRISTO?

Identificar-se como cristão não torna ninguém automaticamente semelhante a Cristo. Em 2004, o Barna Group publicou um estudo que encontrou diferenças quase imperceptíveis entre cristãos e não cristãos nas atividades cotidianas e nas escolhas de estilo de vida. Ao comentar o estudo, o diretor George Barna afirmou: "O objetivo final de crer em Jesus vai além de adotar ideias teológicas diferentes. É tornar-se uma pessoa transformada. Essas estatísticas mostram que milhões de pessoas que confiam em Jesus Cristo para seu destino eterno têm dificuldade de pôr em prática suas crenças religiosas além das manhãs de domingo" (Barna Group, 2004).

Em Obreiros Evangélicos, Ellen White escreveu: "O obreiro cristão deve esforçar-se por ser o que Cristo foi nesta Terra. Ele é nosso exemplo, tanto em Sua pureza imaculada como em Sua paciência, mansidão e disposição cativante. [...] Sua presença trazia ao lar uma atmosfera mais pura" (p. 121, referência do original). Assim se manifesta uma vida que imita a Cristo. Paulo escreveu: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20, ARC, trecho). Como seguidores entregues a Cristo, devemos buscar cada dia que Sua vida se manifeste em nós. Isso exige que, com intenção e oração, cultivemos as qualidades que permitem que nossas palavras e atitudes reflitam a vida de Jesus. Como explicou Dallas Willard, a transformação cristã do caráter "é o processo pelo qual a vontade, vivida no corpo e exercida de modo reflexivo, assume o caráter da vontade de Cristo. É o processo pelo qual [...] Cristo é formado em você e em mim" (Willard, 2026).

Em Colossenses 3, Paulo apresentou exemplos bem práticos de como vivemos quando nossa vida está "oculta juntamente com Cristo, em Deus" (v. 3, ARA, trecho). "Revesti-vos, [...] de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, [...] Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição" (v. 12–14, ARA, trechos). É assim que imitamos a Cristo.

Em Romanos 12, Paulo também descreveu a conduta de alguém que se diz cristão e de fato age como Cristo:

> *"O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade; abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de*

serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos" (Rm 12:9–16, ARA).

Paulo nos dá outros exemplos de como o caráter de Cristo se manifesta em nossa conduta, ao descrever o fruto do Espírito. "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5:22–23, ARA, trecho).

Quando os pais demonstram essas atitudes e qualidades, os filhos conseguem ver com mais clareza quem Jesus é. Ao tratarmos nossos filhos com amor, empatia e humildade, damos a eles a oportunidade de conhecer o coração do Salvador.

Noemi demonstrou esse modo de viver às noras. Rute foi tão atraída por seu caráter piedoso que não quis deixá-la. Estava disposta e ansiosa por deixar a vida que conhecia para continuar ao lado de Noemi. Quando a sogra lhe disse que permanecesse em sua terra natal, Rute declarou: "Aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus" (Rt 1:16b, ARA). Esse relato mostra como uma figura parental que imita o caráter de Deus pode atrair os filhos para mais perto dEle. Em Parábolas de Jesus, Ellen White escreveu: "Era propósito de Deus, porém, que pela revelação de Seu caráter por meio de Israel, os homens fossem atraídos a Ele. O convite do evangelho deveria ser transmitido a todo mundo. [...] Todos os que, como [...] Rute, a moabita, se volvessem da idolatria ao culto do verdadeiro Deus, deveriam unir-se ao povo escolhido" (p. 290). Quando revelamos o verdadeiro caráter de Cristo, o convite do evangelho se torna muito mais claro para quem está ao nosso redor.

COMO PÔR ISSO EM PRÁTICA

"Agora, que Jesus subiu ao Céu, Seus discípulos são Seus representantes entre os homens, e um dos meios mais eficazes de conquistar almas para Ele, é exemplificar-Lhe o caráter na vida diária. Nossa influência sobre outros não depende tanto do que dizemos, mas do que somos. Os homens podem combater ou desafiar a nossa lógica, podem resistir a nossos apelos; mas a vida de amor desinteressado é um argumento que não pode ser contradito. A vida coerente, caracterizada pela mansidão de Cristo, é uma força no mundo" (O Desejado de Todas as Nações, p. 141).

Ellen White escreveu essas palavras há mais de cem anos, e viver o caráter de Cristo continua sendo uma força no mundo. Quando imitamos verdadeiramente o Salvador, tornamo-nos melhores maridos, esposas e pais. Estas três atitudes simples podem nos ajudar a imitar Jesus no relacionamento com os filhos, a fortalecer a fé dos que permanecem nela e a ajudar os que se afastaram a voltar à fé.

Primeiro, dê prioridade a pedir em oração que o Espírito Santo ajude você a amar seus filhos como Jesus ama você. Ore para que o amor que Deus lhe demonstrou

também se manifeste por meio de você. Inclua esse pedido em suas orações diárias.

Segundo, ore por seus filhos. Os pais cristãos costumam incluí-los em suas orações diárias, e vale reforçar essa prática. Precisamos apresentá-los continuamente a Deus, para que Ele atue em seu coração e os atraia para Si.

Terceiro, procure ser uma companhia agradável. Poucas pessoas querem ser desagradáveis, mas muitas vezes mostramos nosso pior lado justamente a quem mais convive conosco. Por isso, precisamos fazer escolhas e esforços conscientes para oferecer aos nossos filhos o melhor de nós.

VI O ROSTO DE JESUS EM VOCÊS

Em uma manhã de sábado, uma jovem estava no tanque batismal com um pastor. Ela havia sido criada na igreja, mas se afastou quando saiu de casa para frequentar uma universidade pública. Seus pais, aflitos, oravam por seu retorno, aparentemente sem resultado. Por fim, acrescentaram um pedido simples às suas orações diárias: "Deus, muda nosso coração para que seja mais semelhante ao Teu. Que nossa filha veja Jesus em nós."

A mudança aconteceu aos poucos. Os pais passaram a tratar a filha com compaixão e acolhimento quando ela agia ou pensava de maneira diferente deles, em vez de julgá-la ou desprezá-la. Essa mudança de atitude fez com que ela se sentisse segura. Começou a se reaproximar dos pais e, com isso, também de Deus. No tanque batismal, prestes a entregar publicamente sua vida a Jesus, contou como havia conhecido de verdade o amor de Jesus pela transformação que viu nos pais. Então, olhou para a mãe e o pai e disse: "Quanto mais vocês me demonstravam amor, mais eu via o rosto de Jesus." Ao imitarem Jesus, os pais ajudaram a atrair a jovem para seu Criador.

Esses pais reservaram tempo para orar pela filha e pela própria transformação. Decidiram amá-la e ser uma companhia agradável para ela. Quando fazemos isso, nossos filhos veem Jesus em nós.

REFERÊNCIAS

Barna Group. (2004). *A fé tem efeito limitado sobre o comportamento da maioria das pessoas*. https://www.barna.com/research/faith-has-a-limited-effect-on-most-peoples-behavior/

Barna Group. (2023). *Mais da metade dos adolescentes da geração Z se sente motivada a conhecer mais sobre Jesus*. https://www.barna.com/research/teens-and-jesus/

Infinity Concepts e Grey Matter Research. (2024). *Jornada espiritual: como os evangélicos chegam à fé*. https://www.infinityconcepts.com/wp-content/uploads/2024/01/The-Spiritual-Journey-Downloadable.pdf

Willard, D. (2026). *Formação espiritual: o que é e como se dá*. https://dwillard.org/resources/articles/spiritual-formation-what-it-is-and-how-it-is-done

White, E. G. (1900). *Parábolas de Jesus*. Review and Herald Publishing Association.

White, E. G. (1915). *Obreiros Evangélicos*. Review and Herald Publishing Association.

White, E. G. (1885). *Testemunhos para a Igreja* (v. 4). Pacific Press Publishing Association.

White, E. G. (1898). *O Desejado de Todas as Nações*. Pacific Press Publishing Association.

A ARTE DA **RESOLUÇÃO BÍBLICA DE CONFLITOS**

WILLIE E ELAINE OLIVER

UM CAMINHO PARA DISCORDAR DE MANEIRA SAUDÁVEL

Pergunta. Minha família e eu discordamos com bastante frequência. Muitas vezes me pergunto como meu marido e eu chegamos a nos casar, já que temos opiniões e pontos de vista tão diferentes. Com nossos filhos é parecido. Eles estão na faculdade, têm opiniões firmes e frequentemente pensam de modo diferente de mim. O que posso fazer para resolver melhor os conflitos com as pessoas que amo ou, pelo menos, discordar com menos atrito?

Resposta. Primeiro, tenha ânimo. Conflitos são completamente normais nas famílias! As diferenças entre vocês são normais e mostram que cada um tem pensamentos e perspectivas próprios, o que é saudável. O importante é aprender a lidar com as divergências de uma maneira que aproxime vocês.

A Bíblia oferece orientações muito práticas para esse desafio. Duas passagens se complementam especialmente bem: Mateus 18:15–17 e Efésios 4:26–27.

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

COMECE EM PARTICULAR, COM UMA CONVERSA DIRETA

Passo 1. *Converse diretamente com a pessoa.* Quando alguém magoar ou frustrar você, resista à vontade de desabafar primeiro com todo mundo. Procure a pessoa. Diga algo como: "O que você disse sobre aquele assunto me incomodou muito. Podemos conversar?" Uma conversa em particular dá aos dois espaço para falar com honestidade, sem constrangimento nem a necessidade de se defender.

Passo 2. *Se isso não funcionar, convide uma pessoa imparcial.* Às vezes, precisamos de alguém que nos ajude a enxergar a situação com mais clareza ou a mediar a conversa. Escolham uma pessoa em quem ambos confiem e que respeitem. Pode ser um amigo da família, um pastor ou um conselheiro.

Passo 3. *Se necessário, envolva a comunidade.* Em situações graves, quando alguém causa dano repetidamente ou se recusa a buscar uma solução, talvez seja preciso envolver outras pessoas para que haja responsabilização e apoio.

Essa abordagem começa com delicadeza e amplia a conversa apenas quando necessário. É possível resolver a maioria dos conflitos no primeiro passo, quando estamos dispostos a agir com coragem e gentileza ao mesmo tempo.

CUIDE DO CONFLITO ANTES QUE ELE CRESÇA

O conselho de Paulo em Efésios é direto: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira" (Ef 4:26, ARA, trecho). Em outras palavras, cuide logo dos conflitos, antes que se tornem problemas maiores.

Quando deixamos a raiva crescer, começamos a interpretar negativamente tudo o que a outra pessoa faz. Um comentário inocente parece um ataque. Um gesto de ajuda parece manipulação. Sem perceber, passamos a presumir o pior uns dos outros.

Trate das questões enquanto ainda são pequenas. Pequenos incômodos nem sempre exigem conversas profundas, mas as questões importantes merecem atenção antes que se agravem.

SUGESTÕES PRÁTICAS PARA SUA FAMÍLIA

Nas divergências com seu marido, lembre-se de que perspectivas diferentes podem fortalecer o casamento. Experimente dizer: "Eu vejo isso de outra forma e gostaria muito de entender melhor seu ponto de vista." Faça perguntas com curiosidade e dê espaço para que ele explique seu ponto de vista.

Nos conflitos com os filhos que estão na faculdade, lembre-se de que formar as próprias opiniões é essencial para o desenvolvimento deles nessa idade. Procure ver as diferenças de opinião como sinais de amadurecimento. Faça perguntas como: "O que levou você a essa conclusão?" ou "Ajude-me a entender por que isso é importante para você."

Em qualquer conflito familiar, estas atitudes podem ajudar.

Respire antes de responder quando estiver aborrecido.

Fale de comportamentos específicos, como "Quando você me interrompe", e evite atacar a pessoa com generalizações como "Você nunca me escuta".

Use frases na primeira pessoa, como "Sinto que não sou ouvido quando...", em lugar de acusações como "Você sempre...".

Lembre-se de que o objetivo é compreender um ao outro e resolver a questão.

O QUE A FAMÍLIA GANHA COM ISSO

Famílias que aprendem a lidar bem com os conflitos se tornam mais fortes e unidas do que aquelas que evitam toda divergência. Quando vocês conseguem atravessar uma discordância com amor e respeito, constroem confiança e aprofundam seus relacionamentos.

As diferenças de perspectiva enriquecem a vida familiar. Elas ajudam vocês a perceber o que lhes passa despercebido e criam oportunidades de crescer que não existiriam se concordassem em tudo.

UMA PALAVRA FINAL DE ENCORAJAMENTO

Lembre-se da promessa de Jesus de que, para Deus, "tudo é possível" (Mt 19:26, ARA, trecho). Isso inclui a restauração dos relacionamentos em sua família e o aprendizado de novas maneiras de amar uns aos outros, mesmo em meio às divergências.

Comece com algo pequeno. Escolha um relacionamento e uma habilidade de resolução de conflitos para praticar nesta semana. Talvez seja falar sobre algo que está incomodando você antes que o incômodo se acumule. Talvez seja fazer perguntas com curiosidade antes de tirar conclusões. Pequenas mudanças na maneira de lidar com os conflitos podem melhorar muito nossos relacionamentos.

Vocês estão construindo uma família que sabe discordar com amor, respeito e graça. Vale a pena buscar esse presente.

Vocês estão em nossas orações.

Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 2 de janeiro de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

REFLEXÃO INTENCIONAL

WILLIE E ELAINE OLIVER

DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL POR MEIO DAS ESCRITURAS

P. Ultimamente temos ouvido muito sobre a importância da inteligência emocional para melhorar todos os nossos relacionamentos, em especial os mais próximos. Como cristão, gostaria de saber se há algo nas Escrituras que nos ajude a entender melhor a inteligência emocional como disciplina espiritual. Gostaria muito de ouvir a opinião de vocês.

R. É fascinante como a psicologia moderna às vezes "descobre" o que as Escrituras ensinam há milhares de anos. A inteligência emocional, também conhecida como quociente emocional (QE), está longe de ser novidade. A Bíblia já nos ensinava essas habilidades muito antes de Daniel Goleman popularizar o termo na década de 1990.

Às vezes, nós, cristãos, caímos na armadilha de pensar que a psicologia secular e a sabedoria bíblica pertencem a esferas separadas. Ao examinar com atenção o que as Escrituras ensinam sobre nosso relacionamento conosco mesmos, com Deus e com os outros, encontramos um conjunto de princípios bastante elaborado que os pesquisadores hoje chamam de inteligência emocional. Quando cultivamos essas habilidades como disciplinas espirituais, elas ganham um sentido mais profundo e o poder de nos transformar.

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

AUTOCONHECIMENTO: O FUNDAMENTO DA SABEDORIA

Provérbios 27:19 nos diz: “Como a água reflete o rosto, assim o coração reflete quem a pessoa é.”[*] Esse antigo provérbio expressa algo profundo sobre o autoconhecimento, o primeiro pilar da inteligência emocional. Assim como precisamos de um espelho para ver nossa aparência, precisamos refletir intencionalmente para conhecer de fato nosso coração.

A pesquisa atual confirma o que o provérbio sugere. O autoconhecimento é fundamental para a inteligência emocional e para relacionamentos saudáveis. Estudos mostram de forma consistente que as pessoas que compreendem bem suas emoções, seus gatilhos e seus padrões de comportamento tomam decisões melhores, comunicam-se com mais eficácia e têm maior satisfação nos relacionamentos. A perspectiva bíblica acrescenta algo essencial a essa compreensão. Conhecer a nós mesmos também envolve compreender nosso coração diante de Deus.

Quando praticamos o autoexame como disciplina espiritual, pedimos ao Espírito Santo que revele nossas verdadeiras motivações, o orgulho que escondemos e os medos que ainda não reconhecemos. Davi deu o exemplo ao orar: “Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração” (Sl 139:23). Esse tipo de autoconhecimento vai além do que geralmente se alcança com o treinamento em inteligência emocional, pois reconhece que, por conta própria, nem sempre conseguimos nos enxergar com clareza. Precisamos da ajuda de Deus para conhecer de fato nosso coração.

Na prática, isso significa reservar tempo regularmente para a reflexão em nossa vida espiritual. Escrever em um diário, examinar nossas reações emocionais ao longo do dia e avaliar com sinceridade por que reagimos de determinada maneira são exercícios terapêuticos que também nos permitem expor nosso coração à luz de Deus e deixar que Ele nos mostre o que poderia passar despercebido.

EMPATIA: SENTIR COM O OUTRO

Romanos 12:15 nos dá uma lição de empatia em poucas palavras: “Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram.” Paulo nos convida a ir além dos cumprimentos quando algo bom acontece e das condolências nos momentos difíceis. Seu chamado é para que compartilhemos a experiência emocional das pessoas e sintamos com elas o que estão vivendo.

É fascinante como a psicologia moderna às vezes “descobre” o que as Escrituras ensinam há milhares de anos.

É justamente isso que as pesquisas sobre inteligência emocional identificam como empatia, e os dados mostram o quanto ela importa. Casais com níveis mais altos de empatia relatam satisfação significativamente maior no relacionamento. As amizades se fortalecem quando as pessoas se sentem compreendidas de verdade. As equipes de trabalho funcionam melhor quando seus integrantes conseguem reconhecer e acolher

as emoções uns dos outros. Nas Escrituras, a empatia ganha um sentido que vai além da convivência social.

A empatia bíblica está enraizada no próprio caráter de Deus. Jesus chorou junto ao túmulo de Lázaro, embora soubesse que estava prestes a ressuscitá-lo. Vez após vez, os Evangelhos mostram Jesus "movido de compaixão". Ao praticarmos a empatia, refletimos o coração de Deus para com a humanidade. Participamos do ministério de Cristo que, ao Se encarnar, compartilhou plenamente da experiência humana.

O desafio é que a verdadeira empatia exige que deixemos de lado por um momento nossas próprias preocupações e experiências. Isso envolve ouvir sem ensaiar a resposta, sentir sem tentar resolver tudo imediatamente e estar presentes sem desviar a atenção para nós mesmos. Como disciplina espiritual, a empatia se torna uma forma de morrer para o eu. Abrimos espaço para o que o outro vive porque reconhecemos seu valor como pessoa criada à imagem de Deus.

REGULAÇÃO EMOCIONAL: FORÇA SOB CONTROLE

Talvez em nenhum outro ponto a ligação entre sabedoria bíblica e inteligência emocional seja tão clara quanto na regulação das emoções. Provérbios 16:32 afirma: "É melhor ser paciente que poderoso; é melhor ter autocontrole que conquistar uma cidade." Em uma cultura que valorizava as conquistas militares, esse provérbio redefiniu radicalmente o que significava ter força. A verdadeira força está em governar a si mesmo, em vez de dominar os outros.

A psicologia contemporânea concordaria plenamente. As pesquisas mostram que as pessoas que conseguem sentir suas emoções sem se deixar dominar por elas têm relacionamentos mais saudáveis, melhor saúde mental e maior satisfação com a vida. Elas conseguem manter a calma sob pressão, pensar antes de responder e colocar as coisas em perspectiva nos momentos difíceis.

A Bíblia nos ensina o valor do domínio próprio e nos diz de onde ele vem. Gálatas 5:22, 23 apresenta o domínio próprio como fruto do Espírito. Isso nos liberta da ideia de que precisamos atravessar emoções intensas na base da força de vontade ou reprimi-las até explodir. Podemos convidar o Espírito de Deus a agir em nós, transformando-nos de dentro para fora.

Praticar a regulação emocional como disciplina espiritual pode significar fazer uma pausa antes de responder com raiva, levar cativos os pensamentos ansiosos e substituí-los pela verdade, ou escolher a gratidão quando achamos que algo nos é devido. Significa reconhecer que nossas emoções são reais e legítimas e que podemos escolher como agir diante delas.

ONDE A PSICOLOGIA E AS ESCRITURAS SE ENCONTRAM

Unir a sabedoria bíblica à inteligência emocional nos ajuda a compreender por que os relacionamentos saudáveis importam e como cultivá-los. As pesquisas atuais mostram o que funciona e ajudam a entender os mecanismos que sustentam esses relacionamentos. As Escrituras mostram o propósito mais profundo. Quando cultivamos a inteligência emocional como disciplina espiritual, tornamo-nos mais semelhantes a Cristo e mais preparados para amar a Deus e ao próximo.

[*] As citações bíblicas em português são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora (NVT) © 2016 pela Editora Mundo Cristão. Copyright atribuído a Tyndale House Foundation, 2021. Todos os direitos reservados. No original, as citações são da Holy Bible, New Living Translation, copyright © 1996, 2004, 2015 por Tyndale House Foundation. Usadas com permissão de Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois 60188. Todos os direitos reservados.

Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 6 de fevereiro de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

ADOÇÃO POR UMA **PESSOA SOLTEIRA**

WILLIE E ELAINE OLIVER

COMPREENDENDO O PROPÓSITO DE DEUS EM FAMÍLIAS NÃO TRADICIONAIS

P. Sempre quis ter filhos, mas sou solteiro. Ultimamente tenho orado sobre a possibilidade de adotar uma criança, mas fico me perguntando se isso seria justo para ela. Será que uma só pessoa consegue oferecer todo o apoio emocional, espiritual e prático de que uma criança precisa?

R. Sua pergunta revela algo bonito. Você já está pensando como alguém que tem a responsabilidade de criar um filho. Perguntar-se se pode oferecer tudo de que uma criança precisa demonstra o cuidado e a consciência de si que ajudam alguém a criar um filho de maneira saudável.

Vamos olhar com franqueza para o que você está perguntando. Em um mundo que considera o lar com pai e mãe o modelo de referência, com razões bíblicas, psicológicas e sociológicas para isso, uma pessoa solteira pode criar bem uma criança?

A PERSPECTIVA BÍBLICA

A Bíblia apresenta claramente o modelo de pai e mãe como o ideal de Deus para a criação dos filhos. Ela também destaca com muita ênfase a responsabilidade de toda a comunidade de fé para com as crianças (ver Dt 11:18, 19; Pv 22:6; Mc 9:36, 37) e as pessoas em situação de vulnerabilidade (ver Dt 15:7, 8, 11; Is 1:17; At 4:32–35).

O relato da criação apresenta Adão e Eva como os primeiros seres humanos a receber a ordem de serem fecundos e se multiplicarem, e Provérbios mostra tanto o pai quanto a mãe instruindo os filhos. A Bíblia também está repleta de exemplos de pais ou mães que criaram filhos sozinhos e de famílias que fugiam ao padrão. Agar criou Ismael sozinha no deserto. Moisés foi criado pela filha de Faraó, uma mãe adotiva solteira. A fé de Timóteo foi moldada principalmente por sua mãe, Eunice, e por sua avó, Loide. Ao que parece, o

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

pai dele não participou dessa formação espiritual.

O provérbio africano "É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança" reflete a sabedoria bíblica melhor que nosso ideal moderno de família nuclear. Ao longo das Escrituras, Deus ordena repetidamente à comunidade que ampare os órfãos e as viúvas, o que abrange também famílias monoparentais. As Escrituras reconhecem o valor dessas famílias. Tiago chega a incluir o cuidado com os órfãos em sua definição de religião pura (Tg 1:27).

Da perspectiva bíblica, a pergunta é se você está disposto a criar uma criança cercada por uma rede de relacionamentos. Parentes, membros da igreja, mentores e amigos podem oferecer a ela o convívio com diferentes adultos, bons exemplos e o apoio de que toda criança precisa, independentemente de quantos pais moram na mesma casa.

A REALIDADE PSICOLÓGICA

Na perspectiva psicológica, as pesquisas oferecem uma visão mais complexa do que as convenções culturais sugerem. Por mais importante que seja o número de pessoas responsáveis pela criação, o que mais pesa no desenvolvimento infantil é a qualidade do vínculo afetivo, a constância do cuidado e a presença de relações positivas com adultos.

As crianças precisam estabelecer um vínculo seguro com pelo menos um cuidador principal. Precisam de previsibilidade, de alguém sensível às suas emoções e que se alegre com elas. Precisam sentir-se seguras o bastante para explorar o mundo, sabendo que têm uma base segura à qual voltar. Uma só pessoa pode oferecer isso? Sem dúvida. Pais e mães que criam filhos sozinhos fazem isso todos os dias, e muitos o fazem muito bem.

A psicologia confirma que as crianças se beneficiam de relações positivas com vários adultos. Elas se desenvolvem bem quando convivem com pessoas de diferentes temperamentos, habilidades e maneiras de resolver problemas. Podem ter essas experiências com um tio presente, alguém da igreja que as oriente com constância, um primo de confiança e comprometido, um treinador ou um professor que seja uma presença estável. Esses vínculos são muito importantes.

Os desafios para quem adota sem um cônjuge são reais e podem ser enfrentados. Pode haver menos gente para ajudar quando você estiver sem energia, menos recursos financeiros e o peso de tomar cada decisão por conta própria. Crianças adotadas muitas vezes precisam de apoio adicional para lidar com perdas, dificuldades de vínculo e, em alguns casos, traumas. Reconhecer esses desafios desde já ajuda você a se preparar.

O CONTEXTO SOCIOLÓGICO

Do ponto de vista sociológico, é importante reconhecer as vantagens de um lar com pai e mãe. Famílias monoparentais, porém, existiram em todas as culturas e épocas.

Hoje, por uma variedade de circunstâncias, milhões de crianças são muito bem criadas por um só pai ou uma só mãe.

O bem-estar das crianças está associado à estrutura familiar e também à estabilidade econômica, ao acesso a redes de apoio na comunidade e às condições de saúde mental de quem as cria. Um lar com pai e mãe sob estresse e com poucos recursos não garante resultados melhores que um lar monoparental estável e amparado.

Não deixe que o medo de não ser "suficiente" paralise você.

Os desafios sociais são reais. Você pode enfrentar julgamentos, lidar por conta própria com tarefas práticas que de fato ficam mais difíceis e recorrer a serviços organizados para famílias com dois responsáveis. Ao mesmo tempo, a sociedade vem reconhecendo cada vez mais a diversidade das famílias, e há agências de adoção que procuram especificamente pessoas solteiras para adotar, pois a necessidade de lares estáveis supera em muito o número de lares disponíveis.

ENTÃO, VOCÊ PODE FAZER ISSO?

O ideal de Deus é que toda criança tenha um pai e uma mãe emocionalmente saudáveis, que cuidem dela com carinho e sejam comprometidos um com o outro e com seu filho. Essa realidade fica aquém do ideal mais vezes do que gostaríamos de admitir.

Uma pessoa consegue oferecer tudo? Até mesmo um casal precisa de ajuda. Toda criança precisa de mais do que as pessoas de sua casa podem oferecer. A pergunta é se você pode oferecer o suficiente: amor e estabilidade, autoconhecimento para construir uma rede de apoio em torno dessa criança, resiliência para enfrentar os dias difíceis e recursos para atender às necessidades dela.

Pelo que você compartilhou, já está no caminho certo. Você está orando, refletindo e colocando as necessidades da criança antes do próprio desejo. É justamente essa postura que ajuda alguém a se preparar.

Se decidir seguir em frente, faça isso com plena consciência do que está envolvido. Comece agora a construir sua rede de apoio. Organize suas finanças na medida do possível. Converse com outras pessoas solteiras que adotaram. Encontre uma comunidade de fé que acolha vocês de verdade.

Não deixe que o medo de não ser "suficiente" paralise você. Em algum lugar há uma criança que precisa exatamente do que você tem a oferecer: alguém profundamente comprometido, cuidadoso e disposto a cercá-la de pessoas que a apoiem. Talvez isso seja mais do que suficiente. Continuaremos orando por você enquanto permite que Deus o guie para ser uma bênção na vida de uma criança que precisa de cuidado.

Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 3 de abril de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

A NEUROCIÊNCIA DO PERDÃO

WILLIE E ELAINE OLIVER

ONDE AS ESCRITURAS E A CIÊNCIA SE ENCONTRAM

P. Sou cristão e levo minha fé a sério. Há anos perdi o contato com amigos de infância por causa de desentendimentos bobos, e isso tem me preocupado. Sempre que penso em quanto tempo de vida desperdiçamos, minha consciência pesa. Recentemente, comecei a ler o que a ciência diz sobre o perdão e gostaria muito de ouvir a opinião de vocês. Isso tem fundamento?

R. Quando Paulo escreveu à igreja de Éfeso: "Em vez disso, sejam bondosos e tenham compaixão uns dos outros, perdoando-se como Deus os perdoou em Cristo" (Ef 4:32),[1] ele foi além de dar uma orientação moral. A neurociência moderna sugere que ele estava indicando um caminho de libertação psicológica e de cura dos relacionamentos que reorganiza as conexões do cérebro.

Jesus deixou ainda mais claro o que está em jogo: "Seu Pai celestial os perdoará se perdoarem aqueles que pecam contra vocês. Mas, se vocês se recusarem a perdoar os outros, seu Pai não perdoará seus pecados" (Mt 6:14, 15). Esses mandamentos nos convidam a viver em harmonia com o modo como Deus estruturou nosso sistema nervoso para que possamos florescer.

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

O QUE ACONTECE NO CÉREBRO QUANDO NÃO PERDOAMOS

Quando sofremos uma traição ou uma ofensa, nosso cérebro responde com uma cascata de hormônios do estresse. A amígdala, região cerebral que detecta ameaças, entra em ação e dispara o alarme. O cortisol inunda nosso organismo. Ao remoer ofensas e alimentar ressentimentos, nosso corpo entra em um estado de estresse crônico. Estudos de neuroimagem mostram que lembrar ofensas ativa as mesmas vias neurais associadas à dor física. O córtex cingulado anterior e a ínsula se ativam como se estivéssemos sofrendo a ofensa de novo.

Esse sofrimento é também físico. Pesquisas publicadas no *Journal of Behavioral Medicine* [Jornal de Medicina Comportamental] indicam que a dificuldade persistente de perdoar está associada a pressão arterial elevada, mais problemas cardiovasculares, comprometimento da função imunológica e índices mais altos de ansiedade e depressão. Quando guardamos rancor, acabamos prejudicando o equilíbrio químico do cérebro ao expô-lo continuamente a hormônios do estresse que deveriam atuar diante de ameaças passageiras.

A QUÍMICA DO PERDÃO E DA CURA

O perdão desencadeia uma resposta neurológica muito diferente. Estudos com ressonância magnética funcional mostram que, quando as pessoas perdoam de verdade, diminui a atividade nas áreas associadas à ruminação e à dor emocional. Ao mesmo tempo, aumenta a atividade nas regiões ligadas à empatia e à capacidade de adotar a perspectiva do outro, particularmente no córtex pré-frontal e no pré-cúneo. Este último costuma ser considerado um ponto central da rede de modo padrão do cérebro (DMN, na sigla em inglês).

O ato de perdoar libera ocitocina, muitas vezes chamada de "hormônio do vínculo", que favorece sentimentos de confiança e conexão. Também desencadeia a liberação de endorfinas e dopamina, o que produz uma sensação de alívio e até de prazer. A pesquisa pioneira de Fred Luskin sobre o perdão, na Universidade Stanford,[2] mostra que as pessoas que praticam o perdão apresentam reduções mensuráveis na raiva, no estresse e na mágoa, além de mais otimismo e esperança.

Um dos efeitos mais notáveis do perdão é o fortalecimento da capacidade do córtex pré-frontal de regular a amígdala. Na prática, quanto mais exercitamos o perdão, mais o cérebro se torna capaz de regular as reações emocionais e de escolher respostas ponderadas em situações que despertam impulsos. Estamos formando vias neurais que nos ajudam a agir com graça mais espontaneamente e a reagir com menos ressentimento.

O PERDÃO E A RESTAURAÇÃO DOS RELACIONAMENTOS

Os benefícios neurológicos vão além da cura individual e alcançam os relacionamentos. Quando perdoamos, ativamos o que os neurocientistas chamam

de “redes de mentalização”, regiões cerebrais que nos ajudam a entender os estados mentais e emocionais de outras pessoas. Essa maior capacidade de empatia abre espaço para uma reconciliação genuína.

Pesquisas com casais mostram que aqueles que praticam o perdão têm maior satisfação conjugal e lidam melhor com os conflitos. Seu cérebro desenvolve o que os psicólogos chamam de “predominância de sentimentos positivos”, uma tendência a interpretar comportamentos ambíguos com boa vontade, em lugar de suspeita. Isso reflete a descrição de Paulo em 1 Coríntios 13:5, segundo a qual o amor não é “rancoroso”.

Os benefícios neurais do perdão independem do arrependimento e até da presença de quem cometeu a ofensa. Estudos mostram que o perdão unilateral, como aquele que Jesus exemplificou na cruz, também traz benefícios psicológicos e fisiológicos a quem perdoa. Isso confirma o ensinamento de Cristo de que o perdão liberta quem perdoa ainda mais do que quem é perdoado.

SABEDORIA BÍBLICA E ESTRUTURA BIOLÓGICA

A convergência entre o que as Escrituras ensinam e o que a pesquisa neurológica aponta faz sentido. O Deus que criou nosso cérebro sabe do que ele precisa para funcionar bem. Ao nos chamar a perdoar, as Escrituras nos convidam a experimentar uma cura para a qual nosso sistema nervoso foi preparado.

O chamado bíblico a perdoar “como Deus os perdoou em Cristo” liga a graça divina à neurobiologia humana. Ao recebermos o perdão de Deus, experimentamos uma renovação espiritual e uma reorganização neurológica. Nosso cérebro aprende uma nova maneira de agir movido pela graça.

Perdoar é um ato de coragem que reconhece a ofensa e nos liberta do domínio nocivo do ressentimento. É uma escolha que ativa as vias de cura do cérebro e reorganiza nossas conexões neurais em direção à paz, interrompendo ciclos de dor. Quando Jesus nos ensinou a perdoar, mostrou-nos o caminho de volta para nós mesmos, uns para os outros e, acima de tudo, para Deus.

Estamos orando por você enquanto inicia esse caminho de cura pelo perdão, por meio da graça e do poder de Deus. Mantenha a esperança e permaneça fiel.

[1] As citações bíblicas em português são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora (NVT) © 2016 pela Editora Mundo Cristão. Copyright atribuído a Tyndale House Foundation, 2021. Todos os direitos reservados. No original, as citações são da Holy Bible, New Living Translation, copyright © 1996, 2004, 2015 por Tyndale House Foundation. Usadas com permissão de Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois 60188. Todos os direitos reservados.

[2] Ver O poder do perdão, de Fred Luskin.

Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 1º de maio de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

QUANDO A INTIMIDADE DIMINUI

WILLIE E ELAINE OLIVER

COMO COMPREENDER E RESTAURAR A INTIMIDADE FÍSICA NO CASAMENTO

P. Faz muito tempo que meu cônjuge e eu não temos intimidade física, e isso está começando a afetar nossa união e nossa fé. Quais são as causas mais comuns da falta de relações sexuais no casamento? Como casais como nós podem começar a lidar com isso de maneira saudável e fiel à Bíblia?

R. Vocês não estão sozinhos. Pesquisas mostram que entre 15% e 20% dos casamentos são considerados "sem sexo" (menos de dez relações sexuais por ano), e muitos outros passam por longos períodos de pouca ou nenhuma atividade sexual. Falar abertamente sobre essa dificuldade exige coragem. É com essa sinceridade que a cura começa.

O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE ISSO

Deus planejou a intimidade sexual como um verdadeiro presente no casamento. Ela permite que o casal tenha filhos, desfrute do prazer, fortaleça seus vínculos e aprofunde a união. Em 1 Coríntios 7:3–5, Paulo é muito claro. Nenhum dos cônjuges deve privar o outro da intimidade, a menos que ambos concordem em fazê-lo por um período de oração e jejum. Mesmo nesse caso, a pausa deve ser breve. O princípio vai além de um senso de obrigação. Deus reconhece a intimidade física como uma dimensão fundamental da aliança conjugal.

Cântico dos Cânticos celebra o desejo físico com riqueza poética. Provérbios 5:18, 19 incentiva o marido com as palavras "alegra-te com a mulher da tua mocidade" e "embriaga-te sempre com as suas carícias". Hebreus 13:4 afirma que o leito conjugal deve

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

ser honrado e preservado puro. Em Efésios 5:31, 32, Paulo aponta a união sexual como a expressão física da misteriosa realidade de se tornar "uma só carne" no casamento.

Quando essa dimensão se enfraquece, a perda vai além do prazer físico. O casal perde uma forma singular de se mostrar vulnerável, oferecer consolo e cultivar a comunhão espiritual, que reflete a intimidade de Cristo com a igreja.

POR QUE ISSO ACONTECE: GERALMENTE HÁ VÁRIOS FATORES

As dificuldades sexuais no casamento raramente têm uma única causa. Estes são alguns dos fatores mais comuns.

Questões médicas e físicas são mais comuns do que se imagina. Alterações hormonais durante a gravidez, no pós-parto, na perimenopausa ou na andropausa podem afetar profundamente o desejo. Doenças crônicas, quadros de dor, efeitos colaterais de medicamentos (em especial antidepressivos e remédios para a pressão arterial), disfunção erétil e distúrbios do sono sem tratamento podem dificultar a intimidade. Muitos casais convivem com problemas que têm tratamento porque o constrangimento os impede de conversar com franqueza com o médico.

Fatores psicológicos são igualmente importantes. A depressão e a ansiedade muitas vezes reduzem o desejo sexual antes de afetar outras áreas da vida. Traumas não elaborados, como experiências de abuso sexual, podem levar a pessoa a associar inconscientemente intimidade a perigo. Dificuldades com a imagem corporal, ansiedade quanto ao desempenho sexual e consumo de pornografia, que altera os circuitos cerebrais de recompensa, também têm um impacto significativo. Em uma cultura em que estamos sempre em atividade, muitos casais chegam ao ponto de estar cansados demais para dar atenção um ao outro.

A dinâmica do relacionamento talvez seja o fator que mais passe despercebido. A pesquisa de John Gottman mostra que a intimidade física floresce em casamentos baseados na amizade, na admiração e na conexão emocional. Quando a crítica constante, o desprezo, a postura defensiva ou o fechamento ao diálogo se instalam, a proximidade física se torna quase impossível. Gottman chama essas quatro atitudes de "os quatro cavaleiros". Ressentimentos não resolvidos erguem barreiras invisíveis na intimidade do casal.

A socióloga Pepper Schwartz identifica a *diferença de desejo sexual*, em que os cônjuges têm níveis de desejo bastante distintos, como uma dificuldade comum. Sem uma conversa compassiva para encontrar um caminho que respeite os dois, um cônjuge pode se sentir continuamente rejeitado, enquanto o outro se sente sob pressão constante.

As *exigências de cada fase da vida* também podem agravar a situação. Pais de crianças pequenas, divididos entre o trabalho e o cansaço de criar os filhos, muitas vezes vêem a intimidade perder espaço em meio às exigências da rotina. Quando os filhos saem de casa, alguns casais percebem que, sem se dar conta, deixaram de cultivar os hábitos e a abertura emocional que antes sustentavam a proximidade física.

PASSOS PRÁTICOS PARA SEGUIR EM FRENTE

Comecem com uma conversa franca e gentil. Provérbios 18:13 adverte contra responder antes de ouvir. Criem um ambiente seguro para falar de sentimentos, medos e desejos sem acusações. Dizer "Sinto falta de me sentir perto de você" tem um efeito bem diferente de "Você nunca mais me quer".

Busquem ajuda profissional sem constrangimento. Procurar um terapeuta sexual ou conselheiro cristão é uma decisão sensata, assim como consultar um médico por causa de um problema físico. Provérbios 15:22 nos lembra que os planos se realizam quando há muitos conselheiros. Uma avaliação médica também pode revelar causas físicas tratáveis que vinham contribuindo para a dificuldade sem que vocês percebessem.

Reconstruam primeiro a intimidade emocional. Jesus falou do amor em termos de conhecer e ser conhecido de verdade (Jo 10:14). Reservem tempo regularmente para estar juntos. Caminhadas, conversas significativas e atividades em comum ajudam a reconstruir a amizade. A intimidade física muitas vezes volta naturalmente quando o casal recupera a segurança emocional.

Pratiquem o perdão e ofereçam graça um ao outro. Colossenses 3:13 nos chama a suportar uns aos outros e a perdoar como Cristo nos perdoou. A mágoa guardada em silêncio é uma das maiores inimigas da intimidade. Quando o perdão é genuinamente oferecido e recebido, abre-se espaço para a reaproximação.

Considerem redefinir a intimidade por um tempo. Gestos de carinho físico sem intenção sexual, como ficar abraçados, fazer uma massagem ou dar as mãos, podem ajudar a recuperar o conforto com o toque, sem o peso das expectativas de desempenho. Essa abordagem, conhecida como "foco sensorial", muitas vezes reacende o desejo com mais naturalidade do que qualquer pressão.

Orem juntos sobre isso. Efésios 3:20 afirma que Deus é poderoso para fazer "infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos". Convidem o Espírito Santo a agir nessa área tão sensível do casamento. A disposição de lidar com ela com sinceridade já é um ato de fé, pois expressa a confiança de que Deus Se importa com cada dimensão da vida que vocês compartilham.

A intimidade sexual é uma das dimensões de um casamento saudável, e sua ausência é um sinal que merece atenção. Com paciência, apoio adequado e compromisso mútuo com o plano de Deus, a restauração é possível. Seu casamento vale o esforço e a coragem que esse caminho exige. Estamos orando por vocês enquanto começam a redescobrir a intimidade, confiando que para Deus nada é impossível (Lc 1:37).

Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 5 de junho de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

PAIS DE **FILHOS PRÓDIGOS**

WILLIE E ELAINE OLIVER

GRAÇA, LIMITES E ESPERANÇA

P. Criamos nossa filha na igreja. Ela participava de quase tudo: Escola Sabatina, Clube de Desbravadores, grupo de jovens, escola adventista, serviço comunitário, acampamentos de verão e campais. Em casa, cultivávamos intencionalmente a vida espiritual. Orávamos juntos, fazíamos o culto familiar e frequentávamos a igreja regularmente. Hoje, ela tem cerca de 25 anos e perdeu completamente o interesse por assuntos espirituais. Ela reage com indiferença, sem hostilidade. Sentimos que fracassamos. O que devemos fazer?

R. Queremos começar dizendo com toda a clareza que vocês não fracassaram. A dor que carregam é real e revela o quanto amam sua filha e a Deus. Sentir essa dor é compreensível. O silêncio dela hoje é apenas um momento de uma história que ainda está sendo escrita. O que vocês estão vivendo é uma das experiências mais comuns e dolorosas entre pais cristãos, e muitos outros pais passam pelo mesmo.

A PARÁBOLA FALA À SUA FAMÍLIA

Em Lucas 15:11–32, Jesus contou uma história que parece ter sido escrita para este momento. Um pai tinha dois filhos. O mais novo pediu sua herança antes da hora, como se dissesse: "Queria que o senhor já estivesse morto." Depois, partiu para uma terra distante, onde desperdiçou tudo. O pai o deixou partir e manteve o vínculo apesar da dor, que reconhecia. Ficou atento, esperou e continuou olhando para o horizonte.

Observem o que as Escrituras dizem sobre o momento da volta do filho: "Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou,

Willie Oliver, PhD, CFLE, e E**laine Oliver,** PhD, LCPC, CFLE, são diretores do Departamento do Ministério da Família na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

e beijou" (Lc 15:20). O pai o viu "ainda longe". Isso nos diz algo importante. Ele estava atento. Nunca deixou de olhar para o horizonte.

Essa é a postura que vocês podem adotar agora como pais. Estejam presentes, atentos, pacientes e cheios de compaixão, dando a ela espaço para caminhar e mantendo o contato. O pai da parábola deixou a porta de casa aberta, sem correr atrás do filho em terras distantes para discutir teologia com ele a cada passo. Foi essa porta aberta que tornou possível a volta.

O QUE A TEORIA DO APEGO NOS ENSINA

As pesquisas psicológicas sobre o apego, iniciadas por John Bowlby e posteriormente ampliadas por Mary Ainsworth, ajudam a entender algo essencial. O que os pais podem oferecer de mais valioso a um filho, em qualquer idade, é uma base segura: uma relação marcada pelo afeto, pela confiança e pela disposição de estar presente incondicionalmente. Filhos adultos que desenvolveram um vínculo de apego seguro têm muito mais chances de manter ou retomar os valores da família de origem, mesmo depois de períodos de afastamento.

Isso importa muito agora. A indiferença espiritual da sua filha pode fazer parte do processo de redefinir a própria identidade à medida que amadurece. É comum que jovens adultos se distanciem dos referenciais da infância, inclusive dos religiosos, enquanto aprendem a tomar as próprias decisões. Esse processo faz parte do desenvolvimento humano. Cuidem para que o caminho espiritual dela não abale o vínculo que têm com ela como pessoa. Se perceber que precisa participar da vida religiosa para ser amada, ela terá dificuldade de se sentir segura para voltar, mesmo quando estiver pronta.

O QUE A TEORIA DOS SISTEMAS FAMILIARES ACRESCENTA

A teoria dos sistemas familiares, fundamentada no trabalho de Murray Bowen, ensina que as famílias funcionam como unidades emocionais. O comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo de todas as demais. Quando um filho se afasta da fé, é comum que os pais reajam com ansiedade. Por mais compreensível que seja, essa ansiedade pode aparecer na forma de pressão, de conversas carregadas de culpa ou de um distanciamento afetivo sutil. Essas reações transformam em campo de batalha uma relação que poderia ser um lugar seguro.

O conceito de diferenciação do eu, de Bowen, é especialmente útil aqui. Pais com boa capacidade de diferenciação conseguem manter o vínculo emocional com a filha sem se confundir com as escolhas dela. Em outras palavras, vocês podem amá-la profundamente sem sucumbir ao peso das decisões dela ou tentar controlá-la para aliviar a própria ansiedade. Cuidar da saúde emocional de vocês é uma forma concreta de cuidar da relação com sua filha.

O QUE FAZER AGORA

Coloquem o relacionamento em primeiro lugar. Procurem sua filha pelo amor que sentem por ela. Telefonem, jantem juntos, celebrem suas conquistas e se façam presentes nas pequenas coisas do dia a dia. O pai do filho pródigo acolheu o filho de volta sem impor condições e deu uma festa. Mostrem à sua filha, pela constância das suas atitudes, que a porta de casa e a do coração de vocês estão sempre abertas.

Resistam à tentação de transformar toda conversa em uma oportunidade para "testemunhar". Adultos que se sentem pressionados pela família em questões de fé tendem a se fechar. Façam perguntas atenciosas sobre a vida dela, o trabalho, as amizades e os sonhos. Demonstrem interesse sincero pela pessoa que ela está se tornando. Esse interesse já é uma expressão da graça.

Continuem vivendo a fé com autenticidade e alegria na presença dela. Deixem que ela veja a paz que o relacionamento de vocês com Deus lhes traz. Que ela veja uma fé que seja bela e possível de viver. Quando criança, ela observava vocês de perto. Ela ainda observa.

CONFIEM SUA FILHA A DEUS

Por fim, lembrem-se de que sua filha pertencia a Deus antes de pertencer a vocês. Vocês receberam a responsabilidade de cuidar da formação espiritual dela, cuja fonte é Deus. O Espírito Santo pode agir para além do que vocês fizeram ou deixaram de fazer. Ele já está atuando na vida dela de maneiras que vocês não conseguem ver. Orem com fidelidade, confiem de todo o coração e mantenham acesa a luz da entrada. O pai da parábola olhava diariamente para o horizonte. Um dia, viu o filho voltando para casa.

Vocês verão sua filha de novo, também na fé. Perseverem.

Vocês estão em nossas orações.

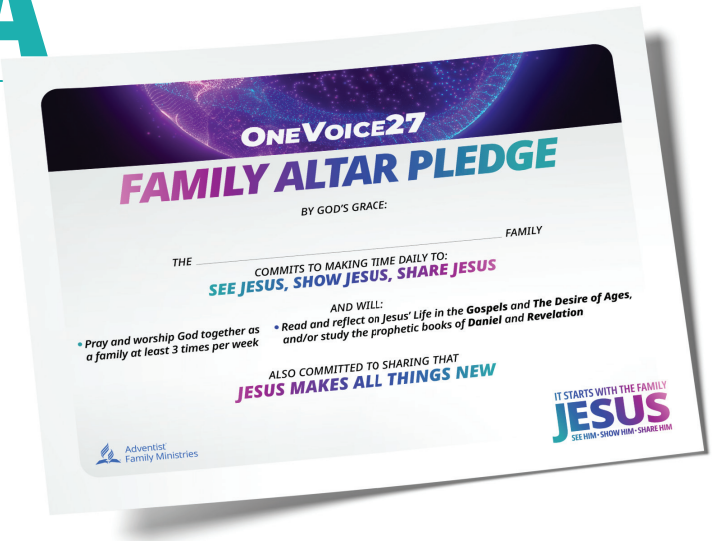
Reimpresso de artigo publicado originalmente na edição de 3 de julho de 2026 da Adventist Review. Usado com permissão.

FERRAMENTAS PARA O MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

- ONEVOICE27: COMPROMISSO DO ALTAR DA FAMÍLIA.....169
- LIVRO DE RECURSOS 2026
  FAMÍLIA, FÉ E FOCO NO MUNDO DIGITAL.....170
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2026 —
  FAMÍLIA ANCORADA EM UM MUNDO DIGITAL 171
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2025
  PRECIOSOS DONS DE DEUS 172
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2024 — CORAÇÕES MAIS
  ACOLHEDORES: COMPREENDENDO FAMÍLIAS DIVERSAS 173
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2023 —
  CHAVES PARA MENTES SAUDÁVEIS: FAMÍLIAS QUE FLORESCEM 174
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2022 —
  RECONSTRUINDO O ALTAR DA FAMÍLIA 175
- SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2021 —
  VIVENDO OS FRUTOS DO AMOR 176
- CONECTADO:
  LEITURAS DEVOCIONAIS PARA UM CASAMENTO ÍNTIMO 177
- BÍBLIA DO CASAL 178
- PROGRAMA DE CERTIFICAÇÃO EM LIDERANÇA 3.0 179
- REAL FAMILY TALK COM WILLIE E ELAINE OLIVER.....180
- REAL FAMILY TALK: COLUNA ON-LINE DA ADVENTIST REVIEW.....181
- ESPERANÇA PARA AS FAMÍLIAS DE HOJE 182
- CASAMENTO: ASPECTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS (V. 1) 183
- SEXUALIDADE: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS
  NA PERSPECTIVA BÍBLICA (V. 2).....184
- FAMÍLIA: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS
  SOBRE CASAMENTO E CRIAÇÃO DE FILHOS (V. 3) 185

ONEVOICE27

COMPROMISSO DO ALTAR DA FAMÍLIA



O Compromisso do Altar da Família convida as famílias a assumir um compromisso simples e significativo de se aproximarem juntas de Jesus. Elas se comprometem a orar e realizar o culto familiar pelo menos três vezes por semana e a dedicar tempo a conhecer melhor a Cristo por meio dos Evangelhos, de *O Desejado de Todas as Nações* e dos livros de Daniel e Apocalipse. Quem assume o compromisso recebe um certificado do Compromisso do Altar da Família para expor em casa como lembrança da decisão que tomou.

O certificado está disponível em indonésio, chinês simplificado, inglês, francês, hindi, italiano, quiniaruanda, coreano, português, russo, espanhol, suaíli, tagalo, tâmil e ucraniano.

Veja Jesus, Revele Jesus, Compartilhe Jesus: tudo começa na família.

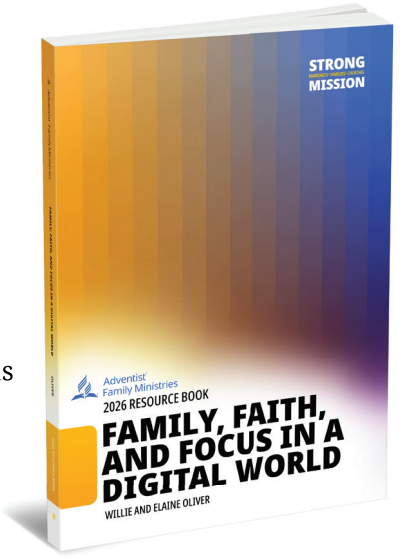
Assuma o compromisso em **family.adventist.org/familyaltarpledge**

LIVRO DE RECURSOS 2026

FAMÍLIA, FÉ E FOCO NO MUNDO DIGITAL

WILLIE E ELAINE OLIVER

Review and Herald® Publishing Association
Outubro de 2025, 214 páginas no PDF em inglês



As famílias de hoje estão mais conectadas do que nunca, mas ainda pode ser difícil preservar a qualidade dos vínculos. As telas moldam a maneira como nos comunicamos, aprendemos, trabalhamos e passamos tempo juntos, criando novas oportunidades e novos desafios para o lar.

O Livro de Recursos 2026, Família, fé e foco no mundo digital, oferece orientações práticas, centradas na fé, para lidar com essa realidade com sabedoria e propósito. O material apresenta maneiras de estabelecer limites saudáveis, fortalecer os relacionamentos, aprofundar a fé e usar as ferramentas digitais de forma intencional.

O Livro de Recursos está disponível em inglês, francês, italiano, português, espanhol e suaíli, ajudando famílias em todo o mundo a permanecerem fundamentadas na Bíblia e focadas na missão.

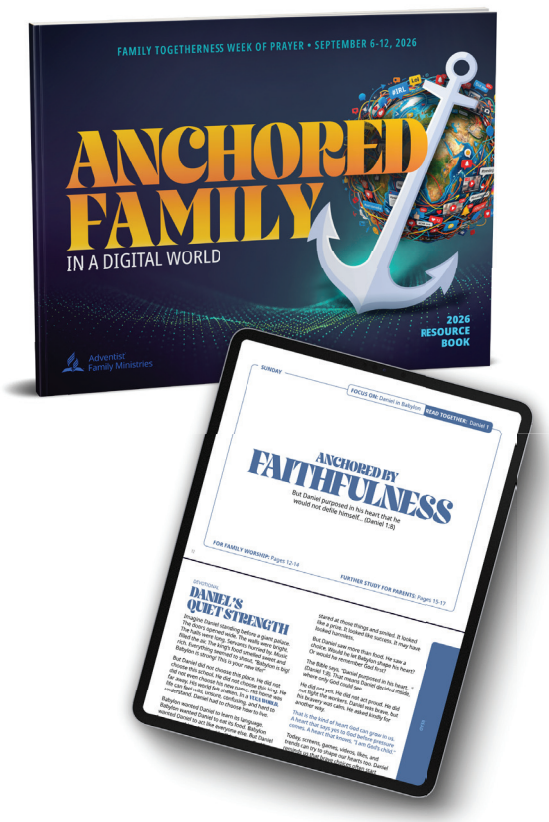
Baixe a edição digital em **family.adventist.org/2026RB**

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2026 —

FAMÍLIA ANCORADA EM UM MUNDO DIGITAL

WILLIE E ELAINE OLIVER, EDITORES
MAIJO ROTH, PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO CONTEÚDO

Review and Herald® Publishing Association
Julho de 2026, 58 páginas



A Semana de Oração da Família 2026 convida as famílias a silenciar o ruído digital e a ancorar a vida na Palavra de Deus. Em um mundo que pode parecer volátil, incerto, complexo e ambíguo, as Escrituras ajudam as famílias a proteger o que mais importa: a fé, a identidade, os relacionamentos e o tempo juntos.

Família ancorada em um mundo digital aborda fidelidade, ensino pelo exemplo, presença, discernimento, prioridades, gratidão e descanso sabático. O material ajuda as famílias a usar a tecnologia com mais sabedoria e propósito.

Disponível em 15 idiomas: indonésio, malaio, chinês simplificado, chinês tradicional, inglês, francês, hindi, italiano, português, romeno, russo, espanhol, suaíli, tâmil e ucraniano.

Baixe a edição digital em:
family.adventist.org/familyworship

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2025 —

PRECIOSOS DONS DE DEUS

WILLIE E ELAINE OLIVER, EDITORES
KAREN HOLFORD, PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO CONTEÚDO

Review and Herald® Publishing Association
Setembro de 2025, 50 páginas



No princípio, o coração de Deus transbordava de amor. Esse amor encontrou sua expressão mais plena em três magníficos dons que coroaram a obra da criação: o casamento, a família e o sábado. Os seis primeiros dias da semana da criação revelam o poder e a arte de Deus ao formar o mundo físico. Essas três instituições divinas revelam a essência de Seu caráter e Seus desejos mais profundos para a humanidade.

O casamento, a família e o sábado coroam a obra criadora de Deus porque atendem às necessidades mais profundas do ser humano: ter companhia, pertencer e viver em comunhão com o Criador. Juntas, essas três instituições divinas continuam a nos abençoar e sustentar. Elas nos lembram de que fomos formados de modo assombrosamente maravilhoso e somos amados pelo nosso Criador (Sl 139:14).

Baixe a edição digital em: **family.adventist.org/familyworship**

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2024

CORAÇÕES MAIS ACOLHEDORES: COMPREENDENDO FAMÍLIAS DIVERSAS

WILLIE E ELAINE OLIVER, EDITORES
KAREN HOLFORD, PRINCIPAL COLABORADORA

Review and Herald® Publishing Association,
Setembro de 2024, 70 páginas



Em culturas de todo o mundo, há famílias que enfrentam desafios singulares e vivem de maneiras que podem diferir do que se considera habitual. Isso se torna especialmente evidente num período em que muitas regiões do planeta passam por migrações em massa motivadas por guerras, violência de gangues, repressão política e religiosa, falta de oportunidades e pobreza.

Há também famílias com membros neurodivergentes ou que enfrentam diversos desafios físicos, emocionais e psicossociais. Entre as famílias há ainda diferenças de raça, etnia, nacionalidade e idioma. Como cristãos, é essencial acolher essa realidade com amor, compaixão e compreensão, guiados pelos ensinamentos de Jesus Cristo.

Baixe a edição digital em: **family.adventist.org/familyworship**

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2023

CHAVES PARA MENTES SAUDÁVEIS: FAMÍLIAS QUE FLORESCEM

WILLIE E ELAINE OLIVER, EDITORES
KAREN HOLFORD, PRINCIPAL COLABORADORA

Review and Herald® Publishing Association,
Julho, 2023, 36 páginas



O livreto da Semana de Oração da Família 2023, *Chaves para mentes saudáveis: famílias que florescem*, apresenta princípios que ajudam pessoas e famílias a florescer emocionalmente. Nossa oração é que todos possamos experimentar essa realidade ao permitir que a paz, a alegria, a esperança e a cura que vêm de Deus habitem em nosso coração.

Disponível em 12 idiomas: inglês, francês, italiano, letão, polonês, português, romeno, russo, cingalês, espanhol, tâmil e ucraniano.

Baixe a edição digital em **family.adventist.org/familyworship**

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2022

RECONSTRUINDO O ALTAR DA FAMÍLIA

WILLIE E ELAINE OLIVER

Review and Herald® Publishing Association,
Julho, 2022, 42 páginas



Durante a Semana de Oração da Família de 2022, nosso desejo é que as famílias construam ou reconstruam o altar da adoração familiar em seus lares. A adoração familiar oferece a cada família a oportunidade diária de reconstruir o altar de Deus.

Reconstruir o altar familiar significa estabelecer o hábito regular de reservar um tempo para adorar a Deus como família. O mais importante é se comprometer a fazer algo que intencionalmente direcione sua família a Deus diariamente. Traga Deus para seus momentos grandes e pequenos!

Baixe a edição digital em **family.adventist.org/familyworship**

SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA 2021

VIVENDO OS FRUTOS DO AMOR

WILLIE E ELAINE OLIVER

Review and Herald® Publishing Association,
Julho, 2021, 26 páginas



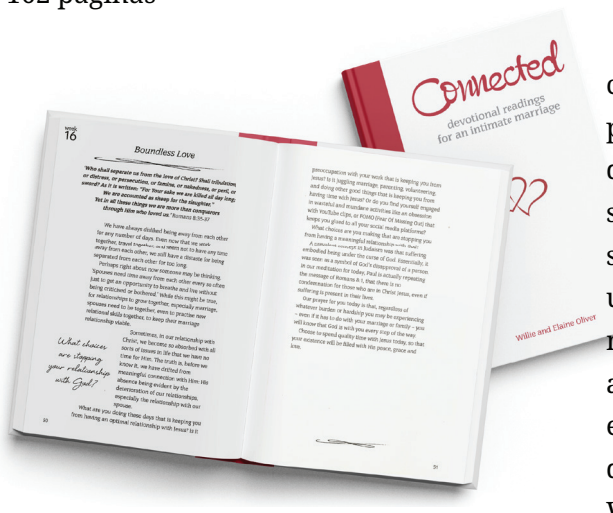
A Bíblia fala sobre outro tipo de fruto que não é comprado no mercado nem cultivado no pomar ou na fazenda. No livro de Gálatas, o apóstolo Paulo usa o fruto para mostrar o que acontecerá conosco quando escolhemos nos encher do Espírito de Jesus. O fruto do Espírito — amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio — são virtudes que se cultivam quando estamos cheios do Espírito de Jesus em nossos corações. É o resultado de ter um relacionamento com Jesus e permitir que Seu Espírito flua em nós e através de nós.

Baixe a edição digital em **family.adventist.org/familyworship**

CONECTADO: LEITURAS DEVOCIONAIS PARA UM CASAMENTO ÍNTIMO

WILLIE E ELAINE OLIVER

The Stanbourough Press Ltd., 2020
162 páginas



Imagine se você pudesse levar seu casamento para o próximo nível. E se fosse possível passar de um relacionamento que sobrevive para um que prospera? E se houvesse uma maneira de fortalecer seu compromisso um com o outro? E se uma melhor comunicação pudesse criar mais confiança? E, o melhor de tudo, e se a graça pudesse ajudá-lo a ver o melhor em seu cônjuge? Em Conectado: leituras devocionais para um casamento íntimo, Willie e Elaine Oliver compartilham mais de 35 anos de experiência matrimonial, crescendo juntos, aprendendo um com o outro e criando filhos. Eles sabem como fazer os 'e se' se tornarem realidade. Com 52 reflexões devocionais, há um pensamento para cada semana do ano, projetado especificamente para ajudar os casais a fazer uma pausa (refletir sobre as ideias compartilhadas), rezar (sobre as ideias compartilhadas e como elas se relacionam com sua experiência) e depois escolher (determinar experiência mudam juntos). Descubra mais! Disponível em:

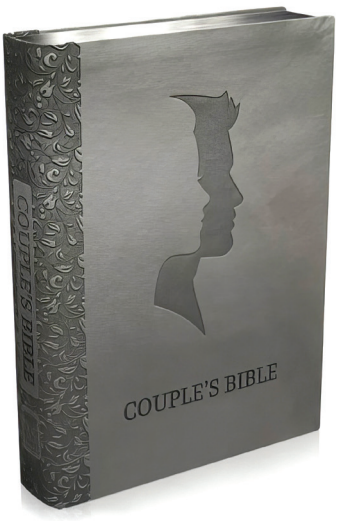
Disponível em: **adventistbookcenter.com**

BÍBLIA DO CASAL

Safeliz, 2019
1,500 páginas

A BÍBLIA DO CASAL foi projetada para ajudar a construir e nutrir relacionamentos. Há mais de 170 tópicos divididos em cinco seções, com foco em como fortalecer o casamento e os relacionamentos dos pais, bem como superar os desafios que os casais enfrentam. As características especiais incluem:

- Casamento na Bíblia, Teologia Bíblica da Família, Pilares que sustentam os ministérios da família, textos especiais para casais etc.
- Um curso bíblico especial sobre o lar e a familia
- 101 ideias para evangelismo familiar
- Dicionário de vocabulário de casamento e mapas
- E muito mais!



A Bíblia está disponível em vários idiomas, incluindo inglês, espanhol e francês e pode ser encomendada nas Casas Editoras em todo o mundo ou visitando: **www.safelizbibles.com**

PROGRAMA DE CERTIFICAÇÃO EM LIDERANÇA 3.0

MINISTÉRIO DA FAMÍLIA DA ASSOCIAÇÃO GERAL



O Programa de Certificação em Liderança do Ministério da Família 3.0 oferece uma formação transformadora de 50 horas, concebida para preparar uma nova geração de educadores para a vida familiar em todo o mundo. O programa responde à necessidade urgente de facilitadores capacitados para lidar com as questões que afetam as famílias de hoje.

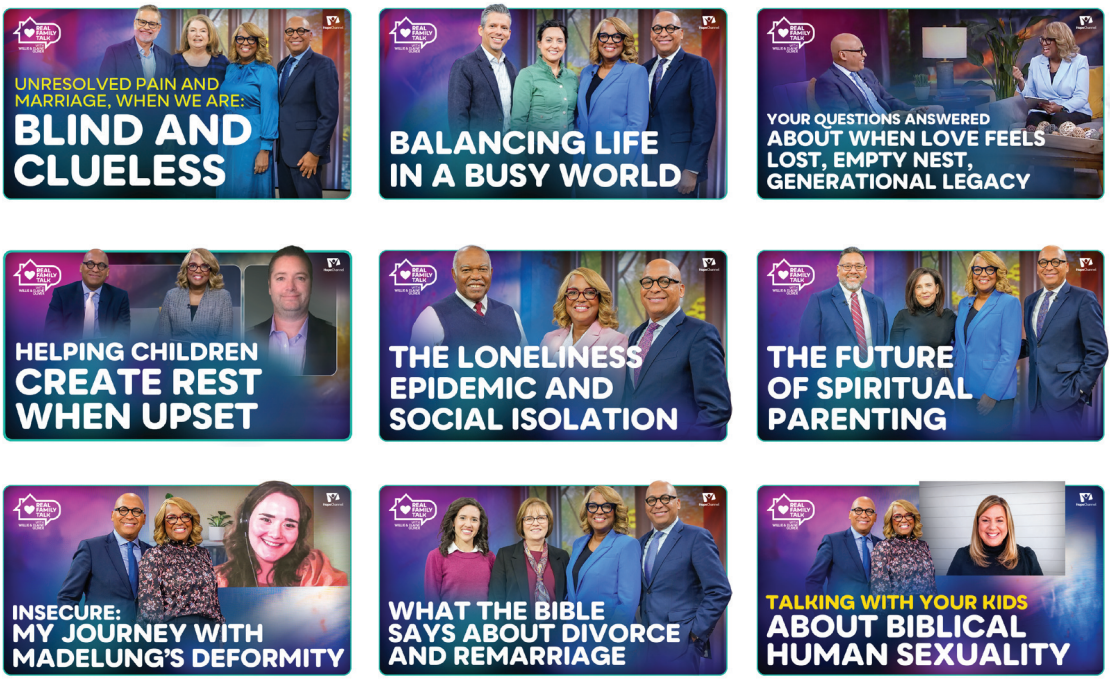
Diante da queda nas taxas de casamento em todo o mundo e do aumento de nascimentos fora do casamento, das taxas elevadas de divórcio e de outras formas de convivência, essa formação de líderes busca fortalecer a família, que continua sendo a base da saúde e do bem-estar da sociedade.

Para mais informações, escreva ao Departamento do Ministério da Família pelo e-mail **family@gc.adventist.org**

REAL FAMILY TALK

[CONVERSAS SOBRE A VIDA FAMILIAR]

COM WILLIE E ELAINE OLIVER



Com conversas envolventes, informativas e de conteúdo espiritual sobre questões que as famílias enfrentam hoje, o [Conversas sobre a vida familiar] procura fortalecer as famílias e inspirar esperança. Em cada episódio, Willie e Elaine Oliver recorrem à sua experiência pastoral, educacional e de aconselhamento para conversar sobre a vida familiar. Eles abordam cada tema com soluções práticas e princípios bíblicos sólidos.

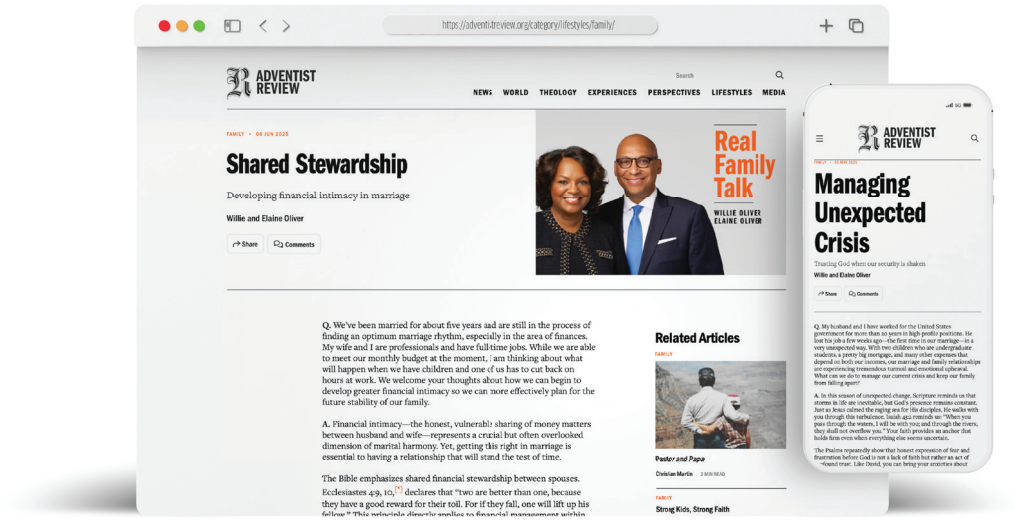
Assista no YouTube em youtube.com/@realfamilytalkTV

Assista também em www.hopetv.org/realfamilytalk

REAL TALK FAMILY

[COLUNA ON-LINE DA ADVENTIST REVIEW]

WILLIE E ELAINE OLIVER



Esta coluna mensal da *Adventist Review* oferece orientações e conselhos práticos sobre questões familiares e de relacionamento. É escrita por Willie e Elaine Oliver, diretores do Ministério da Família na sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com ampla experiência em teologia, sociologia da família e terapia conjugal e familiar, os Oliver oferecem orientação fundamentada na Bíblia para as mais variadas questões dos leitores. Desde 2017, já publicaram dezenas de colunas, com respostas cuidadosas a perguntas sobre casamento, criação de filhos e desafios nos relacionamentos.

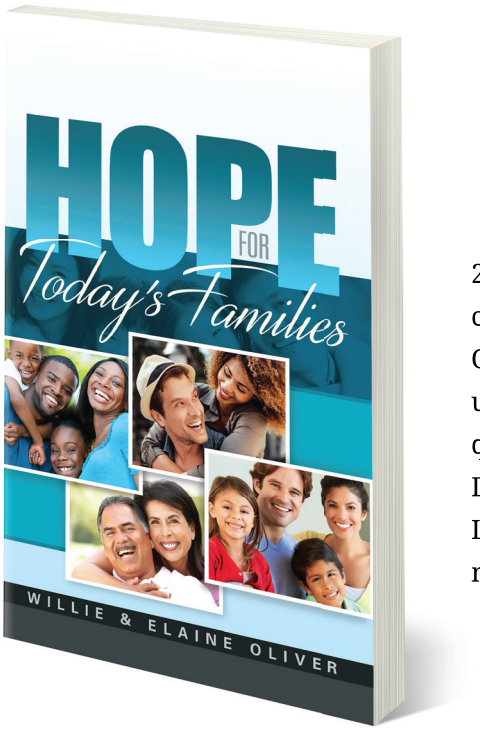
Entre os temas abordados estão “Deus ama a palavra ‘impossível’”, “Não vá dormir com raiva?”, “Quando é o momento certo?” e “Como lidar com o estresse dos preparativos para o casamento”. Cada coluna ajuda a compreender situações da vida real e oferece conselhos práticos baseados em princípios bíblicos.

Leia a coluna no site da revista **adventistreview.org**

ESPERANÇA PARA AS FAMÍLIAS DE HOJE

WILLIE E ELAINE OLIVER

Review and Herald Publishing Association, 2018
94 páginas

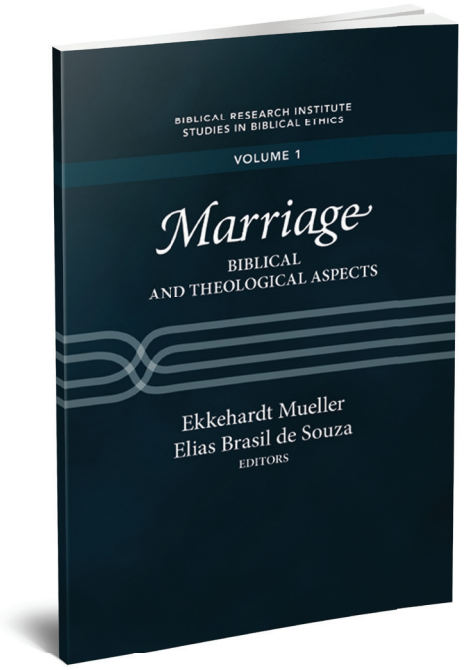


O livro missionário mundial do ano de 2019 ainda é bom para ajudar a fortalecer casamentos e famílias a qualquer momento. Oferece *Esperança para as Famílias de Hoje* usando princípios comprovados pelo tempo que facilitarão uma vida significativa e feliz. Disponível em vários idiomas nos Centros de Livros Adventistas em todo o mundo ou por meio de sua editora local.

CASAMENTO: ASPECTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS, VOL. 1

EKKEHARDT MUELLER E ELIAS BRASIL DE SOUZA, EDITORES

Biblical Research Institute. Review and Herald Publishing, 2015 304 páginas



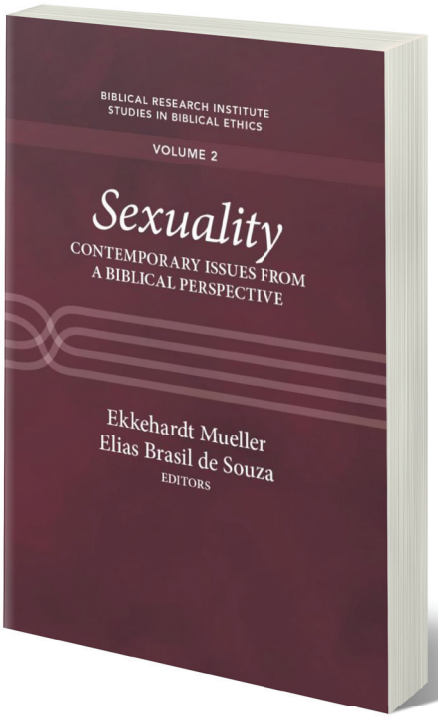
Este livro oferece estudos cuidadosos e detalhados sobre várias áreas de preocupação para pastores, líderes de igreja e membros. Depois de mostrar a beleza do casamento e a relevância das Escrituras para uma compreensão sólida do casamento e da sexualidade, este volume aborda tópicos cruciais como o solteiro, gênero e papéis no casamento, sexualidade, casamentos religiosos mistos, divórcio e novo casamento.

SEXUALIDADE: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS NA PERSPECTIVA BÍBLICA, VOL. 2

EKKEHARDT MUELLER E ELIAS BRASIL DE SOUZA, EDITORES

Biblical Research Insititute, 2022
643 páginas

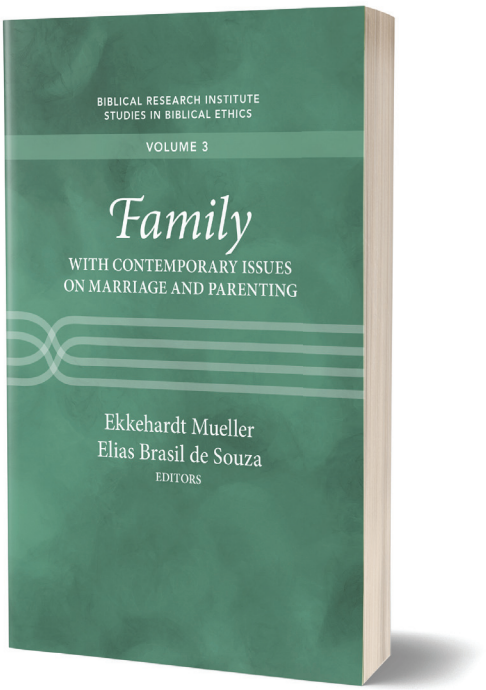
Sexualidade: Questões Contemporâneas na Perspectiva Bíblica é a continuação de Casamento: Aspectos Bíblicos e Teológicos. Com foco na sexualidade, este volume aborda vários tópicos de relevância contemporânea para comunidades de igrejas cristãs individuais em todo o mundo. Ele luta com questões direta ou indiretamente relacionadas ao casamento, como coabitação e poligamia. Também examina tópicos não necessariamente ligados ao casamento, como vício sexual, sexo cibernético, sexo robótico, estupro, mutilação genital feminina, abuso sexual infantil, teologia e prática.



FAMÍLIA:
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE CASAMENTO E CRIAÇÃO DE FILHOS.

EKKEHARDT MUELLER E ELIAS BRASIL DE SOUZA, EDITORES

Biblical Research Institute. Review and Herald Publishing,
2023 689 páginas



Família: Questões Contemporâneas sobre casamento e criação de filhos conclui a série de três volumes sobre casamento e sexualidade publicada pelo Instituto de Pesquisa Bíblica. Este volume aborda tópicos e questões relevantes para a família a partir da perspectiva de uma teologia bíblica do casamento estabelecida na criação. Um grande objetivo deste volume é trazer clareza bíblica aos tópicos desafiadores abordados pelos autores e, assim, ajudar os leitores a enfrentar desafios relacionados à família e sexualidade com base na autoridade da Palavra de Deus.

APÊNDICE A **IMPLEMENTAÇÃO DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA**

Nota: algumas recomendações destes formulários talvez precisem ser adaptadas às necessidades específicas e à legislação do lugar onde você mora.

- **REGULAMENTO E DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA.....187**
- **O LÍDER DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA 189**
- **O QUE É UMA FAMÍLIA?.....191**
- **ORIENTAÇÕES SOBRE COMISSÃO E PLANEJAMENTO 193**
- **QUATRO OBJETIVOS DE UMA BOA APRESENTAÇÃO.....195**
- **OS DEZ MANDAMENTOS DAS APRESENTAÇÕES.....196**
- **PESQUISA SOBRE O PERFIL DA VIDA FAMILIAR.....197**
- **PERFIL DA VIDA FAMILIAR.....199**
- **PESQUISA DE INTERESSE PELO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA..... 200**
- **PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO PARA A VIDA FAMILIAR NA COMUNIDADE..201**
- **MODELO DE AVALIAÇÃO.....202**

Materiais para baixar

Para baixar as pesquisas e os formulários do Apêndice A, acesse **family.adventist.org/2027RB**

REGULAMENTO DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA E DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO

A congregação e o grupo de trabalho da Igreja de:

A igreja está comprometida em fornecer um ambiente seguro para ajudar as crianças a aprenderem a amar e seguir Jesus Cristo. O propósito desta congregação é prevenir qualquer forma de abuso infantil — físico, emocional ou sexual — e proteger as crianças e aqueles que trabalham com elas.

As igrejas com programas para crianças não estão imunes à presença de pessoas abusivas; portanto, esta congregação acredita que é de vital importância tomar medidas decisivas para garantir que a igreja e seus programas sejam seguros, proporcionando uma experiência alegre para crianças e jovens. As seguintes políticas foram estabelecidas e refletem nosso compromisso em oferecer cuidado protetivo a todas as crianças quando elas participarem de qualquer atividade patrocinada pela igreja:

- Voluntários que trabalham com crianças e jovens devem ser membros ativos desta congregação por, no mínimo, seis meses, e precisam ser aprovados pelos responsáveis apropriados da igreja antes de começarem a trabalhar diretamente com crianças, a menos que haja uma autorização documentada anterior.
- Todos os funcionários e voluntários da Divisão Norte-Americana (NAD) que trabalham regularmente com crianças devem preencher um formulário de inscrição (ver o site do Ministério da Criança da NAD: https://www.childmin.org/childrens-safety.) Referências devem ser obtidas dos potenciais voluntários. Os responsáveis ou funcionários adequados devem verificar essas referências. Outras divisões são incentivadas a seguir este procedimento.

- Todos os trabalhadores com crianças devem observar a regra de "duas pessoas", o que significa que os trabalhadores devem evitar situações de um a um com crianças sempre que possível.
- Sobreviventes adultos de abuso físico ou sexual na infância precisam do amor e aceitação da família da igreja. Indivíduos com esse histórico devem discutir seu desejo de trabalhar com crianças e jovens com um dos membros da equipe em uma entrevista confidencial antes de receberem aprovação para trabalhar nessas áreas.
- Indivíduos que cometeram abuso físico ou sexual, independentemente de terem sido condenados, não podem trabalhar em atividades ou programas para crianças ou jovens patrocinados pela igreja.
- A igreja oferecerá oportunidades de treinamento na prevenção e reconhecimento do abuso infantil. Espera-se que os trabalhadores participem desse treinamento.
- Os trabalhadores devem relatar imediatamente ao pastor ou à administração qualquer comportamento ou incidente que pareça abusivo ou inadequado. Após a notificação, serão tomadas as ações apropriadas e feitos os relatórios em conformidade com os procedimentos operacionais dessas políticas.
- Diretrizes para voluntários que trabalham com jovens e crianças serão fornecidas a cada voluntário.
- As crianças não devem ficar vagando pela igreja sem supervisão de um adulto. Os pais são responsáveis por supervisionar seus filhos antes e após a Escola Sabatina.
- Nenhuma criança deve ser liberada para usar o banheiro sem ser acompanhada por um dos pais ou um irmão mais velho.
- Um adulto responsável deve ser designado para circular dentro e ao redor da igreja, incluindo as áreas de estacionamento, para garantir a segurança. Isso é essencial quando apenas um adulto está presente em algumas atividades para menores, como em uma divisão da Escola Sabatina.
- Qualquer disciplina deve ocorrer dentro do campo de visão de outro adulto. Todas as formas de punição corporal são estritamente proibidas.
- Todas as reuniões para crianças ou jovens devem ter a aprovação do pastor e/ou da comissão da igreja, especialmente atividades que envolvem pernoite. Menores devem ter permissão parental assinada para cada viagem, incluindo autorização para tratamento médico de emergência.
- Se houver um agressor sexual conhecido frequentando a igreja, um diácono ou outro adulto responsável deve ser designado para monitorar a pessoa enquanto estiver no local ou em atividades fora da igreja. O agressor será informado sobre o procedimento. Se um agressor sexual se transferir para ou começar a frequentar outra igreja, a liderança dessa igreja deve ser notificada.

Reimpresso do *Manual dos Ministérios da Família: O guia completo de como fazer para líderes de igrejas locais.* (2003). Lincoln, NE: AdventSource. Usado com permissão.

O LÍDER DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

O líder do Ministério da Família projeta um ministério para as famílias que atenderá às necessidades específicas da congregação e da comunidade. Esta seção fornece apoio no planejamento para líderes do Ministério da Família. O planejamento é fundamental para ministrar aos indivíduos e famílias na congregação. O Ministério da Família também é uma excelente maneira de alcançar as famílias da comunidade. O líder do Ministério da Família é um membro da comissão da igreja local e integra as atividades do Ministério da Família no programa completo da igreja. Abaixo estão as responsabilidades e atividades.

1. Desenvolver e presidir uma pequena comissão do Ministério da Família que reflita as peculiaridades da congregação. Pode incluir pais solteiros, jovens casados, famílias de meia-idade, aposentados, viúvos ou divorciados. As pessoas que servem nesta comissão devem ser cuidadosamente escolhidas como pessoas visionárias, refletindo a graça de Deus.
2. Ser um defensor da família. O Ministério da Família não é meramente orientado para o programa, mas deve olhar para o programa completo da igreja com sensibilidade para seu impacto sobre as famílias. Em algumas situações, o líder do Ministério da Família pode precisar defender o tempo da família. Em outras palavras, pode haver tantos programas em andamento em uma congregação que as pessoas têm pouco tempo para viver suas próprias vidas como famílias.
3. Pesquisar as necessidades e interesses das famílias na congregação. A pesquisa de avaliação de necessidades e a folha de perfil da família

podem ser usadas para ajudar a determinar as necessidades da congregação.

4. Planejar programas e atividades para o ano que possam incluir apresentações de vídeo, retiros ou palestrantes especiais que apresentem workshops e seminários. Os planos também devem incluir atividades simples que podem ser sugeridas às famílias por meio do boletim da igreja ou por circulares.
5. Trabalhar com o pastor e a comissão da igreja para garantir que os planos sejam incluídos no orçamento da igreja local.
6. Usar os recursos disponíveis no departamento do Ministério da Família da Associação. Isso pode economizar tempo, energia e servir para manter os custos baixos para a congregação local. Ao planejar apresentações especiais, o diretor do Ministério da Família da associação pode ajudar a encontrar apresentadores interessantes e qualificados.
7. Comunicar-se com a congregação. O Ministério da Família não deve ser visto simplesmente como um acontecimento anual. Mantenha viva a importância de boas habilidades familiares, usando cartazes, o boletim da igreja e/ou um boletim durante o ano todo.
8. Compartilhar seus planos com o diretor do Ministério da Família seu Campo.

Reimpresso do *Manual dos Ministérios da Família: O guia completo de como fazer para líderes de igrejas locais.* (2003). Lincoln, NE: AdventSource. Usado com permissão.

O QUE É UMA FAMÍLIA?

Uma das tarefas de um líder do Ministério da Família é definir as famílias às quais ministra dentro de sua congregação. Um ministério apenas para casais com filhos, por exemplo, beneficiará apenas uma pequena porcentagem das pessoas na igreja. Famílias de todos os tipos podem precisar de orientação à medida que avançam em direção a relacionamentos saudáveis. O trabalho de lidar com as tarefas diárias, de compartilhar uma família, e gerenciar conflitos, nunca é fácil quando as pessoas compartilham espaço e recursos ou vêm de casas com valores diferentes. Aqui estão algumas das maneiras como as famílias hoje são configuradas.

- Famílias nucleares – com mãe, pai e filhos que nasceram dessa mãe e desse pai.
- Famílias recompostas – às vezes chamadas de misturadas. As famílias adotivas são formadas quando os pais se divorciam ou ficam viúvos e se casam novamente. Algumas se tornam famílias recompostas quando uma pessoa solteira se casa com alguém que não é o pai ou a mãe de seu filho.
- Famílias solteiras – às vezes só eu e o gato – morando sozinhos. Eles podem ser divorciados, viúvos ou nunca se casaram, mas a família é uma entidade separada. Alguns solteiros podem morar com outros solteiros em uma mesma casa.
- Famílias de pais solteiros – isso pode ocorrer quando um dos pais é divorciado ou viúvo e não se casou novamente, ou é um pai/mãe que

nunca se casou.
- Famílias ninho vazio – a mãe e o pai quando os filhos saem de casa.
- Famílias reconectadas – quando os filhos adultos voltam para morar com a mãe e o pai – geralmente um acordo temporário. Uma família é reconectada quando um dos pais, já idoso, passa a mora com a família de um filho, filha ou neto.
- As famílias fazem parte da família de Deus. Muitos consideram os membros de sua congregação como família e podem sentir laços mais próximos com eles do que com aqueles relacionados por nascimento ou casamento.

Além dos dados demográficos familiares usuais, também se pode estimular as pessoas a pensarem sobre seus relacionamentos importantes, incluindo aqueles na família da igreja, fazendo perguntas como estas:

- Se um terremoto destruísse sua cidade, quem você estaria mais desesperado para localizar para ter certeza de que está tudo bem?
- Se você estivesse se mudando a milhares de quilômetros de distância, quem se mudaria com você?
- Quem seriam aqueles com quem você manteria contato, por mais difícil que fosse?
- Se você desenvolvesse uma doença de longa duração, com quem poderia contar para cuidar de você?
- Quem será sua família de agora até você ou eles morrerem?
- De quem você poderia pedir dinheiro emprestado e não sentir que teria que devolvê-lo imediatamente?

Reimpresso do *Family Ministries Handbook: O guia completo de como fazer para líderes de igrejas locais.* (2003). Lincoln, NE: AdventSource. Usado com permissão.

ORIENTAÇÃO SOBRE COMISSÃO E PLANEJAMENTO

Os líderes do Ministério da Família que são novos no cargo ou nunca serviram como líderes se perguntam por onde começar! Esta seção é para ajudar um líder a começar. Com frequência é útil selecionar uma pequena comissão com quem se pode trabalhar bem – pessoas bem orientadas na graça de Cristo e que não tenham razões egoístas ou opinião pessoal forte. Uma comissão do Ministério da Família, mais do que qualquer outra, deve buscar modelar a família. A seguir estão algumas maneiras de fazer isso. Embora essas ideias não sejam a única maneira de funcionar, elas podem ajudar um grupo a trabalhar em conjunto com mais harmonia. (Elas também podem ser úteis para outras comissões).

- Selecione um pequeno número de pessoas com preocupações semelhantes às das famílias. Eles devem representar a variedade de famílias encontradas na congregação. Essa comissão pode ter pais solteiros, casais, divorciados, aposentados ou viúvos e refletir o gênero e o perfil étnico da igreja.
- A comissão não deve ser muito grande – cinco a sete pessoas é o ideal. Os indivíduos podem representar mais de uma categoria de família.
- Especialmente para a primeira reunião, reúna-se em um ambiente informal – talvez na casa de alguém ou em uma sala confortável da igreja. Comece com uma oração pela bênção de Deus.
- Forneça refrescos leves que incluam água ou bebidas quentes ou frias, algo muito leve como frutas frescas, biscoitos ou nozes. Torne a reunião atrativa, mas não exigente ou que envolva grande esforço.
- Na primeira reunião, dediquem algum tempo contando sua história um ao outro. Esta não é uma sessão de terapia, então deixe as pessoas saberem

que elas devem contar apenas o que é confortável. Algumas diretrizes ajudarão: a confidencialidade deve ser respeitada e vista como um presente para alguém mais. Seria bom o líder iniciar – começando com frases como: "Eu nasci em..., fui criado em um lar (metodista, adventista do sétimo dia, católico ou qualquer outro)". Inclua outras coisas, como em qual escola você estudou, nomes das crianças ou outras informações pertinentes. Inclua como você se tornou um cristão ou um adventista do sétimo dia ou uma história agradável ou engraçada da infância. Isso pode parecer uma perda de tempo. Mas você pode se surpreender ao ouvir a história de alguém que você pensava que conhecia há muito tempo. Contar nossas histórias é como nos conectamos e nos ligamos um ao outro. Isso fará o seu trabalho em conjunto fluir mais tranquilo. Isso também tornará mais fácil para os membros da comissão serem sensíveis às necessidades uns dos outros.

- Para todas as reuniões subsequentes, gaste uma parte do tempo – talvez 10 ou 20 minutos – para se reconectar com os membros da sua comissão. Alguém pode estar feliz com um evento importante. Outro pode precisar de apoio com uma necessidade especial. Aqui estão algumas perguntas que você pode fazer para iniciar suas reuniões:

1. Quem são as pessoas que você considera sua família próxima?
2. Como você vive sua fé juntos como família?
3. O que você acha que a igreja poderia fazer para ajudar sua família?
4. O que você mais gosta na sua família?

Em seguida, vá para a agenda. Lembre-se de que você está modelando uma família.

- Analise os resultados da Pesquisa de Interesse.
- Fale sobre objetivos. O que você deseja realizar? Vai atender a uma necessidade? Quem você está tentando alcançar? Como você pode realizar seus objetivos?
- Ore pela bênção de Deus, planeje sabiamente para que as pessoas não se esgotem e o ministério logo esteja acontecendo.

Um recurso importante para o líder do Ministério da Família é o Manual do Ministério da Família. Uma nova edição deste livro de recursos é publicada todos os anos e inclui programas, esboços de sermões, seminários e muito mais, e podem ser usados como parte de seu programa anual.

Reimpresso de *Family Ministries Handbook: The complete how-to guide for local Igreja leaders.* Lincoln, NE: AdventSource, 2003. Usado com permissão.

UMA BOA APRESENTAÇÃO **FARÁ QUATRO COISAS**

1. **INFORMAR** – As pessoas devem aprender alguma coisa que não sabiam antes de assistir sua apresentação
2. **ENTRETER** – As pessoas não merecem estar entediadas!
3. **TOCAR AS EMOÇÕES** – Informação que apenas informa a cabeça nunca faz mudança nas atitudes ou no comportamento.
4. **LEVAR À AÇÃO** – Se os participantes saírem após sua apresentação sem um desejo de FAZER algo diferente – você perdeu seu tempo e o tempo deles!

APOSTILAS

- Distribua apenas quando forem relevantes para a apresentação.
- Às vezes é melhor não distribuir apostilas até o final da reunião: o público não deve estar revirando papéis enquanto você fala.
- Seu público não deve ler adiantado e se desligar de você.
- Simplesmente não copie a apresentação de outra pessoa para suas apostilas

INTRODUÇÃO

- Descubra quem vai apresentá-lo.
- Escreva sua própria apresentação.
- Contate a pessoa pelo menos dois dias antes e lhe dê a apresentação.
- Confira a pronúncia de palavras pouco familiares e a exatidão de todas as informações.
- Não faça afirmações que não sejam verdadeiras.

Reimpresso de *Family Ministries Handbook: The complete how-to guide for local Igreja leaders*. Lincoln, NE: AdventSource, 2003. Usado com permissão.

OS DEZ MANDAMENTOS DAS APRESENTAÇÕES

- **Conheça a si mesmo** – a linguagem corporal e o tom de voz representam 93% da sua credibilidade. Você estaria interessado em você?
- **Esteja preparado** – conheça sua apresentação, seu equipamento e esteja pronto para contratempos. Projetores sempre estouram lâmpadas no meio de apresentações importantes, portanto, tenha uma de reserva e saiba como trocá-la.
- **Examine sua fala** – use expressões diretas e não procure impressionar – você está lá para se comunicar.
- **Chegue cedo** – seus convidados podem estar esperando. Esteja lá pelo menos meia hora antes da apresentação para ter certeza de que tudo está preparado da maneira que você deseja.
- **Diga a eles o que esperar** – diga aos participantes especificamente o que eles aprenderão no decorrer da reunião e como poderão aplicar seus novos conhecimentos. Objetivos claros mantêm os participantes focados em suas próprias responsabilidades como participantes ativos.
- **Menos é mais** – seu público só aguenta um pouco, então limite seus pontos principais. Sete pontos principais é grosseiramente o máximo que seu público pode absorver e guardar totalmente.
- **Mantenha contato visual** – use cartões de anotações em vez de um discurso totalmente escrito, para que você possa levantar a cabeça e manter contato visual com o público. Evite a necessidade de LER uma apresentação. A resposta do seu público será de agradecimento por você levantar a cabeça.
- **Seja dramático** – use palavras de impacto e estatísticas incomuns. Sua apresentação deve ser preenchida com declarações simples e contundentes para manter o público intrigado. Um pouco de humor também ajuda!
- **Motive** – termine a sua apresentação com um apelo à ação. Diga ao seu público exatamente o que eles podem fazer em resposta à sua apresentação.
- **Respire fundo e relaxe!** – não se debruce por cima do púlpito. Se você estiver atrás de um, fique de pé. Movimente-se. Use gestos para dar ênfase. Lembre-se de como você diz algo é tão importante quanto o que você tem a dizer.

Reimpresso do Family Ministries Handbook: O guia completo de como fazer para líderes de igrejas locais. (2003). Lincoln, NE: AdventSource. Usado com permissão

PESQUISA DO PERFIL DA VIDA FAMILIAR

Nome..... Data de nascimento.....

Faixa etária: ◌ 18-30 ◌ 31-40 ◌ 41-50 ◌ 51-60 ◌ 61-70 ◌ 71+

Gênero: ◌ M ◌ F

Endereço.....

Telefone (Casa)..... (Trabalho).....

Batizado na IASD? ◌ Sim ◌ Não

Se batizado, igreja local da qual é membro:.....

Se não, qual é seu contexto religioso/afiliação atual?.....

Estado civil:

◌ Solteiro, nunca se casou

◌ Solteiro, divorciado

◌ Solteiro, viúvo

◌ Casado - Nome do cônjuge:..... Data de nascimento:.....

- ◌ O cônjuge é adventista e membro da igreja local.
- ◌ O cônjuge não é adventista. Afiliação religiosa atual:

Filhos cuja residência principal é com você:

Nome..... Data de nascimento:.....

Ano escolar..... Escola que frequenta:.....

Batizado na IASD?..... Membro da igreja local.....

Nome..... Data de nascimento:.....

Ano escolar..... Escola que frequenta:.....

Batizado na IASD?..... Membro da igreja local.....

Crianças cuja residência principal é em outro lugar:

Nome ..... Data de nascimento: .....

Batizado na IASD ? ..... Igreja local: .....

Nome ..... Data de nascimento: .....

Batizado na IASD ? ..... Igreja local: .....

Outros membros da família que moram com você:

Nome ..... Data de nascimento: .....

Batizado na IASD ? ..... Igreja local: .....

Parentesco: .....

Nome ..... Data de nascimento: .....

Batizado na IASD ? ..... Igreja local: .....

Parentesco: .....

Qual é a coisa mais significativa que o Comitê de Ministérios Familiares poderia fazer este ano para atender aos interesses/necessidades da sua família?

.....

.....

Estou interessado(a) em Ministérios Familiares e estou disposto(a) a ajudar por meio de:

- ◌ Telefonar quando necessário
- ◌ Participar de sessões de planejamento
- ◌ Prover transporte
- ◌ Preparação para eventos
- ◌ Ajudar com refeições/refrescos
- ◌ Cuidar de crianças
- ◌ Publicidade
- ◌ Outros
- ◌ Apresentar palestras/aulas/seminários/workshops ou outras apresentações

Suas áreas de interesse:

.....

©2026 Permissão concedida para copiar para uso na igreja local.

PERFIL DA VIDA FAMILIAR

Igreja: ..... Data: .....

CATEGORIA DE FAMÍLIA

Membros ativos

- ◌ Com menores abaixo de 18
- ◌ Sem menores abaixo de 18

Membros inativos

- ◌ Com menores abaixo de 18
- ◌ Sem menores abaixo de 18

Casado – cônjuge é membro

- ◌ Idade 18-30
- ◌ Idade 31-50
- ◌ Idade 51-60
- ◌ Idade 61-70
- ◌ Idade 71 +

Casado – cônjuge não é membro

- ◌ Idade 18-30
- ◌ Idade 31-50
- ◌ Idade 51-60
- ◌ Idade 61-70
- ◌ Idade 71 +

Solteiro – Nunca casou

- ◌ Idade 18-30
- ◌ Idade 31-50
- ◌ Idade 51-60
- ◌ Idade 61-70
- ◌ Idade 71 +

Solteiro – Divorciado/Viúvo

- ◌ Idade 18-30
- ◌ Idade 31-50
- ◌ Idade 51-60
- ◌ Idade 61-70
- ◌ Idade 71 +

©2025 Permitido copiar para uso da igreja local.

PESQUISA DE INTERESSE PELO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

Sua faixa etária: ◌ 18-30 ◌ 31-40 ◌ 41-50 ◌ 51-60 ◌ 61-70 ◌ 71+
Gênero: ◌ M ◌ F

Dos tópicos abaixo, por favor, selecione os cinco que mais lhe interessam.

◌ Preparação para o casamento
◌ Finanças familiares
◌ Disciplina em casa
◌ Educação de adolescentes
◌ Preparação para o parto
◌ Recuperação após o divórcio
◌ Paternidade solteira
◌ Sexualidade
◌ Enriquecendo seu casamento
◌ Recuperação do luto
◌ Entendendo os temperamentos
◌ Adoração e vida devocional
◌ Comunicação
◌ Vida de adulto solteiro
◌ Melhorando a autoestima
◌ Resolvendo a raiva e o conflito
◌ Televisão e mídia
◌ Preparação para a aposentadoria
◌ Questões de dependência química
◌ Famílias reconstituídas
◌ Morte e morrer
◌ Lidando com viuvez
◌ Outros (especifique): .....

Sugestão de convidados/palestrantes: .....
Nome .....
Endereço ..... Telefone .....
Especialidade .....

Qual horário do dia e qual dia da semana são melhores para você participar de um programa de 1 hora e meia a 2 horas sobre um dos tópicos acima? (Marque os períodos apropriados.)

	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.
Manhã	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
Tarde	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
Noite	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌

©2026 Permissão concedida para cópia para uso da igreja local.

PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO PARA A VIDA FAMILIAR NA COMUNIDADE

1. Qual você acredita ser o principal problema enfrentado pelas famílias nessa comunidade no momento?

.....

2. Você consideraria participar de qualquer um dos seguintes Seminários da Vida Familiar se for oferecido nesta região? (Selecione quantos quiser.)

- ◌ Como lidar com os conflitos
- ◌ Comunicação no casamento
- ◌ Encontro ou enriquecimento conjugal
- ◌ Entendendo os filhos
- ◌ Autoestima
- ◌ Habilidades Parentais
- ◌ Lidando com adolescentes
- ◌ Curso de preparação para o parto
- ◌ Recuperação do divórcio
- ◌ Administração do estresse
- ◌ Fim de semana para vencer a solidão
- ◌ Finanças familiares
- ◌ Recuperação do luto
- ◌ Administração do tempo e prioridades na vida
- ◌ Planejamento para a aposentadoria
- ◌ Outro (especifique).....

3. Em que horário e dia da semana é melhor para você assistir a um programa com duração de uma hora e meia a duas horas sobre um dos tópicos acima? (Assinale os períodos apropriados.)

	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.
Manhã	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
Tarde	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
Noite	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌

4. Ajudará a fortalecer esta pesquisa se pudermos saber a seguinte informação a seu respeito

Gênero: ◌ M ◌ F

Idade: (Por favor, marque o grupo apropriado.)

◌ 17 ou menos ◌ 18-30 ◌ 31-40 ◌ 41-50 ◌ 51-60 ◌ 61-70 ◌ 71+

Você tem filhos com menos de 18 anos morando em sua casa? ◌ Sim ◌ Não

Estado civil:

- ◌ Nunca foi casado
- ◌ Separado
- ◌ Viúvo
- ◌ Casado
- ◌ Divorciado
- ◌ Casado novamente depois do divórcio

©2026 Permissão concedida para cópia para uso da igreja local.

MODELO DE AVALIAÇÃO

1. O que mais inspirou você nesse workshop?

.....

2. O que você aprendeu?

.....

3. Os conceitos foram apresentados de maneira clara?

.....

4. Quais atividades foram mais valiosas para você?

.....

5. Como este workshop poderia melhorar?

.....

6. Em uma escala de 1 a 5, com 1 sendo totalmente insatisfeito e 5 sendo muito satisfeito, como você avaliaria este workshop? Circule uma opção.

◌ 1	◌ 2	◌ 3	◌ 4	◌ 5
Totalmente Insatisfeito	Um pouco Insatisfeito	Um pouco Satisfeito	No geral Satisfeito	Muito Satisfeito

7. Quem respondeu esta avaliação?

Sua faixa etária: ◌ 18-30 ◌ 31-40 ◌ 41-50 ◌ 51-60 ◌ 61-70 ◌ 71+

Gênero: ◌ M ◌ F

Estado Civil:

◌ Nunca fui casado ◌ Casado
◌ Separado ◌ Divorciado
◌ Viúvo

Há quanto tempo você está casado, divorciado, separado ou viúvo?

..... anos ..... meses

Obrigado pelos seus comentários honestos; eles nos ajudarão a planejar futuros workshops!

©2026 Permissão concedida para cópia para uso da igreja local.

APÊNDICE B
DECLARAÇÕES VOTADAS

As *declarações votadas* a seguir expressam posições oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

- **AFIRMAÇÃO DO CASAMENTO 204**
- **UMA AFIRMAÇÃO SOBRE O DOM DA SEXUALIDADE DADO POR DEUS 206**
- **CRENÇA FUNDAMENTAL SOBRE O CASAMENTO E A FAMÍLIA 209**
- **DIRETRIZES PARA A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DIANTE DAS MUDANÇAS NAS ATITUDES CULTURAIS EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE E A OUTRAS PRÁTICAS SEXUAIS ALTERNATIVAS.....210**
- **DECLARAÇÃO SOBRE ABUSO SEXUAL INFANTIL.....218**
- **DECLARAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA FAMILIAR 221**
- **DECLARAÇÃO SOBRE O LAR E A FAMÍLIA.....224**
- **DECLARAÇÃO SOBRE HOMOSSEXUALIDADE 225**
- **DECLARAÇÃO SOBRE RELAÇÕES HUMANAS 226**
- **DECLARAÇÃO SOBRE RACISMO.....227**
- **DECLARAÇÃO SOBRE COMPORTAMENTO SEXUAL 229**
- **DECLARAÇÃO SOBRE A VISÃO BÍBLICA DA VIDA ANTES DO NASCIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ABORTO 231**
- **DECLARAÇÃO SOBRE O CUIDADO E A PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS 236**
- **DECLARAÇÃO SOBRE TRANSGÊNERO 239**

AFIRMAÇÃO DO CASAMENTO

As questões relativas ao casamento só podem ser vistas em sua verdadeira luz quando consideradas à luz do ideal divino para o casamento. O casamento foi estabelecido por Deus no Éden e confirmado por Jesus Cristo como uma união monogâmica e heterossexual, uma união para toda a vida, de amoroso companheirismo entre um homem e uma mulher. No ponto culminante de Sua obra criadora, Deus formou o ser humano, homem e mulher, à Sua própria imagem. Ele instituiu o casamento como uma união física, emocional e espiritual entre os dois sexos, fundamentada em uma aliança e descrita nas Escrituras como "uma só carne".

A unidade do casamento, que surge da diversidade dos dois sexos, reflete de maneira singular a unidade na diversidade da Divindade. Ao longo das Escrituras, a união heterossexual no casamento é apresentada como símbolo do vínculo entre Deus e a humanidade. Ela testemunha, no plano humano, do amor com que Deus Se entrega e da aliança que mantém com Seu povo. A união harmoniosa de um homem e uma mulher no casamento é, em pequena escala, uma expressão da unidade social, há muito reconhecida como elemento fundamental das sociedades estáveis.

Além disso, o Criador deu à sexualidade conjugal o propósito de unir o casal e de possibilitar a procriação e a continuidade da família humana. No propósito divino, a procriação nasce do mesmo processo pelo qual marido e mulher podem encontrar alegria, prazer e realização física, e está ligada a ele. Uma criança pode ser confiada ao marido e à mulher cujo amor lhes permitiu conhecer um ao outro em um vínculo sexual profundo. O filho é uma expressão viva da unidade dos pais. A criança cresce e floresce no ambiente de amor e união conjugal em que foi concebida e se beneficia do relacionamento com cada um de seus pais biológicos.

A união monogâmica de um homem e uma mulher no casamento é reconhecida como o fundamento, estabelecido por Deus, da família e da vida social e como o único contexto moralmente apropriado para a expressão sexual genital ou para outras expressões sexuais íntimas correlatas. Deus também oferece caminhos além do casamento para atender às necessidades de relacionamento e proporcionar a experiência de pertencer a uma família. A vida de solteiro e a amizade entre pessoas solteiras também fazem parte do plano divino. O companheirismo e o apoio dos amigos ocupam um lugar importante nos dois Testamentos. A comunhão da igreja, a família de Deus, está ao alcance de todos, qualquer que seja seu estado civil. As Escrituras, porém, estabelecem uma distinção clara entre a amizade e o casamento, tanto no âmbito social como no sexual.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia adere sem reservas a essa visão bíblica do casamento. Entende que rebaixar essa visão significa, na mesma medida, rebaixar o ideal celestial. O pecado corrompeu o casamento, e é preciso restaurar a pureza e a beleza com que Deus o planejou. Ao compreender a obra redentora de Cristo e a atuação de Seu Espírito no coração humano, é possível recuperar o propósito original do casamento. Assim, o homem e a mulher que unem sua vida na aliança matrimonial podem viver uma experiência conjugal alegre e saudável.

Esta declaração foi aprovada e votada pela Comissão Administrativa da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em 23 de abril de 1996.

UMA AFIRMAÇÃO SOBRE O **DOM DA SEXUALIDADE DADO POR DEUS**

Os seres humanos foram criados à imagem de um Deus relacional e feitos para desfrutar de um relacionamento íntimo com o Criador e uns com os outros (Gn 1:26, 27; Mt 22:37–39; Jo 17:3; 1Jo 4:11, 12). Desde o princípio, Deus formou a humanidade em dois sexos, masculino e feminino (Gn 1:27). Expressões magníficas de Sua criatividade, o homem e a mulher despertaram nEle profunda satisfação e intenso júbilo. Ambos eram seres sexuados por natureza, e Deus desejava que se alegrassem em sua masculinidade ou feminilidade. Ao contemplar Sua obra criadora, Deus viu que tudo era "muito bom" (Gn 1:31)! Tudo o que Ele havia feito era completo e digno. A masculinidade e a feminilidade oferecem uma base fundamental para que os seres humanos compreendam quem são e definam seus relacionamentos com Deus e uns com os outros (Sl 8:3–6; 100:3; Is 43:1, 3, 4; Jr 1:5; 1Jo 4:7, 8).

Deus criou o homem e a mulher para se complementarem (Gn 2:18, 20–22). No Éden, ambos refletiam igualmente a imagem de Deus e compartilhavam Sua bênção. Juntos, receberam a responsabilidade de governar e cuidar da Terra e de procriar (Gn 1:26–28). Foram criados com um desejo inerente um pelo outro nas dimensões física, sexual, emocional, psicológica e espiritual (Gn 2:23–25; Pv 5:18, 19; Ct 2:16, 17; 4:9). Com a criação dos sexos, cada um passou a compreender a si mesmo e ao outro (Gn 2:23).

Quando se encontraram pela primeira vez, o anseio do coração e da alma de Adão por companheirismo e comunhão íntima irrompeu em uma exclamação de alegria:

"Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2:23). Imediatamente, reconheceram-se como companheiros, pessoas que correspondiam uma à outra e eram capazes de atender às necessidades mútuas. Cada um viu no outro alguém que lhe correspondia, igual e, ao mesmo tempo, diferente. Alguém a quem amar e de quem receber amor (Gn 2:18, 20b–23).

O dom da sexualidade dado por Deus

A Bíblia apresenta uma visão integral do ser humano, sem separar corpo e espírito (Gn 2:7; Sl 63:1; 84:1, 2; 1Ts 5:23). Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a sexualidade é claramente considerada um dom precioso de Deus, a ser recebido com gratidão e desfrutado livremente no casamento (Gn 2:24,25, 25; Pv 5:15–19; Ct 2:16; 4:16–5:1; 1Co 7:1–5). A expressão sexual no casamento é apresentada como saudável e honrosa (Sl 139:13–16; Ct 4:10–16; 7:1–9; 1Co 6:19). A visão positiva das Escrituras sobre a sexualidade humana também se confirma no uso da intimidade conjugal como imagem do relacionamento de Deus com Seu povo (Is 54:5; 62:4, 5; Jr 3:14; Ez 16:8; Os 2:19, 20; Ap 19:6–9).

O propósito de Deus para o casamento é que um homem e uma mulher se unam por toda a vida por meio da promessa de uma aliança (Gn 2:24, 25; Ct 2:16; Ml 2:13, 14; Mt 19:4–6). Essa relação conjugal é descrita como uma só carne (Gn 2:24; Mt 19:5) e pressupõe a união sexual (1Co 7:1–6). As Escrituras afirmam o valor do prazer sexual entre marido e mulher por seu poder de uni-los, independentemente da procriação. Deus deseja que a relação sexual fortaleça o vínculo entre os cônjuges, enquanto compartilham companheirismo, apoio emocional, realização espiritual, alegria e prazer sexual (Gn 2:24, 25; Pv 5:15–19; Ec 9:9; Ct 4:16–5:1; Ef 5:21–33). Deus também escolheu o casamento amoroso e a união sexual como contexto para a procriação (Gn 1:28; 4:1). Esse relacionamento oferece o ambiente mais seguro para cuidar e educar os filhos (Ef 6:4).

A intimidade sexual encontra seu sentido mais profundo na relação entre marido e mulher quando esta é marcada pelo amor, pela proximidade, pela reciprocidade e pelo compromisso. No plano de Deus, a relação sexual é caracterizada pelo respeito, pelo desejo e consentimento mútuos e pela disposição amorosa de atender às necessidades um do outro (Pv 5:15–23; Ct 2:16, 17; 4:16–5:1; 7:8–10; Ml 2:15; 1Co 7:3–5). No contexto do compromisso com Cristo e um com o outro, os cônjuges tomam juntos as decisões sobre sua vida sexual. Os princípios bíblicos da submissão mútua (Ef 5:21) e da atenção cuidadosa às necessidades e aos desejos um do outro (Fp 2:4) ajudam o casal a chegar a decisões que satisfaçam a ambos. Toda prática sexual que prejudica ou ameaça a saúde e o bem-estar físico, emocional ou espiritual de um ou de ambos os cônjuges contraria a elevada visão bíblica da pessoa e o chamado a cuidar do corpo como obra e morada de Deus (Gn 2:25; Sl 63:1; 139:13–16; 1Co 3:16, 17).

Ao contemplar Sua criação, Deus observou: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2:18). O relato da criação apresenta o casamento como a resposta primeira de Deus à solidão (Gn 2:24). Em sentido mais amplo, a solidão se dissipa quando nos relacionamos com Deus e com outras pessoas por meio de vínculos que trazem satisfação mútua (Rm 14:7). Todos os seres humanos foram criados para viver em comunidade. Em Jesus Cristo, pessoas que de outra forma estariam separadas por suas diferenças se tornam uma só comunidade (Rm 12:4, 5; 1Co 12:12, 13; Gl 3:28; Ef 2:14–22; 4:1–6). As pessoas solteiras, por escolha ou por circunstância, podem viver plenamente, cultivar vínculos com familiares e amigos e glorificar a Deus como homens e mulheres solteiros (Mt 19:12; 1Co 7:7, 8). A intimidade sexual é reservada ao marido e à mulher cujo relacionamento é protegido pela promessa de uma aliança (Pv 5:15–19; Ct 2:6, 7; 3:5; 8:3, 4; 4:12; 8:8–10; Os 3:3).

Em consequência do pecado, a sexualidade foi desvalorizada e, em muitos casos, separada da intimidade, do amor e do relacionamento de aliança. Ela é um meio poderoso de criar vínculos e parte intrínseca do ser humano em sua integralidade. Por isso, sempre que é ferida, aviltada, abusada, usada de forma imprópria ou desvirtuada, as consequências afetam profundamente as pessoas e seus relacionamentos. As Escrituras denunciam com veemência essa distorção. Elas chamam os cristãos a fugir da imoralidade sexual e a buscar, pela graça de Deus, a plena restauração de Seu plano original para a sexualidade (Pv 5:15–20; Os 2:2; 6:1–3; 1Co 6:15–20; Gl 5:16–26; Ef 5:3–10, 21–33; Cl 3:1–19; 1Ts 5:23, 24).

As Escrituras condenam como pecado nossas falhas egoístas em refletir as normas divinas para a sexualidade e mostram a disposição de Jesus de perdoar quem se arrepende de pecados sexuais. O amor e o poder restaurador de Deus têm permitido que muitas pessoas passem de uma sexualidade ferida à cura, à integridade e à paz (Lc 7:36–50; Jo 4:4–28; 8:1–11).

Esta declaração teve origem na Comissão Mundial sobre Sexualidade Humana, em outubro de 1997. Foi aprovada e votada por quatro conselhos departamentais mundiais em março de 2001; Departamentos de Ministérios da Família, Ministérios da Saúde, Ministérios da Mulher e Ministérios de Capelania.

CRENÇA FUNDAMENTAL SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA

O casamento foi estabelecido por Deus no Éden e confirmado por Jesus como uma união para toda a vida entre um homem e uma mulher, em amoroso companheirismo. Para o cristão, o compromisso matrimonial é assumido tanto com Deus quanto com o cônjuge. Devem assumi-lo somente um homem e uma mulher que partilham a mesma fé. Amor, honra, respeito e responsabilidade mútuos formam a base desse relacionamento, que deve refletir o amor, a santidade, a proximidade e a permanência da relação entre Cristo e Sua igreja.

Quanto ao divórcio, Jesus ensinou que quem se divorcia do cônjuge, exceto por imoralidade sexual, e se casa com outra pessoa comete adultério. Embora alguns relacionamentos familiares fiquem aquém do ideal, um homem e uma mulher que se dedicam plenamente um ao outro em Cristo, pelo casamento, podem alcançar uma união amorosa mediante a direção do Espírito e o cuidado da igreja.

Deus abençoa a família e deseja que seus membros ajudem uns aos outros a alcançar plena maturidade. O fortalecimento dos vínculos familiares é uma das marcas da mensagem final do evangelho. Os pais devem educar seus filhos para amar e obedecer ao Senhor. Com seu exemplo e suas palavras, devem ensinar-lhes que Cristo é um guia amoroso, terno e cuidadoso, que deseja que se tornem membros de Seu corpo, a família de Deus, que acolhe tanto solteiros quanto casados.

(Gn 2:18–25; Êx 20:12; Dt 6:5–9; Pv 22:6; Ml 4:5, 6; Mt 5:31, 32; 19:3–9, 12; Mc 10:11, 12; Jo 2:1–11; 1Co 7:7, 10, 11; 2Co 6:14; Ef 5:21–33; 6:1–4.)

Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia, nº 23, O casamento e a família. Assembleia da Associação Geral, 6 de julho de 2015 (GCC 15-1046).

DIRETRIZES PARA A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA PARA **RESPONDER À MUDANÇA CULTURAL DE ATITUDES COM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE E OUTRAS PRÁTICAS SEXUAIS ALTERNATIVAS**

O IDEAL DIVINO PARA A SEXUALIDADE E O CASAMENTO

As questões relativas à sexualidade humana e ao casamento podem ser vistas em sua verdadeira luz quando consideradas no contexto do ideal divino para a humanidade. A obra criadora de Deus culminou na criação do ser humano, homem e mulher, à Sua própria imagem, e na instituição do casamento. O casamento, uma dádiva divina à humanidade, é uma união física, emocional e espiritual entre os dois sexos, fundamentada em uma aliança e descrita nas Escrituras como "uma só carne". Jesus Cristo confirmou o casamento como uma união monogâmica e heterossexual, de amoroso companheirismo entre um homem e uma mulher por toda a vida. Além disso, ao longo das Escrituras, essa união conjugal é apresentada como símbolo do vínculo entre Deus e a humanidade.

A relação harmoniosa entre um homem e uma mulher no casamento representa, em pequena escala, a unidade social, há muito reconhecida como um elemento essencial das sociedades estáveis. O Criador planejou a sexualidade conjugal para unir o casal e proporcionar alegria, prazer e realização física. Ao mesmo tempo, uma criança pode ser confiada a um marido e uma mulher cujo amor lhes permitiu conhecer um ao outro em um vínculo sexual profundo. O filho, expressão viva da unidade dos pais, floresce no ambiente de amor e união conjugal e se beneficia do relacionamento com cada um de seus pais biológicos.

A união monogâmica de um homem e uma mulher no casamento é reconhecida como o fundamento, estabelecido por Deus, da família e da vida social e como o único

contexto moralmente apropriado para a expressão sexual íntima.1 A vida de solteiro e a amizade entre pessoas solteiras também fazem parte do plano divino. As Escrituras estabelecem uma distinção entre a conduta apropriada nas relações de amizade e a conduta sexual no casamento.

Infelizmente, o pecado corrompeu a sexualidade humana e o casamento. Por isso, as Escrituras tratam dos aspectos positivos da sexualidade humana e também de suas expressões impróprias e dos efeitos negativos que elas têm sobre as pessoas e a sociedade. Elas advertem contra comportamentos sexuais destrutivos como fornicação, adultério, intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo, incesto e poligamia (ver, por exemplo, Mt 19:1–12; 1Co 5:1–13; 6:9–20; 7:10–16, 39; Hb 13:4; Ap 22:14, 15) e chamam as pessoas a fazer o que é bom, saudável e benéfico.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia adere sem reservas ao ideal divino de relações sexuais puras, honrosas e amorosas no casamento heterossexual. Entende que rebaixar essa elevada visão é prejudicial à humanidade. A Igreja também crê que se deve dar destaque à pureza e à beleza do casamento conforme planejado por Deus. Por meio da obra redentora de Cristo, é possível recuperar o propósito original do casamento. Assim, o homem e a mulher que unem sua vida em uma aliança matrimonial para toda a vida podem viver uma experiência conjugal alegre e saudável.

A IGREJA E A SOCIEDADE

A Igreja Adventista do Sétimo Dia acredita que foi chamada à existência por Deus para proclamar o evangelho eterno ao mundo inteiro e convidar pessoas em todos os lugares a estarem prontas para a segunda vinda de Jesus. A Igreja persegue a missão de Deus em todo o mundo, atualmente ensinando, pregando, cuidando e servindo em mais de 200 nações. Ela resume essas crenças, no entanto, em uma Declaração de Crenças Fundamentais, atualmente em número de 28. Essencial para a compreensão da Igreja sobre o plano de Deus para ordenar a sociedade humana é o seu ensinamento sobre "Casamento e Família". [2]

Como os adventistas do sétimo dia vivem, trabalham e ministram em todas as partes do mundo, os membros adventistas de forma individual e as instituições pelas quais a Igreja cumpre a missão de Deus se relacionam e interagem com todos os níveis de governo humano. Obedientes às leis promulgadas pelo governo civil, e sempre que moralmente possível, os membros adventistas do sétimo dia e as organizações da Igreja procurarão estar sujeitos às autoridades governamentais, mesmo que busquem conselhos sobre como responder quando as reivindicações do governo entrarem em conflito com as verdades da Bíblia e as Crenças Fundamentais da Igreja.

A RELAÇÃO DA IGREJA COM A LEGISLAÇÃO CIVIL SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E COMPORTAMENTOS SEXUAIS ALTERNATIVOS

A Palavra de Deus contém numerosas instruções e exemplos sobre a relação do cristão com a autoridade e a jurisdição do governo civil. Como reconhece a Palavra de Deus em sua totalidade como autoridade máxima em matéria de verdade, doutrina e modo de vida, a Igreja Adventista do Sétimo Dia procura refletir, em seu ensino e em sua prática, a mensagem completa das Escrituras sobre o relacionamento adequado com o governo civil. Para esse fim, a Igreja orienta periodicamente seus membros, líderes e instituições quando as exigências do governo civil e os ensinamentos da Bíblia parecem entrar em conflito. Este documento trata da crescente divergência entre as normas adotadas por alguns governos civis e as crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre quais comportamentos sexuais são aceitáveis.

Os princípios a seguir, embora não sejam exaustivos, orientam a aplicação coerente das verdades bíblicas pela Igreja às sociedades e culturas em que atua e aos governos com os quais se relaciona. Eles são especialmente importantes para que um ministério ou uma organização da Igreja formule uma resposta adequada quando qualquer instância do governo civil tentar impor à Igreja sua própria compreensão de quais práticas sexuais são legal e moralmente aceitáveis.

1. **Todos os governos humanos existem através da provisão e permissão de Deus.** O apóstolo Paulo claramente instrui tanto os cristãos individuais quanto a Igreja a se colocarem voluntariamente em submissão aos governos humanos que foram ordenados por Deus para preservar as liberdades dadas por Deus, promover a justiça, preservar a ordem social e cuidar dos desfavorecidos (veja Rom. 13: 1-3). Na medida em que agem de acordo com os valores e princípios articulados na Palavra de Deus, os governos civis merecem o respeito e a obediência dos crentes individuais e da Igreja corporativa. Sempre que possível, membros adventistas do sétimo dia e organizações da Igreja em um determinado estado ou nação procurarão, por seu comportamento e declarações, serem entendidos como cidadãos leais, participando dos direitos e responsabilidades da cidadania. Além disso, os crentes são instruídos a orar por aqueles que têm autoridade civil (1 Tim. 2:1, 2) para que os crentes possam praticar as virtudes do reino de Deus.
2. **Embora a autoridade do governo humano seja derivada da autoridade de Deus, as reivindicações e jurisdições dos governos humanos não constituem a autoridade final para os crentes individuais ou para a Igreja.** Tanto os cristãos quanto a Igreja devem sua lealdade suprema ao próprio Deus. Quando as exigências do governo civil entram em conflito direto com os ensinamentos da Palavra de Deus conforme compreendidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja e seus membros estão obrigados por essa mesma Palavra a obedecer aos preceitos divinos acima dos preceitos do governo humano (At 5:29). Essa lealdade

superior se aplica especificamente à exigência governamental que contradiz a Palavra de Deus. Em outros assuntos, permanece integralmente a obrigação da Igreja e de cada cristão de viver em sujeição à autoridade civil.

3. **Como os cristãos e a Igreja organizada desfrutam dos direitos e das liberdades concedidos por Deus e reconhecidos pelo governo civil, podem participar plenamente dos processos pelos quais as sociedades organizam a vida social, mantêm a ordem pública e eleitoral e estruturam as relações civis.** Isso pode incluir a exposição clara das crenças da Igreja em questões como (1) a preservação da liberdade de consciência, (2) a proteção dos mais frágeis e desfavorecidos, (3) a responsabilidade do Estado de promover a justiça e os direitos humanos, (4) a instituição divina do casamento entre um homem e uma mulher e a família que resulta dessa união e (5) o valor dos princípios e das práticas de saúde dados por Deus para o bem-estar social e econômico do Estado. Os adventistas do sétimo dia, assim como as congregações, instituições e entidades por meio das quais cumprem a missão recebida de Deus, devem preservar seus direitos e privilégios diante da oposição à sua fidelidade aos ensinamentos bíblicos.

   Com uma longa história de defesa da liberdade religiosa e de culto no mundo todo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia defende o direito de todas as pessoas, de qualquer fé, de seguir os ditames da própria consciência e de participar das práticas religiosas que sua fé lhes prescreve.

4. **Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia crê e põe em prática uma compreensão integral do evangelho de Jesus Cristo, suas organizações de evangelismo, educação, publicação, assistência médica e outras áreas ministeriais são expressões integrais e inseparáveis do cumprimento da comissão dada por Jesus:** "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28:19, 20, ARA). Embora as congregações, os ministérios de publicação e comunicação, as instituições de ensino, os hospitais, os centros médicos e as organizações ministeriais adventistas tenham aparentes semelhanças com outras instituições sociais e culturais, historicamente foram organizados e continuam sendo organizados com base na fé e na missão. Existem com o propósito expresso de comunicar o conhecimento salvador de Jesus Cristo por diversos meios e iniciativas e de promover a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Devem desfrutar de todos os privilégios e de todas as liberdades conferidos à organização religiosa da qual são parte essencial. A Igreja Adventista do Sétimo Dia afirma e defende com firmeza o caráter inseparável de suas diferentes formas de missão e insta todos os governos civis a reconhecerem, para

cada uma de suas organizações e entidades, os direitos de consciência e de livre prática religiosa afirmados na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas e garantidos na Constituição da maioria dos países.

5. **No relacionamento com os governos civis e com a sociedade, tanto a Igreja quanto cada adventista do sétimo dia devem agir como representantes do reino de Cristo, demonstrando Seu amor, humildade, honestidade, disposição para a reconciliação e compromisso com as verdades da Palavra de Deus.** Todo ser humano, seja qual for seu gênero, raça, nacionalidade, classe social, fé ou orientação sexual, merece ser tratado com respeito e dignidade pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e pelas entidades e organizações por meio das quais ela cumpre a missão de Deus. Como se define como o corpo de Cristo, que morreu por nós, "sendo nós ainda pecadores" (Rm 5:8, ARA), a Igreja adota os mais elevados padrões de linguagem e conduta no trato com todas as pessoas. Reconhecendo que Deus é o Juiz supremo de todos, a Igreja crê que todas as pessoas têm a oportunidade de fazer parte do reino dos Céus ao reconhecer e abandonar sua condição pecaminosa, confessar Cristo como Senhor, aceitar a justiça dEle em lugar da própria, procurar obedecer a Seus mandamentos e seguir Seu exemplo de serviço. A Igreja afirma seu direito de declarar que determinados comportamentos, modos de vida e organizações que os promovem contrariam a Palavra de Deus. Cabe também à Igreja distinguir claramente sua crítica a essas crenças e comportamentos do respeito pelas pessoas que os manifestam. A Igreja reprova e não admite que suas declarações públicas sobre questões de interesse social sejam feitas com desprezo ou de modo a humilhar verbalmente aqueles de quem discorda. Ao exercer suas liberdades, a Igreja deve se expressar publicamente com a graça que Jesus sempre demonstrou. Todas as entidades e organizações adventistas, assim como cada membro da Igreja, são chamados a demonstrar respeito por pessoas ou grupos de cujos comportamentos e opiniões precisem discordar por fidelidade à Palavra de Deus. A Igreja conquista credibilidade para participar de questões sociais e nacionais difíceis ao se identificar claramente como uma instituição voltada à redenção. À luz desses princípios extraídos da Palavra de Deus, a Igreja Adventista do Sétimo Dia procura orientar congregações, organizações e entidades da Igreja, assim como seus dirigentes. A complexidade das respostas dos governos civis à realidade da homossexualidade e de outras práticas sexuais alternativas na sociedade contemporânea reforça a importância dessa orientação.

OS DESAFIOS DA LEGISLAÇÃO DO ESTADO

Em um número crescente de países, governos adotam medidas legislativas ou judiciais específicas para prevenir o que consideram comportamento discriminatório.

Essas medidas às vezes parecem restringir o exercício da liberdade religiosa de pastores, líderes e organizações da Igreja Adventista do Sétimo Dia para contratar pessoas, celebrar casamentos, oferecer benefícios trabalhistas, publicar materiais missionários, fazer declarações públicas e oferecer educação ou moradia estudantil de acordo com o ensino adventista de que as condutas sexuais proibidas pelas Escrituras são pecado.

Por outro lado, em diversos países, práticas homossexuais ou práticas sexuais alternativas estão sujeitas a penas severas previstas em lei. Embora as instituições e os membros adventistas possam defender a preservação, em suas sociedades e em suas leis, do casamento heterossexual como instituição singular estabelecida por Deus, é posição da Igreja tratar as pessoas que adotam práticas sexuais homossexuais ou alternativas com o amor redentor que Jesus ensinou e viveu.

AS LIBERDADES MORAIS E RELIGIOSAS DA IGREJA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia encorajará todas as suas congregações, funcionários, líderes de ministérios, organizações e entidades a manterem os ensinamentos da igreja e as práticas baseadas na fé na membresia da Igreja, emprego, educação e cerimônias de casamento, inclusive oficiando casamentos. Esses ensinamentos e práticas baseadas na fé, construídos sobre as instruções da Bíblia sobre a sexualidade humana, são igualmente aplicáveis aos relacionamentos heterossexuais e homossexuais. É inconsistente com o entendimento da Igreja do ensino bíblico admitir ou manter como membros pessoas que praticam comportamentos sexuais incompatíveis com os ensinamentos bíblicos. Tampouco é aceitável que pastores ou igrejas adventistas ofereçam serviços de casamento ou instalações para casais do mesmo sexo.

Ao defender esses padrões bíblicos, a Igreja confia nas isenções baseadas na fé geralmente estendidas pelo governo civil a organizações religiosas e seus ministérios afiliados para se organizarem de acordo com sua compreensão da verdade moral. A Igreja também tentará fornecer aconselhamento jurídico e recursos aos líderes, organizações e entidades da Igreja para que operem em harmonia com sua compreensão bíblica da sexualidade humana.

Os líderes congregacionais, funcionários da Igreja, líderes de ministérios e instituições são aconselhados a revisar cuidadosamente as políticas existentes da Igreja com relação a membresia, emprego e educação para garantir que as práticas locais estejam em harmonia com os ensinamentos expressos da Igreja sobre comportamento sexual. A expressão consistente e a aplicação de políticas organizacionais e ensinamentos sobre tal comportamento serão uma característica fundamental para manter as isenções baseadas na fé habitualmente permitidas pelos governos civis.

DECISÕES DE CONTRATAÇÃO E MATRÍCULA FUNDAMENTADAS NA FÉ

A Igreja Adventista do Sétimo Dia afirma e reserva-se o direito de suas entidades empregarem indivíduos de acordo com o ensino da Igreja sobre comportamentos sexuais compatíveis com o ensino das Escrituras conforme entendido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora cada instituição e ministério opere em sua própria sociedade e ambiente legal, cada um também expressa o sistema de crença mundial e os ensinamentos da Igreja global. A Igreja mantém o direito desses ministérios e instituições de tomar decisões com base no ensino das Escrituras e fornecerá revisão legal das leis e ordenanças relevantes.

Sempre que possível, a Igreja continuará a defender, tanto no legislativo quanto nos tribunais, práticas preferenciais de contratação e inscrição baseadas na fé para si e seus ministérios.

A IGREJA E A MANIFESTAÇÃO PÚBLICA

A Igreja afirma o direito de expressar seu compromisso com a verdade bíblica por meio da comunicação que disponibiliza a seus membros e a diversos públicos, bem como de defender o direito de liberdade de expressão de seus funcionários para expressar o ensinamento da Igreja sobre comportamento sexual em ambientes públicos, incluindo cultos, reuniões evangelísticas, salas de aula educacionais e fóruns públicos. Os líderes da Igreja aceitam a responsabilidade de manter a si mesmos e aos funcionários da Igreja informados sobre as regulamentações governamentais sobre discurso aceitável e convidar a uma revisão legal periódica de como essas regulamentações devem afetar a missão da Igreja. Os responsáveis pela comunicação oficial da Igreja e aqueles que pregam e ensinam devem enfatizar a importância de entregar todo comportamento, inclusive o sexual, ao poder transformador de Jesus Cristo. O padrão tanto para o material publicado quanto para as declarações públicas sobre comportamentos sexuais deve ser que eles sejam amplamente entendidos como “claros e respeitosos”, expressando a verdade bíblica com a bondade do próprio Jesus.

Para que o padrão de comunicação “clara e respeitosa” seja aplicado de maneira coerente, a Igreja insta todos os seus ministérios, entre eles os pastorais e evangelísticos, os educacionais, os de publicação e comunicação e os de saúde e assistência médica, a oferecer periodicamente formação e orientação aos funcionários que se relacionam com o público por meio da mídia e de apresentações públicas. A formação deve incluir uma revisão das leis nacionais ou locais em vigor sobre manifestações públicas relativas à conduta sexual e exemplos de maneiras apropriadas de comunicar as crenças e os ensinamentos da Igreja.

NOTAS

[1] Veja as Declarações Oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre "Uniões do mesmo sexo" e "Homossexualidade."

[2] Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia, "Casamento e Família" No. 23.

Estas diretrizes foram aprovadas e votadas pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia na Reunião de Primavera de 2014.

DECLARAÇÃO SOBRE ABUSO SEXUAL INFANTIL

O abuso sexual infantil ocorre quando uma pessoa mais velha ou mais forte do que a criança usa seu poder, autoridade ou posição de confiança para envolver a criança em comportamento ou atividade sexual. Incesto, uma forma específica de abuso sexual infantil, é definido como qualquer atividade sexual entre uma criança e um dos pais, um irmão, um membro da família ou um padrasto/pai substituto.

Os abusadores sexuais podem ser homens ou mulheres e podem ser de qualquer idade, nacionalidade ou nível socioeconômico. Frequentemente, são homens que são casados e têm filhos, têm empregos respeitáveis e podem ser frequentadores regulares da igreja. É comum que os infratores neguem fortemente seu comportamento abusivo, se recusem a ver suas ações como um problema e racionalizem seu comportamento ou atribuem a culpa a algo ou outra pessoa. Enquanto é verdade que muitos abusadores exibem inseguranças profundamente enraizadas e baixa autoestima, esses problemas nunca devem ser aceitos como uma desculpa para abusar sexualmente de uma criança. A maioria das autoridades concorda que o verdadeiro problema do abuso sexual infantil está mais relacionado ao desejo de poder e controle do que de sexo.

Quando Deus criou a família humana, Ele começou com um casamento entre um homem e uma mulher baseado no amor e confiança mútua. Esse relacionamento ainda é destinado a fornecer a base para uma família estável e feliz, na qual a dignidade, o valor e a integridade de cada membro da família sejam protegidos e mantidos. Cada criança, seja

menino ou menina, deve ser considerada um presente de Deus. Os pais têm o privilégio e a responsabilidade de prover nutrição, proteção e cuidado físico para os filhos que Deus lhes confiou. As crianças devem ser capazes de honrar, respeitar e confiar em seus pais e outros membros da família sem o risco de abuso.

A Bíblia condena o abuso sexual infantil nos termos mais fortes possíveis. Ela vê qualquer tentativa de confundir, borrar ou denegrir as fronteiras pessoais, geracionais ou de gênero por meio de comportamento sexualmente abusivo como um ato de traição e uma violação grosseira da personalidade. Ela condena abertamente os abusos de poder, autoridade e responsabilidade porque eles atingem o âmago dos sentimentos mais profundos das vítimas sobre si mesmas, sobre os outros e Deus, e destroem sua capacidade de amar e confiar. Jesus usou uma linguagem forte para condenar as ações de qualquer pessoa que, por meio de palavras ou atos, leva uma criança a tropeçar.

A comunidade cristã adventista não está imune ao abuso sexual infantil. Acreditamos que os princípios da fé adventista do sétimo dia exigem que estejamos ativamente envolvidos em sua prevenção. Também estamos comprometidos em ajudar espiritualmente os indivíduos abusados e abusivos e suas famílias em seu processo de cura e recuperação, e de responsabilizar os profissionais e líderes leigos da igreja por manterem seu comportamento pessoal de acordo com o apropriado para pessoas em posições de liderança espiritual e confiança.

Como Igreja acreditamos que nossa fé nos convoca para:

- Sustentar os princípios de Cristo nas relações familiares, nas quais o respeito próprio, a dignidade e a pureza das crianças são reconhecidas como direitos divinamente determinados.
- Proporcionar uma atmosfera onde as crianças que sofreram abuso possam se sentir seguras ao relatar o abuso sexual, e possam sentir que alguém as ouvirá.
- Tornar-se totalmente informado sobre o abuso sexual e seu impacto na comunidade de nossa igreja.
- Ajudar os ministros e líderes leigos a reconhecer os sinais de advertência de abuso sexual infantil, e saber como responder apropriadamente quando houver suspeita de abuso ou quando uma criança relatar estar sendo abusada sexualmente.
- Estabelecer relações de referência com conselheiros profissionais e serviços locais de atendimento a vítimas de violência sexual que possam, com suas habilidades profissionais, auxiliar as vítimas de abuso e suas famílias.
- Criar regulamentos e diretrizes nos níveis apropriados, para auxiliar os líderes da igreja em:
    - Esforçar-se para tratar com justiça as pessoas acusadas de abusar sexualmente de crianças.
    - Responsabilizar os abusadores por suas ações e administrar a disciplina apropriada.

- Apoiar a educação e o enriquecimento de famílias e membros da família a:
  a. Dissipar crenças religiosas e culturais comumente aceitas, que podem ser usadas para justificar ou acobertar o abuso sexual infantil.
  b. Construir um senso saudável de valor pessoal em cada criança, para que a capacite a respeitar a si mesma e aos outros.
  c. Promover relacionamentos cristãos entre homens e mulheres no lar e na igreja.
- Fornecer apoio cuidadoso e um ministério redentor baseado na fé dentro da comunidade da igreja para sobreviventes de abuso e abusadores, capacitando-os a acessar a rede disponível de recursos profissionais na comunidade.
- Incentivar o treinamento de mais profissionais da família para facilitar o processo de cura e recuperação de vítimas de abuso e perpetradores.

(A declaração acima é informada por princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Gên. 1:26 28; 2:18-25; Lev. 18:20; II Sam. 13:1-22; Mat. 18:6-9; I Cor. 5:1-5; Ef. 6:1-4; Col. 3:18-21; I Tim. 5:5-8).

Esta declaração foi votada durante a Reunião de Primavera da Comissão Executiva da Associação Geral, na terça-feira, 1º de abril de 1997, em Loma Linda, Califórnia.

DECLARAÇÃO SOBRE **VIOLÊNCIA FAMILIAR**

A violência familiar envolve a agressão de qualquer tipo - verbal, física, emocional, sexual ou negligência ativa ou passiva - que é cometida por uma pessoa ou pessoas contra outra dentro de uma família, quer sejam casados, parentes, vivendo juntos ou separados, ou divorciados. Pesquisas internacionais atuais indicam que a violência familiar é um problema global. Ocorre entre indivíduos de todas as idades e nacionalidades, em todos os níveis socioeconômicos e em famílias de todos os tipos de origens religiosas e não religiosas. A taxa geral de incidência tem sido considerada semelhante para comunidades urbanas, suburbanas e rurais.

A violência familiar se manifesta de várias maneiras. Por exemplo, pode ser um ataque físico ao cônjuge. Ataques emocionais, como ameaças verbais, episódios de raiva, depreciação do caráter e exigências irreais de perfeição também são um abuso. Pode assumir a forma de coerção física e violência no relacionamento sexual conjugal, ou a ameaça de violência por meio do uso de comportamento verbal ou não verbal intimidatório. Inclui comportamento como incesto e maus tratos ou negligência dos filhos menores por um dos pais ou outro tutor que resulte em ferimentos ou danos. A violência contra os idosos pode ser vista em abuso ou negligência física, psicológica, sexual, verbal, material e médica.

A Bíblia indica claramente que a marca distintiva dos crentes cristãos é a qualidade de seus relacionamentos humanos na igreja e na família. Está no espírito de Cristo amar e aceitar, procurar afirmar e edificar os outros, em vez de abusar ou destruir uns aos outros. Não há lugar entre os seguidores de Cristo para o controle tirânico e o abuso de poder ou autoridade. Motivados por seu amor a Cristo, Seus discípulos são chamados a mostrar respeito e preocupação pelo bem-estar dos outros, a aceitar homens e mulheres como iguais e a reconhecer que toda pessoa tem o direito ao respeito e à dignidade. A falha em se relacionar com os outros desta forma viola sua personalidade e desvaloriza os seres humanos criados e redimidos por Deus.

O apóstolo Paulo se refere à igreja como "a família da fé", que funciona como uma família estendida, oferecendo aceitação, compreensão e conforto a todos, especialmente aos que estão sofrendo ou em desvantagem. As Escrituras retratam a igreja como uma família na qual o crescimento pessoal e espiritual pode ocorrer enquanto os sentimentos de traição, rejeição e tristeza dão lugar a sentimentos de perdão, confiança e integridade. A Bíblia também fala da responsabilidade pessoal do cristão de proteger o seu corpo, seu templo, contra a profanação, porque é o lugar da morada de Deus.

Lamentavelmente, a violência familiar ocorre em muitos lares cristãos. Isso nunca pode ser tolerado. Afeta gravemente a vida de todos os envolvidos e frequentemente resulta em percepções distorcidas de Deus, de si mesmo e dos outros a longo prazo.

Acreditamos que a igreja tem a responsabilidade de:

1. Cuidar das pessoas envolvidas na violência familiar e responder às suas necessidades:
    - Ouvir e aceitar aqueles que sofrem abuso, amando-os e afirmando-os como pessoas de valor.
    - Destacar as injustiças do abuso e falar em defesa das vítimas, tanto na comunidade de fé quanto na sociedade.
    - Oferecer um ministério de cuidado e de apoio às famílias afetadas pela violência e abuso, buscando capacitar tanto as vítimas quanto os perpetradores a terem acesso a aconselhamento com profissionais Adventistas do Sétimo Dia, onde estiverem disponíveis, ou outros recursos profissionais na comunidade.
    - Incentivar o treinamento e a disponibilização de serviços profissionais certificados e Adventistas do Sétimo Dia, para membros da igreja e comunidades vizinhas.
    - Oferecer um ministério de reconciliação quando o arrependimento do perpetrador torna possível a contemplação do perdão e a restauração nos relacionamentos. O arrependimento sempre inclui a aceitação da total responsabilidade pelos erros cometidos, a disposição de fazer a restituição de todas as maneiras possíveis e as mudanças de comportamento para eliminar o abuso.
    - Focar, a luz do evangelho, na natureza de marido-mulher, pai-filho e outros relacionamentos íntimos e capacitar indivíduos e famílias para crescer em direção aos ideais de Deus em suas vidas juntos.
    - Proteger-se contra o ostracismo das vítimas ou perpetradores dentro da família ou comunidade da igreja, enquanto responsabiliza firmemente os perpetradores por suas ações.

2. Fortalecer a vida familiar:
    - Oferecendo educação para a vida familiar, orientada para a graça e inclui uma compreensão bíblica da mutualidade, igualdade e respeito indispensáveis nos relacionamentos cristãos.
    - Aumentando a compreensão dos fatores que contribuem para a violência familiar.
    - Desenvolvendo maneiras de evitar o abuso e a violência e o ciclo recorrente frequentemente observado nas famílias e através das gerações.
    - Retificando as crenças religiosas e culturais comumente defendidas, que podem ser usadas para justificar ou encobrir a violência familiar. Por exemplo, enquanto os pais sejam instruídos por Deus a corrigir redentoramente seus filhos, esta responsabilidade não dá licença para o uso de medidas disciplinares severas e punitivas.

3. Aceitar nossa responsabilidade moral de estar alerta e responsivo ao abuso dentro das famílias de nossas congregações e comunidades, e declarar que tal comportamento abusivo é uma violação dos padrões cristãos adventistas do sétimo dia. Quaisquer indicações ou informações de abuso não devem ser minimizadas, mas seriamente consideradas. O fato de os membros da igreja permanecerem indiferentes e acomodados significa tolerar, perpetuar e possivelmente estender a violência familiar.

Se devemos viver como filhos da luz, devemos iluminar as trevas onde a violência familiar ocorre em nosso meio. Devemos cuidar uns dos outros, mesmo quando seria mais fácil não nos envolvermos.

(A declaração acima é informada por princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Êx. 20:12; Mat. 7:12; 20:25-28; Mar. 9:33-45; Jo. 13:34; Rom. 12:10, 13; I Cor. 6:19; Gál. 3:28; Ef. 5:2, 3, 21-27; 6:1-4; Col. 3:12-14; I Tes. 5:11; I Tim. 5:5-8).

Esta declaração foi votada pela Comissão Administrativa da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em 27 de agosto de 1996 e pela Comissão Executiva da Associação Geral no Concílio Anual em San Jose, Costa Rica, de 1 a 10 de outubro de 1996.

DECLARAÇÃO SOBRE
LAR E FAMÍLIA

A saúde e a prosperidade da sociedade estão diretamente relacionadas ao bem-estar de suas partes constituintes - a unidade familiar. Hoje, como provavelmente nunca antes, a família está com problemas. Os comentaristas sociais condenam a desintegração da vida familiar moderna. O conceito cristão tradicional de casamento entre um homem e uma mulher está sob ataque. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, neste momento de crise familiar, incentiva cada membro da família a fortalecer sua dimensão espiritual e relacionamento familiar por meio do amor mútuo, honra, respeito e responsabilidade.

A Crença Fundamental nº 22 da igreja, baseada na Bíblia, afirma que o relacionamento conjugal "deve refletir o amor, a santidade, a intimidade e a permanência do relacionamento entre Cristo e Sua igreja. ...Embora alguns relacionamentos familiares possam ficar aquém do ideal, os cônjuges que se comprometem totalmente um com o outro em Cristo, podem alcançar a unidade no amor por meio da orientação do Espírito e da nutrição da igreja. Deus abençoa a família e deseja que seus membros ajudem uns aos outros até a maturidade completa. Os pais devem educar os filhos para amar e obedecer ao Senhor. Por seu exemplo e suas palavras, devem ensinar-lhes que Cristo é um disciplinador amoroso, sempre terno e cuidadoso, que deseja que eles se tornem membros de Seu corpo, a família de Deus".

Ellen G. White, uma das fundadoras da igreja, declarou: "A obra dos pais é a base de toda outra obra. A SOCIEDADE compõe-se de famílias, e é o que a façam os chefes de família. Do coração "procedem as saídas da vida" (Prov. 4:23); e o coração da comunidade, da igreja e da nação é o lar. A felicidade da SOCIEDADE, o êxito da igreja e a prosperidade da nação dependem das influências domésticas" (A Ciência do Bom Viver, p. 349).

Esta declaração pública foi lançada pelo presidente da Associação Geral, Neal C. Wilson, após consulta com os 16 vice-presidentes mundiais dos Adventistas do Sétimo Dia, em 27 de junho de 1985, na sessão da Associação Geral em New Orleans, Louisiana.

DECLARAÇÃO SOBRE **HOMOSSEXUALIDADE**

A Igreja Adventista do Sétimo Dia reconhece que todo ser humano é valioso aos olhos de Deus, e buscamos ministrar a todos, homens e mulheres, no espírito de Jesus. Também acreditamos que, pela graça de Deus e com o encorajamento da comunidade de fé, um indivíduo pode viver em harmonia com os princípios da Palavra de Deus. Os adventistas do sétimo dia acreditam que a intimidade sexual pertence apenas ao relacionamento marital entre um homem e uma mulher. Este foi o design estabelecido por Deus na criação. As Escrituras declaram: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne" (Gên. 2:24, NVI). Ao longo das Escrituras, esse padrão heterossexual é afirmado. A Bíblia não faz concessões para atividades ou relacionamentos homossexuais. Atos sexuais fora do círculo de um casamento heterossexual são proibidos (Lev. 18:5-23, 26; Lev. 20:7-21; Rom. 1:24-27; 1Cor. 6:9-11). Jesus Cristo reafirmou a intenção divina na criação: "'Vocês não leram', respondeu ele, 'que no princípio o Criador "os fez homem e mulher", e disse: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne"? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne'" (Mat. 19:5, NVI). Por essas razões, os adventistas do sétimo dia são contrários às práticas e relacionamentos homossexuais.

Jesus afirmou a dignidade de todos os seres humanos e estendeu-se compassivamente a pessoas e famílias sofrendo as consequências do pecado. Ele ofereceu ministério cuidadoso e palavras de consolo às pessoas em dificuldades, diferenciando Seu amor pelos pecadores de Seu ensino claro sobre práticas pecaminosas. Como Seus discípulos, os adventistas do sétimo dia se esforçam para seguir a instrução e o exemplo do Senhor, vivendo uma vida de compaixão e fidelidade semelhante à de Cristo.

Esta declaração foi votada durante o Conselho Anual do Comitê Executivo da Conferência Geral em domingo, 3 de outubro de 1999, em Silver Spring, Maryland. Revisada pelo Comitê Executivo da Conferência Geral em 17 de outubro de 2012.

DECLARAÇÃO SOBRE **RELAÇÕES HUMANAS**

Os Adventistas do Sétimo Dia lamentam e buscam combater todas as formas de discriminação baseadas em raça, tribo, nacionalidade, cor ou gênero. Acreditamos que cada pessoa foi criada à imagem de Deus, que fez todas as nações de um só sangue (Atos 17:26). Procuramos realizar o ministério reconciliador de Jesus Cristo, que morreu pelo mundo inteiro para que nele "não haja nem judeu, nem grego" (Gálatas 3:28). Qualquer forma de racismo compromete o cerne do evangelho cristão.

Um dos aspectos mais preocupantes de nossos tempos é a manifestação de racismo e tribalismo em muitas sociedades, às vezes com violência, sempre denegrindo homens e mulheres. Como um corpo mundial em mais de 200 nações, os Adventistas do Sétimo Dia buscam manifestar aceitação, amor e respeito para com todos, e disseminar essa mensagem curadora por toda a sociedade.

A igualdade de todas as pessoas é um dos princípios de nossa igreja. Nosso Fundamento de Fé Nº. 13 declara: "Em Cristo, somos uma nova criação; distinções de raça, cultura, aprendizado e nacionalidade, e diferenças entre alto e baixo, rico e pobre, homem e mulher, não devem nos dividir. Somos todos iguais em Cristo, que pelo mesmo Espírito nos uniu em uma comunhão com Ele e uns com os outros; devemos servir e ser servidos sem parcialidade ou reserva."

Esta declaração foi aprovada e votada pelo Comitê Administrativo da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (ADCOM) e foi divulgada pelo Escritório do Presidente, Robert S. Folkenberg, na Sessão da Conferência Geral em Utrecht, Países Baixos, de 29 de junho a 8 de julho de 1995.

DECLARAÇÃO SOBRE **RACISMO**

Uma das mazelas odiosas do nosso tempo é o racismo, a crença ou prática que considera ou trata certos grupos raciais como inferiores e, portanto, justificadamente objeto de dominação, discriminação e segregação.

Enquanto o pecado do racismo é um fenômeno antigo baseado na ignorância, medo, alienação e orgulho falso, algumas de suas manifestações mais feias ocorreram em nosso tempo. O racismo e preconceitos irracionais operam em um círculo vicioso. O racismo está entre os piores preconceitos arraigados que caracterizam seres humanos pecadores. Suas consequências geralmente são mais devastadoras porque o racismo pode se tornar facilmente permanentemente institucionalizado e legalizado, e em suas manifestações extremas pode levar à perseguição sistemática e até genocídio.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia repudia todas as formas de racismo, incluindo a política do apartheid com sua segregação imposta e discriminação legalizada.

Os Adventistas do Sétimo Dia desejam ser fiéis ao ministério reconciliador atribuído à igreja cristã. Como uma comunidade mundial de fé, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deseja testemunhar e manifestar em suas próprias fileiras a unidade e o amor que transcendem as diferenças raciais e superam a alienação passada entre raças.

As Escrituras ensinam claramente que cada pessoa foi criada à imagem de Deus, que "de um só fez toda a raça humana, para habitar sobre toda a face da terra" (Atos 17:26). A discriminação racial é uma ofensa contra nossos semelhantes, que foram

criados à imagem de Deus. Em Cristo “não há judeu nem grego” (Gálatas 3:28). Portanto, o racismo é realmente uma heresia e, essencialmente, uma forma de idolatria, pois limita a paternidade de Deus ao negar a fraternidade de toda a humanidade e ao exaltar a superioridade da própria raça.

O padrão para os cristãos adventistas do sétimo dia é reconhecido na Declaração de Fé Fundamental da igreja, Nº 13, "Unidade no Corpo de Cristo". Aqui, é apontado: "Em Cristo, somos uma nova criação; as distinções de raça, cultura, aprendizado e nacionalidade, e as diferenças entre alto e baixo, rico e pobre, homem e mulher, não devem ser divisivas entre nós. Todos somos iguais em Cristo, que pelo Espírito nos uniu em uma comunhão com Ele e entre nós; devemos servir e ser servidos sem parcialidade ou reservas.”

Qualquer outra abordagem destrói o cerne do evangelho cristão.

Esta declaração pública foi divulgada pelo presidente da Conferência Geral, Neal C. Wilson, após consulta com os 16 vice-presidentes mundiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 27 de junho de 1985, na sessão da Associação Geral em Nova Orleans, Louisiana.

DECLARAÇÃO SOBRE COMPORTAMENTO SEXUAL

No Seu amor e sabedoria infinitos, Deus criou a humanidade, tanto homem quanto mulher, e, ao fazer isso, estabeleceu a sociedade humana sobre a firme base de lares e famílias amorosas. No entanto, o propósito de Satanás é perverter cada coisa boa; e a perversão do melhor inevitavelmente leva ao que há de pior. Sob a influência de paixões não contidas por princípios morais e religiosos a associação entre os sexos degenerou, em uma extensão profundamente perturbadora, em licenciosidade e abuso que resultam em servidão. Com a ajuda de muitos filmes, programas de televisão, vídeos, programas de rádio e materiais impressos, o mundo está sendo conduzido a novas profundezas de vergonha e depravação. Não apenas a estrutura básica da sociedade está sendo gravemente danificada, mas também a desintegração da família fomenta outras grandes maldades. Os resultados em vidas distorcidas de crianças e jovens são angustiantes e provocam nossa compaixão, e os efeitos não são apenas desastrosos, mas também cumulativos.

Esses males tornaram-se mais evidentes e constituem uma ameaça séria e crescente aos ideais e propósitos do lar cristão. Práticas sexuais que são contrárias à vontade expressa de Deus incluem adultério e sexo pré-marital, assim como comportamento sexual obsessivo. O abuso sexual de cônjuges, o abuso sexual de crianças, o incesto, práticas homossexuais (gay e lésbica) e bestialidade estão entre as óbvias perversões do plano original de Deus. À medida que a intenção de passagens claras da Escritura (ver Êxodo 20:14; Levítico 18:22,23,29 e 20:13; Mateus 5:27,28; 1 Coríntios 6:9; 1 Timóteo 1:10; Romanos 1:20-32) é negada e suas advertências são rejeitadas em troca de opiniões humanas, prevalece muita incerteza e confusão. Isso

é o que Satanás deseja. Ele sempre tentou fazer as pessoas esquecerem que quando Deus, como Criador, fez Adão, Ele também criou Eva para ser a companheira feminina de Adão ("macho e fêmea Ele os criou" Gênesis 1:27).

Apesar dos padrões morais claros estabelecidos na Palavra de Deus para os relacionamentos entre homem e mulher, o mundo de hoje está testemunhando um ressurgimento das perversões e depravações que marcaram as civilizações antigas. Os resultados degradantes da obsessão desta era com o sexo e a busca do prazer sensual são claramente descritos na Palavra de Deus. Mas Cristo veio para destruir as obras do diabo e restabelecer a relação correta entre os seres humanos e seu Criador.

Assim, embora caídos em Adão e cativos do pecado, aqueles que se voltam para Cristo em arrependimento recebem pleno perdão e escolhem o melhor caminho, o caminho para uma restauração completa. Por meio da cruz, do poder do Espírito Santo no "homem interior" e do ministério nutritivo da Igreja, todos podem ser libertos do domínio de perversões e práticas pecaminosas.

A aceitação da graça gratuita de Deus inevitavelmente leva o crente individual a um tipo de vida e conduta que "dará brilho à doutrina do nosso Deus e Salvador" (Tito 2:10). Isso também levará a igreja corporativa a uma disciplina firme e amorosa do membro cuja conduta deturpa o Salvador e distorce e abaixa os verdadeiros padrões da vida e comportamento cristãos. A Igreja reconhece a verdade penetrante e as motivações poderosas das palavras de Paulo a Tito: "Pois a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens, disciplinando-nos para que, renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos de maneira sensata, justa e piedosa na era presente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus. Ele se entregou por nós para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo especial, zeloso de boas obras." - Tito 2:11-14. (Veja também 2 Pedro 3:11-14.)

Esta declaração foi aprovada e votada pelo Comitê Executivo da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia na sessão do Conselho Anual em Washington, D.C., em 12 de outubro de 1987.

DECLARAÇÃO SOBRE A VISÃO BÍBLICA DE UMA VIDA NÃO NASCIDA E SUAS **IMPLICAÇÕES PARA O ABORTO**

Os seres humanos são criados à imagem de Deus. Parte do presente que Deus nos deu como humanos é a procriação, a habilidade de participar da criação junto com o Autor da vida. Este dom sagrado deve ser sempre valorizado e entesourado. No plano original de Deus, toda gravidez deveria ser o resultado da expressão de amor entre um homem e uma mulher comprometidos um com o outro no casamento. Uma gravidez deve ser desejada e cada bebê deve ser amado, valorizado e nutrido mesmo antes do nascimento. Infelizmente, desde a entrada do pecado, Satanás tem feito esforços intencionais para manchar a imagem de Deus desfigurando todos os dons de Deus - incluindo o dom da procriação. Consequentemente, indivíduos são às vezes confrontados com dilemas e decisões difíceis com respeito à gravidez. A Igreja Adventista do Sétimo Dia está comprometida com os ensinamentos e princípios das Escrituras Sagradas que expressam os valores de Deus sobre a vida e fornecem orientação para futuros pais e mães, pessoal médico, igrejas e todos os crentes em questões de fé, doutrina, comportamento ético, e estilo de vida. A Igreja, embora não seja a consciência de cada crente individual, tem o dever de transmitir os princípios e ensinamentos da Palavra de Deus. Esta declaração afirma a santidade da vida e apresenta os princípios bíblicos relativos ao aborto. Como apresentado nesta declaração, o aborto é definido como qualquer ação que visa a interrupção da gravidez e não inclui a interrupção espontânea da gravidez, também conhecida como aborto espontâneo.

PRINCÍPIOS E ENSINOS BÍBLICOS RELACIONADOS AO ABORTO

Como a prática do aborto deve ser avaliada à luz das Escrituras, os seguintes princípios e ensinamentos bíblicos fornecem orientação para a comunidade de fé e indivíduos afetados por tais difíceis escolhas:

1. Deus mantém o valor e a santidade da vida humana. A vida humana é a coisa de maior valor para Deus. Tendo criado a humanidade à Sua imagem (Gên. 1:27; 2:7), Deus tem um interesse pessoal nas pessoas. Deus os ama e se comunica com eles, e eles, por sua vez, podem amá-lo e comunicar-se com ele. A vida é um presente de Deus, e Deus é o Doador da vida. Em Jesus está a vida (João 1:4). Ele tem vida em si mesmo (João 5:26). Ele é a ressurreição e a vida (João 11:25; 14: 6). Ele fornece vida abundante (João 10:10). Aqueles que têm o Filho têm a vida (1 João 5:12). Ele também é o Sustentador da vida (Atos 17:25-28; Col. 1:17; Hb. 1:1-3), e o Espírito Santo é descrito como o Espírito da vida (Rom. 8:2). Deus se preocupa profundamente com Sua criação e especialmente com a humanidade. Além disso, a importância da vida humana fica clara pelo fato de que, após a queda (Gên. 3), Deus "deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Embora Deus pudesse ter abandonado e eliminado a humanidade pecadora, Ele optou pela vida. Consequentemente, os seguidores de Cristo serão ressuscitados dos mortos e viverão em comunhão face a face com Deus (João 11: 25-26; 1 Tess. 4: 15-16; Apoc. 21: 3). Portanto, a vida humana tem um valor inestimável. Isso é verdade para todos os estágios da vida humana: o feto, crianças de várias idades, adolescentes, adultos e idosos - independentemente das capacidades físicas, mentais e emocionais. Também é verdade para todos os humanos, independentemente de sexo, etnia, status social, religião e tudo o mais que os possa distinguir. Tal compreensão da santidade da vida dá valor inviolável e igual a toda e qualquer vida humana e exige que seja tratada com o máximo respeito e cuidado.
2. Deus considera o feto como uma vida humana. A vida pré-natal é preciosa à vista de Deus e a Bíblia descreve o conhecimento que Deus tem das pessoas antes de serem concebidas. "Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda" (Sal. 139: 16). Em certos casos, Deus guiou diretamente a vida pré-natal. Sansão deveria "ser nazireu de Deus desde o ventre" (Juíz. 13:5). O servo de Deus é "chamado desde o ventre" (Is. 49:1, 5). Jeremias já foi escolhido como profeta antes de seu nascimento (Jer. 1:5), assim como Paulo (Gál. 1:15), e João Batista deveria "ser cheio do Espírito Santo, desde o ventre de sua mãe" (Luc. 1:15).

Sobre Jesus, o anjo Gabriel explicou a Maria: "por isso o filho que vai nascer será chamado santo - o Filho de Deus" (Luc. 1:35). Em Sua Encarnação, o próprio Jesus experimentou o período pré-natal humano e foi reconhecido como o Messias e Filho de Deus logo após Sua concepção (Luc. 1:40-45). A Bíblia já atribui ao feto alegria (Luc. 1:44) e até rivalidade (Gên. 25:21-23). Os que ainda não nasceram têm um lugar assegurado diante de Deus (Jó 10: 8-12; 31: 13-15). A lei bíblica mostra um forte respeito pela proteção da vida humana e considera o dano ou a perda de um bebê ou mãe como resultado de um ato violento e um problema sério (Êx. 21:22-23).

3. A vontade de Deus com respeito à vida humana é expressa nos dez mandamentos e explicada por Jesus no sermão do monte. O Decálogo foi dado ao povo da aliança de Deus e ao mundo para guiar suas vidas e protegê-los. Seus mandamentos são verdades imutáveis que devem ser acalentadas, respeitadas e obedecidas. O salmista louva a lei de Deus (por exemplo, Sal. 119), e Paulo a chama de santa, justa e boa (Rom. 7:12). O sexto mandamento afirma: "Não matarás" (Êx. 20:13), que conclama pela preservação da vida humana. O princípio de preservação da vida consagrado no sexto mandamento coloca o aborto em seu escopo. Jesus reforçou o mandamento de não matar em Mateus 5:21-22. A vida é protegida por Deus. Não é medida pelas habilidades dos indivíduos ou sua utilidade, mas pelo valor que a criação de Deus e o amor sacrificial colocaram nela. Personalidade, valor humano e salvação não são conquistados ou merecidos, mas graciosamente concedidos por Deus.
4. Deus é o doador da vida, e os seres humanos são seus mordomos. A Escritura ensina que Deus é dono de tudo (Sal. 50:10-12). Deus tem uma dupla reivindicação sobre os humanos. Eles são Seus porque Ele é o Criador deles e, portanto, Ele os possui (Sal. 139:13-16). Eles também são Seus porque Ele é o Redentor deles e os comprou pelo preço mais alto possível - Sua própria vida (I Cor. 6:19-20). Isso significa que todos os seres humanos são mordomos de tudo o que Deus lhes confiou, incluindo suas próprias vidas, a vida de seus filhos e os que ainda não nasceram. A mordomia da vida também inclui ter responsabilidades que, de certa forma, limitam suas escolhas (I Cor. 9:19-22). Visto que Deus é o Doador e Proprietário da vida, os seres humanos não têm controle final sobre si mesmos e devem buscar a preservação da vida sempre que possível. O princípio da mordomia da vida obriga a comunidade de crentes a guiar, apoiar, cuidar e amar aqueles que enfrentam decisões sobre a gravidez.
5. A Bíblia ensina cuidado pelo fraco e vulnerável. O próprio Deus cuida daqueles que estão em desvantagem e oprimidos e os protege. Ele "não

mostra parcialidade nem aceita suborno. Ele administra justiça para o órfão e a viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe comida e roupas" (Deut. 10:17-18, cf. Sal. 82: 3-4; Tiag. 1:27). Ele não considera os filhos responsáveis pelos pecados de seus pais (Ezeq. 18:20). Deus espera o mesmo de Seus filhos. Eles são chamados para ajudar pessoas vulneráveis e aliviar sua sorte (Sal. 41:1; 82:3-4; Atos 20:35). Jesus fala do menor de Seus irmãos (Mat. 25:40), por quem Seus seguidores são responsáveis, e dos pequeninos que não devem ser desprezados ou perdidos (Mat. 18:10-14). Os mais novos, ou seja, os não nascidos, devem ser contados entre eles.

6. A graça de Deus promove a vida em um mundo maculado pelo pecado e a morte. É da natureza de Deus proteger, preservar e sustentar a vida. Além da providência de Deus sobre Sua criação (Sal. 103: 19; Col. 1:17; Heb. 1:3), a Bíblia reconhece os efeitos abrangentes, devastadores e degradantes do pecado sobre a criação, incluindo os corpos humanos. Em Romanos 8:20-24, Paulo descreve o impacto da queda como uma sujeição da criação à futilidade. Consequentemente, em casos raros e extremos, a concepção humana pode produzir gravidez com perspectivas fatais e/ou anomalias de nascimento agudas e com risco de vida que apresentam aos indivíduos e casais dilemas excepcionais. As decisões em tais casos podem ser deixadas para a consciência dos indivíduos envolvidos e suas famílias. Essas decisões devem ser bem informadas e guiadas pelo Espírito Santo e pela visão bíblica da vida delineada acima. A graça de Deus promove e protege a vida. Pessoas nessas situações desafiadoras podem ir a Ele com sinceridade e encontrar direção, conforto e paz no Senhor.

IMPLICAÇÕES

A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera o aborto uma desarmonia com o plano de Deus para a vida humana. Afeta o feto, a mãe, o pai, os membros mais próximos da família e os demais familiares, a família da igreja e a sociedade, com consequências a longo prazo para todos. Os crentes buscam confiar em Deus e seguir Sua vontade para eles, sabendo que Ele tem os melhores interesses em mente. Embora não apoie o aborto, a Igreja e seus membros são chamados a seguir o exemplo de Jesus, sendo "cheios de graça e verdade" (João 1:14), para (1) criar uma atmosfera de amor verdadeiro e proporcionar cuidado pastoral bíblico cheio de graça, e apoio amoroso para aqueles que enfrentam decisões difíceis em relação ao aborto; (2) recrutar a ajuda de famílias comprometidas e funcionais e educá-las para cuidar de indivíduos, casais e famílias em dificuldades; (3) encorajar os membros da igreja a abrirem suas casas para os necessitados, incluindo pais solteiros, filhos sem pais e filhos adotivos ou de acolhimento; (4) cuidar profundamente e apoiar de várias maneiras as mulheres

grávidas que decidem manter seus filhos ainda por nascer; e (5) fornecer apoio emocional e espiritual para aqueles que abortaram uma criança por várias razões ou foram forçados a fazer um aborto e podem estar sofrendo fisicamente, emocionalmente e / ou espiritualmente. A questão do aborto apresenta enormes desafios, mas dá aos indivíduos e à Igreja a oportunidade de ser o que aspiram ser, a comunhão de irmãos e irmãs, a comunidade dos crentes, a família de Deus, revelando Seu amor incomensurável e infalível.

Essa declaração foi votada pelo Comitê Executivo da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Concílio Anual em Silver Spring, Maryland em 16 de outubro de 2019.

DECLARAÇÃO SOBRE O CUIDADO E A PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS

Os Adventistas do Sétimo Dia valorizam muito as crianças. À luz da Bíblia, elas são vistas como PRECIOSOS dons DE DEUS, confiados aos cuidados dos pais, da família, da comunidade de fé e da sociedade em geral. As crianças possuem enorme potencial para contribuir de forma positiva para a Igreja e para a sociedade. A atenção ao seu cuidado, proteção e desenvolvimento é extremamente importante.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia reafirma e amplia seus esforços de longa data para nutrir e proteger crianças e jovens de pessoas — conhecidas ou desconhecidas — cujas ações perpetrariam qualquer forma de abuso e violência contra eles e/ou exploração sexual. Jesus demonstrou o tipo de respeito, cuidado e proteção que as crianças devem esperar dos adultos confiados com seu cuidado. Algumas de Suas palavras mais fortes de repreensão foram dirigidas àqueles que poderiam lhes causar dano. Devido à natureza confiável e à dependência das crianças em relação a adultos mais velhos e experientes, e às consequências transformadoras de vida quando essa confiança é quebrada, as crianças necessitam de proteção vigilante.

CORREÇÃO REDENTORA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia dá prioridade à educação dos pais baseada na igreja, que ajuda os pais a desenvolver as habilidades necessárias para uma abordagem redentora da correção. Muitas crianças experimentam punição severa em nome de

uma abordagem bíblica à disciplina. A correção caracterizada por controle severo, punitivo e ditatorial frequentemente leva a ressentimento e rebeldia. Tal disciplina rigorosa também está associada a um risco aumentado de danos físicos e psicológicos às crianças, bem como a uma maior probabilidade de que os jovens recorram à coerção e à violência para resolver suas diferenças com os outros. Por outro lado, exemplos das Escrituras, assim como uma grande quantidade de pesquisas, confirmam a eficácia de formas mais suaves de disciplina que permitem às crianças aprender por meio da razão e da experiência das consequências de suas escolhas. Medidas mais brandas demonstraram aumentar a probabilidade de que as crianças façam escolhas que afirmem a vida e adotem os valores parentais à medida que amadurecem.

FAZENDO DA IGREJA UM LUGAR SEGURO PARA CRIANÇAS

A Igreja também leva a sério sua responsabilidade de minimizar o risco de abuso sexual infantil e violência contra crianças no ambiente congregacional. Antes de tudo, líderes e membros da igreja devem viver de acordo com um rígido código de ética que exclua até mesmo a aparência de mal em relação à exploração de menores para satisfação de desejos adultos. Outras medidas práticas, para tornar a igreja um lugar seguro para crianças, incluem atenção à segurança das instalações da igreja e de seus arredores, bem como supervisão e monitoramento cuidadosos das crianças e de seu ambiente durante todas as atividades relacionadas à igreja.

A educação sobre o que constitui interação apropriada e inadequada entre adultos e crianças, os sinais de alerta de abuso e violência, e os passos específicos a serem seguidos caso comportamentos inadequados sejam relatados ou suspeitados são extremamente importantes. Pastores e líderes da igreja que são visíveis e acessíveis desempenham um papel importante na prevenção, bem como na resposta adequada às necessidades das crianças cuja segurança possa ter sido comprometida. Atualizações regulares são necessárias quanto à responsabilidade moral e legal de relatar abuso infantil às autoridades civis competentes. A designação de pessoal treinado e protocolos específicos em níveis mais amplos da organização da Igreja ajudará a garantir ações adequadas e acompanhamento quando o abuso for relatado no ambiente da igreja.

Devido à natureza complexa do problema do abuso sexual infantil e da violência contra crianças, a intervenção e o tratamento de agressores exigem recursos além do escopo do ministério fornecido pela igreja local. No entanto, a presença de um agressor conhecido em uma congregação exige o mais alto nível de vigilância. Enquanto os agressores devem ser totalmente responsabilizados por seu próprio comportamento, a supervisão de pessoas com histórico de comportamento inadequado é necessária para garantir que essas pessoas mantenham distância apropriada e evitem todo contato

com crianças durante atividades relacionadas à igreja. A provisão de oportunidades alternativas para que os agressores cresçam espiritualmente em ambientes onde as crianças não estejam presentes aumenta significativamente a proteção infantil.

PROMOVENDO A CURA EMOCIONAL E ESPIRITUAL

Crianças que foram pessoalmente vítimas ou que testemunharam eventos perturbadores necessitam do cuidado de adultos que as tratem com sensibilidade e compreensão. Apoio prático que ajude crianças e famílias a manter a estabilidade em meio à turbulência fortalece as vítimas e suas famílias e promove a cura. O compromisso da Igreja em romper o silêncio frequentemente associado ao abuso sexual infantil e à violência, seus esforços em defesa e justiça para todas as vítimas, e ações deliberadas para proteger as crianças de todas as formas de abuso e violência contribuirão significativamente para a recuperação emocional e espiritual de todos os envolvidos. A Igreja considera o cuidado e a proteção das crianças como uma responsabilidade sagrada.

(Essa declaração foi fundamentada nos princípios expressos nas seguintes passagens bíblicas: Lev. 18:6; 2 Sam. 13:1-11; 1 Reis 17:17-23; Sal. 9:9, 12, 16-18; 11:5-7; 22:24; 34:18; 127:3-5; 128:3-4; Prov. 31:8-9; Is. 1:16-17; Jer. 22:3; Mat. 18:1-6; 21:9, 15-16; Mc. 9:37; 10:13-16; Ef. 6:4; Col. 3:21; 1 Tim. 5:8; Heb. 13:3.)

Esta declaração foi aprovada pelo Comitê Executivo da Igreja Adventista do Sétimo Dia da Conferência Geral em 23 de junho de 2010, em Atlanta, Geórgia.

DECLARAÇÃO SOBRE **TRANSGÊNERO**

O crescente reconhecimento das necessidades e desafios que homens e mulheres transgêneros enfrentam, assim como a ascensão das questões relacionadas à transexualidade à proeminência social em todo o mundo, levanta questões importantes não apenas para aqueles afetados pelo fenômeno transgênero, mas também para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora as lutas e desafios daqueles que se identificam como pessoas transgênero tenham alguns elementos em comum com as lutas de todos os seres humanos, reconhecemos a singularidade de sua situação e a limitação de nosso conhecimento em casos específicos. No entanto, acreditamos que a Escritura fornece princípios para orientação e aconselhamento às pessoas transgênero e à igreja, transcendendo convenções humanas e cultura.

O FENÔMENO TRANSGÊNERO

Na sociedade moderna, a identidade de gênero normalmente denota "o papel vivido publicamente (e geralmente reconhecido legalmente) como menino ou menina, homem ou mulher", enquanto sexo refere-se "aos indicadores biológicos de masculino e feminino."[1] A identificação de gênero geralmente está alinhada com o sexo biológico de uma pessoa no nascimento. No entanto, pode ocorrer desalinhamento nos níveis físico e/ou mental-emocional. No nível físico, a ambiguidade nos órgãos genitais pode resultar de anormalidades anatômicas e fisiológicas, de modo que não é possível determinar

claramente se uma criança é do sexo masculino ou feminino. Essa ambiguidade na diferenciação sexual anatômica é frequentemente chamada de hermafroditismo ou intersexualidade.[2]

No nível mental-emocional, ocorre um desalinhamento com pessoas transgênero cuja anatomia sexual é claramente masculina ou feminina, mas que se identificam com o gênero oposto ao seu sexo biológico. Eles podem se descrever como estando presos em um corpo errado.

O transexualismo, anteriormente diagnosticado clinicamente como "transtorno de identidade de gênero" e agora denominado "disforia de gênero", pode ser entendido como um termo geral para descrever a variedade de maneiras como as pessoas interpretam e expressam sua identidade de gênero de maneira diferente daquelas que determinam o gênero com base no sexo biológico.[3] "A disforia de gênero se manifesta de várias maneiras, incluindo fortes desejos de ser tratado como o outro gênero ou de se livrar das características sexuais próprias, ou uma forte convicção de ter sentimentos e reações típicas do outro gênero."[4]

Devido às tendências contemporâneas de rejeitar o binário de gênero bíblico (masculino e feminino) e substituí-lo por um crescente espectro de tipos de gênero, certas escolhas desencadeadas pela condição transgênero passaram a ser consideradas normais e aceitas na cultura contemporânea. No entanto, o desejo de mudar ou viver como uma pessoa de outro gênero pode resultar em escolhas de estilo de vida contrárias à Escritura. A disforia de gênero pode, por exemplo, resultar em travestismo,5 cirurgia de redesignação sexual e o desejo de ter um relacionamento conjugal com uma pessoa do mesmo sexo biológico. Por outro lado, pessoas transgênero podem sofrer silenciosamente, vivendo uma vida celibatária ou sendo casadas com um cônjuge do sexo oposto.

PRINCÍPIOS BÍBLICOS SOBRE SEXUALIDADE E O FENÔMENO TRANSGÊNERO

Como o fenômeno transgênero deve ser avaliado pela Escritura, os seguintes princípios e ensinamentos bíblicos podem ajudar a comunidade de fé a se relacionar com pessoas afetadas pela disforia de gênero de maneira bíblica e semelhante a Cristo:

1. Deus criou a humanidade como duas pessoas que são respectivamente identificadas como macho e fêmea em termos de gênero. A Bíblia vincula inextricavelmente o gênero ao sexo biológico (Gên. 1:27; 2:22-24) e não faz uma distinção entre os dois. A Palavra de Deus afirma a complementaridade, assim como distinções claras entre homem e mulher na criação. A história da criação no livro de Gênesis é fundamental para todas as questões de sexualidade humana.
2. Do ponto de vista bíblico, o ser humano é uma unidade psicossomática. Por exemplo, a Escritura chama repetidamente o ser humano inteiro de alma (Gên. 2:7;

Jer. 13:17; 52:28-30; Ez. 18:4; Atos 2:41; 1 Coríntios 15:45), corpo (Ef. 5:28; Romanos 12:1-2; Apocalipse 18:13), carne (1 Pedro 1:24) e espírito (2 Timóteo 4:22; 1 João 4:1-3). Assim, a Bíblia não endossa o dualismo no sentido de uma separação entre o corpo e a identidade sexual. Além disso, uma parte imortal dos seres humanos não é contemplada na Escritura, porque somente Deus possui imortalidade (1 Timóteo 6:14-16) e a concederá àqueles que creem Nele na primeira ressurreição (1 Coríntios 15:51-54). Portanto, o ser humano também é destinado a ser uma entidade sexual indivisível, e a identidade sexual não pode ser independente do corpo. Segundo a Escritura, nossa identidade de gênero, como projetada por Deus, é determinada pelo nosso sexo biológico ao nascer (Gên. 1:27; 5:1-2; Sl. 139:13-14; Marcos 10:6).

3. A Escritura reconhece, no entanto, que, devido à Queda (Gên. 3:6-19), todo o ser humano — isto é, nossas faculdades mentais, físicas e espirituais — é afetado pelo pecado (Jer. 17:9; Rom. 3:9; 7:14-23; 8:20-23; Gal. 5:17) e precisa ser renovado por Deus (Rom. 12:2). Nossas emoções, sentimentos e percepções não são indicadores totalmente confiáveis dos desígnios, ideais e verdades de Deus (Prov. 14:12; 16:25). Precisamos de orientação de Deus por meio da Escritura para determinar o que é de nosso melhor interesse e viver de acordo com Sua vontade (2 Tim 3:16).

4. O fato de alguns indivíduos afirmarem uma identidade de gênero incompatível com seu sexo biológico revela uma séria dicotomia. Essa quebra ou angústia, seja sentida ou não, é uma expressão dos efeitos prejudiciais do pecado nos seres humanos e pode ter várias causas. Embora a disforia de gênero não seja intrinsecamente pecaminosa, pode resultar em escolhas pecaminosas. Isso é mais um indicador de que, em nível pessoal, os seres humanos estão envolvidos no grande conflito.

5. Desde que as pessoas transexuais estejam comprometidas em ordenar suas vidas de acordo com os ensinamentos bíblicos sobre sexualidade e casamento, podem ser membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Bíblia identifica claramente qualquer atividade sexual fora do casamento heterossexual como pecado (Mat. 5:28, 31-32; 1 Tim. 1:8-11; Heb. 13:4). Estilos de vida sexuais alternativos são distorções pecaminosas do bom presente de Deus da sexualidade (Rom. 1:21-28; 1 Cor. 6:9-10).

6. Porque a Bíblia considera os humanos como entidades holísticas e não diferencia entre sexo biológico e identidade de gênero, a Igreja adverte veementemente as pessoas transexuais contra a cirurgia de redesignação sexual e contra o casamento, se tiverem passado por tal procedimento. Do ponto de vista bíblico holístico da natureza humana, não se pode esperar uma transição completa de um gênero para outro e a conquista de uma identidade sexual integrada no caso da cirurgia de redesignação sexual.

7. A Bíblia ordena que os seguidores de Cristo amem a todos. Criados à imagem de Deus, devem ser tratados com dignidade e respeito. Isso inclui as pessoas transexuais. Atos de ridicularização, abuso ou bullying contra pessoas transexuais são incompatíveis

com o mandamento bíblico: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mar. 12:31).

8. A Igreja, como a comunidade de Jesus Cristo, é destinada a ser um refúgio e um lugar de esperança, cuidado e compreensão para todos que estão perplexos, sofrendo, lutando e solitários, pois "a cana trilhada ele não quebrará, e o pavio que fumega ele não apagará" (Mat. 12:20). Todas as pessoas são convidadas a frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia e desfrutar da comunhão de seus crentes. Aqueles que são membros podem participar plenamente da vida da igreja, desde que abracem a mensagem, missão e valores da Igreja.

NOTAS

1 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-5TM), editado pela Associação Psiquiátrica Americana (Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2013), 451.

2 Aqueles nascidos com genitália ambígua podem ou não se beneficiar de tratamento cirúrgico corretivo.

3 Consulte DSM-5TM, 451-459.

4 Esta frase faz parte de um resumo sucinto da disforia de gênero fornecido para apresentar o DSM-5TM, que foi publicado em 2013 (acessado em 11 de abril de 2017).

5 O ato de se vestir com roupas do sexo oposto, também conhecido como comportamento transvestista, é proibido em Deuteronômio 22:5.

Esta declaração foi votada durante a Reunião de Primavera do Comitê Executivo da Associação Geral, 11 de abril de 2017, em Silver Spring, Maryland.

Igreja Adventista do Sétimo Dia®
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

TUDO COMEÇA COM A FAMÍLIA
JESUS
VEJA • REVELE • COMPARTILHE

Este recurso também inclui apresentações gratuitas dos seminários e materiais de apoio.
Para fazer o download, acesse: family.adventist.org/2027RB

MISSÃO FORTE

CASAMENTOS › FAMÍLIAS › IGREJAS

VEJA JESUS, REVELE JESUS, COMPARTILHE JESUS: TUDO COMEÇA NA FAMÍLIA este livro foi elaborado para capacitar pastores e líderes de ministérios no trabalho com famílias na igreja local e na comunidade. Esperamos que os recursos deste volume contribuam para fortalecer casamentos, famílias e igrejas e torná-los mais saudáveis, para que compartilhem com alegria e vigor as boas-novas da salvação e ajudem a apressar a vinda de Jesus Cristo.

Para acessar as apresentações dos seminários e explorar a edição digital, visite **FAMILY.ADVENTIST.ORG/2027RB** este recurso está disponível on-line em vários idiomas para ajudar você a compartilhar sua mensagem e fazer a diferença na vida das famílias de sua região.

Igreja Adventista do Sétimo Dia®
MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, Maryland 20904, EUA
301.680.6175 (escritório)
family@gc.adventist.org
family.adventist.org

9 780828 029582

Review&Herald® PUBLISHING ASSOCIATION

@larefamiliadsa *f /AdventistFamilyMinistries*